

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

TRABALHOS
DE ARQUEOLOGIA
DE
AFONSO DO PAÇO

(1929 – 1968)

VOLUME I



LISBOA  MCMLXX

TRABALHOS DE ARQUEOLOGIA
DE
AFONSO DO PAÇO

COMP. E IMP. DA
TIP. ALCOBACENSE, LIMITADA
ALCOBAÇA

TÁBUA DAS MATÉRIAS

Prefácio	9
Estação paleolítica de Carreço	15
Estação asturiense de Carreço	31
Pesos de rêdes e chumbeiras	49
O Paleolítico do Minho	59
Notas sobre o Paleolítico de Carreço	69
Subsídios para uma bibliografia do Paleolítico e Epipaleolítico português	73
XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica	85
Vaso de bordo horizontal, de Vila Fria	107
Dr. Rui de Serpa Pinto	113
Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal	121
As grutas de Alapraia	145
Paleo- e Mesolítico português (Descobrimto — Bibliografia)	171
II Congresso Internacional das Ciências Pré-históricas e Proto-históricas	193

TÁBUA DAS MATÉRIAS DO VOLUME I

Novos concheiros do Vale do Tejo	213
Note sur la carte paléolithique de Portugal	225
A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro — Notas sobre a 1. ^a e 2. ^a campanhas de escavações — 1937 e 1938	229
A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro — Notas sobre a 3. ^a e 4. ^a campanhas de escavações — 1939, 1940 e 1941	275
A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. I — Escavações de 1942	307

<i>Prefácio</i>	9
<i>Estação Paleolítica de Carreço</i> , por Afonso do Paço	15
<i>Estação Asturiense de Carreço</i> , por Afonso do Paço	31
<i>Pesos de rede e chumbeiras</i> , por Afonso do Paço	49
<i>O Paleolítico do Minho</i> , por Afonso do Paço	59
<i>Notas sobre o Paleolítico de Carreço</i> , por Afonso do Paço	69
<i>Subsídios para uma bibliografia do Paleolítico e Epipaleolítico portugueses</i> , por Afonso do Paço	73
<i>XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica</i> , por Afonso do Paço	85
<i>Vaso de bordo horizontal de Vila Fria</i> , por Afonso do Paço	107
<i>Dr. Rui de Serpa Pinto</i> , por Afonso do Paço	113
<i>Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal</i> , por Afonso do Paço	121
<i>As grutas de Alapraia</i> , por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay	145
<i>Páleo- e Mesolítico portugueses (Descobrimento — Bibliografia)</i> , por Afonso do Paço	171
<i>II Congresso Internacional das Ciências Pré-históricas e Proto- -históricas</i> , por Afonso do Paço	193
<i>Novos Concheiros do Vale do Tejo</i> , por Afonso do Paço	213
<i>Note sur la carte paléolithique de Portugal</i> , por Afonso do Paço	225
<i>A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro — Notas sobre a 1.^a e 2.^a campanhas de escavações — 1937 e 1938</i> , por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay	275
<i>A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. I — Escavações de 1942</i> , por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay	307

PREFÁCIO

DECIDIU a Associação dos Arqueólogos Portugueses, na sua sessão de 4 de Janeiro de 1969 e por proposta da Direcção, prestar homenagem condigna à memória do antigo sócio, e que quando faleceu era um dos seus Vice-Presidentes, o saudoso arqueólogo Afonso do Paço. E entre as manifestações propostas para recordar e premiar a sua vida de trabalho incessante, pareceu ser o mais adequado, por mais duradouro, promover uma reedição de todos os seus trabalhos, dispersos por dezenas de revistas nacionais e estrangeiras, muitas delas de consulta nem sempre cómoda ou mesmo possível: o arqueólogo erudito, cuidadoso, exigente, sensato, de uma ponderação exemplar, continuaria assim sempre vivo, não só entre os seus amigos, como nos gabinetes de estudo e nas bibliotecas de Arqueologia.

A recordação daquelas suas qualidades e de outras, como a bondade do seu conviver, a estima sincera que nutria pelos amigos para quem foi sempre de uma lealdade sem mácula; a preocupação de catequizar a juventude despertando-lhe entusiasmo pela Arqueologia, já foram assinaladas.

Não admira, pois, que com aquelas qualidades os trabalhos por ele legados reflitam um espirito de excepção; e, daí, a ousadia de os fazer reviver.

Esta obra que a Associação dos Arqueólogos agora edita, depois de ter previamente obtido a concordância das Excelentíssimas Senhoras Dr.^{as} D. Maria João do Paço e sua Sobrinha, constará de oito volumes, a dar à estampa um após outro, sem interrupção tipográfica. Os trabalhos

reaparecerão ordenados cronologicamente. Um volume final, de códices, tornará a obra de consulta fácil e rápida.

Pensou-se, a princípio, dar à estampa somente os trabalhos de maior merecimento; mas a escolha mostrava-se perigosa, por essa qualidade ser muitas vezes difícil de definir.

Muitos dos trabalhos de Afonso do Paço foram consagrados por autores de mérito. E outros, só o não foram por ainda não ter chegado a sua vez.

De entre os que ocupam lugar de relevo, recordemos alguns, como os referentes ao povoado fortificado de Vila Nova de S. Pedro, estação arqueológica revelada por Hipólito Cabaço, explorada a princípio pelo P.^r Eugénio Jalhay com a colaboração de Afonso do Paço e depois só por este, em seguida ao falecimento do seu companheiro de trabalho. E é precisamente a Afonso do Paço que se ficaram a dever os melhores resultados colhidos nessa notável estação do eneolítico, com a sua triplíce cinta de muralhas, de que a primeira é reforçada por bastiões; o notável forno de cerâmica; os materiais campaniformes; os pólenes e as sementes recolhidas; o espólio osteológico, etc. Tudo o que foi revelado por Afonso do Paço tomou depois ainda maior interesse quando surgiram os múltiplos resultados de outras fortificações da mesma época: por exemplo, as do Zambujal (Torres Vedras).

As escavações nas grutas da zona do Estoril, em Cascais e na Parede, notabilizaram estes lugares, conferindo-lhes um relevo extraordinário na Pré-História peninsular.

Pela Idade do Ferro nutriu também o nosso saudoso consócio um carinho especial, designadamente pela Citânia de Sanfins. Sobre ela deixou outra grande obra visível não só no vasto povoado castrejo posto a descoberto, como também nos achados nele realizados, designadamente no chamado «tesouro de Sanfins»: pelo seu estudo e condições em que foi encontrado, conseguiu legar-nos um ótimo exemplo de como podem servir algumas moedas para revelarem, a quem as souber ler, o muito que tinham para dizer.

Afonso do Paço também se interessou pela Arqueologia Clássica. Este seu pendor ficou demonstrado no cuidado com que revelou a estação por ele designada «Villa Cardilius», junto a Torres Novas; no descobrimento de um fortim romano sobre a margem esquerda do Guadiana, perto de Mourão, único na Península. Quando faleceu tinha em estudo uma provável estação visigótica encontrada nos arredores de Beja; dela chegou a revelar-nos os resultados que ali alcançara. Outro tanto não sucedeu, felizmente, com as investigações elaboradas sobre as suas escavações no Campo de batalha de Aljubarrota; delas tirou uma verdadeira revelação para o estudo da táctica militar da época, bem como para a compreensão do desenrolar da batalha que veio garantir a independência de Portugal.

Preocupava-se muito com a continuação dos resultados obtidos nas suas variadas explorações, pois teve sempre em mira não ficar pela classificação e arrumo dos materiais, mas com eles tentar elaborar a história da área a que pertenciam, fazendo-os voltar à vida.

São os que enunciamos os trabalhos por nós reputados primários na obra de Afonso do Paço; mas a sua esfera de acção não se limitou aos períodos que citamos. E assim, vemos notas, apontamentos mais ou menos desenvolvidos sobre todos os períodos da Pré-História: estudou o paleolítico do Minho, organizou com os elementos de que podia dispor uma carta Paleo e Epipaleolítica de Portugal. Elaborou uma carta arqueológica do concelho de Marvão; escreveu sobre achados argáricos no Alentejo; descreveu joias pré-históricas. E sendo oficial do Exército, também a vida militar lhe sugeriu a publicação de algumas páginas.

Por este breve enunciado mostrámos a facilidade e atenção que qualquer assunto arqueológico o prendia, tendo no entanto, as suas nitidas preferências: o Neolítico e a Cultura castreja.

O nosso Autor, chamado agora de novo à vida, não se poupava a trabalhos e cansaças. Instalava-se tanto quanto as circunstâncias lho permitiam, junto do local das escavações, por vezes em condições bastante precárias; mas o seu bom humor e entusiasmo nunca esmaeciam.

A Associação dos Arqueólogos Portugueses, onde tantas vezes Afonso do Paço levou as primicias dos seus trabalhos, entendeu cumprir o seu dever não deixando cair no esquecimento o espírito de quem tanto ficou a dever a Arqueologia Nacional.

A Direcção da Associação delegou no seu consócio, o Dr. Octávio da Veiga Ferreira, os trabalhos e cansaças necessários para que esta obra seja convenientemente levada a bom termo. Antecipadamente lhe agradece a cooperação pedida, de resto aceite de bom grado. Tanto

mais, que nutria por Afonso do Paço uma verdadeira consideração e estima como a tinham todos os que tiveram a felicidade de com ele privarem.

Lisboa, Abril de 1971.

● Presidente da A. A. P.

Prof. D. FERNANDO DE ALMEIDA

ESTAÇÃO PALEOLÍTICA DE CARREÇO (*)

O PALEOLÍTICO NO MINHO

ANTES de começar a descrever a estação paleolítica de *Carreço*, seja-me permitido dar uma ideia muito sumária das descobertas paleolíticas do Minho.

Ao compulsarmos *El Hombre Fósil* no capítulo VI «*La península Ibérica durante el periodo cuaternario*», parte referente a Portugal ⁽¹⁾, notamos que a nossa província do Minho nos aparece como uma das mais pobres em paleolítico.

Apenas neste belo trabalho que o ilustre pre-historiador germânico dedica ao seu amigo, Grande de Espanha e notável arqueólogo, Conde de La Vega del Sella, se faz referência a um único instrumento paleolítico daquela província, um *coup-de-poing* que «foi colhido à superfície do solo, em uns terrenos que ladeiam a estrada que vai de Santa Marta a Portuzelo (Viana do Castelo)», pelo Sr. Dr. Victor Fontes ⁽²⁾.

Iniciaram-se depois pesquisas arqueológicas, e começou a aparecer paleolítico, demonstrando-se assim que, na província que foi berço da nossa nacionalidade, viveram homens contemporâneos do de Arronches, Casal do Monte, etc.

(*) Trabalho publicado na revista *Broteria*, vol. IX, fasc. III, Setembro de 1929.

(1) Hugo Obermaier, *El Hombre Fósil*. Memoria n.º 9 da «Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas» — 2.ª ed., Madrid, 1925, p. 225.

(2) Joaquim Fontes, *O Homem Fósil em Portugal*. Lisboa, 1923, p. 17-18 e nota 1 p. 73.

As primeiras descobertas, depois do referido *coup-de-poing* de Santa Marta de Portuzelo, realizaram-se no concelho de Arcos de Val de Vez nas freguesias de *S. Jorge, Ermelo, Cabana Maior, Grade e Giela*, à beira da serra de Suajo, onde o Sr. Dr. Joaquim Fontes descobriu o santuário pre-histórico de Gião, e devem-se ao Rev.^{do} P.^e José Saraiva de Miranda ⁽³⁾.

Depois disto, o Sr. Dr. Ruy de Serpa Pinto descreve-nos um *coup-de-poing* encontrado na sua estação asturiense de *Ancora*, e fala-nos de outros instrumentos, muito semelhantes aos de *Camposancos* ⁽⁴⁾.

Em *Gondarém*, concelho de Vila Nova da Cerveira, o Rev.^{do} P.^e João Luís Lourenço Loução, Pároco daquela freguesia, também descobriu instrumentos paleolíticos, de que deu conta o Sr. Dr. Felix Alves Pereira à secção de Arqueologia Pre-histórica da Associação dos Arqueólogos ⁽⁵⁾.

O Sr. Abel Viana encontrou também paleolítico na sua estação asturiense de *Arcosa-Viana* e depois em *Lanhelas* e *Seixas*, na margem esquerda do rio Minho ⁽⁶⁾.

Na estação asturiense de *Carreço* também me apareceu paleolítico por ocasião da sua descoberta, em fins de Março do corrente ano. Na minha segunda visita àquele local, em fins de Abril, encontrei maior quantidade de material, podendo determinar com mais precisão o local da estação.

De maneira que, ligando estes diferentes pontos onde apareceu até hoje paleolítico naquela província, temos uma faixa de terreno que se estende pela margem esquerda do Rio Minho (*Gondarém, Lanhelas, Seixas*), se prolonga pela costa do Atlântico entre Minho e Lima (*Ancora,*

⁽³⁾ Estações inéditas. Encontram-se alguns instrumentos na colecção do Sr. Dr. Joaquim Fontes.

⁽⁴⁾ Ruy de Serpa Pinto, *O Asturiense em Portugal*, p. 26-27 e 30-31 — in vol. IV, fasc. I dos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia» — Porto, 1928.

⁽⁵⁾ Acta da secção de Arqueologia Pre-histórica da Associação dos Arqueólogos, sessão de 22 de Fevereiro de 1929.

⁽⁶⁾ Idem, Idem, de 19 de Abril de 1929. Cfr. também Abel Viana, *A estação asturiense de Arcosa-Viana do Castelo*, Separata da Revista «Portucala», vol. II, Porto, 1929. Neste trabalho, publicado já depois de escrito o presente artigo, fala-nos o A. de vários instrumentos de forma paleolítica, encontrados por ele no Alto Minho.

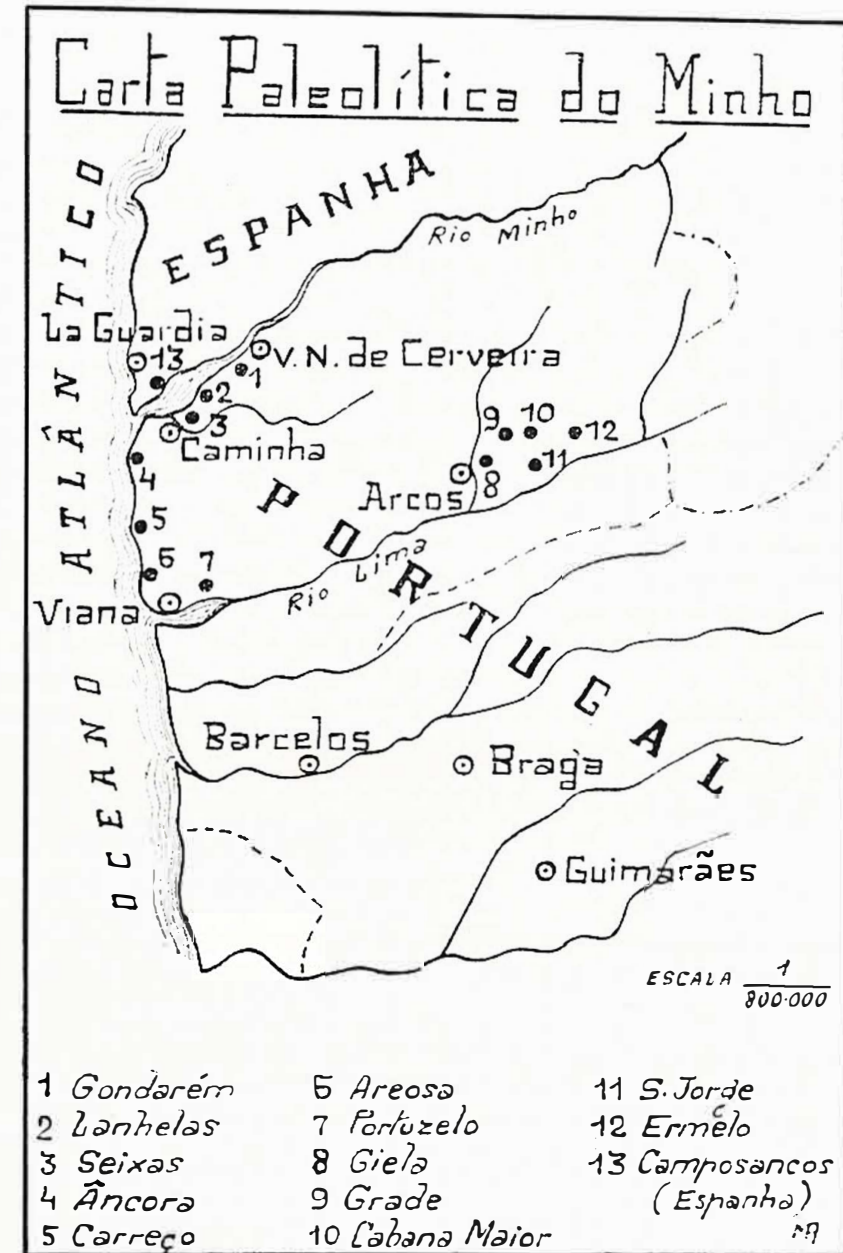


Fig. 1 — Carta da provincia do Minho, indicando os locais onde se encontraram instrumentos paleolíticos.

Carreço, Areosa), e continua pela margem direita do Lima (Santa Marta, Giela, Grade, S. Jorge, Cabana Maior, Ermelo).

Para mais fácil explicação deste meu resumo, junto uma carta da província com a indicação das estações paleolíticas (fig. 1).

Fronteira das estações paleolíticas da margem esquerda do Minho, há na margem direita deste rio, em território galego, a estação de *Camposancos*, que o Sr. Dr. Joaquim Fontes descobriu por ocasião dum passeio arqueológico à província espanhola de Pontevedra (1) e que classificou, mau grado alguns pre-historiadores, de paleolítica, em tempo em que ainda se não falava de paleolítico na margem esquerda do Minho. Creio porém que as cidades descobertas portuguesas, que certamente deverão ser secundadas por novos achados da margem direita do Minho, virão mostrar que já nos tempos do paleolítico inferior os homens viviam irmãmente aquém e além daquele rio, a terçar armas pela classificação do nosso illustre arqueólogo e distinto professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Ainda recentemente foi essa classificação rejeitada nas colunas da revista galega «Nós» (2).

Destas estações minhotas ao ar livre, poucos instrumentos se encontram descritos. O primeiro, é o *coup-de-poing* do Sr. Dr. Victor Fontes (3), que se pode ver na colecção de seu irmão o Sr. Dr. Joaquim Fontes, depositada na sede da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais de Lisboa. O segundo, o que o Sr. Dr. Ruy de Serpa Pinto achou em Ancora (4).

O Sr. Abel Viana descreveu mais dois, encontrados por ele na estação de Areosa (5).

Um facto ressalta ainda deste estudo: é que até hoje, no Minho,

(1) Joaquim Fontes, *Estação paleolítica de Camposancos (Pontevedra-Espanha)*, in «Brotéria», vol. I, fasc. 1.º, Caminha, 1925.

Idem, *Uma Excursão Arqueológica à Galiza*, in «Arqueologia e Historia», vol. V, p. 25 ss., Lisboa, 1928.

(2) Manuel F. Costas, *As industrias líticas d'A Guardia*, in «Nós», n.º 64, ano XI (15 Abril 1929), p. 65 ss.

(3) Joaquim Fontes, *O Homem Fóssil em Portugal*. Lisboa, 1923, p. 13, fig. 2.

(4) Ruy de Serpa Pinto, *O Asturiense em Portugal*. Porto, 1928, p. 33, fig. 20.

(5) Abel Viana, *A estação asturiense de Areosa-Viana do Castelo, etc.*, p. 20 e 21 da Separata.

só foi encontrado paleolítico no distrito de Viana do Castelo. Cremos porém que pesquisas ulteriores no-lo darão também a conhecer no resto da província.

ESTAÇÃO PALEOLÍTICA DE CARREÇO

Quem de Viana se dirige para o norte, ao longo da extensa veiga, ubérrima em trigo e milho, que vai das faldas do Monte de Santa Luzia até ao mar, nota que esta planície é cortada nas alturas de *Carreço* por um monte, de pequena elevação é certo, no cimo do qual

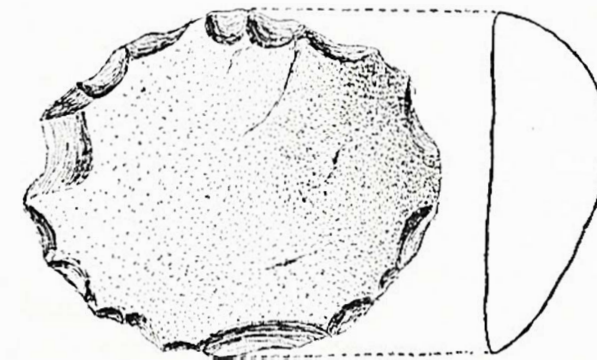


Fig. 2 — Raspador discóide de quartzite.

se levantou há tempos um farol de grandes dimensões que ilumina uma boa extensão da costa portuguesa e espanhola até ás alturas de Vigo. Este monte em que assenta a figura elegante do farol, chama-se da *Gandra*, e a sua vertente para o lado do Atlântico é inculta, coberta de carrasco e tojo rasteiro, que não cresce muito por causa das brisas do mar. Neste troço de costa cheio de penedias, encontrei uma estação *asturiense*, com abundantíssimo material (12).

Foi à procura desta estação *asturiense* que eu tomei a resolução de ir a *Carreço* em fins de Março do corrente ano de 1929.

(12) Tenente Afonso do Paço, *A estação asturiense de Carreço*, a publicar.

Ao dirigir-me para o mar, na manhã de quinta feira santa, encontrei na veiga, à borda dum caminho, a primeira pedra com vestígios de trabalho humano, um raspador discóide (fig. 2) com as seguintes dimensões: $0^m,15 \times 0,094 \times 0,030$. A parte anterior conserva a superfície rolada do seixo com o reborda retocado em toda a roda. A face posterior é talhada a pique e dum só golpe.

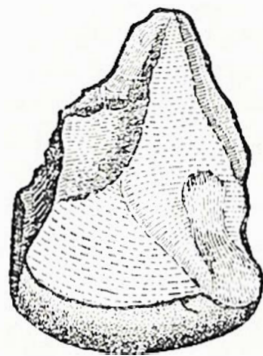


Fig. 3 — Coup-de-poing de quartzite.

Na tarde desse mesmo dia, deparei com um pequeno *coup-de-poing* triangular, de talhe algo imperfeito, entre os seixos da borda dum caminho, tirados do campo por ocasião das sementeiras. Tem as seguintes dimensões: $0^m,065 \times 0,049 \times 0,026$ (fig. 3). Na sexta-feira santa, ao escurecer, depois de farta colheita de *asturicense*, achei na encosta do monte da *Gandra*, no sítio do *Cantinho* muito próximo do mar, por entre calhaus que afloravam à superfície do solo, o belo *coup-de-poing* acheulense da fig. 4, de côr castanho escuro, de pequenas dimensões ($0^m,097 \times 0,055 \times 0,026$), não contando neste comprimento a ponta que se encontra levemente partida, o que facilmente se verifica à simples vista, e que o exame à lupa mostra com maior realce pela diferença de grão entre a ponta e o restante do instrumento.

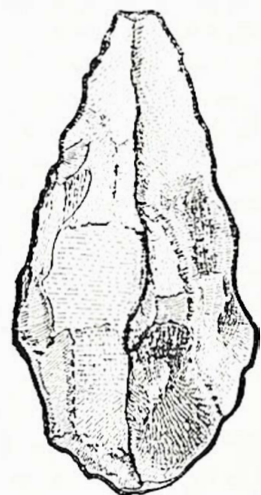


Fig. 4 — Coup-de-poing acheulense

Este *coup-de-poing* que o sr. P.^o Jalhay julga o melhor e mais perfeito exemplar minhoto conhecido até hoje, assemelha-se muito a exemplares do *Casal do Monte*, existentes na colecção do Sr. Dr. Joaquim Fontes ⁽¹³⁾, bem como parece não ficar a dever nada, segundo confronto de desenhos, aos belos exemplares do Museu Antropológico de Madrid, que apareceram em San Isidro, nos arredores da capital espanhola ⁽¹⁴⁾, nem tão pouco aos seus similares da Tunísia ⁽¹⁵⁾.

Foram estes três objectos paleolíticos os primeiros que encontrei em *Carreço*.

Conseguindo nova permissão para ir ao Minho em fins de Abril do corrente ano, fui mais feliz nas minhas descobertas paleolíticas. Nas faldas do Monte da *Gandra*, no sítio da *Passarinheira*, em local batido pelas marés altas, à beira de instrumentos *asturicensés* e calhaus rolados, semi-escondido em terrenos revolvidos pelas chuvas e águas do mar, jazia um belo *coup-de-poing*, talhado num seixo de quartzite de côr leitosa e de grandes dimensões: $0^m,16 \times 0,09 \times 0,05$ (fig. 5).

A forma deste *coup-de-poing* é quase idêntica à da fig. 4, posto que de talhe mais grosseiro.

Nestas mesmas faldas da *Gandra*, mais adiante, no sítio do *Cantinho*, onde em Março, já ao lusco-fusco, achei o *coup-de-poing* da fig. 4, desta vez, sob um sol quente do meio-dia, forte colheita de material em lugar que, pela abundância de lascas, núcleos, etc., parece ter sido ampla oficina paleolítica...

Analizando detalhadamente os instrumentos do paleolítico inferior achados em *Carreço*, pareceu-me pertencerem a mais de dois periodos diferentes, o que me foi confirmado pelos Srs. Dr. Joaquim Fontes e P.^o Eugénio Jalhay, quando os viram.

Encontrámos portanto até hoje, misturados na estação de *Carreço*, no sítio do *Cantinho*, instrumentos das três primeiras idades do paleolítico: *chelense*, *acheulense* e *mustierense*, juntamente com picos *asturienses*.

⁽¹³⁾ Joaquim Fontes, *O Homem Fóssil em Portugal*. Lisboa, 1923, p. 15, fig. 3.

⁽¹⁴⁾ Obermaler, *El Hombre Fóssil* — 2.^a ed. Madrid, 1952, p. 84-85.

⁽¹⁵⁾ Jacques de Morgan, *L'Humanité Préhistorique*. Paris, 1924, p. 15.

Passando à descrição do material paleolítico, pois o asturiense, como atrás disse, fará parte doutro estudo, começarei pelos

«*Coups-de-poing*»

que apresentam uma evolução interessante na arte do fabrico destes instrumentos.

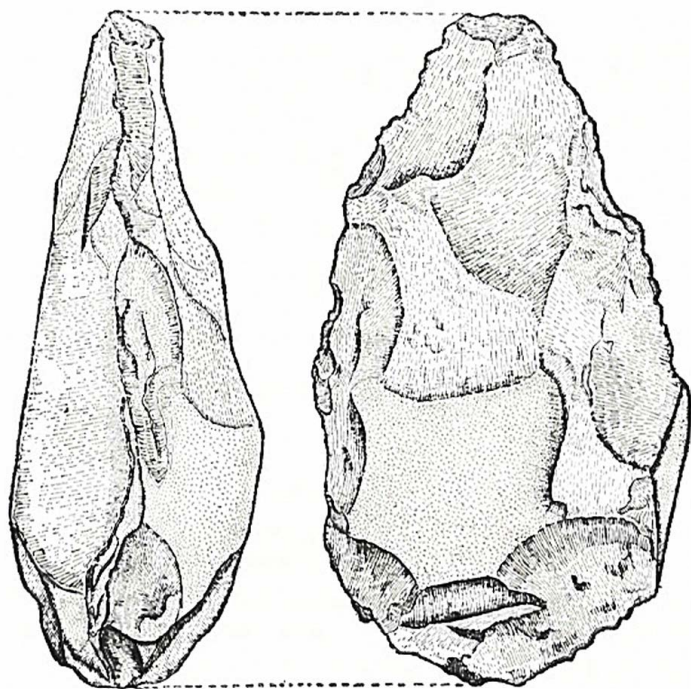


Fig. 5 — *Coup-de-poing* de quartzite.

Uns são de forma grosseira, conservando em grande parte do corpo a face rolada do seixo primitivo, a que se tiraram grandes lascas duma e doutra face lateral. A ponta é mais ou menos aguçada e as arestas laterais são dum zig-zag mais ou menos pronunciado. Os dois exemplares da fig. 6 e fig. 7 são deste tipo, tendo respectivamente as seguintes dimensões: 0^m,157 × 0,099 × 0,063 e 0^m,133 × 0,080 × 0,043. Aproxima-se do mesmo tipo, pelo talhe, o exemplar da fig. 3.

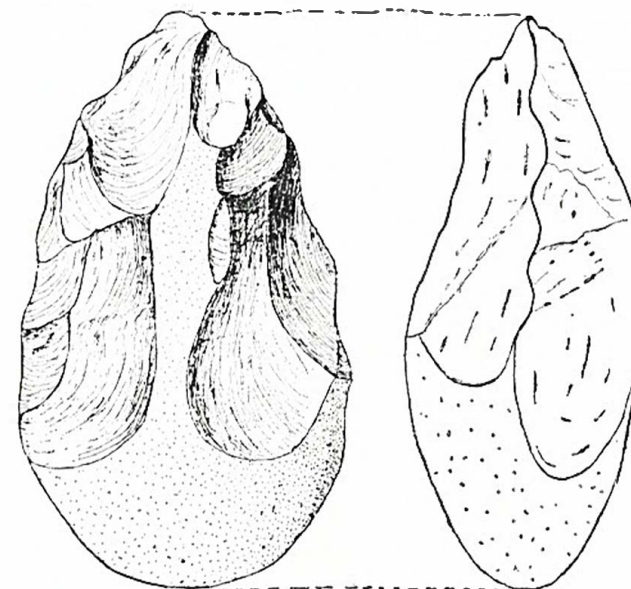


Fig. 6 — *Coup-de-poing* de quartzite.

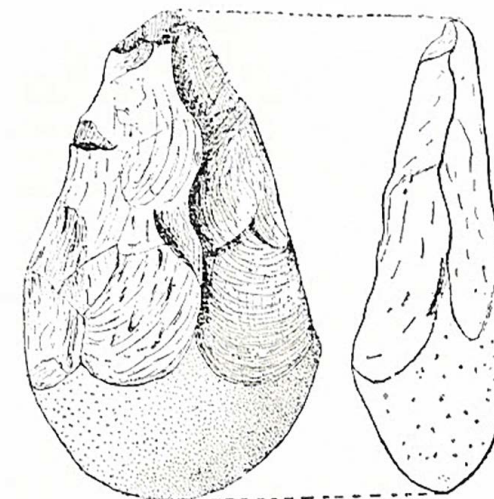


Fig. 7 — *Coup-de-poing* de quartzite.

O homem vai-se aperfeiçoando no talhe da pedra, e o exemplar da fig. 5, posto que ainda um pouco de aresta em zig-zag, é muito mais perfeito que os seus similares das figs. 3, 6 e 7. As superfícies roladas apresentam-se aqui, em muito menor porção, sendo as asperezas da face lateral representada muito pouco salientes.

O exemplar da fig. 8 é mais pequeno — $0^m,096 \times 0,063 \times 0,037$ —, de bordos rectilíneos, conforme os tipos acheulenses.

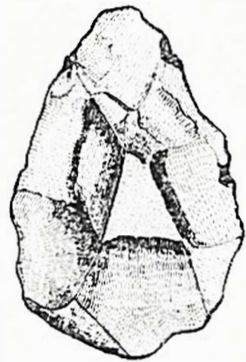


Fig. 8 — *Coup-de-poing* de quartzite.

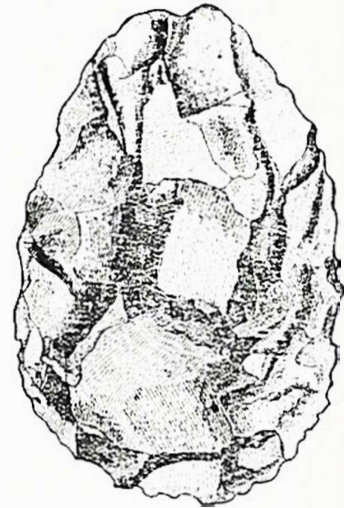


Fig. 9 — *Coup-de-poing*, em forma de amêndoa.

A este grupo mais aperfeiçoado pertence o exemplar da fig. 9, um belo tipo em forma de amêndoa, muito semelhante, se não fosse talvez um bocadinho de bojo, às célebres *limandes* de Saint-Acheul. Bem patinado, de rebordos rectilíneos muito pronunciados em toda a sua periferia, é obra dum bom artista quaternário. Este exemplar não fica a dever nada ao que o Abbé H. Breuil encontrou em Fuenlabrada de los Montes (bacia do Guadiana) e que tanto encarece no seu estudo daquela estação ⁽¹⁶⁾.

⁽¹⁶⁾ L'Abbé H. Breuil, *Glaces Paléolithiques anciennes dans le bassin du Guadiana*. «L'Anthropologie», XXVII (n.º 1 e 2), 1917, p. 13-14.

O exemplar da fig. 10 é de forma circular, trabalhado em ambos os lados, sem vestígio de face rolada. Quer pelo talhe quer pela pátina, dá-nos mais a impressão de ter sido apenas utilizado nas duas faces laterais.

O exemplar de *coup-de-poing* acheulense mais perfeito desta estação é o da fig. 4. Belamente patinado, sem asperezas nas faces laterais, é a obra prima do habitante paleolítico de Carreço.

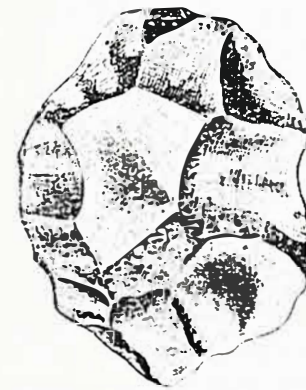


Fig. 10 — *Coup-de-poing* circular, de quartzite.

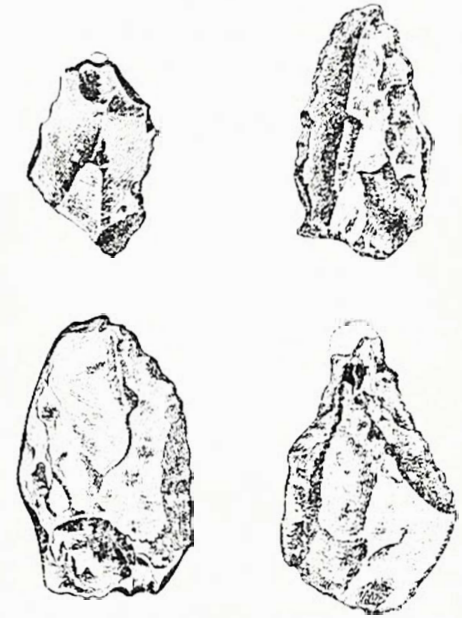


Fig. 11 — Pontas mustierenses.

Deixando os *coups-de-poing* chelenses e acheulenses, falemos um pouco das

Pontas Mustierenses

Sendo *Carreço* uma estação ao ar livre, os seus achados não podem, como diria o Sr. Dr. Joaquim Fontes, «ser classificados senão por comparação com os seus similares estrangeiros» ⁽¹⁷⁾.

⁽¹⁷⁾ J. Fontes, *Note sur le Moustérien au Portugal*. Le Mans, 1913, p. 3.

As pontas mustierenses desta estação são talhadas umas em quartzite, fig. 11 (n.ºs 1, 3 e 4), outras em sílex (n.º 2), apresentando na face inferior, plana (n.ºs 1 e 4) ou curva (n.ºs 2 e 3) o bolbo de percussão. Os rebordos são de maior ou menor retoque, tendo quase todos na base um plano mais ou menos vertical, que no n.º 3 desaparece por motivo duma lasca que se lhe tirou.

A ponta n.º 4, de quartzite acastanhada, é a mais volumosa, tendo a extremidade ligeiramente partida, o que também acontece na assinada com o n.º 1, a mais delgada, de quartzite quase preta. Umas e outras se apresentam muito bem patinadas.

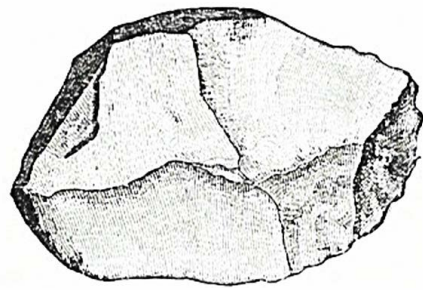


Fig. 12 — Raspadeira de quartzite.



Fig. 13 — Disco de quartzite.

Dividindo o mustierense em *Mustierenses de tipos pequenos e Mustierenses de tradição acheulense* ⁽¹⁸⁾, podemos afoitamente colocar os objectos descritos, no primeiro grupo, pois todos eles são utensílios pequenos com a face inferior sem retoque. As pontas indicadas com os n.ºs 1 e 2 podem agrupar-se nas que Obermaier chama, em espanhol, *puntas de mano*. A do n.º 3 pela prensibilidade e por conservar em parte do bordo esquerdo a face rolada do calhau, não ficaria mal entre as raspadeiras, como talvez a do n.º 4 não destoasse entre os perfuradores.

Nas raspadeiras poderíamos colocar também o instrumento da fig. 12, já de muito maiores dimensões que os anteriores, sendo a face não apresentada formada por uma enorme lasca e quatro outras mais pequenas. Tem as seguintes dimensões: 0^m,115 × 0,077 × 0,03.

⁽¹⁸⁾ H. Obermaier, *El Hombre Fósil*, p. 89 e ss.

Além destes instrumentos apareceram em Carreço alguns

Discos e análogos

que apresentam também uma grande evolução no trabalho dos primeiros destes objectos.

O primeiro disco encontrado foi o da fig. 2, que atrás vai descrito. As suas dimensões são grandes, o talhe é rude e de pequena perfeição.

Muito mais avançado é o da fig. 13, pequeno (0^m,057 × 0,059 × 0,023), muito bem trabalhado e sem asperezas na face representada. O seu talhe muito se assemelha a um que Obermaier nos apresenta em «El

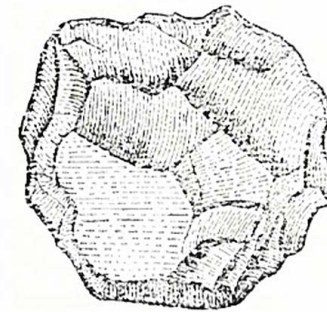


Fig. 14 — Disco de quartzite.

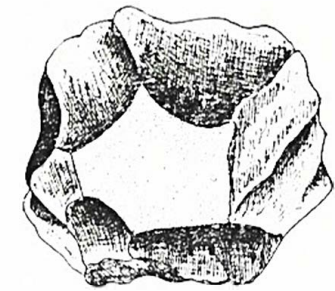


Fig. 15 — Disco de quartzite.

Hombre Fósil» como pertencendo ao acheulense superior ⁽¹⁹⁾. A face posterior deste disco de Carreço, não é tão bem trabalhada como a anterior.

Entre os discos, apresento em último lugar um de pequenas dimensões (0^m,040 × 0,041 × 0,020) que não me atrevo a classificar, mas certamente pertencerá a um período posterior aos anteriormente citados. É o da fig. 14, de quartzite rosada.

Entre os instrumentos *análogos*, descreverei apenas dois. O primeiro, uma chamada «pedra de funda» (fig. 15) de quartzite acinzentada e de trabalho muito semelhante em ambas as faces. Mede 0^m,055 × 0,060 × 0,035. O outro é o da fig. 16 e que pela forma algo se assemelha

⁽¹⁹⁾ H. Obermaier, *El Hombre Fósil*, p. 88, fig. 31, n.º 2.

a um que descreve H. Breuil e que foi encontrado em Arronches ⁽²⁰⁾. Este último contudo é achatado, ao passo que o de Carreço é bastante bojudo (0^m,08 × 0,063 × 0,05).

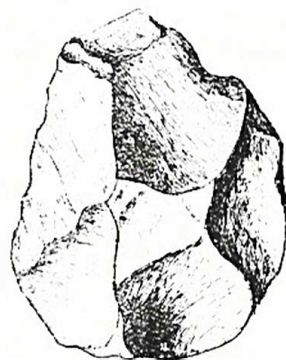


Fig. 16 — Disco de quartzite.

* * *

Não encontrei em Carreço apenas os objectos atrás referidos. Alguns mais tenho em meu poder, de que não falo neste modesto trabalho, para o não sobrecarregar com gravuras e porque me parece serem semelhantes a outros que vão descritos, nada adiantando no estudo da estação. Não me preocupou nas visitas, que fiz, a recolha de muitas pedras, mas apenas a colheita de exemplares característicos.

Entre uma infinidade de lascas encontrei alguns belos exemplares de *coups-de-poing* partidos, sem pátina alguma, o que parece indicar que foram abandonados pelo artífice após se inutilizarem por ocasião do seu fabrico. Há ainda pedras toscas, cuja obra se não concluiu, por alguma lasca involuntária não permitir o fim a que se destinavam.

A descoberta destes diferentes períodos pre-históricos na estação de Carreço sugere-nos a suposição de que o homem habitou aquela costa do Atlântico desde quase os primeiros alvares da idade da pedra. Faltam-

⁽²⁰⁾ L'Abbé H. Breuil, *La Station Paléolithique Ancienne d'Arronches (Portalegre)*. «O Archeólogo Português», vol. XXIV, 1919 & 1920, p. 51, Est. XXIII, fig. 14.

-nos dados, como aliás em quase todo o país, para afirmar que também lá viveu o homem do paleolítico superior.

Revelar-nos-á o estudo consciencioso da Arqueologia pre-histórica nestas regiões alguma surpresa, que parece andar na mente de muitos pre-historiadores, mas que nenhum deles se atreve a expor por falta de dados seguros?

Esperemos confiadamente que as entranhas da terra nos mostrem um dia argumentos suficientes para a resolução de problemas de não menor valor que interesse ⁽²¹⁾.

Lisboa, Abril-Maio de 1929.

Tenente AFONSO DO PAÇO

⁽²¹⁾ Os desenhos que acompanham este trabalho são da Ex.^{ma} Sr.^a Dr.^a D. Maria João Lopes do Paço e do Engenheiro Agrónomo Ex.^{mo} Sr. José António de Pina Manique e Albuquerque, a quem patenteamos o nosso reconhecimento.

ESTAÇÃO ASTURIENSE DE CARREÇO (1)

MAL diria o R.^{do} P.^e Eugénio Jalhay, meu ilustre amigo, quando em 1928, aventava a ideia de que o asturiense da Galiza havia de ter continuidade pela costa de Portugal (2) que, cerca dum ano depois, toda a beira-mar lusitana de entre Minho e Lima se devia encontrar explorada, achando-se nela o maior centro de material lítico daquela civilização até hoje conhecido.

Coube a dita da descoberta desta indústria em Portugal ao Sr. Dr. Ruy de Serpa Pinto que em 1928, pouco depois da publicação do trabalho do R.^{do} P.^e Jalhay, percorreu a nossa costa ao sul do Rio Minho, até alturas de Afife, tendo explorado as estações de *Molado*, *Âncora* e *Afife*, e publicado depois sobre elas uma excelente monografia (3).

Iniciados assim os trabalhos, não foi difícil a outros continuarem as pesquisas. O Sr. Abel Viana nesse mesmo ano de 1928 explorou a parte ao norte da foz do Lima até altura da Areosa, publicando das suas investigações um belo estudo (4). Em Março de 1929 percorri a

Trabalho publicado na revista *Brotéria*, vol. X, fasc. III e IV, 1930.

(1) Desenhos da Ex.^{ma} Sr.^a Dr.^a D. Maria João Lopes do Paço.

(2) Eugénio Jalhay, *A estação asturiense de La Guardia (Galiza)*. «*Brotéria*», vol. IV, Fevereiro de 1928.

(3) Ruy de Serpa Pinto, *O Asturiense em Portugal*. «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», Maio de 1928.

(4) Abel Viana, *Estação asturiense de Areosa-Viana do Castelo*. «*Portucalex*», n.^{os} 7 e 8, 1929.

parte da costa que se achava em branco entre Arcosa e Afife, numa extensão de cerca de 3 quilómetros e meio, pertencente à freguesia de Carreço, tendo encontrado abundantíssimo material asturiense e feito assim a ligação das estações dos Srs. Dr. Ruy de Serpa Pinto e Abel Viana.

Contando apenas encontrar asturiense em Carreço, as minhas previsões foram muitíssimo ultrapassadas, pois, além daquela indústria, descobri também muito material paleolítico (*).

Não me preocupei nesta estação com a recolha de todo o material lítico com indícios de trabalho humano. Se tal fizesse, teria recolhido milhares de exemplares, pois é abundantíssimo o número de picos rolados, lascas, etc., que aparecem. O meu fim foi outro: determiná-la, recolhendo exemplares dos mais característicos para o seu estudo.

Situação

Carreço, que demora entre cerca do quilómetro 6 e 10 ao norte de Viana do Castelo, ao longo da estrada nacional, aninha-se na extensa veiga que a setentrião da foz do Lima se espraia entre o monte de Santa Luzia e o Oceano Atlântico.

Freguesia encantadora e habitada desde os tempos mais remotos, como provam os utensílios do paleolítico inferior nela encontrados, conserva ainda vestígios de civilizações posteriores como uma mamoa, gravuras rupestres (**), dois castros romanos... (†).

Atravessada em todo o seu comprimento pela linha férrea do «Minho e Douro» que se estende até Monção e por Valença liga com a Espanha, tem 250 fogos e 1280 habitantes, sendo poucos os homens que nela permanecem, pois, como excelentes estucadores, ganham bem a vida em Lisboa e na Galiza, legando às mulheres a faina dos campos.

(*) Tenente Afonso do Paço, *Estação paleolítica de Carreço*. «Brotéria», vol. IX, fasc. III, Setembro de 1929.

(**) Em Carreço encontrei gravuras rupestres que serão em breve estudadas.

(†) Li algures, em sítio que neste momento não posso precisar a-pesar-de bastante ter rebuscado, que em Carreço existia um Castro no «Monte do Facho», aparecido quando da edificação do farol. Existe porém mais outro que fica no local da «Crôa».

Aquelas, gentis como todas as lavradeiras dos arredores de Viana do Castelo, deixaram invadir muito pelas modas cidadinas os trajos característicos da região. Felizmente que hoje uma onda de bom senso despertada pelos concursos de trajo regional organizados em Viana por ocasião das festas da Agonia, luta contra aquele mal.

Segundo o Sr. Dr. Luís de Figueiredo da Guerra, ilustre arqueólogo minhoto, deriva o nome de *Carreço* do espanhol *Carrizo*, palavra que designa não só uma planta, a *Carex Acuta* de Brotero, como ainda uma erva brava ou junco chamado hoje *Carriço* entre nós (*).

Em Carreço correm lendas de tempos de mouros (**), e o seu onomástico é fértil em nomes de reminiscências arcaicas, como *Crastos velhos*, *Veiga da anta*, *Veiga da mamoa*, *Veiga da suavila*, *Lapa da moura*, etc.

Sem me perder em demais considerações que serão assunto de estudo especial em preparação (***), direi que a «Estação Asturiense de Carreço» se estende ao longo do Atlântico, tendo eu encontrado objectos deste período pre-histórico não só à beira-mar, desde a Arcosa às penedias e duna que a norte a separam de Afife, como também instrumentos isolados junto da estação de caminho de ferro, da nova escola primária em construção e num ou noutro local próximo da montanha. Pelos caminhos da veiga aparece material de tipo Camposancos, e, junto à costa, picos. É certo que a abundância de seixos talhados não é a mesma em todo o litoral, nem o seu estado de conservação idêntico.

Ao longo do Oceano, sobre uma camada de terra negra sem calhaus rolados, estende-se outra repleta de seixos, aparecendo entre eles material asturiense, em geral em muito bom estado de conservação, isto é, sem rolamento. Por cima desta camada assenta nuns sítios a duna, noutros uma capa de terra coberta de mato e de carrasco que, varrida daqui e além pela água das enxurradas ou das marés, deixa à superfície picos, uma infinidade de lascas, etc. Estas encontram-se principalmente nos

(*) «Lusa». Ano I, n.º 4, 1 de Maio de 1917.

(**) José Augusto Vieira, *Minho pitoresco*, vol. I, p. 207, Lisboa, 1886.

(***) «Santa Maria de Carreço, comenda da Ordem de Cristo».

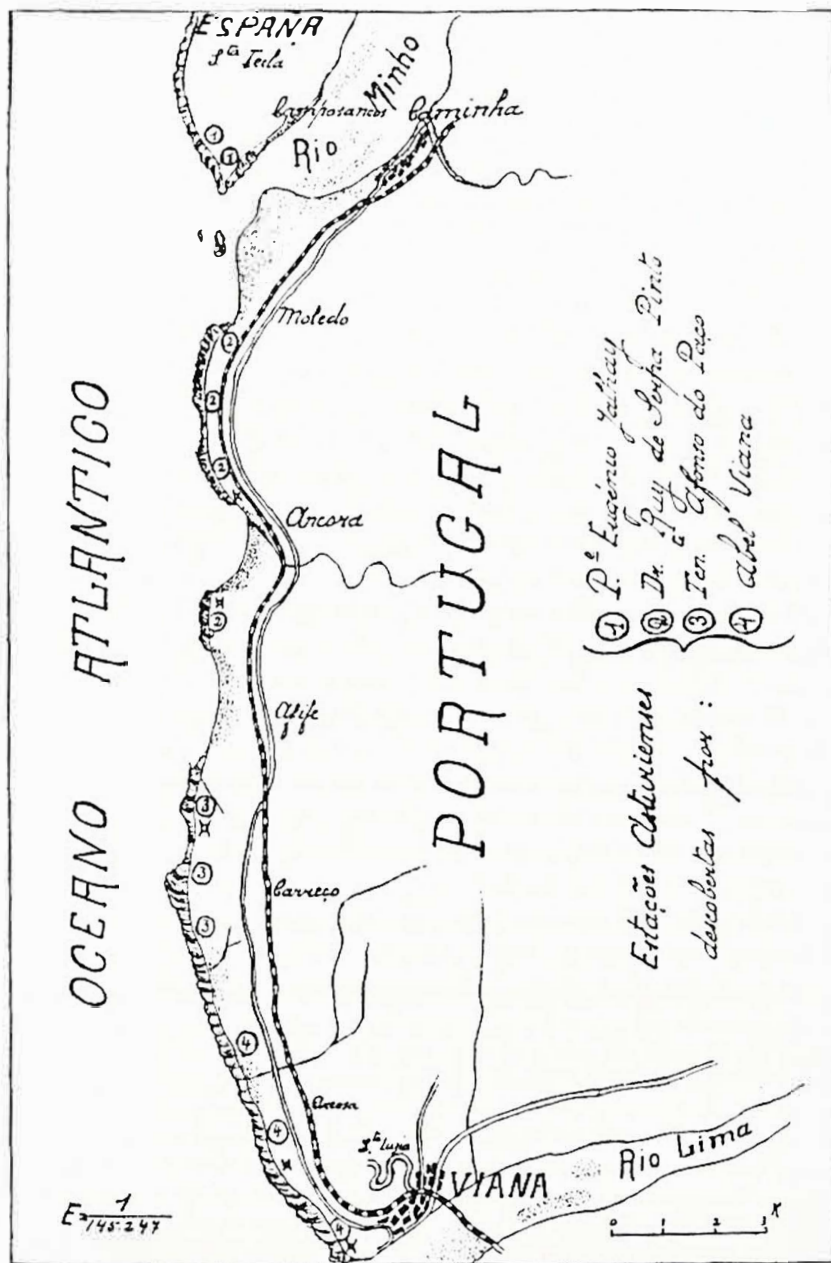


Fig. 1 — Carta asturiense do Minho. A estação de La Guardia, primeira de todas as descobertas na Galliza, não aparece na carta, por se encontrar mais ao Norte.

sítios da *Passarcira* ⁽¹⁾ e do *Cantinho*, indicando, pela sua abundância, ter ali existido uma importante oficina de material asturiense.

É uma estação ao ar livre, como todas as do noroeste peninsular ⁽²⁾, pois a constituição geológica do seu terreno, idêntica à de *Âncora* e *Afife* ⁽³⁾, não permite outra coisa.

Da sua situação em relação às outras estações asturienses de Portugal dará uma ideia mais nítida o mapa da fig. 1 ⁽⁴⁾.

Material

Encontrei nesta estação abundância do material até hoje descrito nas estações asturienses peninsulares.

Sendo o *pico* a principal indústria característica desta civilização ⁽⁵⁾, deles fiz farta colheita.

Das *machadinhas*, além dos tipos conhecidos, um novo me pareceu encontrar e que julgo não foi descrito até hoje.

Raspadores também colhi e dum tipo até agora ainda não assinalado em estações portuguesas.

Pesos de rede, muitos se encontram, bem como *chumbciras* que são uns seixos talhados que os pescadores à linha empregam para levar o anzol ao fundo, em substituição de pedaços de chumbo.

⁽¹⁾ Por lapso, na minha monografia «Estação paleolítica de Carreço», saiu *Passarinheira* em vez de *Passarcira*. É certo que alguns habitantes de Carreço pronunciam a palavra das duas maneiras.

⁽²⁾ E. Jalhay, *Estação asturiense de La Guardia*, etc. R. Serpa Pinto, *O Asturiense em Portugal*, etc., p. 11. Abel Viana, *A estação asturiense de Arcosa-Viana do Castelo*, etc., p. 7. Manuel Fernandes Costas, *Industrias líticas d'A Guardia*, 1929. Separata de «Nós», p. 4-6.

⁽³⁾ J. F. Nery Delgado, *Carta Geologica de Portugal*. Folha Norte, 1889.

⁽⁴⁾ Este mapa foi extraído da carta do Ministério da Marinha «Costa Oeste de Portugal entre o Rio Minho e Espinho», trabalho da primeira campanha da Missão Hidrográfica de Portugal, executado de Maio a Novembro de 1913, por amável gentileza do Ex.^{mo} Capitão-Tenente Francisco de Aragão e Melo, a quem presto os meus agradecimentos.

⁽⁵⁾ Conde de la Vega del Sella, *Paleolítico de Cueto de la Mina*. Memória n.º 13 da «Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas». Madrid, 1916, p. 62 e ss.

Idem, *El Asturiense*. Memória n.º 32 da C. I. P. P. Madrid, 1923, p. 14.

Lascas, apareceram-me em tal quantidade que certos sítios, como atrás disse, parecem ter sido grandes oficinas de material desta civilização. Não lhes faço referência especial no desenvolvimento deste artigo, porque umas, já foram estudadas no meu trabalho sobre a estação paleolítica desta freguesia de Carreço; a outras, na sua grande maioria, é difícil atribuir-lhes trabalho intencional

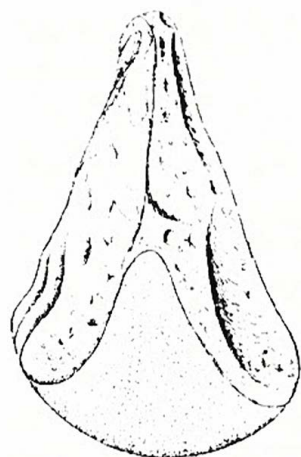


Fig. 2 — Pico asturiense.

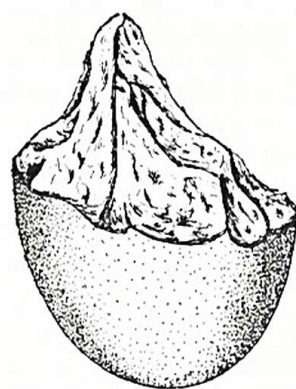


Fig. 3 — Pico asturiense.

Picos

Aparecem nesta estação picos de todos os tipos já estudados em estações asturienses. As formas alongadas, em triângulo isósceles, mais ou menos afiladas, — o verdadeiro tipo do pico asturiense — são abundantíssimas, e mesmo as que mais aparecem em Carreço. Pena é que se encontrem tão rolados nos locais, onde a água do mar exerce a sua acção de vai-vém sobre os montões colossais de seixos que há pela costa. Porém outra coisa não era de esperar das suas arestas delicadas, percebendo-se ainda com a maior facilidade as formas primitivas. Todavia os que se encontram no litoral, sepultados na terra ou em local aonde não chegam as ondas, ou então dentro do mar por entre a penedia e a coberto da água mesmo em maré baixa, apresentam ainda com toda a perfeição a forma primitiva que não se alterou nos primeiros,

sofrendo nos segundos uma ligeira pátina que apenas lhes tirou a aspereza das arestas.

Passando à descrição de alguns picos mais característicos começarei pelo da fig. 2 que muito se assemelha a exemplares das *Cuevas de Arnero* e de *la Riera* ⁽¹⁶⁾. De boas dimensões (as figuras acham-se reduzidas a metade do tamanho natural), apresenta contudo as arestas levemente roladas.

A fig. 3 talhada num seixo oval e bojudo também não deixaria de emparelhar bem ao lado de certos exemplares do Sr. Conde de la Vega del Sella, nomeadamente das *Cuevas de Penicjal*, *Arnero* e mesmo *Infierno* ⁽¹⁷⁾.

De tipo parecido, posto que talhado num seixo mais achatado, é o da fig. 4, que não ficaria mal entre os tipos *ancorenses* ⁽¹⁸⁾.

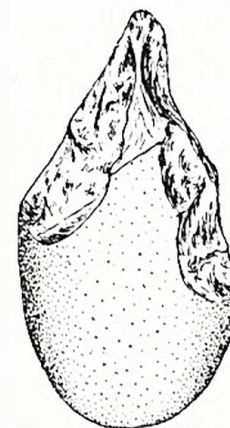


Fig. 4 — Pico asturiense

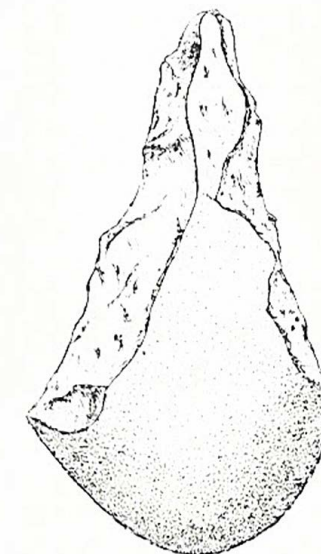


Fig. 5 — Pico ancorense.

⁽¹⁶⁾ Conde de la Vega del Sella, *El Asturiense*, etc., p: 15, fig. 2 e p. 18, fig. 5.

⁽¹⁷⁾ Conde de la Vega del Sella, *El Asturiense*, p. 17.

⁽¹⁸⁾ Ruy de Serpa Pinto, *O Asturiense em Portugal*, p. 19.

Entre os mesmos tipos que o Sr. Dr. Ruy de Serpa Pinto denominou *ancorenses* devem enfileirar os picos das figs. 5, 6 e 7.

O da fig. 5, bastante alongado, conserva viva até à extremidade a aresta média, o que também acontece nos das figs. 3 e 4. Na fig. 6, a aresta média cai abruptamente até à ponta, facto que se repete no pico da fig. 7, conservando-se vivas as facetas. A extremidade do reverso porém apresenta-se nos dois bastante gasta, num ângulo aproximadamente de 45° com a face natural. Ainda estes dois exemplares, e nomeadamente o primeiro, cabiam com toda a justeza nos chamados picos *sub-rectangulares*.



Fig. 6 — Pico ancorense.

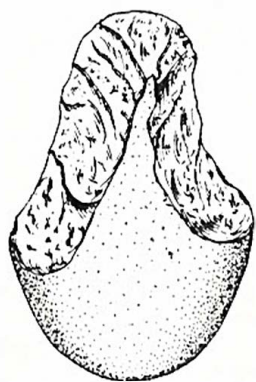


Fig. 7 — Pico ancorense.

Dos que o R.^{do} P.^e Jalhay apelidou *espalmados* ⁽¹⁹⁾ também encontrei bastantes exemplares em Carreço, de empunhadura mais ou menos larga. Deste tipo de *espalmados* de que me abstenho de apresentar desenhos, por serem iguais a tantos outros já publicados, quero chamar a atenção para um exemplar curiosíssimo, muito alongado e extremamente rebuscado, direi mesmo o exemplar asturiense mais esfusante que tenho visto e que não é único nesta estação. É o representado na fig. 8, de 0^m,125 de comprimento; à falta de outra nomenclatura melhor poderia chamar-se *alongado*.

⁽¹⁹⁾ P. Eugénio Jalhay, *Estação asturiense de La Guardia (Galiza)*, p. 8.

Este exemplar, bem como o da fig. 9 em *bico de pato*, são os mais perfeitos desta estação. O *bico de pato* da fig. 9 conserva com uma elegância digna de nota, a aresta média, em verdadeira linha recta com uma ligeira quebradura no começo. Muito bem patinado, desbastado para um e outro lado por mão de mestre, se não fosse a largura da ponta, diria que era um dos mais perfeitos exemplares do Conde de la Vega del Sella, nomeadamente o da *Cueva de Fonfria* ⁽²⁰⁾. É um belo exemplar de museu, que mede 0^m,132 × 0,080 × 0,045.



Fig. 8 — Pico alongado.

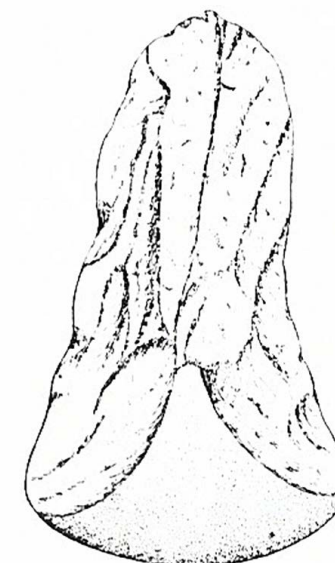


Fig. 9 — Pico em bico de pato.

A fig. 10 mostra-nos um pico de base larga, semelhante um triângulo equilátero. Este tipo *equilátero* é muito frequente.

A fig. 11 é dum pico *arredondado* ⁽²¹⁾. As suas dimensões são pequenas, mas há-os deste tipo de proporções avantajadas, pesando à roda de dois quilogramas.

⁽²⁰⁾ Conde de la Vega del Sella, *El Asturiense*, p. 17, fig. 4, n.º 3.

⁽²¹⁾ Ruy de Serpa Pinto, *O Asturiense em Portugal*, p. 20.

O pico em *leque* também não falta em Carreço, e a atestá-lo está o da fig. 12 que tem semelhantes de muito maiores dimensões e trabalho algo variado. De igual tipo é o da fig. 13 que, conforme nota Manuel Fernandes Costas, se aproxima muito dos instrumentos de Camposancos⁽²²⁾.

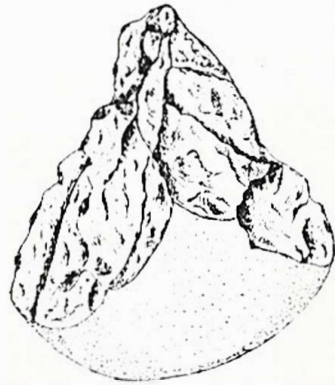


Fig. 10 — Pico equilátero.



Fig. 11 — Pico arredondado.

O exemplar da fig. 14 também é interessante, apresentando todo o aspecto duma *pinha*.

Há em Carreço picos grandes e pequenos, e, entre estes últimos, alguns que parecem ter sido feitos para crianças.

A abundância de instrumentos faz-nos supor que o homem asturiense não guardava o material dumas vezes para as outras, mas que fazia dos seixos, abundantíssimos na praia, novo utensílio sempre que deles tinha necessidade.

Coups-de-poing

Os que me apareceram nesta estação e pertenciam à primeira idade da pedra já foram estudados na «Estação paleolítica de Carreço».

Ao lado destes porém, há outros a que naquele trabalho não fiz referência, por me parecerem doutra época e serem talhados em quartzite diferente da do material paleolítico, idêntica à do asturiense. São instru-

(22) *As industrias liticas d'A Guardia*, sep. de «Nós», p. 6.

mentos com trabalho dos dois lados como os que o Sr. Dr. Joaquim Fontes nos descreve de Camposancos⁽²³⁾.

Seus semelhantes quanto à morfologia, alguns mesmo de trabalho só dum lado, aparecem nas estações de Elvas⁽²⁴⁾, Arronches⁽²⁵⁾ e outros locais da bacia do Guadiana⁽²⁶⁾.

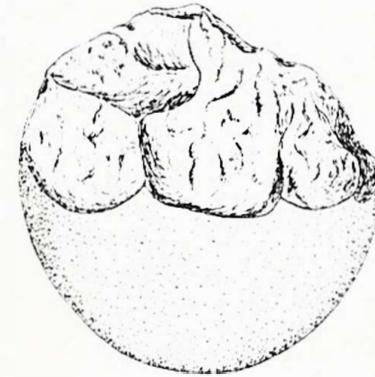


Fig. 12 — Pico em leque.

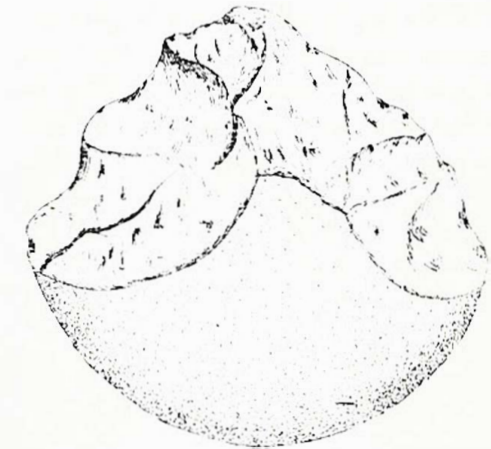


Fig. 13 — Pico em leque.

Machadinhas

Encontrei muitas machadinhas, — *hachuclas* foi a denominação que lhes deu o Sr. Conde de la Vega del Sella — porém nem todos os

(23) Joaquim Fontes, *Estação paleolítica de Camposancos*. «Brotéria», vol. I, fasc. I. Caminha, 1925.

Idem, *Uma excursão arqueológica à Galiza*. «Arqueologia e História», vol. V. Lisboa, 1928.

D. Julián López García, *La citania de St.ª Tecla o una ciudad prehistórica desenterrada*. La Guardia, 1927.

(24) Lerenó Antunes Barradas — Estação inédita.

(25) H. Breuil, *La station paléolithique ancienne d'Arronches (Portalegre)*. «O Arqueólogo Português», vol. XXIV, p. 47 a 55. Lisboa, 1920.

(26) H. Breuil, *Glances paléolithiques anciennes dans le bassin du Guadiana*. «L'Anthropologie», tomo XXVIII, n.º 1-2, 1917.

exemplares são do tipo das que o mesmo pre-historiador espanhol descobriu nas grutas de La Franca, Arnero e Penical ⁽²⁷⁾.

Com a forma destas colhi algumas, como a da fig. 15, que se encontra levemente rolada, e foi talhada num seixo elíptico, algo bojudo e de boas dimensões.

A da fig. 16 obteve-se também dum seixo regular, porém mais achatado. A sua técnica não apresenta dificuldade: umas simples lascas aparadas na parte superior deram-nos este instrumento asturiense. A que apresentamos na fig. 17 é ainda mais simples: com duas lascas tiradas, conseguiu o artífice ter uma perfeita *hachucla*.



Fig. 14 — Pico em forma de pinha.



Fig. 15 — Machadinha.

Embora os tipos da indústria asturiense se diferencem pouco entre si, há nesta estação de Carreço alguns que, na minha opinião, não foram assinalados até hoje em estações congêneres. São os das figs. 18, 19 e 20. Os dois primeiros podem comparar-se com os picos

(27) Conde de la Vega del Sella, *El Asturiense*, etc., p. 16 e 19.

sub-rectangulares, e o último com os *espalmados*. O instrumento da fig. 18 é de talhe mais grosseiro, executado pela extracção de grandes lascas. O seu gume desce para a esquerda, enquanto no da fig. 19, de técnica mais delicada, se inclina para a direita. Julgo estarmos em presença dum tipo local, que poderia denominar-se «de Carreço».

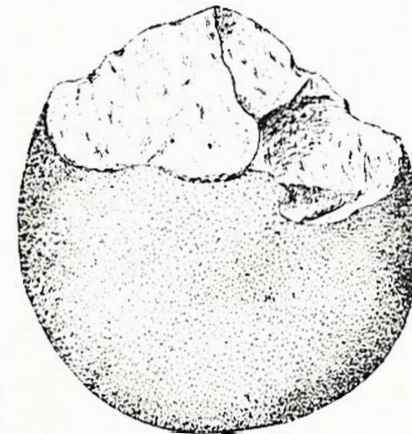


Fig. 17 — Machadinha.

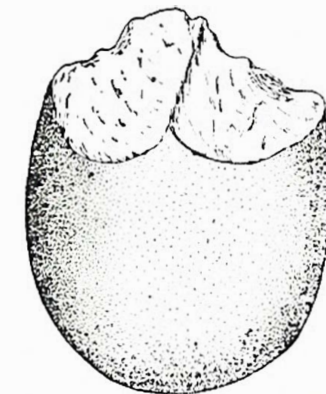


Fig. 16 — Machadinha.

De forma semelhante à das machadinhas é o exemplar da fig. 21 que, à falta de termo consagrado entre nós, poderá introduzir-se entre os que os espanhóis chamam *hendidores*. Afasta-se porém das machadinhas e raspadores. Foi talhado num seixo achatado pela extracção de algumas lascas, até se obter um gume quase rectilíneo.

Com a forma de machadinhas aparece-nos nesta estação uma infinidade de utensílios, pesando alguns mais de dois quilogramas, e que certamente se usavam com ambas as mãos.

Raspadores e discos

Já tinha notado nesta estação um tipo de raspadores diferentes dos até hoje descritos nas suas congêneres portuguesas e espanholas, tendo colhido alguns exemplares em Março de 1929 quando da minha primeira visita a Carreço. Só agora, por circunstâncias várias, os posso estudar no presente trabalho; e por motivo desta demora involuntária,

já não tenho na península a primazia da sua menção, pois o distinto arqueólogo galego Manuel Fernandez Costas nos dá deles notícia no seu excelente trabalho «As Industrias Líticas d'A Guardia» ⁽²⁸⁾.

São estes raspadores de certo os instrumentos líticos de mais fácil fabrico de todo o material asturiense. Uma forte pancada num seixo de boas dimensões, de maneira a extrair-lhe uma grande lasca de forma arredondada ou oval que se retoca levemente na parte mais delgada, fornece-nos logo um desses objectos. O da fig. 22 dá uma ideia

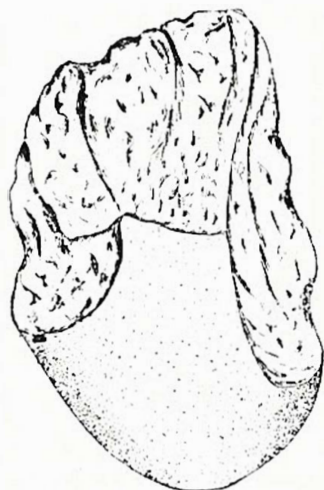


Fig. 18 — Machadinha
(tipo de Carreço).

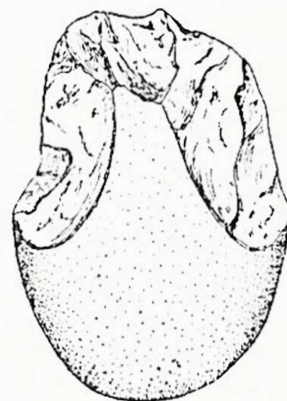


Fig. 19 — Machadinha
(tipo de Carreço).

perfeita da sua estrutura. De forma oval, conserva ainda bem nítido — como todos os seus congêneres — o bolbo de percussão, apresentando um pequeno retoque na aresta mais delgada. A parte inferior, mais volumosa, mostra ainda parte da superfície rolada, e adapta-se facilmente à palma da mão para ser manejado. Outros, em vez de terem sido obtidos dum seixo de base larga, foram-no dum oblongo, tomando então o disco uma forma mais alongada, que algumas vezes termina quase em ponta (fig. 23).

⁽²⁸⁾ Separata de «Nós», p. 12 e 13.

Além do tipo acima citado, outros discos me apareceram em Carreço, e dalguns já falei no mencionado estudo do paleolítico daquela região ⁽²⁹⁾.

Não devo deixar de enumerar um de forma cônica, muito semelhante ao da fig. 16 do trabalho já citado do Sr. Maunuel Fernandez Costas e que não apresento aos estudiosos, por não o ter à mão neste momento.



Fig. 20 — Machadinha
(tipo de Carreço).

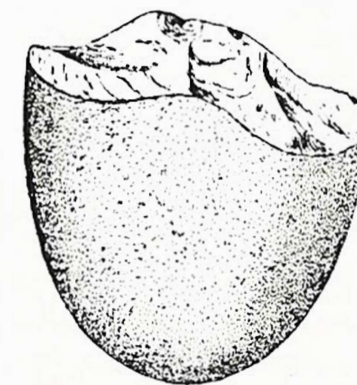


Fig. 21 — «Hendidor».
(na terminologia espanhola).

Ainda no grupo dos discos, e à falta de melhor opinião, vai o exemplar da fig. 24, talhado numa só face, lembrando pelo tamanho das lascas, os instrumentos de Camposancos. Mais trabalhado, posto que algo semelhante, a dois estudados pelo sr. Dr. Ruy de Serpa Pinto, de *Âncora* ⁽³⁰⁾, difere também um pouco de um que o Sr. Abel Viana nos descreve da *Arcosa* ⁽³¹⁾.

⁽²⁹⁾ *Estação paleolítica de Carreço*, p. 12.

⁽³⁰⁾ *O Asturiense em Portugal*, etc. p. 27.

⁽³¹⁾ *Estação asturiense de Arcosa-Viana do Castelo*, etc., p. 20 e 21, fig. 41.

Fernandez Costas, igualmente no seu trabalho sobre asturiense da Galiza ⁽³²⁾, apresenta-nos um *coup-de-poing* com feitio muito semelhante ao do raspador de que falámos, porém talhado dos dois lados, como acontece noutro proveniente da gruta de Castilho, descrito pelo Prof. Hugo Obermaier ⁽³³⁾.

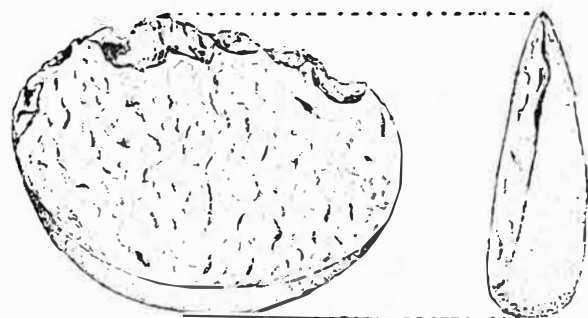


Fig. 22 — Raspador.

Instrumentos de tipo «Camposancos»

Vêm-se também nesta estação muitos instrumentos deste tipo, de mistura com material nitidamente asturiense: picos, machadinhas, etc. Abundam nos caminhos da *veiga* e por toda a costa, principalmente no sítio da *Passareira*, onde as enxurradas das chuvas puseram a descoberto muitos picos e lascas — uma verdadeira oficina deste material — e no *Cantinho* com indústria paleolítica.

Tendo percorrido em 21 de Setembro último, por amável convite do R.^{do} P.^o Jalhay e em sua companhia ⁽³⁴⁾ a estação de Camposancos descoberta pelo Sr. Dr. Joaquim Fontes ⁽³⁵⁾, pareceu-me na minha rápida visita, que o seu material não tem todas as características clássicas

⁽³²⁾ *As Industrias Líticas d'A Guardia*, etc., p. 13.

⁽³³⁾ *El Hombre Fósil*, etc., p. 180.

⁽³⁴⁾ Ao R.^o P.^o Jalhay, bem como aos Jesuítas portugueses dos Colégios del Pasaje e de Oya, presto mais uma vez o meu agradecimento pela carinhosa fidalguia com que me receberam em suas casas.

⁽³⁵⁾ Joaquim Fontes, *Estação paleolítica de Camposancos*. «Brotéria» (série mensal), vol. I, fasc. I. Caminha, 1925.

do asturiense das grutas cantábricas exploradas pelo Sr. Conde de la Vega del Sella.

Destes instrumentos de tipo «Camposancos» aparecem muitos no castro de S.^{ta} Tecla, e eu mesmo com o R.^{do} P.^o Jalhay encontrei alguns

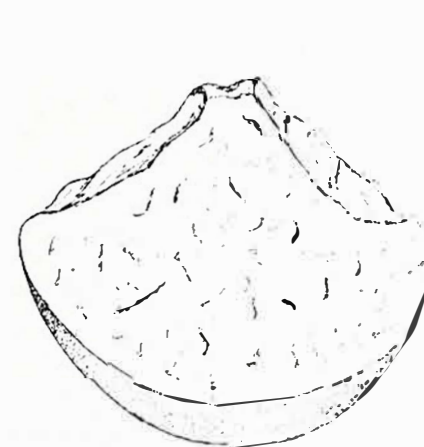


Fig. 23 — Raspador.

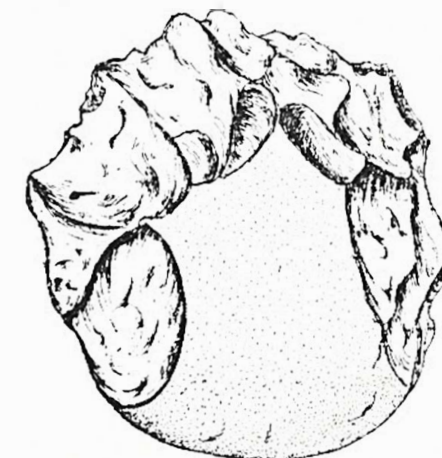


Fig. 24 — Disco.

no castro de Oya. Dos primeiros, observei também bastantes exemplares no museu da «Sociedad Pro-Monte» em La Guardia.

É certo que alguns destes instrumentos de Camposancos podem enfileirar no grupo das «lascas asturienses» da fig. 10 (pág. 23) da

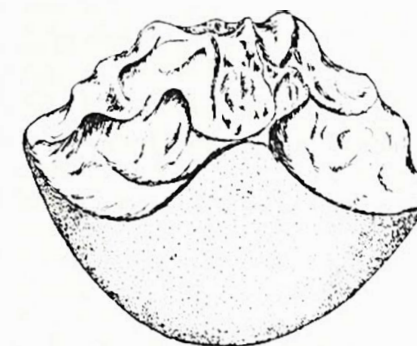


Fig. 25 — Instrumento de tipo «Camposancos»

monografia do Sr. Conde la Vega del Sella «El Asturiense», e que «só se acham esporadicamente» nos concheiros ⁽²⁶⁾.

Tendo feito uma rápida comparação entre os instrumentos de Camposancos e os da estação paleolítica e asturiense de Carreço, notei que:

a) Em Carreço a quartzite do material paleolítico e a do asturiense são diferentes. A primeira é mais rija e amarelada, na maioria dos instrumentos.

b) Parte da quartzite do material de Camposancos pareceu-me ser idêntica à do material asturiense de Carreço e estações congêneres do Minho e Galiza.

c) O material de tipo «Camposancos» é de talhe mais rude que o asturiense (cfr. fig. 25).

A outras conclusões nos podia levar um estudo mais demorado desta estação, que em boa hora prendeu as atenções dos pre-historiadores ⁽²⁷⁾. Esse estudo será certamente levado a cabo pelo Sr. Dr. Joaquim Fontes, seu descobridor e arqueólogo distintíssimo. Até lá, julgo que ainda não será tempo de dizer a última palavra sobre Camposancos.

Tenente AFONSO DO PAÇO

⁽²⁶⁾ Conde de la Vega del Sella, *El Asturiense*, p. 49.

⁽²⁷⁾ J. M. Santa-Olalla. «Butlletí de la Assoc. Catalana d'Antrop. Etnol. i Prehistòria», vol. III, fasc. 2.º, p. 247. Barcelona, 1925. M. Boule, «L'Anthropologie», tomo XXXIV, p. 337. Paris, 1926. H. Obermaier, «El Hombre Fósil», 2.ª ed., p. 382, etc.

PESOS DE RÊDES E CHUMBEIRAS ⁽¹⁾

A questão dos *pesos de rêde* que agora as *chumbeiras* me parece virem complicar, não será de fácil solução e oxalá eu me engane. Não venho aqui fazer sobre eles largo estudo, mas apenas dizer alguma coisa do que sobre tal assunto há em Portugal e nos nossos vizinhos de Além-Minho (não ultrapassando a actual casa do noviciado dos Jesuítas portugueses em Santa Maria la Real de Oya), juntando uns pequenos elementos que colhi no verão deste ano por aquelas terras.

O seu estudo quer como *pesos de rêde*, quer como *pesos de tear*, de há muito foi iniciado na arqueologia portuguesa e galega.

Em 1907 publicara a «Revista de Guimarães» ⁽²⁾ que, por ocasião de excavações feitas em Sabroso por Martins Sarmiento no ano de 1878 (15 de Junho), apareceram juntas quase no meio da «casa dobrada», «umas trinta pedras ovais com dois vergões laterais», tendo já aparecido outras mais ou menos dispersas. Não se lhes atribui utilização, diz-se que «são de granito e não seixo propriamente dito» e chatas.

Santos Rocha ⁽³⁾ e Belchior da Cruz ⁽⁴⁾ falaram-nos também na

Trabalho publicado na revista *Nós*, 1930.

⁽¹⁾ Este estudo fazia parte do meu pequeno trabalho: «Estação asturiense de Carreço» publicado na «Brotéria», vol. X, fasc. III e IV (Lisboa Março e Abril de 1930). Publica-se aqui separadamente para não tornar aquele demasiado longo numa revista cujo indole não é absolutamente arqueológico.

⁽²⁾ Martins Sarmiento, «Materiais para arqueologia do concelho de Guimarães». «Revista de Guimarães», vol. XXIV, p. 115.

⁽³⁾ Santos Rocha, «Estações pré-romanas da idade do ferro nas visinhanças da Figueira». «Portugália», vol. II, est. XXVIII, fig. 249 ss.

⁽⁴⁾ Belchior da Cruz, «Pesos de tear», «Portugália», vol. I, p. 378.

«Portugália» de *pesos de rêde* e de *tear*, mas de cerâmica, e não de granito ou quartzite.

O Sr. Dr. Felix Alves Pereira encontrou em 1906 na estação do Alto da Pena Cova (Arcos de Val de Vez), ainda inédita ⁽⁵⁾, todavia já noticiada pelo Sr. Dr. Joaquim Fontes ⁽⁶⁾, «pesos feitos de quequenos seixos elípticos, achatados, com rudes entalhes nos extremos do diâmetro menor», segundo me declarou em carta aquele ilustre arqueólogo.

Em 1916 publicou o Sr. Dr. Joaquim Fontes a estação de S. Julião ⁽⁷⁾, donde nos descreve e apresenta alguns *pesos de tear* graníticos, com a forma dos *pesos de rêde* de quartzite.

Em 28 de Março de 1925 realizou este distinto prehistoriador na Associação dos Arqueólogos Portugueses uma conferência com o título «Uma excursão arqueológica á Galiza» ⁽⁸⁾ onde disse que encontrou muitos dos chamados «pesos de tear ou de rêde — pequeno seixo rolado e achatado a que a meio se fez duas chanfraduras em cada um dos seus bordos», os quais abundam no «monte de Sta. Tecla como na sua falda junto á margem do Minho» ⁽⁹⁾.

Poderiam os do monte, diz o referido autor, servir para os teares, mas os encontrados em baixo, talvez para pescadores, «posto que nenhuma distinção morfológica exista entre eles». O Rev. P.^e Luisier, notável briólogo do colégio dos Jesuítas portugueses em El Pasaje (La Guardia), noticiou em carta ao Sr. Dr. J. Fontes, que no *concheiro* de Camposancos — sito na falda do monte de Sta. Tecla e que providencialmente foi posto a descoberto quando da construção de uma estrada — encontrou um dos tais *pesos de rêde* que em muito vem apoiar a sua utilização nas redes de pesca ⁽¹⁰⁾.

⁽⁵⁾ A notícia desta estação foi dada pelo Sr. Dr. Félix Alves Pereira na semana de Arqueologia Pré-histórica da Associação dos Arqueólogos Portugueses de 13 de Março de 1903.

⁽⁶⁾ Joaquim Fontes, «La Station de S. Jullán» aux environs de Caldelas. Sep. do «Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles», tome VII, Lisbonne 1916, p. 5.

⁽⁷⁾ Idem, idem.

⁽⁸⁾ Joaquim Fontes, «Uma excursão arqueológica a Galiza». «Arqueologia e Historia», vol. V, p. 56-57, Lisboa, 1928. (Este estudo saiu em separata em 1927).

⁽⁹⁾ Op. cit., p. 56.

⁽¹⁰⁾ Op. cit., p. 57.

Em 1927 publicou o Rev. P.^e Eugénio Jalhay um estudo do Castro que existe junto da povoação de Santa María de Oya (Pontevedra) ⁽¹¹⁾ falando-nos de *pesos de rêde* em quartzite que no mesmo encontrou.

Ainda em 1927 D. Julián Lopes refere a abundância destes seixos rolados com duas chanfraduras laterais, *poutadiñas*, nas estações pré-históricas da Galiza ⁽¹²⁾.

Em 1928 o mesmo Rev. P.^e Jalhay ao descrever a sua «Estação Asturiense de La Guardia (Galiza)» ⁽¹³⁾ diz ter encontrado entre os picos asturienses cinco *pesos de rêde* formados de calhaus rolados com duas chanfraduras laterais ⁽¹⁴⁾. Era a primeira vez que estes pesos apareciam em estações asturienses da península.

Ainda nesse ano o Sr. Dr. Ruy de Serpa Pinto assinalou a sua existência na estação asturiense de Âncora ⁽¹⁵⁾, dando o desenho de sete, todos talhados «com dois chanfros nas extremidades do diâmetro menor» do seixo rolado, como todos os *pesos de rêde* e de *tear* até então descritos. Um deles, facto curioso, foi encontrado nas escavações para os alicerces duma casa.

Em 1929 o Sr. Abel Viana publicava na «Estação Asturiense de Areosa-Viana do Castelo» ⁽¹⁶⁾ uma série de desenhos de *pesos de rêde*, fazendo nas suas considerações destacar três tipos, dos quais os dois últimos se podem agrupar num só. Uns, talhados em «seixos alongados, de contorno ovalado ou elipsoidal»; outros, «menos oblongos». Nuns as chanfraduras interessam apenas uma das faces; noutros as duas. Aqui os cortes são «perpendiculares ou aproximadamente perpendiculares ao

⁽¹¹⁾ Eugénio Jalhay, «Un nuevo castro gallego». «Bol. Arq. Comis. Prov. Mon. Hist. Art. Orense, tomo VIII, n. 173, Outubro 1927.

⁽¹²⁾ D. Julián Lopes García, «La citania de Sta. Tecla o una ciudad prehistórica desenterrada». La Guardia 1927, p. 109.

⁽¹³⁾ Eugénio Jalhay, «Estação asturiense de La Guardia (Galiza)». «Brotéria», vol. VI, fasc. II, Fevereiro de 1928. «Bol. Arq. Comis. Prov. Mon. Hist. Art. Ourense», tomo VIII, n.º 179, Abril de 1929.

⁽¹⁴⁾ Op. cit., p. 182 do «B. A. C. P. M. H. A. O.» que possuo.

⁽¹⁵⁾ R. de Serpa Pinto, «O asturiense em Portugal». Sep. dos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», vol. IV, fasc. I. Porto 1928, p. 28, 29 e 30.

⁽¹⁶⁾ Abel Viana, «Estação asturiense de Areosa-Viana do Castelo». Sep. da «Portucal», vol. II. Porto 1929, p. 23 e 24.

plano das faces e paralelos ao eixo maior»; ali, extraiu-se uma grande lasca «de cada um dos lados opostos» (17).

Ao segundo tipo pertencem as *chumbeiras do congro* usadas na pesca pelas gentes do mar, segundo refere o mesmo autor.

Contemporaneamente a esta publicação do Sr. Abel Viana, saia na NÓS um trabalho do Sr. D. Manuel Fernandez Costas (18) descrevendo outros locais em que foi encontrado asturiense na costa galega, não muito longe de La Guardia. Também ai é abordado o problema dos *pesos de rêde*, as *poutadas* da «xente de mar da bisbarra d'A Guardia», que divide em dois grupos: *poutadas grandes* e *poutadiñas*. Para este arqueólogo, *poutadas grandes* são os *pesos de rêde*, usando-se as *poutadiñas* na pesca á linha.

O facto de aparecerem *pesos de rêde* nas citânias do interior (onde têm o nome de *pesos de tear*) não quiere dizer, para este autor, que se usassem apenas nos teares, mas podiam também sê-lo nas redes de pesca fluvial (19).

Na estação asturiense de Carreço (20) também encontrei exemplares de *pesos de rêde* de diferentes tamanhos e de todos os talhes até agora descritos em estações congêneres, não querendo isto dizer que sejam asturienses todos os *pesos de rêde* encontrados naquela estação. Será porém muito difícil destringir os exemplares mais antigos dos mais modernos.

Ao cortar nesta estação com o Reverendo P.º Jalhay uma camada de terra onde estão sepultados calhaus rolados entre os quais aparecem picos asturienses, encontrei um *peso de rêde* em forma de 8, isto é, talhado segundo o eixo menor. Sobre esta camada de terra com seixos assenta a duna que cobre algumas partes da costa Atlântica entre Minho e Lima. Por baixo ficam as terras negras que se veem em toda a costa. Noutros sítios encontrei alguns pesos bastante gastos, de igual talhe e dimensões variáveis. Ao lado da costa, muito rolados pelas

(17) Op. cit., p. 23.

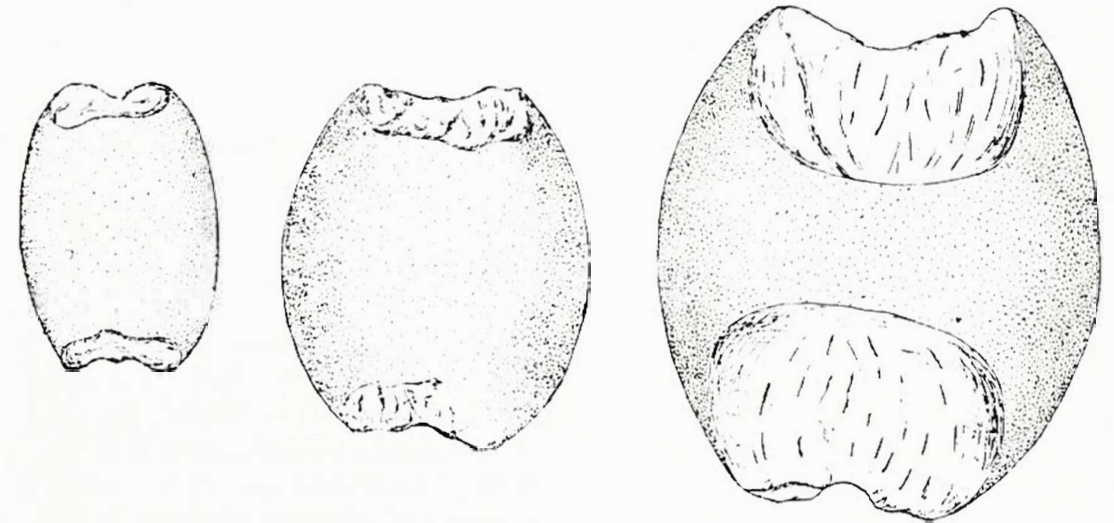
(18) Manuel Fernandez Costas, «As industrias lithicas d'A Guardia». Sep. do «Nós», A Cruña 1929, p. 11.

(19) Op. cit., fig. 11.

(20) Tenente Afonso do Paço, «Estação asturiense de Carreço» in *Brotéria*, Março e Abril de 1929.

águas do mar, vi outros, talhados segundo o eixo maior e com idêntico rolamento ao dos picos asturienses que lhes ficavam ao lado.

Ao visitar com aquele distinto arqueólogo a estação de Campo-sancos, em fins de Setembro deste ano, colhi dois *pesos de rêde*, um talhado segundo o eixo maior e outro segundo o menor. Em Sta. Tecla colhi um pequenino trabalhado segundo o eixo menor e de igual técnica vi muitos no Museu da Sociedade Pró Monte em La Guardia, provenientes



Figs. 1, 2 e 3.

da citânia. No castro de Oya colhi um já bastante gasto com talhe segundo o eixo maior. Em Viana do Castelo, o Sr. Serafim Neves, possuidor duma bela colecção de antiguidades, tem mandado colher na Praia Norte, por ocasião da maré baixa, muitíssimas dezenas deles, em forma de 8, todos muito bem conservados na salmoira do Atlântico fora da acção roladora das águas desde tempos remotíssimos, tendo ainda as arestas bem defenidas, apenas levemente patinadas, sendo a sua colecção *aquática* de *pesos de rêde*, juntamente com alguns milhares de picos asturienses, a mais perfeita que até hoje vi.

Depois disto e apesar de alguns casos esporádicos, parece-me serem *pesos de rêde* e *chumbeiras* mais antigas as que têm a forma

dum 8, como os *pesos de tear* dos castros. É certo que a sua técnica não sendo sujeita a moldes rigorosos, apresenta muitas variantes. Todavia creio poder estabelecer dois grupos diferentes de *pesos de rêde*: uns talhados segundo o eixo menor, outros conforme o maior.

* * *

Não me disseram os actuais pescadores de Carreço que empregavam nas rêdes seixos talhados, mas os velhos de sessenta (de mais de sessenta anos de idade) ouviram falar aos seus avoengos do seu uso em tempos antigos. Um velho contudo, disse a alguém quando da minha primeira visita aquela estação em fins de Março de 1929 e ao ver os *pesos de rêde* que eu tinha colhido: — «Olha um dos seixos que nós pomos nas redes do mar». Indaguei do seu uso entre os pescadores, mas ninguém me afirmou que os applicasse nos tempos correntes.

Manuel Fernandez Costas diz-nos «que inda hoxe algúns mariñeiros d-ista bisbarra⁽²¹⁾ utilizam as *poutadas*, grandes e pequenas, nas sus redes e liñas»⁽²²⁾.

* * *

Ao lado dos *pesos de rêde* há o que em Carreço se chamam *chumbeiras*, outros calhaus rolados e talhados, próprios para levar ao fundo o anzol e o fio na pesca à linha.

Chamam-se *chumbeiras* porque substituem uns pedaços de chumbo com aquele nome que, para o mesmo fim se empregava próximo da extremidade do fio. Ora como o chumbo é caro e se perdia com muita facilidade, usa-se hoje substitui-lo pelo seixo que a Natureza fornece gratuitamente e em abundância na região.

Pesca-se muito à linha em toda a costa portuguesa dentre Minho e Lima e mesmo para os lados da Galiza segundo se depreende do trabalho de F. Costas⁽²³⁾. Na nossa costa emprega-se fio mais grosso ou mais delgado com *chumbeira* na «lucinha», «faneca», bodeão»,

(21) La Guardia.

(22) «As industrias líticas d'A Guardia», fig. 11.

(23) Op. cit., fig. 11.

«maragata», «robalo», «congro», etc. Porém nem todas as *chumbeiras* têm tamanho igual. Umas são grandes, outras pequenas e algumas intermédias, conforme a pesca a que se destinam.

Um lavrador e pescador de Carreço — em Carreço os lavradores mais ricos têm redes e barcos, possuem «comboas» e são pescadores nas horas vagas — dividiu-me as *chumbeiras* em três grupos, tal qual se classificam entre eles:

1.º — O das mais pequenas, empregadas na pesca de peixe miúdo como a «lucinha» e por isso chamado em geral de *chumbeiras da lucinha* (fig. 1).

2.º — O das intermédias, usadas na pesca de peixe mediano como a «faneca» e que se chama de *chumbeiras da faneca* (fig. 2).

3.º — O tipo maior, usado no peixe mais graúdo como o «congro», denominado por isso de *chumbeiras do congro* (fig. 3).

Para o seu fabrico, disseram-me ainda, empregam de preferência seixos quentes do sol, que são muito mais fáceis de trabalhar, pois com os frios «entra-se» muito difficilmente.

Vi muitas *chumbeiras* modernas, quer espalhadas pela costa, quer na posse dos pescadores, e todas elas eram talhadas nos topos, isto é, segundo o eixo maior.

Encontrei como atrás disse, alguns destes objectos em forma de 8 de tão pequenas dimensões (fig. 6), que outra aplicação não podiam ter que a de serem usados na pesca à linha, mas o seu talhe lateral difere do das *chumbeiras* de hoje (figs. 1, 2 e 3).

* * *

Passando a descrição dalgum deste material deixarei em branco os *pesos de rêde* em forma de 8, iguais a tantos outros de que se tem falado nos estudos acima citados.

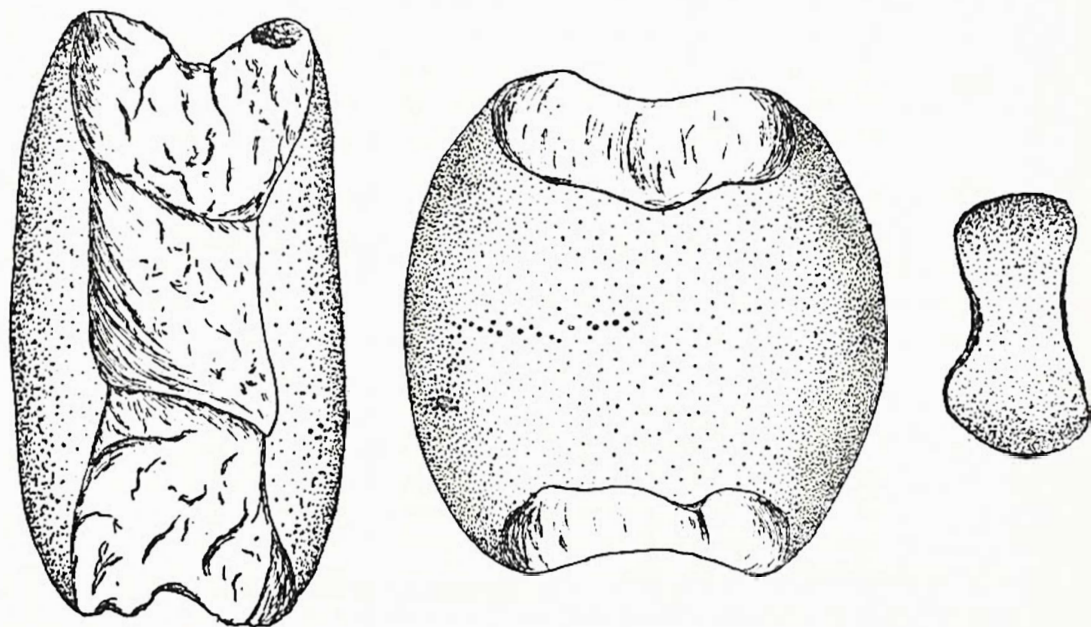
A fig. 1 é dum exemplar de fabrico recente, e uma das *chumbeiras* usadas na pesca da «lucinha». A sua técnica é simples: extracção de uma lasca em cada topo, quase horizontalmente, affectando as duas faces. Tm as seguintes dimensões: 0,055 × 0,042 × 0,014 m.

A fig. 2, de quase igual técnica, tem dimensões um pouco maiores: 0,072 × 0,063 × 0,022 m. É uma *chumbeira da faneca*.

Numa progressão crescente a fig. 3 é um pouco mais trabalhada que as antecedentes e uma *chumbeira do congro*. Dela se extraíram quatro lascas, duas em cada topo, sendo uma para cada face. Mais profundas que as das figuras anteriores, quase atingem o meio do seixo. Não é este um exemplar muito recente, pois foi encontrado a cerca de um metro de profundidade, nas escavações, para os alicerces de uma casa, junto da estação do caminho de ferro. Mede: $0,095 \times 0,082 \times 0,033$ m.

A fig. 4, duma técnica muito semelhante à anterior, é talhado num seixo alongado, tendo apenas a mais a extracção duma lasca no meio duma das faces. É de fabrico recente e uma *chumbeira do congro*.

A fig. 5 é de talhe muito mais simples. Trabalhada num seixo oval, apenas lhe extraíram uma lasca em cada topo ambas voltadas



Figs. 4, 5 e 6.

para a mesma face do calhau. Noutros exemplares que aqui não vão representados tem esta técnica uma pequena variante: a lasca dum topo é extraída para uma face do calhau, enquanto que a do outro o é para a face oposta.

A fig. 6 pelas suas dimensões: $0,045 \times 0,025 \times 0,015$ m é uma *chumbeira*.

Informa-me o Rev. P.^o Jalhay que está em preparação um trabalho do Sr. Manuel Fernandez Costas sobre *pesos de rédes*. Esperando que o ilustre arqueólogo resolva o assunto ou sobre ele nos traga grandes conhecimentos, faço votos por um feliz êxito da sua obra, pois apenas pretendo neste simples capítulo ⁽²¹⁾ esclarecer o problema na medida dos elementos que hoje possuo, e que bem poucos são ⁽²²⁾.

(21) Este estudo era, como disse, um capítulo da «Estação Asturiense de Carreço». «Brotéria». Março e Abril de 1930.

(22) Desenhos da Ex.^{ma} Sr.^a Dr.^a D.^a Maria João Lopes do Paço.

O PALEOLÍTICO DO MINHO (*)

A província do Minho, situada no extremo noroeste de Portugal, entre os paralelos 41° 19' e 42° 8' latitude N. e os meridianos 7° 52' e 8° 53' longitude W. G., é hoje uma das que mais florescem pela sua agricultura e população, a que mais realça pelas suas belezas naturais sem rival em solo português e sem inveja a algumas das melhores do mundo.

De há muito que o homem moireja neste rincão abençoado do solo lusitano. Percorrendo-o, encontrámo-lo salpicado de ruínas de povoações castrejas, dolmens e mamoadas. Os ninhos de machados de bronze não deixam de ser frequentes nesta província, ainda hoje abundante em explorações de estanho. Gravuras rupestres não faltam nas suas penedias graníticas e o neolítico também deixou bastantes vestígios na região.

Caminhando mais pelas idades dentro da civilização humana, cujas raízes, no dizer de Obermaier, «se perdem totalmente nas profundidades de longínquos períodos geológicos» (1), ainda encontramos nesta província, na parte da beira-mar entre os rios Minho e Lima, o maior centro de indústria tipo asturiense até hoje conhecido, a julgar pela abundância de material lítico recolhido que orçará neste momento por muito perto de uma dezena de milhar de instrumentos, nas estações

(*) Trabalho apresentado ao XV Congrès International d'Anthropologie & d'Archéologie Préhistorique — IV Session de l'Institut International d'Anthropologie. 21-30 Septembre 1930.

(1) Hugo Obermaier, «El hombre fósil», 2.ª ed., Madrid 1925, p. 401.

de Moledo, Âncora e Afife (2), Carreço (3) e Areosa-Viana do Castelo (4), isto sem falar do que começa a aparecer nos arredores do Porto (5) e se encontra do outro lado do rio Minho, em território galego, desde a Punta de los Picos até La Guardia (6) e mesmo por aí acima até Oya (7), etc., pois no estudo da província do Minho não podemos pôr de parte a região espanhola da Galiza, que desde os tempos mais recuados da humanidade tanto se parece com ela.

Quere isto dizer que, depois dos gélos do Wurmense e talvez mesmo antes do optimum post-glaciar — pois o Rev. Padre Jalhay atentas as reminiscências paleolíticas de muito do seu material propoz para o tipo asturiense galaico-minhoto, no «Congresso da Associação Portuguesa e Espanhola para o avanço das sciências» realizado em Barcelona em Maio do ano passado, uma antiguidade maior que o da costa cantábrica (8) — o litoral desta província foi centro duma grande população que do mar extraía os seus principais produtos alimentícios.

Não foram até hoje descobertos indícios seguros de paleolítico superior no Minho. Sendo o seu solo essencialmente granítico, faltando-nos as grutas naturais que tanto abundam noutras regiões do globo, não nos é permitido ler com facilidade nas páginas estratigráficas do livro aberto da Natureza arquivado naquelas bibliotecas trogloditas, a história do homem através dos períodos do paleolítico superior e durante o largo espaço da glaciação Wurmense, não se sabendo ao certo, pelo menos no momento actual em que se não passa do limiar das explo-

(2) Ruy de Serpa Pinton, «O Asturiense em Portugal». Sep. dos *Trabalhos S. P. A. Etnologia*, Porto 1928.

(3) Tenente Afonso do Paço, «Estação Asturiense de Carreço». Sep. *Brotéria*, Lisboa 1930.

(4) Abel Viana, «Estação Asturiense de Areosa-Viana do Castelo». Sep. *Portucale*, Porto 1929.

(5) Eugenio Jalhay, «Estação Asturiense de La Guardia (Galiza)». Sep. *Brotéria*, Lisboa 1928.

(6) Descobrimientos inéditos feitos por Melle I. de Serpa Pinto.

(7) Manuel Fernandez Costas, «As industrias lithicas d'A Guardia». Sep. *Nós*, Corunha 1929.

(8) Padre Eugenio Jalhay, «Algumas notas sobre o asturiense da Galiza». Associação Portuguesa e Espanhola para o avanço das sciências. Congresso de Barcelona, 1929, tomo VIII, p. 191.

rações arqueológicas nesta província, se os nossos antepassados viveram durante toda a glaciação em território minhoto. Em compensação o paleolítico inferior é nele muito abundante.

Quando o ano passado publiquei a estação paleolítica de Carreço (9) marcava eu numa carta do Minho apenas doze estações daquela civilização. Era já um grande avanço sobre o último estudo paleolítico com referência a esta província lusitana, a 2.ª edição de «El hombre fossil» de Obermaier (10). Nela fazia o sábio arqueólogo apenas referência a um *coup-de-poing* achado pelo Sr. Dr. Victor Fontes nas proximidades de Viana do Castelo, em Santa Marta de Portuzelo, e estudado por seu irmão Dr. Joaquim Fontes (11). Há pouco Abel Viana ao publicar as suas «Estações Paleolíticas do Alto-Minho» (12), elevava-as em mais sete. Ao fazer este pequeno estudo não quero deixar de me referir a mais uma estação que, descoberta em 1928, tem andado por lapso meu arredada das cartas paleolíticas do Minho: é a de Ganfei. Descoberta em Setembro daquele ano pelo Sr. Dr. Xavier da Costa, ilustre arqueólogo e crítico de arte, na mata da bela quinta do mosteiro de S. Salvador, que aquele clínico possui na freguesia de Ganfei, concelho de Valença, pouco mais ou menos a três quilómetros desta vila e em caminho dela para Monsão. Esta estação fica sobre o vale do Minho, na encosta irregular que circunda a vastíssima e larga veiga do rio, conforme em amável carta ma descreve aquele distinto oftalmologista. Dela se encontraram até hoje dois *coups-de-poing*: um achado em 1928 e oferecido ao Museu da Associação dos Arqueólogos, foi estudado pelo Sr. Dr. Joaquim Fontes em Assembleia Geral daquela Associação. O outro descoberto em 1929, foi-me gentilmente oferecido pelo seu achador. São ambos de quartzite e com boa pátina.

Ascendem portanto hoje a vinte as estações paleolíticas do Minho, isto sem falar das da Galiza (La Guardia, Camposancos, Quatro Camiños e Orense) que terão estudo especial neste Congresso.

(9) Tenente Afonso do Paço, «Estação paleolítica de Carreço». Sep. *Brotéria*, Lisboa 1929.

(10) Hugo Obermaier, «El hombre fossil», 2.ª ed. Madrid 1925.

(11) J. Fontes, «O homem fossil em Portugal». Lisboa 1923.

(12) Abel Viana, «Estações Paleolíticas do Alto-Minho». Sep. *Portucale*, Porto 1930.

Na carta que tomo a liberdade de apresentar a V. Ex.^{as} (fig. 1) se verá melhor a sua distribuição. Não se espalham por toda a província, mas estendem-se pela costa Atlântica dentre Minho e Lima, sobem a

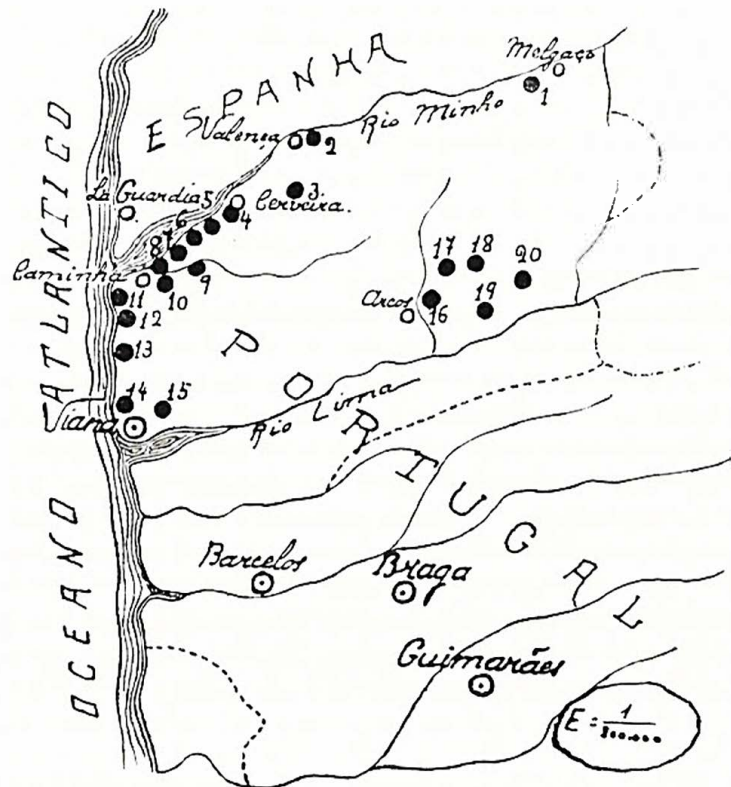


Fig. 1 — 1, Peso; 2, Ganfel; 3, Fontoura; 4, Cervela; 5, Gondarém; 6, Lanhelas; 7, Vilar-de-Mouros; 8, Seixas; 9, Argela; 10, Vilarelho; 11, Moledo; 12, Ancora; 13, Carreço; 14, Areosa; 15, Portuzelo; 16, Gléla; 17, Grade; 18, Cabana-Maior; 19, S. Jorge; 20, Ermelo.

margem esquerda daquele rio e direita deste, havendo aqui e além soluções de continuidade, certamente motivadas por falta de explorações. Na costa Atlântica entre Caminha e Viana encontram-se as estações de Moledo, Ancora, Carreço e Areosa. Na margem direita do Lima fica

Portuzelo junto à foz e mais longe Gléla, Grade, S. Jorge, Cabana-Maior e Ermelo, entre a confluência do Vez com o Lima e a fronteira espanhola. Na margem esquerda do Minho existe um aglomerado maior junto de Caminha: Vilarelho, Argela, Seixas, Vilar de Mouros e Lanhelas. Mais adiante Gondarem, Cerveira e Fontoura; Ganfei próximo de Valença e Peso não longe de Melgaço.

Temos assim um grande roteiro de paleolítico ao longo da costa Atlântica e dos rios Minho e Lima, uma população densa vivendo segundo os costumes da época.

O material lítico utilizado era de quartzite, por a região ser falha em sílex e abundante em calhaus rolados. Difere portanto do usado no maior centro paleolítico descoberto até hoje em Portugal — os arredores de Lisboa — talhado em sílex esbranquiçado em Monsanto, amarelo-torrado no Casal do Monte e restantes estações.

Podemos comparar-lhe o de Arronches⁽¹³⁾ e Elvas⁽¹⁴⁾, ambos talhados no geral com lascas maiores que por exemplo as de Carreço, trabalhados em quartzites, cujos utensílios, muitas vezes se encontram bastante rolados por motivo de deslocação de terrenos.

Analisando o material dumas e doutras estações minhotas, quer em museus quer em face de trabalhos publicados, cheguei à conclusão de que um dos de talhe mais perfeito aparecido até hoje em quartzite, não só no Minho como no resto de Portugal, é o Carreço, de que tomo a liberdade de mostrar a V. Ex.^{as}, algumas das peças mais características (figs. 2 e 3). O instrumento predominante nesta em outras estações daquela província nortenha é o *coup-de-poing*, de que será interessante seguir a evolução nas peças presentes. Uns de talhe rude, parte do calhau por trabalhar, bordo em zig-zag, características do *Chelense*. O aperfeiçoamento técnico vai-se dando, a quartzite vai sendo toda trabalhada com cuidado nas duas faces, os bordos tornam-se rectilíneos, a forma torna-se às vezes amigdalóide, francas características do *Acheulense*. Evolucionando mais na sua arte, este nosso antepassado

(13) Abbé Breull, «La station paléolithique ancienne d'Arronches (Portalegre)». *Archeologo Português*, vol. XXIV, Lisboa 1920.

(14) Leren Antunes Barradas, «O paleolítico de Elvas». *Arch. Português*, vol. XXVI, Lisboa 1929.

encontrou outra técnica em que com menos esforço se atingiu o fim desejado nos utensílios líticos. Aparecem em Carreço instrumentos feitos de calhaus rolados a que se extrairam grandes lascas que, chegando



Fig. 2

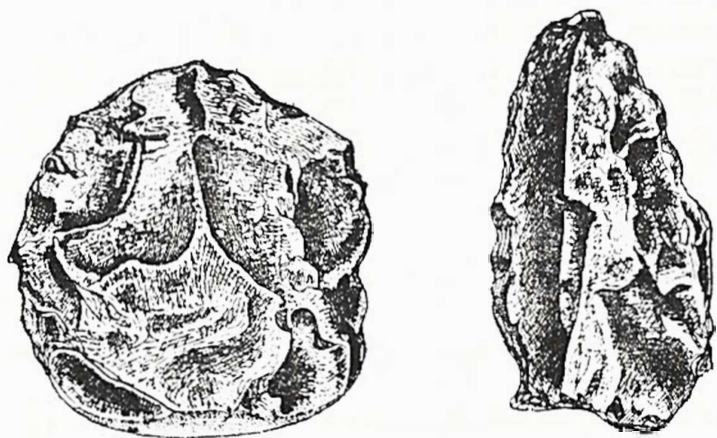


Fig. 3

aos bordos tornam estes cortantes sem o auxílio de trabalho miúdo, o que em algumas ocasiões é uma característica *Mustierense*.

Ao lado dos *coups-de-poing* há outros objectos, alguns de menores dimensões, como raspadeiras, pontas com o bolbo de percussão pro-

nunciado, discos, etc. que talvez podessem enquadrar com o material de períodos posteriores do paleolítico.

Ao lado destas quartzites de mais avantajadas proporções que, sendo maiores, puderam suportar um trabalho mais aturado, há uma infinidade de rebutalho, lascas, etc. que, sendo pequenas, restam perfeitamente amorfas, pois pelo seu tamanho e sendo de quartzite, não permitiram o trabalho aturado e fino das suas similares de silex.

Sobre este material que muito bem poderia ter pertencido a períodos posteriores, não nos podemos pronunciar porque, não tendo podido suportar grande trabalho do artista paleolítico e não havendo estratigrafia, não nos permite hoje fazer sobre ele largas conjecturas.

Outra característica ressalta ainda da análise das estações da margem direita do Minho: é que ficam próximo dos antigos terraços do rio, algumas dezenas de metros mais elevadas que o leito actual. As peças líticas encontradas junto do leito de hoje, como um *coup-de-poing* de Seixas, são objectos isolados.

Podemos ainda observar que o material das estações do interior (Peso, Ganfei, Fontoura) é de talhe mais rude, todo do tipo *chelense*, enquanto que já próximo da foz do Minho aparece o *acheulense* (Vilar de Mouros, Lanhelas) e na costa Atlântica, além destas duas formas, o *mustierense* (Carreço).

Nas estações do interior o material achado tem sido muito pouco, sendo de Lanhelas para baixo a abundância maior. Esta abundância porém, é nas estações do litoral, excepto Carreço, dum material que muito se assemelha ao tipo de Camposancos (Arcosa, Moledo).

Estando ainda em começo as explorações nesta província (datam só de há cerca de dois anos), é natural esperar-se que o futuro nos traga grandes conhecimentos, pondo termo à solução de continuidade que teima existir entre a civilização tipo asturiense desta região e o seu paleolítico inferior, pois entre os objectos da primeira há muitas formas que talvez pudessemos classificar de intermédias entre uma e outra.

RÉSUMÉ

Au nord du Portugal, dans l'ancienne province de Minho, on a trouvé des traces des plus anciennes civilisations de l'humanité.

L'industrie du type «asturien» y est largement représentée et l'on y a recueilli jusqu'à ce jour plus de 10.000 objets lithiques de cette civilisation; ce nombre pourrait même être augmenté de quelques milliers, si l'on récoltait toutes les pièces qui portent la trace du travail humain.

Les principales stations asturiennes de la côte portugaise sont: *Molledo*, *Ancora* et *Afife*, exploitées par M. Ruy de Serpa Pinto, *Carreço* par moi, et *Arcosa-Viana* par M. Abel Viana. A cause de la nature granitique du sol et de l'absence de cavernes, on n'a pu trouver jusqu'à présent, dans cette région, des vestiges authentiques du paléolithique supérieur; mais le paléolithique inférieur y abonde.

Dans la province de Minho, on a trouvé jusqu'à cette date vingt stations paléolithiques, les unes situées de long de la côte atlantique, entre les fleuves Minho et Lima, les autres sur la rive gauche du premier de ces fleuves et sur la rive droite du second, ainsi qu'il est indiqué sur la carte (fig. 1). Toutes ces découvertes ont été faites à partir de l'année 1928. Sur la rive droite du Minho, en territoire espagnol, on a rencontré aussi quatre stations.

Toutes les stations sont de surface, et leur matériel est taillé en quartzite, qui abonde dans cette région, où manque le silex.

Des toutes les stations ci-dessus nommées, la plus importante et, sans aucun doute, celle de Carreço, dont je prends la liberté de vous faire voir quelques objets. Toutes les pièces, assez nombreuses, recueillies à Carreço sont remarquables par la perfection de la taille; c'est ce qu'en Portugal on a trouvé de mieux en quartzite. Par là, on peut reconnaître l'évolution du *coup-de-poing* dans cette contrée. Outre les *coups-de-poing*, du type de Chelles et de Saint-Acheul, on y trouve des pointes du type du Moustier, des grattoirs, des disques, etc. et beaucoup d'éclats de quartzite, qui, à cause de leurs petites dimensions et de la matière dont ils sont faits n'ont pu supporter la taille prolongée des éclats en silex.

Pour ce motif et par l'absence de stratigraphie, puisque, comme je l'ai déjà dit, toutes ces découvertes sont en surface, on ne peut pas faire, sur elles, de sérieuses conjectures.

L'abondance et le type du matériel ne sont pas toujours les mêmes dans toutes les stations de Minho. Dans celles de l'intérieur (Peso, Ganfei, Fontoura), le type est celui de Chelles, la taille étant plus

grossière et le matériel trouvé peu abondant. Près de l'embouchure du fleuve Minho, commence à paraître le type de Saint-Acheul et le matériel trouvé est plus nombreux (Vilar de-Mouros et Lanhelas). Sur le littoral, à Arcosa et Moledo, le matériel ressemble beaucoup à celui de la station espagnole de Camposancos, sur la rive droite du Minho, en face de Caminha.

Comme je l'ai déjà dit, à Carreço abondent les trois types: de Chelles, de Saint-Acheul et du Moustier. Il faut espérer que l'avenir fera disparaître la solution de continuité qui persiste encore dans cette région, et qui sépare la civilisation du type asturien de celle du paléolithique inférieur.

NOTA SOBRE O PALEOLÍTICO DE CARREÇO (*)

A existência do paleolítico galaico-minhoto parece ter sido posta em dúvida por alguns arqueólogos de Além Minho, a julgar pelas ideias expostas em estudos ultimamente publicados. Essa dúvida transpuz mesmo já os Pirinéus, mas uns e outros ajuizaram pelo simples confronto de figuras e não pelo exame directo de objectos.

Tentando aplanar algumas dessas dissidências, apresentei uma pequena comunicação sobre o paleolítico do Minho ao XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistóricas e IV Sessão do Instituto Internacional de Antropologia realizado em Coimbra-Porto em Setembro do ano passado, mostrando instrumentos paleolíticos e tipo asturiense da estação de Carreço.

Era diminuto, é certo, o número de arqueólogos espanhóis naquele congresso, não deixando por isso de os haver do maior renome — Cabré, Pérez de Barradas — que examinando os objectos dos dois tipos por mim apresentados, não puzeram a menor dúvida nos do paleolítico. Outros arqueólogos estrangeiros como Siret, Reygasse, Begouën, Verneau, Vaufrey, Rellini, Burkitt, Kleyweg de Zwaan, Cottevieille, etc., para não citar outros, foram também unânimes em que se tratava de verdadeiros objectos paleolíticos, fazendo uma diferença absoluta dos do tipo asturiense (1). Para que mais uma vez se discuta este problema que interessa

(*) Trabalho apresentado à Asociación Española para el Progreso de las Ciencias.

(1) Para demonstrar a diferença que existe entre o material paleolítico e tipo asturiense de Carreço, apresentei ao Congresso de Paris deste ano uma

de perto não só a todos os arqueólogos ribeirinhos do Minho, mas de toda a península, trago a esta douta assembleia alguns instrumentos paleolíticos da estação de Carreço, para sobre eles ouvir a palavra autorizada de V. Ex.^{as}.

Fica Carreço situado no litoral do Atlântico, a cerca de um terço do caminho entre a foz do Lima e do Minho, no sopé do monte que hoje se encontra coroado pelo farol de Montedor.

É uma estação de superfície, sem flora nem fauna local que em camadas estratigráficas nos marque com segurança o clima e o meio em que vivia o homem que utilizou tais instrumentos.

Contendo material tipo asturiense de permeio com o paleolítico (2), não é uma estação pura como por exemplo as típicas sbaikienses encontradas por M. Reygasse no norte de África que não continham mescla de restos arqueológicos posteriores (3).

Carreço, à parte um hiatus que teima em se mostrar no paleolítico superior, apresenta ainda em diversos locais da povoação vestígios de uma continuidade de civilizações que se prolongam até aos tempos de hoje.

A pesar de ser uma estação de superfície não podemos pôr de parte o estudo do seu material lítico, e deixar de tomá-lo em devida consideração comparando-o com o de outras que contenham estratigrafia.

Temos portanto de recorrer em Carreço, como na maioria das estações paleolíticas portuguesas e em muitas estrangeiras, à simples comparação dos objectos achados.

Escudemo-nos em quatro figuras eminentes da arqueologia, G. e A.

comunicação com o título: «Note sur les industries paleolithiques et mésolithiques de la province de Minho (Portugal)».

Outros arqueólogos como Hernández Pacheco, Absolon, Peyrony, etc., se mostraram de acordo com a existência de paleolítico e sua diferença flagrante do tipo asturiense.

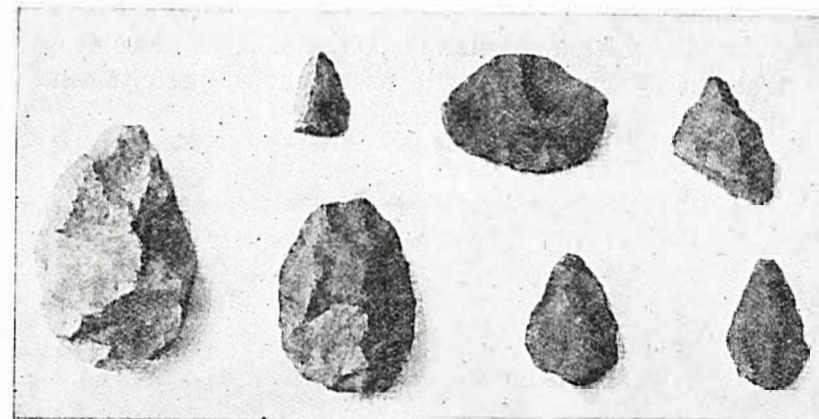
(2) Tenente Afonso do Paço, «Estação paleolítica de Carreço». *Brotéria*, vol. IX, fasc. III. Lisboa, 1929.

Idem, «Estação asturiense de Carreço». *Brotéria*, vol. X, fasc. III e IV. Lisboa, 1930.

(3) Maurice Reygasse, «Programme de recherches Sahariennes-Prehistoriques et Ethnographie». Alger, 1930.

de Mortillet (4), J. Déchelette (5) e Hugo Obermaier (6) e vejamos alguns dos requisitos por eles requeridos para objectos de paleolítico inferior:

Chelense: O seu instrumento característico é o *coup-de-poing* de sílex ou quartzite, talhado a grandes lascas sobre as duas faces (ocupando-as este talhe na totalidade ou deixando no talão uma parte



Figs. 1-7 — Instrumentos paleolíticos de Carreço.

do cortex natural), bordos em zig-zag, forma de amêndoa, triangular ou lanceolada.

Acheulense: *Coups-de-poing* de talhe mais perfeito que os anteriores, bordos quase rectilíneos, peso menor, forma oval ou de linguado, sendo notáveis uns «de 0,06 m a 0,09 m de comprimento, lanceolados, de base grossa e ponta fina...» (7).

(4) G. et A. de Mortillet, «Le préhistorique; origine et antiquité de l'homme». 3eme ed. Paris, 1900.

(5) Joseph Déchelette, «Manuel de archéologie préhistorique celthique et gallo-romaine: I — Archéologie Préhistorique». 2.ª ed. Paris, 1928.

(6) Hugo Obermaier, «El hombre fósil». 2.ª ed. Madrid, 1925.

(7) H. Obermaier, *op. cit.*

Para as pontas *mustierenses* requerem a conservação do bolbo de percussão na face inferior e retoque no superior além da base truncada e para os raspadores, trabalho apenas sobre uma das faces.

Ora todos esses requisitos encontrarão os Ex.^{mos} congressistas nos instrumentos que tenho a honra de apresentar (figs. 1-7), esperando sobre eles ouvir a vossa opinião autorizada.

É certo que, sendo todos talhados em quartzite, não podem de maneira nenhuma conter a perfeição dos seus similares de sílex.

Outra característica apresentam os objectos paleolíticos de Carreço: é serem trabalhados numa quartzite acastanhada, perfeitamente diferente da dos instrumentos asturienses.

SUBSÍDIOS PARA UMA BIBLIOGRAFIA DO PALEOLÍTICO E EPIPALEOLÍTICO PORTUGUÊS

UMA das maiores dificuldades de quem deseja estudar conscientemente um assunto é saber onde o mesmo vem tratado e a maneira como foi encarado pelos diferentes autores que dele se ocuparam.

Para obviar em parte essa dificuldade no que respeita ao *Paleolítico e Epipaleolítico português*, propus-me coligir os elementos bibliográficos que a seguir vão e que, começando no *Chalossence* ⁽¹⁾ os levo até aos *Kjökkenmoëdings* do Muge, pois daí em diante, no que respeita ao *Preneolítico*, já a bibliografia está cuidadosamente estudada pelo ilustre arqueólogo portuense Sr. Dr. Rui de Serpa Pinto ⁽²⁾. Ponho aqui de parte a expressão *Mesolítico*, já por mim empregada ⁽³⁾, para melhor determinar o final deste trabalho e o separar do do engenheiro Rui de Serpa Pinto. Não tenho a pretensão de que este seja obra completa. Longe de mim tal ideia. É ele apenas um simples subsídio.

(1) Nova indústria paleolítica anterior ao chelense. O seu nome foi pela primeira vez empregado em Portugal — pelo menos que eu o saiba — pelo Sr. P. J. Jalhay na Sessão de Arqueologia Pre-histórica da Associação dos Arqueólogos Portugueses de 18 de Junho de 1931 (veja-se o relato no *Diário de Notícias* de 17 de Julho de 1931).

(2) Rui de Serpa Pinto, *Bibliografia do Asturiense*. «Portucale», vol. III, n.º 17. Porto, 1930.

(3) Tenente Afonso do Paço, *Note sur le industries paléolithiques et méso-lithiques de la province de Minho (Portugal)*. Comunicação ao XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica. Paris, 1931.

Surgiu a sua organização com a necessidade que tive de consultar a bibliografia do paleolítico e epipaleolítico português para um estudo que estou preparando (*).

Dar-lhe maior desenvolvimento com um sumário de cada obra, no que se refere a estas indústrias, foi a princípio meu intento, mas era abusar de mais da hospitalidade de uma revista que me abre hoje as suas portas e a quem apresento as minhas saudações na pessoa dos seus dirigentes.

Alguns dos números coligidos não tratam propriamente de indústrias paleolíticas e epipaleolíticas, mas estudam a fauna e flora quaternária de determinadas estações. Outros, apenas se lhes referem ligeiramente. Como todos podem conter elementos de apreço para os estudiosos aqui os deixo exarados.

- 1 — Antunes (Lereno) — «Paleolítico de Elvas». *O Archeólogo Português*, vol. XXVII. Lisboa, 1929, pág. 182.
- 2 — Boule (M.) — «Les Hommes Fossiles». 2.^a ed. Paris, 1923.
- 3 — Boule (M.) — Análise de 1939. *L'Anthropologie*, tome XL. Paris, Março, 1931.
- 4 — Breuil (H.) — «Glanes paleolithiques anciennes dans le bassin du Guadiana». *L'Anthropologie*, tome XXVII. Paris, 1917, pág. 8.
- 5 — Breuil (H.) — «Impressions de voyage paléolithique à Lisbonne». *Terra portuguesa*, vol. III. Lisboa, 1918.
- 6 — Breuil (H.) — «La station paléolithique ancienne d'Arronches (Portalegre)». *O Archeólogo Português*, vol. XXIV. Lisboa, 1920.
- 7 — Cabral (Frederico de Vasconcelos Pereira) — «Résumé d'une étude sur quelques dépôts superficiels du bassin du Douro. Presence de l'homme. Vestiges d'action glaciaire». *C.-R. Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*. IX.^e Session. Lisbonne, 1880, pág. 156.
- 8 — Cabral (Frederico de Vasconcelos Pereira) — «Estudo de depósitos superficiais da bacia do Douro». *Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal*. Lisboa, 1881.

(*) *Estações paleolíticas e epipaleolíticas de Portugal*.

- 9 — Cardoso (Fonseca) — «Nota sobre uma estação cheleana do Vale de Alcantara». *Revista de Sciencias Naturais e Sociais*. Porto, 1895.
- 10 — Cartailhac (Emile) — «Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. 1880». *Matériaux*, Paris, 1880, pág. 489 e seg.
- 11 — Cartailhac (Emile) — «Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal». Paris, 1886, pág. 29.
- 12 — Ceuleneer (Ad. de...) — «Le Portugal — Notes d'Art et d'Archeologie». Anvers, 1882.
- 13 — Choffat (Paul) — «Étude géologique du Tunnel du Rocio — Contribution a la connaissance du sous-sol de Lisbonne». *Memoires de la Commission des Travaux Géologiques du Portugal*, tomo IV. Lisboa, 1889.
- 14 — Choffat (Paul) — «Note sur les tufs de Condeixa et la découverte de l'Hippopotame en Portugal». *Comissão dos Trabalhos Geológicos*, tomo III. Lisboa, 1895.
- 15 — Choffat (Paul) — «Exploitation du silex à Campolide aux temps neolithiques». *O Archeólogo Português*, vol. XII. Lisboa, 1907, pág. 338.
- 16 — Correia (A. A. Mendes) — «Instrumentos paleolíticos dos arredores de Lisboa». *Gente Lusa*, n.º 3 (2.^a Série). Granja, 1916.
- 17 — Correia (A. A. Mendes) — «Raça e nacionalidade». Porto, 1919, pág. 37.
- 18 — Correia (A. A. Mendes) — «Os povos primitivos da Lusitânia». Porto, 1924, pág. 149.
- 19 — Correia (A. A. Mendes) — «A sepultura neolítica do Vale das Lages e os eólitos de Ota». *Butll. de la Ass. Cat. d'Antr. Etnol. i Preh.* — III. Barcelona, 1925.
- 20 — Correia (A. A. Mendes) — «O homem terciário em Portugal». *Lusitania*, vol. III, fasc. IX. Lisboa, 1926.
- 21 — Correia (A. A. Mendes) — «Nouvelles recherches sur l'homme tertiaire en Portugal». *III Session de l'Institut International d'Anthropologie*. Amsterdam, 1927.
- 22 — Correia (A. A. Mendes) — «A Lusitania pre-romana». *História de Portugal — Edição Monumental*, vol. I. Barcelos, 1928, pág. 103.

- 23 — Correia (A. A. Mendes) — «A geografia da pre-história». Porto, 1929, pág. 69.
- 24 — Correia (Vergílio) — «Lisboa Prehistórica». II. Lisboa, 1912, pág. 9.
- 25 — Correia (Vergílio) — «Facas e raspadores da região paleolítica de Monsanto I». *O Archeólogo Português*, vol. XVIII. Lisboa, 1912, pág. 275.
- 26 — Correia (Vergílio) — «O paleolítico em Portugal». *O Archeólogo Português*, vol. XVII. Lisboa, 1912.
- 27 — Correia (Vergílio) — «O paleolítico português — Descobrimientos». *Terra Portuguesa*, vol. II, n.º 21 e 23. Lisboa, 1917.
- 28 — Correia (Vergílio) — «O paleolítico de Monsanto». Comunicação ao XV Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique — IV Session de l'Institut International d'Anthropologie. Coimbra-Porto, 1930.
- 29 — Costa (Marques da) — «As estações pre-históricas dos Arredores de Setúbal». *O Archeólogo Português*, vol. VII. Lisboa, 1902, pág. 281.
- 30 — Costa (Marques da) — «Estações pre-históricas dos Arredores de Setúbal (Continuação)». *O Archeólogo Português*, vol. XII. Lisboa, 1907, págs. 326-331-332.
- 31 — Costa (Pereira da) — «Notícia sobre esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda». Lisboa, 1865.
- 32 — Costas (Manuel Fernandez) — «Notas en col do asturiense na bisbarra d'A Guardia». *Nós*, n.º 83, pág. 212. A. Cruña, 1930.
- 33 — Dèchelette (Joseph) — «Manuel d'Archéologie préhistorique Celtique et Gallo-romaine», vol. I, 2.ª ed. Paris, 1928, pág. 89 (nota).
- 34 — Delgado (Nery) — «Notícia acerca das grutas de Cesareda». *Estudos Geológicos*. Op. I. Lisboa, 1867.
- 35 — Delgado (Joaquim F. N.) — «La grotte de Furninha à Peniche». *C.-R. Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*. IX.ª Session. Lisbonne, 1880, pág. 207.
- 36 — Delgado (Nery) — «Les silex tertiaires d'Otta». *C.-R. Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*. Paris, 1889.

- 37 — Depèret — «Note sur l'existence d'anciens glaciers dans la vallée du Mondego». *Comunicações da Comissão dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo III. Lisboa, 1895-1896.
- 38 — Espasa-Calpe — «España». Barcelona, 1925, págs. 850 e 857.
- 39 — Figueiredo (António Mesquita de) — «Nota sobre duas estações paleolíticas». *Revista de Guimarães*, vol. XXXII, n.º 2. Guimarães, 1922, pág. 161.
- 40 — Fontes (Joaquim) — «Estação paleolítica do Casal do Monte». Lisboa, 1910.
- 41 — Fontes (Joaquim) — «Indústrias paleolíticas do Casal do Monte». *Materiais...*, vol. I, n.º 2. Leiria, 1910.
- 42 — Fontes (Joaquim) — «Estação paleolítica do Casal do Monte». *O Archeólogo Português*, vol. XV. Lisboa, 1910, pág. 93.
- 43 — Fontes (Joaquim) — «Contribution à l'étude de la période paléolithique en Portugal». *C.-R. VII.ª Congrès Préhistorique de France*. Nîmes, 1911.
- 44 — Fontes (Joaquim) — «Trois coups de poing acheuleans du Portugal». *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, vol. IX, 1912.
- 45 — Fontes (Joaquim) — «Note sur le mousterien au Portugal». *C.-R. du Congrès Préhistorique de France*. Angoulême, 1912.
- 46 — Fontes (Joaquim) — «Estação paleolítica do Casal da Serra». *Revista de História*, vol. I, n.º 3. Porto, 1912.
- 47 — Fontes (Joaquim) — «Sobre três coups-de-poing do Casal do Monte e Moinho das Cruzes». *Revista de História*, vol. I, n.º 4. Porto, 1912.
- 48 — Fontes (Joaquim) — «Subsídios para o estudo do paleolítico português». *O Archeólogo Português*, vol. XVII. Lisboa, 1912.
- 49 — Fontes (Joaquim) — «Sur quelques types inédits de coups de poing du Portugal». *C.-R. Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*. XIV.ª Session. Gêneve, 1912.
- 50 — Fontes (Joaquim) — «Instruments paléolithiques des environs de Porto». *Boletim da Sociedade Portuguesa de Sciencias Naturais*, tomo VII. Lisboa, 1915.
- 51 — Fontes (Joaquim) — «Note sur le chélleen de Casal do Monte». *Boletim da Sociedade Portuguesa de Sciencias Naturais*, tomo VII. Lisboa, 1915.

- 52 — Fontes (Joaquim) — «Station paléolithique de Mealhada». *Comunicações do Serviço Geológico de Portugal*, tomo XI. Lisboa, 1915.
- 53 — Fontes (Joaquim) — «Instruments paléolithiques dans la collection de préhistoire du Service Geologique — Note sur le dépôt quaternaire de Furninha». *Comunicações do Serviço Geológico de Portugal*, tomo XII. Lisboa, 1916.
- 54 — Fontes (Joaquim) — «Instruments paléolithiques dans la collection de préhistoire du Service Geologique — Instruments paléolithiques dans les environs de Santo Antão do Tojal». *Comunicações do Serviço Geológico de Portugal*, tomo XII. Lisboa, 1916.
- 55 — Fontes (Joaquim) — «Instruments paléolithiques dans la collection de préhistoire du Service Geologique — Instruments paléolithiques des environs de Porto». 2.^o edition. *Comunicações do Serviço Geológico de Portugal*, tomo XII. Lisboa, 1916.
- 56 — Fontes (Joaquim) — «Instruments paléolithiques dans la collection de Préhistoire du Service Geologique — Les instruments paléolithiques de Leiria». *Comunicações do Serviço Geológico de Portugal*, tomo XII. Lisboa, 1916.
- 57 — Fontes (Joaquim) — «Emile Cartailhac — Notícia Necrológica». *Jornal de Sciencias Naturais*, vol. II. Lisboa, 1922.
- 58 — Fontes (Joaquim) — «O homem fóssil em Portugal». *Jornal de Sciencias Naturais*. Ano II, n.^{os} 2, 3 e 4. Lisboa, 1922.
- 59 — Fontes (Joaquim) — «O homem fóssil em Portugal». *Colecção Natura*. Lisboa, 1923.
- 60 — Fontes (Joaquim) — «Estação paleolítica de Camposancos (Pontevedra — Espanha)». *Brotéria*, vol. I, fasc. I. Caminha, 1925.
- 61 — Fontes (Joaquim) — «Estação paleolítica de Camposancos (Pontevedra — Espanha)». *Boletim de la Comission Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*, tomo VII, n.^o 160. Orense, 1925.
- 62 — Fontes (Joaquim) — «Uma excursão arqueológica à Galiza». *Arqueologia e História*, vol. V. Lisboa, 1928, pág. 25.
- 63 — Fontes (Joaquim) — «O Casal do Monte: Estação paleolítica». Inédito.
- 64 — Fortes (José) — «Les éolithes du Portugal». *Bulletin de la Société Préhistorique de France*. Le Mans, 1905.

- 65 — Garcia (Julian Lopez) — «La citania de Santa Tecla o una ciudad pre-histórica desenterrada». *La Guardia*, 1927, pág. 80.
- 66 — Gimpera (P. Bosch) — «La Arqueologia pre-romana hispanica». Apêndice à tradução da «Hispania» de A. Schulten. Barcelona, 1920, pág. 137.
- 67 — Gimpera (P. Bosch y Serra-Rafols) — «El Museo Archeológico de Barcelona». *IV Congreso Internacional de Archeologia*. Barcelona, 1929, pág. 9.
- 68 — Gimpera (Pedro Bosch) — «La prehistoria africana y el origen de los pueblos camitas». *Anuario de Prehistoria Madrileña*, vol. I. Madrid, 1930, pág. 12.
- 69 — Harlé — «Faune de la grotte à hyenes rayées de Furninha et d'autres grottes de Portugal». *Bulletin de la Société Geologique de France*. IV.^e série, 1909.
- 70 — Harlé (Edouard) — «Les mammifères et les oiseaux quaternaires connus jusqu'ici en Portugal». *Comissão dos trabalhos Geológicos de Portugal*, tomo VIII. Lisboa, 1910.
- 71 — Heer (Oswald) — «Contributions à la flore fossile du Portugal». Lisbonne, 1881.
- 72 — Heleno (Manuel) — «Antiguidades de Monte Real». *O Archeólogo Português*, vol. XXV. Lisboa, 1922, pág. 2.
- 73 — Heleno (Manuel) — «Cartailhac e a Arqueologia Portuguesa — Notícia necrológica». *O Archeólogo Português*, vol. XXV. Lisboa, 1922, pág. 133.
- 74 — Hervé (Georges) — «De l'existence d'un type humain à caractères vraisemblablement negroides dans les dépôts coquilliers mésolithiques de la vallée du Tage». *Revue Anthropologique*, n.^{os} 10 e 12. Paris, 1930, pág. 325 e seg.
- 75 — Ibero (José Maria) — «XV Congreso Internacional de Antropologia y Archeologia pre-histórica». *Iberica*, ano XVII, n.^o 849. Barcelona, Outubro de 1930.
- 76 — Ibero (José) — «XV Congreso Internacional de Antropologia y Arqueologia pre-histórica» in *Razon y Fé*, tomo 93, fasc. 3.^o. Madrid, Novembro de 1930, pág. 233.

- 77 — Jalhay (Eugénio) — «Algumas palavras sobre arqueologia. I — Noções sobre sciências pre-históricas: Pré-história e Proto-história». *Brotéria*, vol. XIX, fasc. II, Março de 1921, pág. 69 e seg.
- 78 — Jalhay, (Eugénio) — «Algumas palavras sobre arqueologia. II — O homem terciário: provas directas e indirectas». *Brotéria*, vol. XIX, fasc. VI. Lisboa, 1921, pág. 251 e seg.
- 79 — Jalhay (Eugénio) — «Algumas palavras sobre arqueologia. III — A idade da pedra lascada ou o periodo paleolítico». *Brotéria*, vol. XX, fasc. III. Maio de 1921, pág. 122 e seg.
- 80 — Jalhay (Eugénio) — «Algumas palavras sobre arqueologia. IV — Notas finais sobre o epipaleolítico». *Brotéria*, vol. XXI, fasc. V. Setembro de 1923, pág. 213 ss.
- 81 — Jalhay (Eugénio) — «Algumas notas sobre o Asturiense da Galiza». *Asociación Española para el Progreso de las Ciencias. Congreso de Barcelona*. VIII, pág. 191. Barcelona, 1929.
- 82 — Jalhay (Eugénio) — Análise de 138. *Brotéria*, vol. IX. Outubro de 1929, pág. 271.
- 83 — Lepierre (Charles) — «Análise de um osso de Mastodonte». *Técnica*. (Revista de Engenharia dos alunos do I. S. T.), n.º 29. Lisboa, 1930, pág. 379.
- 84 — Lima (Wenceslau) — «Oswald Heer e a flora fossil portuguesa». *Comissão dos Trabalhos Geológicos*, tomo I. Lisboa, 1898.
- 85 — Miranda (P.º José António Saraiva de...) — «Prémices du paléolithique à Arcos de Val de Vez (Minho)». Inédito.
- 86 — Morgan (Jacques de) — «L'Humanité Préhistorique». Paris, 1924. pág. 35 e 36.
- 87 — Mortillet (G.) — «Le Préhistorique». Paris, 1885, pág. 177.
- 88 — Natividade (Vieira) — «Grutas de Alcobaça». *Portugália*, vol. I. Lisboa, 1912.
- 89 — Nobre (A.) — «Étude geologique sur le bassin du Douro. *Memoires de la Société Malacologique de Belgique*, tome XXVII. Bruxelles, 1892.
- 90 — Obermaier (Hugo) — «El Hombre Fósil». 1.ª ed. Madrid, 1916.
- 91 — Obermaier (Hugo) — «Fossil Man in Spain». The Hispanic Society of América, New-Haven, 1924.

- 92 — Obermaier (Hugo) — «El Hombre Fósil». 2.ª edição. Madrid, 1925.
- 93 — Obermaier (Hugo) — «Der Mensch der Vorzeit». Berlim, 1912, pág. 164.
- 94 — Obermaier (Hugo) — «Die diluviale und altalluviale Steinzeit der Pyrenäenhalbinsel nach dem stande unsecres derzeitigen Wissens» in *Spanische Forschungen der Görresgesellschaft* — Erste reihe, 3 Band. Munster in Westfalem, 1930.
- 95 — Oliveira (Paula e) — «Notes sur les ossements humaines qui se trouvent dans la Musée de la Section Géologique de Lisbonne». C.-R. du *Congrès International d'Anthropologie e d'Archéologie Préhistoriques*. IX^e Session. Lisbonne, 1880, pág. 291.
- 96 — Oliveira (Paula e) — «Nouvelles fouilles faites dans les kjökkenmüedings de la vallée du Taje». *Comunicações da Comissão do Serviço Geológico*, tomo II, fasc. I. Lisboa, 1886.
- 97 — Oliveira (Paula e) — «Caracteres descriptivos dos crâneos de Cesareda». *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos*, vol. II, pág. 109 e seg.
- 98 — Paço (Tenente Afonso do) — «Estação paleolítica de Carreço». *Brotéria*, vol. IX, fasc. III. Setembro de 1929.
- 99 — Paço (Tenente Afonso do) — «Estação asturiense de Carreço». *Brotéria*, fasc. III e IV. Lisboa, 1930.
- 100 — Paço (Tenente Afonso do) — «O paleolítico no Minho». Comunicação ao *XV Congrès International d'Antropologie et d'Archéologie Préhistoriques* — IV^e Session de l'Institut International d'Antropologie. Coimbra-Porto, 1930.
- 101 — Paço (Tenente Afonso do) — «Note sur les industries paléolithiques et mesolithiques de la province de Minho (Portugal)». Comunicação ao *XV Congrès International d'Anthropologie et d'Arch. Preh.* — V^e Session de l'Inst. Int. d'Anthrop. Paris, 1931.
- 102 — Paço (Tenente Afonso do) — «Nota sobre o paleolítico de Carreço». Comunicação ao *Congresso da Associação Portuguesa para o progresso das Ciências*. Lisboa, 1931.
- 103 — Paris (Pierre) — «L'Archeologie en Espagne et Portugal». *Bulletin Hispanique*, tome XV, 1913, pág. 5.
- 104 — Pequart (Marthe et Saint-Just) — «Un gisement mesolithique en Bretagne». *L'Anthropologie*, tome XXXVIII. Paris, 1928.

- 105 — Pereira (Felix Alves) — «Antiquitus: VI-IX — Estação pré-histórica do Estoril». *O Archeólogo Português*, vol. XXI. Lisboa, 1916, pág. 210-211.
- 106 — Pereira (Felix Alves) — «Antiquitus XI-XII — Estação paleolítica de Alvejar». *O Archeólogo Português*, vol. XXI. Lisboa, 1916, pág. 225-229.
- 107 — Pereira (Felix Alves) — «Miscelânea Arqueológica: I — Achados Arqueológicos na Damaia (Arredores de Lisboa)». *O Archeólogo Português*, vol. XXI. Lisboa, 1916, pág. 343.
- 108 — Pereira (Felix Alves) — «Industries lithiques sur les rives de la lagune de Óbidos». *Bulletin de la Société Portugaise de Sciences Naturelles*, vol. VII. Lisboa, 1916.
- 109 — Pereira (Felix Alves) — «Catálogo do Museu Etnológico Português». *O Archeólogo Português*, tomo XXV. Lisboa, 1922.
- 110 — Pinto (R. de Serpa) — «O Asturiense em Portugal». *Trabalhos da Soc. Port. Anthropol. Etnologia*, vol. IV, fasc. I. Porto, 1928.
- 111 — Pinto (R. de Serpa) — «Bibliografia do professor Mendes Correia 1909-1928». (I da Bibliografia da pré-história portuguesa). Porto, 1929.
- 112 — Pinto (R. de Serpa) — «Nótulas asturienses: II» — *Trab. da Soc. Port. Ant. Etnologia*, vol. IV, fasc. III. Porto, 1930.
- 113 — Pinto (R. de Serpa) — «Bibliografia do Asturiense». (II da Bibliografia da pré-história portuguesa). *Portucala*, vol. III. Porto, 1930.
- 114 — Pires (Azevedo) — «Setúbal pré-histórica: Estações inéditas». *Diário de Notícias*. Lisboa, 3 de Setembro de 1930.
- 115 — Proença (Francisco Tavares... Júnior) — «Paleolítico de Leiria». *Materiais para o estudo das antiguidades portuguesas*, vol. I, n.º 2. Leiria, 1910.
- 116 — Proença (Francisco Tavares... Júnior) — «Indústrias paleolíticas do Casal do Monte: Resumée». *Materiais*. Ano I, n.º 2. Leiria, 1910.
- 117 — Ribeiro (Carlos) — «Descrição de alguns sílex e quartzites lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciário e quaternário das bacias do Tejo e Sado». Memória apresentada à Academia Real das Ciências. Lisboa, 1871.
- 118 — Ribeiro (Carlos) — «Sur les sílex taillés découverts dans les terrains miocène et pliocène du Portugal». *C.-R. du Congrès Inter-*

- national d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*. VI^e Session. Bruxelles, 1872.
- 119 — Ribeiro (Carlos) — «Formations tertiaires du Portugal». *C.-R. Congrès International de Géologie*. I^{er} Session. Paris, 1878.
- 120 — Ribeiro (Carlos) — «Discours du secrétaire du Congrès». *C.-R. Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*. IX^e Session. Lisbonne, 1880, pág. 81 e seg.
- 121 — Ribeiro (Carlos) — «L'homme tertiaire en Portugal». *C.-R. Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*. IX^e Session. Lisbonne, 1880, pág. 81 e seg.
- 122 — Ribeiro (Carlos) — «Les Kjoëkkenmoëdings de la vallée du Taje». *C.-R. Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*. IX^e Session. Lisbonne, 1880, pág. 279 e seg.
- 123 — Rocha (Santos) — «Catálogo do Museu da Figueira». 1905.
- 124 — Rocha (Santos) — «Catálogo do Museu da Figueira — Aditamento». 1910.
- 125 — Simões (Agostinho Filipe) — «Introdução à Arqueologia da Península Ibérica». Lisboa, 1878, pág. 28.
- 126 — Vallois (Henri V.) — «Recherches sur les ossements mésolithiques de Mugem». *L'Anthropologie*, tomo XL, pág. 357-389. Paris, 1930.
- 127 — Vasconcelos (J. Leite de) — «Portugal pré-histórico». *Biblioteca do povo e das escolas*, n.º 106. Lisboa, 1885.
- 128 — Vasconcelos (J. Leite de) — «Religiões da Lusitânia», vol. I. Lisboa, 1887, pág. 8 e seg. e 27 e seg.
- 129 — Vasconcelos (J. Leite de) — «Objectos paleolíticos do Casal do Monte». *Boletim da 2.ª classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. VIII. Coimbra, 1915.
- 130 — Vasconcelos (J. Leite de) — «História do Museu Etnológico Português». Lisboa, 1915.
- 131 — Vasconcelos (J. Leite de) — «Archeologia liceense». *O Archeólogo Português*, vol. XXII. Lisboa, 1917.
- 132 — Vasconcelos (J. Leite de) — «Objectos paleolíticos de Arronches remetidos ao Museu Etnológico pelo Sr. P.^o H. Breuil». *Archeólogo Português*, vol. XXIV. Lisboa, 1920, pág. 56.

- 133 — Vasconcelos (J. Leite de) — «Instrumento paleolítico de Leiria. *O Arqueólogo Português*, vol. XXV. Lisboa, 1922, pág. 133.
- 134 — Vasconcelos (J. Leite de) — «Descobridores de Monsanto». *O Arqueólogo Português*, vol. XXV. Lisboa, 1922, pág. 178.
- 135 — Vasconcelos (J. Leite de) — «Descobridores de Monsanto». *O Arqueólogo Português*, vol. XXVI. Lisboa, 1924, pág. 350.
- 136 — Vasconcelos (J. Leite de) — «De terra em terra». Vol. I. Lisboa, 1927, pág. 159.
- 137 — Vaufray (R.) — «Variétés» (C.-R. das Comunicações do Congresso Coimbra-Porto). *L'Anthropologic*, tome XLI. Paris, Mars, 1931, págs. 111-112-113.
- 138 — Viana (Abel) — «Estação asturiense de Areosa-Viana do Castelo». *Portucale*, vol. II. Porto, 1929.
- 139 — Viana (Abel) — «Estações paleolíticas do Alto Minho». *Portucale*, vol. III. Porto, 1930.
- 140 — Viana (Tomás Simões) — «O homem pré-histórico no aro de Viana do Castelo». Inédito.

Estoril, Agosto de 1931.

XV CONGRESSO INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA PRE-HISTÓRICA (*)

I — GENERALIDADES

QUANDO o ano passado se realizou em Coimbra-Porto o XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica, comemorando o cinquentenário doutro do mesmo nome que em 1880 se celebrou em Lisboa e reatando a sequência destes congressos de tão notáveis tradições que a guerra interrompeu, propuzeram os arqueólogos franceses e os outros logo aceitaram, que aquela reunião tão brilhante não terminasse ali, mas que, havendo no ano seguinte em Paris a Exposição Colonial, uma terceira sessão tivesse então lugar na capital de França, prosseguimento das da Lusa Atenas e cidade Invicta.

Dando cumprimento a essas decisões ⁽¹⁾ realizou-se este ano em Paris de 20 a 27 de Setembro uma sessão extraordinária, continuação do XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica, e V Sessão do Instituto Internacional de Antropologia.

Foram as três reuniões bastante dissemelhantes. Enquanto que as de Coimbra e Porto decorreram no meio de grandes festas e da maior familiaridade, não o foi tanto assim este ano, porque sendo Paris uma cidade enorme, impossível era manter-se o contacto das ribeiras do Mondego e Douro.

Todavia tudo correu muito bem e o Sr. L. Marin, ilustre presidente do I. I. de Antropologia pode dar-se por satisfeito da obra realizada.

(*) Trabalho publicado na revista *Arqueologia e História*, vol. X.

⁽¹⁾ De 21 e 27 de Setembro de 1930.

Teve lugar a sessão inaugural às 3 h. da tarde do dia 20 de Setembro, na sala dos congressos da «Cité» de Informações da Exposição Colonial. Presidiu o chefe de estado Sr. Doumer que foi muito vitorioso ao chegar ao recinto da Exposição, pois sendo domingo, a afluência de visitantes era muito grande nesse dia ao certame de Vincennes. Assistiu ainda o Sr. Petsche, sub-secretário de estado das Belas-Artes que representava o governo, o Marechal Lyautey e muitas individualidades em destaque no meio político e científico francês.

O Sr. Presidente da República abriu a sessão falando em primeiro lugar o Sr. L. Marin que agradeceu a presença do chefe de Estado e representante do ministério, saudando Lyautey e as delegações de todos os países.

Depois foi dada a palavra aos delegados dos diferentes governos, tendo falado como enviado especial do nosso o professor da Universidade do Porto Sr. Dr. Mendes Correia que num brilhante discurso enalteceu o papel de Portugal no descobrimento de terras e raças desconhecidas, citando por exemplo a referência dos «Lusiadas» ao primeiro contacto dos nossos navegadores com os representantes da raça bochimane-hotentote. Agradeceu aos franceses a oportunidade que, com o Congresso e Exposição Colonial, se nos proporcionava de pôr em evidência o nosso papel civilizador. Exaltou a acção da França no progresso dos estudos antropológicos e estabeleceu uma aproximação entre os princípios orientadores das políticas coloniais de Portugal e França, pois os dois países não consideram os indígenas como servos, mas como colaboradores espontâneos e úteis da glória da metrópole. Embora admitindo necessariamente diferenças psicológicas e sociais entre eles e os cidadãos da mãe pátria, esforçam-se por os trazer tanto quanto possível ao nível e ao génio destes.

Escusado será dizer que este discurso do mui ilustre antropologista portuense calou fundo na alma da assistência sendo por todos muito aplaudido.

Depois da sessão inaugural houve uma assembleia geral dos congressistas para escolha dos presidentes de honra e efectivo do Congresso e presidentes e secretários das secções. Foi nomeado presidente de honra, além do chefe de estado francês o nosso eminente professor Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos e presidente efectivo o professor da

Universidade de Gênebra Sr. E. Pittard. Teve ainda esta assembleia de decidir se no futuro, o Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica continuaria ou não anexo ao Instituto Internacional de Antropologia, sendo ela de parecer que *sim*.

A modo de parentesis cabe aqui dizer, que esta fusão não agrada aos arqueólogos germânicos, ingleses, alguns espanhóis e franceses que protestando contra ela, se reuniram em Berne em 28 de Maio deste ano (*), dando por caduco o Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica a quem, reconhecendo as mais gloriosas tradições, acharam não satisfazer ao desenvolvimento científico actual, e criaram em seu lugar o Congresso Internacional das Ciências Pre-históricas e Proto-históricas, que se reunirá pela primeira vez em Londres, no próximo ano de 1932, de 1 a 7 de Agosto. Apareceu portanto um novo Congresso Internacional, patrocinado pelos arqueólogos de maior renome da Europa central e ocidental, vigoroso e prometedor que certamente faria desaparecer a aliança votada em Amsterdam em 1927.

Porém, o voto acima referido da assembleia de 20 de Setembro, deu vida a aquele velho Congresso, e o futuro dirá dos seus bons ou maus resultados. Como complemento desse voto reuniu em 25 do mesmo mês uma segunda assembleia geral para assentar na maior amplitude a dar-lhe e possível reforma dos estatutos do I. I. A.

*

O número de congressistas deste ano não era nada inferior ao do ano passado. Faltando nomes consagrados como Verneau (doente), Matiegka, Svamera, Sergi, Rellini, Stolywho, Mme. Stolyhowa, P.^o Jahlhay, Cabré, Perez de Barradas, Kleiweg de Zwaan, Conde de Pellati, Ballestra, Leite de Vasconcelos, Vaufrey, Van Loon, Virgílio Correia, Siret, Burkitt, etc., outros apareceram de novo como, P.^o H. Breuil, P.^o Bouyssonie, Absolon, Van Gneep, Mme. Vicrey, Peyrony, Dharvent, Lenoir, Berger, Herig, P.^o Drioton, Conde du Mesnil du Buisson, etc.

Todavia dos que faltaram muitos enviaram comunicações científicas. A representação portuguesa era diminuta: Além do professor Men-

(*) «L'Anthropologie», tome XLI. Paris, Julho de 1931.

des Correia, havia o Sr. Dr. Alberto de Souto director do Museu de Aveiro, Sr. Almiro do Vale e o signatário destas linhas, e ainda algumas senhoras aderentes como a senhora de Mendes Correia, a Sr.^a D. Maria de Lourdes Albuquerque, a Sr.^a Dr.^a D. Maria João Lopes do Paço.

II — TRABALHOS

Funcionaram no Congresso 5 Secções, que reuniam da parte da manhã, pois a tarde era aproveitada para visitas a museus, Exposição Colonial e excursões.

- 1.^a Secção — *Antropologia morfológica e funcional, Estudo das raças, Grupos sanguíneos*. Reuniu 4 vezes e foram-lhe presentes cerca de 47 trabalhos dos quais dois com projecções.
- 2.^a Secção — *Pre-história*. Foram-lhe presentes cerca de 60 comunicações, das quais 4 com projecções. Reuniu todos os dias.
- 3.^a Secção — *Eugénica, Hereditariedade e Selecção*. Reuniu um dia e teve umas 6 comunicações.
- 4.^a Secção — *Psico-sociologia e criminologia*. Reuniu 2 dias e teve uns 6 trabalhos.
- 5.^a Secção — *Étnica Geral, Etnografia, Linguística, Etnografia religiosa*. Reuniu todos os dias e foram-lhe presentes uns 78 trabalhos, dos quais 6 com projecções.

A representação portuguesa fez-se com duas comunicações à 1.^a secção, cinco à 2.^a e duas à 5.^a.

Havendo apenas trabalhos da parte da manhã, começando umas vezes mais tarde que a hora fixada e demorando outras mais que o tempo regulamentar, quer pela sua extensão, quer pelas discussões levantadas, uma boa percentagem de comunicações da 2.^a e 5.^a secções não poderem sequer ser lidas.

Todas as reuniões tiveram lugar na Faculdade de Medicina, excepto a do primeiro dia de Pre-história, dedicada à África, que se realizou no Museu Permanente da Exposição Colonial.

Dentre as comunicações seja-me lícito dizer duas palavras das

portuguesas, já que para Portugal escrevo, e um resumo de algumas estrangeiras.

1.^a SECÇÃO

M. Benoit et Dr. Kossovitch — 1.^o *Recherches anthropologiques sur les Berberes: Hoggar-Djerba-Maroc*. — 2.^o *Recherches anthropologiques sur les Israélitas du Maroc*.

Dr. Kossovitch — *Recherches anthropométriques sur les Arabes de Gabés (Tunisie)*.

M. Benoit et Dr. Kossovitch — *Recherches sérologiques sur les Berbères: Hoggar-Djerba-Maroc*.

O Instituto Internacional de Antropologia organizou uma expedição ao norte de África, a fim de se fazerem estudos científicos para a Exposição Colonial e Congresso de Paris.

Eis em resumo alguns dos resultados das observações do Dr. Kossovitch e M. Benoit, em Djerba (Tunisia), em Hoggar e sobretudo nas tribus berberes de Marrocos (Rif, Djebala, região de Taza, de Fez e Alto Atlas) baseados sobre o índice bioquímico das raças, mostrando que estas são heterogêneas debaixo do ponto de vista craniológico.

Há entre os berberes muitas cabeças de judeus (semitas de grande naris).

As experiências mostram duma parte que as raças berberes são «povos intermediários entre a Ásia e a Europa» com predominância do grupo bioquímico asiático e doutra parte que se libertam das populações de origem antiga. Elas mostram o que seria a mistura de raças na Ásia Menor, nesse grande *foyer* de civilizações pré-israelitas de que os berberes de hoje constituem o resíduo isolado na África do Norte. A não ser que se queira ver na África, ponto que parece inadmissível, a origem das populações que se espalharam pela Ásia Menor.

Das suas exposições se conclue que várias correntes migratórias vieram da Ásia para a África em épocas diferentes, talvez no 3.^o ou 2.^o milenário.

R. Cottevielle-Giraudet — Este distinto egiptólogo que em Coimbra se ocupou da semelhança dos peles vermelhas da América do Norte com

o homem de Cro-Magnon, apresentou: 1.º *A propos de la classification des races*; 2.º *Les Peaux Rouges dolichocéphales de l'Est Américain (caractères physiques; affinités paléoeuropéennes)*.

Pierre Abraham — Este distinto psicólogo apresentou: *La description des personnages exotiques chez quelques écrivains français et anglais*.

M.^{me} Stolyhowa e K. Stolywho — Estes dois polacos, que como disse não compareceram no congresso, não deixaram de enviar trabalhos seus, como: K. Stolywho: *L'hérédité de la taille chez les émigrés polonais à Paroná*.

M.^{me} Stolyhowa — *Sur le thème de la sélection conjugale chez les émigrés polonais à Paroná*.

Coronel A. Constantin — Apresentou: *L'urgence et l'utilité pratique d'une grande enquête internationale*.

Eugène Pittard — *Contribution à l'étude anthropologique des populations du Soudan français (documents réunis par Ernest Chantre), e l'Europe anthropologique doit être tendue plus à l'Est et comprend du moins la Turquie et la Perse*.

Barros e Cunha — *Sobre o crâneo de um Soba quioco da região do Saurino (Luanda)*.

Luiz de Pina — 1.º *La morphologie du crâne portugais*. — 2.º *Etude sur la morphologie du crâne égyptien*.

2.º SECÇÃO

M. Reygasse — Com aquela mestria que todos nós reconhecemos no distinto director do Museu do Bardo, em Alger, este notabilíssimo arqueólogo norte africano apresentou uma das mais importantes comunicações do Congresso. Sobre uma enorme carta paleolítica da África setentrional por ele desenhada, passou em revista e explicou todo o paleolítico norte africano. Exemplaes expostos nas vitrines juntas serviam de complemento à magistral lição que compreendia:

1.º) — *Distribution géographique et caractéristique des diverses industries préhistoriques sahariennes*.

2.º) — *Découverte d'une station paléolithique dans le Mouydir (Tiguilguemine)*.

3.º) — *Gravures et peintures inédites du Hoggar*.

4.º) — *Observations sur le paléolithique et le néolithique du Sahara Oriental (Fort Flatters)*.

O P.^o H. Breuil que nesse dia presidiu à secção, fez curiosas observações acerca desta civilização sahariana e produtos similares egípcios ultimamente descobertos. O P.^o Koehler notou a diferença entre o paleolítico estudado por Reygasse e o marroquino.

P.^o H. Koehler — *Note sur une industrie paléolithique à quartzites taillés de la région de Rabat-Maroc*. Com o seu hábito franciscano, sandálias e rosário pendente da cintura, o P.^o Koehler descreve-nos o material paleolítico encontrado em Rabat, perto da Residência, posto a descoberto pelas obras do campo de aviação. Quase todo de quartzite, os seus instrumentos são de uma técnica bastante rudimentar, que não tem igual nas 18 estações exploradas na zona de Tânger, mas muito de semelhante aos que H. Breuil assinalou em Taivilla bem como em outras estações da província de Santander, e parecem marcar uma transição entre o chelense primitivo e o mustierense grosseiro que se encontra em toda a costa do Atlântico. Há entre eles instrumentos amigdaloides que conservam o cortex em toda uma face, assemelhando-se a sua técnica em muito à asturiense.

P.^o Favret — *Les rites funéraires et la céramique congolaise vus par un fouiller marnais*. Esta comunicação feita por um padre francês tem para nós portugueses uma grande importância, pois trata da nossa colónia de Angola, comparando a civilização negra dos tempos actuais com europeias de tempos idos.

O trabalho não é seu, diz o P.^o Favret, mas de um missionário do Espírito Santo, o P.^o Bossus, que viveu durante muito tempo naquela nossa província e morreu há alguns anos. No seu espólio científico encontrou disperso o assunto que vai tratar, tendo-se limitado a pô-lo em ordem. O P.^o Bossus, conhecedor profundo das necrópoles gaulezas marnianas, comparou os ritos funerários, a cerâmica e os cemitérios destes com os dos indígenas de Mayombes de há mais de trinta anos, época em que foram feitas as observações.

Descreve os cemitérios destes indígenas de Angola, sua situação, maneira de enterrar os mortos, ritos funerários usados. O negro coloca

sobre a campa do seu chefe a cerâmica e loiça de luxo do defunto, que se quebra, para não a roubarem. Pergunta o autor se a cerâmica que aparece partida nos cemitérios gaulezes não seria quebrada ritualmente. Refere-se ao luxo dos indígenas comprando loiças, que não utilizam no seu uso, mas que apenas servirão para lhes ornamentar as sepulturas.

Compara a cerâmica dos pretos com a dos gaulezes, reconhecendo na destes últimos uma civilização mais adiantada, e acaba por estudar o seu fabrico e venda entre os indígenas do Congo português.

Este estudo do P.^o Favret, depois de publicado no *Compt-Rendu* do Congresso, merece ser divulgado no nosso meio científico.

Peyrony (pai e filho) — 1.^o *La Micoque et ses diverses industries*. 2.^o *Le solutréen et magdalénien du Pech de la Boissière, près Sarlat (Dordogne)*. Dado o nome do seu relator, foi também esta uma das importantes teses do Congresso. Nela se passou em revista a Micoque, o solutrense e magdalenense de Pech de la Boissière, com as suas fases industriais, estratigrafia, etc. Para esta última chamou Peyrony a atenção dos geólogos presentes, tendo-se travado viva e demorada discussão sobre o assunto.

M.^{me} Vicrey — *Les dolmens nord-africains et la civilisation primitive de l'occident*. M.^{me} Marcelle Vicrey, que vive no norte de África há alguns anos apresenta-nos conclusões curiosas sobre o problema complexo das origens do estilo dolmênico. Nas escavações a que se tem procedido diz terem-se encontrado esqueletos de raças muito diversas: egípcios das primeiras dinastias, tipos estranhos de características arianas. Estes tipos arianos, encontram-se nos mais belos monumentos enquanto que as sepulturas ordinárias não contêm senão líbicos. Aquela classe de eleitos, de dominadores estrangeiros, atribue a autora a introdução daquele estilo a que se chama ocidental. Passa em revista as estações doménicas do norte de África cujos nomes lhe fazem às vezes lembrar as lendas que correm em toda a parte onde se encontram estes monumentos. As mesmas leis de construções rituais observadas na Bretanha, Irlanda, Portugal, etc. são applicadas ao norte de África. Filia estas num pensamento profundamente místico e religioso.

Reygasse que sobre o assunto pediu a palavra expõe a sua ideia, de que seria a necessidade de proteger os mortos que levou os norte-africanos a construirem os seus túmulos.

R. Cottevieille Giraudet — *«La préhistoire de l'Égypte»*. Este jovem arqueólogo era bem conhecedor do assunto da sua comunicação, pois há bastante tempo que vive nas margens do Nilo fazendo parte da missão francesa que procede a escavações nos restos das civilizações faraónicas.

Nicolaescu-Plopser — *Les cultures mésolithiques en Olténie*. O autor apresentou objectos pertencendo a duas novas culturas mesolíticas que descobriu na Olténia (Romania) e a que chamou provisoriamente «Plopsoreene» e «Cleanoveenne».

Podem encontrar-se analogias entre esta civilização e a ibero-mauritana de M. Reygasse e o chwalihogovicien (Polónia) de Koslowsky. Não foi porém intenção do Sr. Nicolaescu encadear esta cultura noutras semelhantes, mas apenas trazer com o seu estudo um raio de luz «ao caos nebuloso do mesolítico».

Dharvent — 1.^o) *Pierres à représentation figurée du paléolithique*. 2.^o) *Présentation d'une petite série d'armes et d'outils en silex de l'époque Robenhausienne, recueillis dans la forêt sousmarine de la Point-aux-Oies, à Wimercaux*.

Foi uma das teses que mais viva discussão levantou, pois uma grande maioria dos pre-historiadores presentes negou-se a admitir que aquelas pedras que o Sr. Dharvent mostra há algumas dezenas de anos a Congressos, representassem animais, cabeças humanas, peixes, aves, etc. Nem os exemplares presentes nem as excelentes fotografias expostas conseguiram convencer a assembleia, destacando-se entre os mais cépticos Van Gneep. Acérrimos defensores havia porém, como o Sr. A. Bertin que também apresentou uma comunicação sobre assunto semelhante.

A. Bertin — *Présentation de pierres figures provenant des galeries souterraines pour le Métropolitain, des ballastieres des environs de Paris et des dragages de la Seine*. Comunicação no género da de M. Dharvent, que não chegou a ser lida. O seu autor esplanou-se sobre

ela por ocasião da discussão da anterior, não tendo porém conseguido convencer a assistência de que tais pedras representassem formas zoológicas.

Conde de Begouen, F. Benoit, Louis Begouen — *Fouilles dans les tumuli du Hoggar*.

M. Absolon — *Représentations idéoplastiques anciennes et nouvelles de femmes du paléolithique moravien. (Interprétation ethnologique comparative avec démonstrations)*.

Louis Begouen — *Compagne de fouilles 1930-1931 dans la caverne des Trois-Frères (Ariège)*.

P.^o Bouyssonie e M. Delsol — *La Corrèze préhistorique*.

Ugo Rellini — *La questione dell'origine degli Italici secondo i risultati delle ultime ricerche*.

Melle. Karpinska — *Recherches sur les tombes du cimetière d'Inowroclaw (époque romaine)*.

Mendes Correia — *Les nouvelles fouilles à Muge*. Muge é hoje um dos locais mais discutidos da nossa arqueologia pre-histórica. As escavações levadas a efeito com a maior mestria pelo Prof. Mendes Correia, acompanhado dos Drs. Santos Júnior e R. de Serpa Pinto encheram de entusiasmo os congressistas que o ano passado nos visitaram.

O ilustre antropologista portuense levou a este Congresso o resultado das últimas escavações, que lhe revelaram o aparecimento de esqueletos humanos no Cabeço da Amoreira, até então julgado estéril. Este importante trabalho teve no final do congresso uma nova sessão com projecções que muito ilucidaram a brilhante exposição feita.

R. de Serpa Pinto — 1.^o) *Sur le «tumbien» de l'Angola*. 2.^o) *La préhistoire de l'Afrique portugaise*. Este notável prehistoriador portuense indicou no primeiro dos seus trabalhos algumas descobertas recentes e inéditas da cultura «tumbiense» em Angola, coligindo estudos dispersos e fazendo outros novos.

No segundo dá-nos uma síntese dos conhecimentos actuais sobre a prehistória da Guiné, Angola e Moçambique acompanhada da respectiva bibliografia.

José de Pinho — *Le grand échiquier dans l'art préhistorique portugais*. Considera o autor que a maior parte dos monumentos de arte rupestre portuguesa se encontram ao norte do país, rareando ao centro

e faltando em absoluto ao sul do Sado donde conclue que os povos daquela faixa ocidental da Península eram diferentes ou de cultura diferente dos do sul. Estuda o quadrilátero, muito vulgar na nossa arte rupestre e admite-o como um ídolo ou sua representação simbólica. Refere-se ao grande xadrezado pintado, descoberto pelo Sr. Dr. Aristides Girão na mamoa de Antelas, do neolítico final, que considera como um deus protector dos mortos ali depositados. Estabelece o parentesco entre as pinturas e gravuras rupestres e considera seu ponto de partida o neolítico final.

A. Almiro do Vale — *Vestiges préhistoriques de la station archéologique de Nandufe*. Em Nandufe, aldeia do concelho de Tondela, existe um «castro» e, procedendo-se à abertura de um poço, encontraram-se alguns instrumentos neolíticos. O Sr. Almiro do Vale, tendo feito escavações, achou também cerâmica romana, umas 24 moedas, todas de prata excepto uma que é de ouro, dos imperadores Nero, César, Vitélius, Vespasiano, Trajano e Adriano. Em usos ainda hoje vulgares na região procura explicação para umas cavidades cilíndricas existentes nas rochas das margens da ribeira que circunda o «castro».

Afonso do Paço — *Note sur les industries paléolithiques et méso-lithiques de la province de Minho (Portugal)*. Afirmou-se ultimamente em França, que no Minho, era muito difícil fazer uma distinção entre os objectos paleolíticos e tipo asturiense ou ancorense. Mostrando objectos paleolíticos e ancorense de Carreço quis provar que tal afirmação não era verdadeira pelo menos naquela estação, estando absolutamente de acordo com a tese exposta, arqueólogos de valor como Absolon, Hernandez Pacheco, Peyrony, etc.

4.^o SECÇÃO

Pierre Abraham — *La psycho-sociologie des personnages exotique chez quelques écrivains français et anglais*.

Dr. Papillaut — 1.^o) *Comment une métropole peu devenir une colonie de peuplement*. 2.^o) *Psycho-sociologie des métis de Nègre et de Blanc*.

5.ª SECÇÃO

Louis Marin — Apresentou as seguintes comunicações. *Les études ethniques et leur application à la colonisation. L'unité des civilisations et l'unité des études et des méthodes ethniques. La famille occidentale et l'action éducative de son exemple sur la transformation des types de familles indigènes.*

Nicolaescu Plopser — *La trepanation dans la chirurgie Veterinaire populaire oltenicme.*

Conde de Begouen — *Modèles de tatouages des Iles Marquises.*

Mll.º Hamburger — *La langue des hieroglyphes et les dialectes nilothiques modernes.*

Frankowsky — *Les types fondamentaux de la broderie, leur genèse et leur diffusion.*

Mme. Vicrey — *La couleur rouge chez certains peuples archaïques et les cultes solaires (essai d'identification et de chronologie), e Causes profondes des grandes «migrations humaines» du monde préhistorique.*

Fernanda de Matos Cunha — *Aspects de la vie mentale des paysans de Barcelos:* Analisa a autora a mentalidade do camponês de Barcelos, estudando as suas crenças e superstições, a sua maneira de pensar e viver, longe da civilização que desconhecem, não deixando por isso de ser felizes.

José Coelho — *Contribution à l'étude du culte phalique au Portugal.* Disserta o autor sobre o culto fálico nos tempos pré-históricos e entre os egípcios, gregos, romanos, etc. Estuda o mesmo culto em Portugal onde encontra vestígios nos amuletos fálicos, na arquitectura religiosa e civil da Idade Média, no culto da *Nossa Senhora do Coito*, do *Parto* e das *Prenhes*, nos *frades* que guardam as esquinas das casas e dos portões, nos *marcos* que separam as propriedades rústicas, nas cantigas licenciosas, etc.

* * *

No sábado, 26 de Setembro, as comunicações tiveram quase todas lugar no anfiteatro da Faculdade de Medicina e foram acompanhadas de projecções e filmes, versando na quase totalidade assuntos da 2.ª e 5.ª secções.

Dentre as da 2.ª, devemos destacar um esplêndido filme de:

M. Absolon — *L'exploration scientifique de la station paléolithique à Vistonice (Morávia)*, dedicado à memória do Dr. Capitain.

Vistonice é um vasto cemitério de mamuthes, em tal quantidade eles lá aparecem. Além dos trabalhos de escavação, mostrava o filme os de classificação feitos pelo professor Absolon num laboratório instalado ao pé das explorações, bem como a visita do Chefe do Estado Checo Eslovaco à estação.

Mendes Correia — Apresentou diversas projecções das últimas escavações feitas em Muge, principalmente no Cabeço da Amoreira, as quais foram pedidas pelo Conde du Mesnil du Buisson para ilustrar o seu curso de técnica de escavações arqueológicas na Escola do Louvre, facto que muito nos honra.

O Prof. Mendes Correia ainda apresentou outra comunicação ilustrada, *as inscrições de Alvão, Parada e Lcrilla*, que muito interessaram a assistência, que sobre o assunto fez várias perguntas aquele nosso antropologista.

Giovanni Marro — Também apresentou projecções de alguns paleolíticos da Somália, de rochedos com muitas gravuras pre-históricas de animais encontrados ultimamente em Val Camonica e da colecção pré-colombiana de Turim.

Devo fazer notar aqui, que a delegação italiana que em Coimbra-Porto foi notável pelo número e comunicações científicas apresentadas sendo de salientar entre elas a do professor Sergi, do melhor do congresso, estava em Paris muitíssimo reduzida, faltando Sergi, Rellini, Conde de Pelati, Battaglia, etc.

Friedrich Herig — Engenheiro, encarou os silices paleolíticos duma maneira nova, a sua prensibilidade e gume cortante, comparativamente com objectos modernos, apresentando do todo gráficos e figuras que muito interessaram e ilucidaram a assistência.

Dentre as comunicações da 5.ª secção devemos destacar:

P.º Aupiais — Com um estudo muitíssimo interessante e completo do cerimonialismo religioso e organização religiosa no Dahomey.

Este filme que agradaria a uma assistência culta em qualquer cinema, fez-me desejar que nas nossas vastas colónias alguém começasse

estudos etnográficos e filmasse, com todo o rigor, usos e costumes dos negros.

As barbas esbranquiçadas de missionário e os hábitos talares do P.^o Aupiais, bem como o seu esplêndido trabalho, foram coroados com quentes salvas de palmas.

Conde du Mesnil du Buisson — Mostrou instrumentos agrícolas da Síria e vida agrícola deste povo levantino.

M. G. Berger — Apresentou também uma excelente comunicação, com esplêndidas fotografias, intitulada: *Le sens et l'évolution des symboles populaires chez les Yougoslaves*. Os trajes populares daqueles povos balcânicos e os seus hábitos foram aqui minuciosa e conscienciosamente estudados.

III — VISITAS A MUSEUS

Compreendia o programa do Congresso algumas visitas a museus. O primeiro que vimos foi o

MUSEU DE ETNOGRAFIA DO TROCADERO

que fica situado no palácio do mesmo nome, construído em 1878, para a exposição que então se realizou em Paris. Nele ficam situados, além do *Museu de Etnografia*, os de *Escultura Comparada* e da *Indo-China*.

Destes museus apenas visitámos o primeiro, onde fomos recebidos pelo seu director o Sr. Dr. Rivet e sub-director Sr. H. Rivière, que foram duma gentileza cativante para todos os congressistas. Acompanharam-nos também na visita, fornecendo informações preciosas, Mlles. Bouteiller, Rivière e Oddon, jovens que trabalham no museu, algumas das quais recentemente formadas ou cursando estudos superiores na Universidade de Paris.

Dos primeiros degraus da escadaria o Dr. Rivet falou aos congressistas expondo os seus planos de reorganização, os seus milagres financeiros, o abandono em que o museu se encontrava antes da sua gerência.

O Dr. Rivet é um homem simpático e empreendedor, que se propõe organizar aquelas coisas velhas e abandonadas em moldes

absolutamente modernos. É dum pouco mais de meia idade, e com ele só trabalha pessoal jovem capaz de dar vida àquele amontoado de colecções.

No patamar da escada e primeiro andar o que mais abundam são restos de civilizações americanas e moldes de peças das mesmas que não existem na Europa: cópia de estátuas do museu do México, um altar das Honduras, esculturas do Yucatan, estelas de Guatemala, cabanas de índios da Terra do Fogo, etc. Há mesmo a sala do México, pejada de bustos, pedras com inscrições, vasos ornamentais e funerários, objectos da idade da pedra, colecções etnográficas e arqueológicas da maioria dos países das Américas Central e Sul.

Mais adiante, há as galerias da Europa onde deparamos com um carro de bois, de animais apostos uma pipa em cima, quase em tamanho natural, dos usados ao norte do nosso país. Outras coisas existem pelas paredes e em duas vitrines com o rótulo de Portugal continental, mas que afinal são da Madeira. Fiz esta observação a Melle. Bouteiller, bacharela em filosofia e encarregada da etiquetagem, que me pediu para passar uma manhã pelo museu e dar algumas indicações, o que gostosamente fiz.

Tenho esperanças que a nossa representação no Trocadero, hoje diminuta, seja um dia coisa que nos não envergonhe.

Diferentes salas existem a seguir, com costumes de França, objectos de outros países europeus, preciosas colecções de África, da Ásia e da Oceania. Uma galeria que ultimamente se envidraçou contém as novas colecções enviadas por diferentes colónias francesas que são deveras interessantes, e estão dispostas já com o dedo de mestre do actual director.

Possue este museu um laboratório, para reparação, limpeza e desinfecção dos artigos recebidos, munido da aparelhagem necessária para o seu completo funcionamento.

Montada nos moldes modernos das mais perfeitas da América, há uma biblioteca, dirigida por Melle. Oddon, que para esse fim se especializou nos Estados Unidos. O seu método, a sua ordem, a sua facilidade de consulta, foram os encantos de todos os congressistas.

Claro que a arrumação do actual museu, não é nada do que está no plano do seu director, pois haverá salas da Europa, da África do

Norte, da África Negra, da América, da Oceania, dos povos árticos, atelier de moldagem, carpintaria, armazém de recepção, etc. (2).

Explêndidos escritórios e uma rede telefónica interior permitem aos empregados trabalhar cómodamente e não andar a subir e descer escadas.

O Trocadero é um museu donde se sai com uma bela impressão, quer pela gentileza do seu pessoal quer pelo que promete ser em breve.

Claro que nem tudo isto é feito à custa do Estado. Nacionais e estrangeiros porfiam em donativos de dezenas de milhar de francos, para que tal obra chegue a bom termo.

Existindo entre nós o hábito de copiar tudo o que é de França, não haverá meio de infiltrar tal moda entre os nossos argentários?

A etiquetagem era coisa que quase não existia antes de 1928, data da entrada do Dr. Rivet. Trata-se hoje de remediar essa falta na medida do possível e distribui-se a cada coleccionador uma brochura sobre a maneira de proceder (1) e um modelo de ficha que, devidamente preenchida, é enviada ao museu com o objecto recolhido. Esta ficha é no Trocadero substituída por outra definitiva de bristol rígido, e devidamente arquivada (3).

(2) Dr. P. Rivet e G. H. Rivière, «La reorganisation du Musée de Ethnographie du Trocadero». *Bulletin du Museum*, 2.ª Série, tomo II, n.º 5. Paris, 1930.

(1) «Instructions sommaires pour les collecteurs d'objets ethnographiques». Musée d'Ethnographie. Paris, 1931.

(3) Esta ficha foi organizada tendo em conta o melhor aperfeiçoamento dos muscus europeus e americanos, e é pouco mais ou menos do modelo seguinte:

Em cima e à esquerda:
número correspondente
ao registo do inventário.

- 1.º — Lugar de origem.
- 2.º — Nome e denominação.
- 3.º — Descrição.
- 4.º — Notas complementares.
- 5.º — Indicações étnicas.
- 6.º — Por quem e quando foi o objecto colhido.
- 7.º — Condições de envio ao museu (a preencher pelo museu).
- 8.º — Referências iconográficas.
- 9.º — Bibliografia.

No verso existe um desenho ou fotografia do objecto.

A França procura hoje com todo o afan, tanto na metrópole como nas colónias, reunir tudo o que possa interessar à etnografia, antes que a onda civilizadora dos tempos modernos destrua tudo por completo.

Eis outro exemplo curioso a seguirmos.

Do Trocadero seguimos a visitar o

MUSEU GUIMET

que foi fundado em Lyon em 1879 por Emile Guimet de volta de uma missão à Ásia, para o estudo das religiões do Oriente, e transferido para Paris em 1888 depois da doação que o seu fundador dele fizera ao Estado.

É um museu de artes, religião e história do Oriente. Está instalado num grande edifício e contém vastas salas pejudadas de arqueologia Indo-Chinesa, arqueologia religiosa do Médio e Extremo Oriente, arte dos povos orientais, religiões da Índia, do Tibet, da China, do Japão (Bramanismo, Budismo, Confucionismo, Taoismo, Lamaismo), mobiliário e pintura chinesa e japoneza, bronzes, loiças, jóias, colecções de ceptros de mandarins, de vasos de jade, etc., etc. uma biblioteca de 35 000 volumes com muitos manuscritos orientais, coisas do Egipto antigo, a múmia de Thaïs, objectos da época romana e bizantina, enfim uma enorme profusão de antiguidades tão notáveis, que seria fastidioso enumerar as mais importantes.

Este museu que está em reorganização desde 1920 ainda não tem todas as suas salas perfeitamente arrumadas.

No sábado 26, proporcionou-se-nos um belo passeio, em boas caminhetas, oferecidas pelo Instituto Internacional de Antropologia. Foi a visita ao museu de

SAINT-GERMAIN-EN-LAYE

O *Museu de Antiguidades Nacionais*, nome porque também é conhecido, fica situado num histórico castelo, a 20 quilómetros de Paris, na margem esquerda do Sena.

Encerra objectos pre-históricos, célticos, galo-romanos, arte romana do império, etc.

Começamos a visita pela capela, que fica à direita, onde se encontram túmulos, altares antigos e no tecto medalhões com as efígies do rei S. Luís e membros de sua família que segundo se crê são verdadeiras.

Entramos depois no museu propriamente dito onde vimos alguns exemplares de arte galo-romana e moldes de peças de renome.

Como Salomon Reinach, seu ilustre director, nos esperasse na sala n.º 1, passamos imediatamente ao 1.º andar, a fim de, sob a sua direcção visitar as salas n.º 1, 2 e 3 onde nos foi dado ouvir as suas preciosas explicações.

A primeira destas, também chamada da «pedra lascada» é notável sob o ponto de vista histórico, pois nela se assinou em 10 de Setembro de 1919 o tratado de paz entre a Áustria e as potências aliadas.

Contém valiosíssimas colecções paleolíticas com quantidades formidáveis de material de pedra e de osso.

A sala n.º 2 ou do neolítico, é importantíssima pelo material colleccionado desta civilização, reprodução de menhirs, dolmens, etc., etc.

A sala n.º 3 contém principalmente a reprodução do «tumulus» de Gavr'inis.

Visitamos depois no 2.º andar a sala n.º 4 com restos de estações lacustres, a n.º 5 com objectos da idade do bronze, a n.º 6 com outros da 1.ª idade do ferro, a n.º 7 e 8 com restos da civilização gauleza, a n.º 9 com o túmulo dum chefe gaulez enterrado com as suas armas e sobre o seu carro de guerra, na n.º 11 e seguintes diversas colecções particulares legadas ao museu, entre elas a de Frédérique Morean. Nestas salas admiramos entre outras maravilhas a bela colecção de seixos pintados de Mas-d'Azil.

Tentei ver uma nossa jóia pre-histórica que ali se encontra arrecadada, o torques ou colar de Portel, mas não me foi possível pelo adiantado da hora.

Terminada a visita passamos pela esplanada do castelo em direcção pavilhão Henrique IV, ampla varanda sobre o Sena e Paris que se divisa ao longe, onde nos foi oferecida uma chávena de chá pelo I. I. A.

IV — RECEPÇÕES, EXCURSÕES, ETC.

Os congressistas em Paris não gostam de ter o tempo muito preso com festas e recepções oficiais, razão porque poucas há, diz-me o psicólogo Pierre Abraham.

Todavia, algumas houve, devendo entre elas destacar a do «Hotel de Ville», construído no local do outro que a Comuna de 1871 incendiou. O edifício da Municipalidade de Paris, em estilo renascença, é interiormente um rico museu, pois todas as suas paredes e tectos se encontram ornamentados com pinturas. Dentre as salas destacam-se a de festas, a das Cariátides, a de jantar, a das ciências, e das letras, a das artes, a das sessões, etc. Além das pinturas possui ainda ricos gobelins, esculturas, vasos, bronzes...

Em frente do microfone o Sr. F. Latour, presidente do Conselho Municipal deu as boas vindas aos congressistas em nome da cidade de Paris. Igualmente foi radio-difundido o discurso do Prefeito do Sena Sr. E. Renard que se associou ao Sr. Latour, tendo agradecido em nome dos congressistas o presidente Sr. E. Pittard. Depois da assinatura do Livro de Ouro foi oferecido a todos os presentes um «lunch», seguindo-se a visita do palácio.

No recinto da Exposição colonial, em diferentes pavilhões de colónias francesas e de outras nações foram oferecidos aos congressistas produtos indígenas, brochuras, etc. e na tarde 23 de Setembro o «Comité d'accueil» ofereceu uma taça de champanhe, tendo dado as boas vindas num brilhante discurso o Sr. Conde de Vogué, seu presidente.

De todas as recepções porém, a mais simpática para nós foi sem dúvida a que se realizou no nosso Pavilhão de Honra, a 24 de Setembro, onde fomos recebidos pelo delegado português Sr. capitão Jácome de Castro que, com os outros nossos compatriotas que o acompanhavam foram todos dum gentileza inexcusable, o que fez avivar aos congressistas que o ano passado nos visitaram, a saudade dos inolvidáveis dias do congresso de Coimbra-Porto.

O «Ferreirinha» (D. Antónia) que correu a jorros e o café das nossas colónias, mereceram a todos as mais altas considerações de apreço.

* * *

Como excursões houve uma a Epernay, no Marne, onde se visitaram as grutas pré-históricas e cemitérios gauleses da região, brilhantemente organizada pelo P.^e Favret director do museu local e ilustre congressista. Ocupou todo o dia 24 de Setembro pois partiu-se de Paris às 6h,55 e a chegada realizou-se às 20h,55.

Em Epernay houve recepção na Câmara Municipal, visita ao museu, visita às caves de champanhe «Moët et Chandon» que expedem anualmente cerca de 25 milhões de garrafas, e onde foi oferecido vinho. Seguiu-se um almoço oferecido pelo Sindicato de Iniciativa e um passeio em caminhetas até Villevenard. Aqui se dividiram os congressistas em 2 grupos, visitando alternadamente as colecções Rolland e as grutas neolíticas de Coizard, em número aproximado de 50, pertencentes ao Estado. Descobertas por Baye há uns 60 anos, duas delas são notáveis pelas suas esculturas principalmente de representações humanas e foram abertas excepcionalmente para os congressistas.

Visitaram depois a necrópole de Faguières, dos primeiros tempos do Marneano, violada pelos galo-romanos, e onde poucos túmulos restam ainda intactos. Alguns deles foram abertos diante dos congressistas.

* * *

Como festas foram interessantes a «soirée indo-chinesa» e a «soirée africana» que se realizaram na sala de festas do Palácio de informações da Exposição Colonial e para que foram convidados os congressistas.

A segunda, batuques e dansas de pretos, músicas argelinas, cantos e dansas malgaches, entremeadas com números de canto e baile por artistas dos teatros de Paris, tendo todos eles agradado muito.

* * *

Para encerramento do congresso, houve um almoço, oferecido pelo I. I. C. no restaurante *Rambala*, situado no recinto da Exposição. Decorreu ele no meio da maior animação, tendo no final o professor

Pittard que presidia, recordado com saudade os «dias luminosos» de Portugal.

Depois os «canaques», povos selvagens da Nova Caledónia, em trajes regionais, executaram algumas dansas guerreiras, que pela sua ferocidade a todos inspiraram o maior respeito, para não dizer pavor.

No final todos se despediram até Varsóvia, pois ficou resolvido que o novo congresso se realize na capital da Polónia em 1933, tendo sido feito já para isso um convite, pelo governo daquela nação.

Antes de terminar estas linhas seja-me lícito render homenagem ao trabalho das ilustres secretárias do Sr. Louis Marin e do I. I. C., especialmente a Melle. Fernande Hartmann, ilustre secretária da «Sociedade de Etnografia de Paris» e bacharela em Letras pela universidade da mesma cidade, incansáveis em prestar todos os esclarecimentos e facilidades aos congressistas.

Lisboa, Outubro de 1931.

VASO DE BORDO HORIZONTAL, DE VILA FRIA (*)

EM 1929 foram encontrados em Vila Fria, concelho de Viana do Castelo quase à superfície do solo, num lugar chamado «Monte da Ola», três vasos de barro escuro, um dos quais é objecto do presente trabalho. O Sr. Tomás Simões Viana que comunicou o facto à Associação dos Arqueólogos ⁽¹⁾ nada pôde adiantar quanto às condições de jazida, elemento que seria preciosíssimo para o seu estudo.

Pertence o vaso em questão ao grupo dos de «bordo horizontal» a que o Dr. José Fortes chamou em 1908 «em forma de chapéu invertido» ⁽²⁾, designação hoje fora de uso.

A primeira referência a vasos deste tipo apareceu, segundo creio, num trabalho do professor J. Leite de Vasconcelos que diz: «La province d'Entre-Douro-e-Minho a donné des vases d'une forme spéciale (semblables à des chapeaux) avec des dessins sur les bords», acrescentando em nota ser provável que datem, ao menos, do fim do neolítico ⁽³⁾.

Em 1908 José Fortes, estudando os dois exemplares da Touginha, pergunta se será aceitável em absoluto o parecer cronológico anterior ⁽⁴⁾.

(*) Separata da «Homenagem a Martins Sarmiento».

⁽¹⁾ *Boletim da Ass. dos Arqueólogos*, vol. I, fasc. III, p. 52. Lisboa, 1932.

⁽²⁾ José Fortes, «Vasos em forma de chapéu invertido». *Portugalia*, vol. II, p. 662. Porto, 1928.

⁽³⁾ J. Leite de Vasconcelos, «Notice sommaire sur le Musée Ethnologique Portugais», p. 2. Lisbonne, 1905.

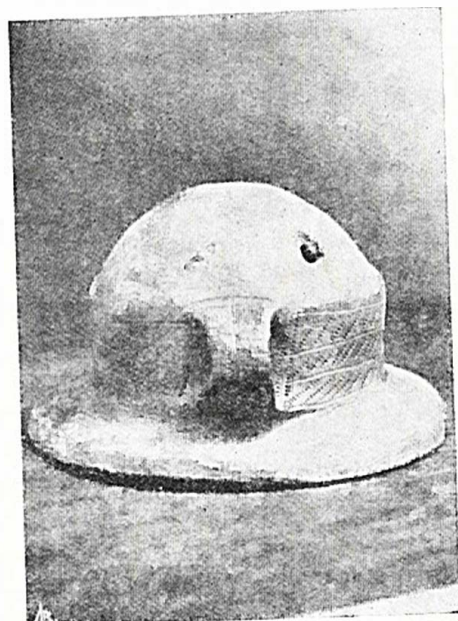
Idem, idem, *O Archeólogo Português*, vol. X, p. 66. Lisboa, 1905.

Idem, idem, «História do Museu Etnológico Português», p. 98. Lisboa, 1915.

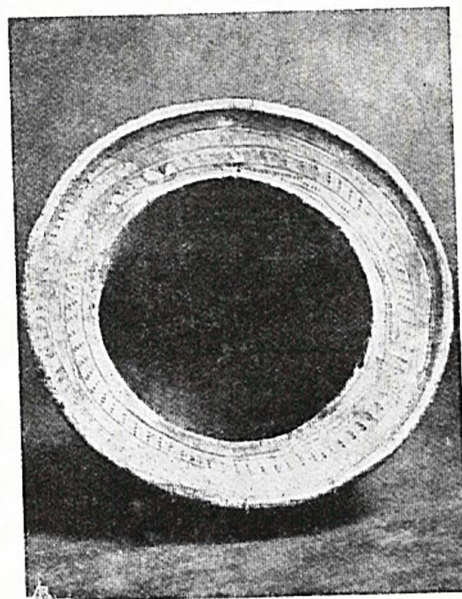
⁽⁴⁾ José Fortes, op. cit.



A



B



C

Fig. 1—Vaso de bordo horizontal, de Vila Fria.

Em 1921 Nils Aoberg, referindo-se a este tipo cerâmico, chama-lhe de idade incerta, acrescentando porém que o bordo largo e ornamentado tem certa analogia «avec la ceramique jutlandaise des tombeaux, les plus récents» (5).

Em 1928, o Dr. Rui de Serpa Pinto diz dela que lhe parece «não ser arriscado» relacioná-la «com a cerâmica castreja prè-romana» por «os seus ornatos incisos na borda» apresentarem «sobrevivência dos ornatos eneolíticos» (6).

Em 1930 F. Cuevillas perfilha a doutrina de Serpa Pinto (7), que em 1932 voltou a afirmar ser esta cerâmica peculiar «dos castros do norte do país» (8).

Andava portanto indeciso o problema da sua cronologia. Todavia acha-se ele resolvido, digamos assim, desde 1906, conforme uma comunicação feita à Associação dos Arqueólogos Portugueses pelo ilustre prè-historiador Sr. Dr. Félix Alves Pereira (9).

Quando em 1903 apareceu na propriedade denominada *Scara*, na margem esquerda do rio Vez, o primeiro vaso deste tipo, logo o Sr. Dr. Félix Alves Pereira se preocupou com a resolução do seu problema cronológico. Procedendo a escavações em 1906 em *Penacova*, encontrou um vaso do mesmo tipo, que pelas condições de jazida pode datar como sendo do Bronze inicial. Realizando novas explorações em 1907 e 1909, confirmaram elas a sua classificação.

Mercê de factos alheios à sua vontade e da necessidade que se impôs de datar com mais segurança aqueles achados, permaneceram tais estudos desconhecidos durante tão largos anos. Sobre *Scara* e

(5) Nils Aoberg, «La civilisation énéolithique dans la Péninsule Ibérique». Uppsala, 1921, p. 34-35.

(6) R. de Serpa Pinto, «Concelho da Póvoa de Varzim: apontamentos arqueológicos». *A Voz do Crente*, n.º 66, Póvoa de Varzim, 6 de Julho de 1925.

(7) F. López Cuevillas, «Novas cerâmicas das Antas Galegas». *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. IV, fasc. III. Porto, 1930. Florentino L. Cuevillas e Xoaquín Lourenzo, «Vila de Calvos de Randín», Seminário de Estudos Galegos, Sant'Iago de Compostela, 1930, p. 27.

(8) R. de Serpa Pinto, «A cidade de Terroso e os castros do norte de Portugal». Comunicação ao *IV Congresso Intern. de Arqueologia*. Barcelona, 1930. *Revista de Guimarães*, vol. XLII, n.º 1 e 2, de 1932.

(9) Acta da sessão de Arqueologia Prè-histórica de 13 de Março de 1930.

Penacova será, porém, publicado muito em breve um importante trabalho daquele arqueólogo, que dará satisfação a todos os que se interessam por este ramo da Prê-história.

*

O vaso de Vila Fria é do tipo dos de fundo hemisférico, pois também os há com ele plano. Apresenta sobre todos os outros até hoje conhecidos a particularidade de ter na pansa uma faixa cilíndrica que se liga à calote esférica do fundo, faixa que é ornamentada com desenhos idênticos aos do bordo e da asa de que é provido.

Tem a ornamentação da pansa três zonas horizontais limitadas por quatro imperfeitíssimos sulcos paralelos, interrompidos na altura da asa. Cada uma destas zonas é enfeitada com linhas de ponteados oblíquos que, com os paralelos, formam ângulos agudos, não tendo porém todos o mesmo número de graus.

Pela certeza a que os pontos estão distantes uns dos outros, devem eles ter sido feitos com instrumento especial que poderia ser uma roda dentada ou uma matriz em forma de pente e seria aplicada do fundo do vaso para a aba, pois a sua profundidade é menor do lado daquele.

A asa está dividida longitudinalmente em duas partes não iguais, uma ornamentada com linhas horizontais de ponteados, outra com uma vertical também ponteadada.

Se as ornamentações da pansa e da asa não são perfeitas e simétricas, muito menos o são as do bordo. Sulcos dum paralelismo muito irregular dividem-no em zonas concêntricas, umas ornamentadas, outras não. Das ornamentadas uma é-o com ponteados oblíquos, duas outras com eles oblíquos ou horizontais, conforme o espaço livre deixado pela imperfeição do sulco traçado.

As suas dimensões são: embocadura 0^m,125; largura da aba 0^m,040; altura 0^m,120. No fundo tem um orifício tal qual um exemplar existente no Museu Etnológico, proveniente de *Scara*.

A ornamentação em ponteados oblíquos tem muito de semelhante no campaniforme da Galiza, nomeadamente nos dois exemplares da

Colecção Iglesia ⁽¹⁰⁾, provenientes de *Fuentes de Garcia Rodrigues*, algo de aparentado com um de Calvos de Randin ⁽¹¹⁾, cerâmica da Penha, de Palmela, etc.

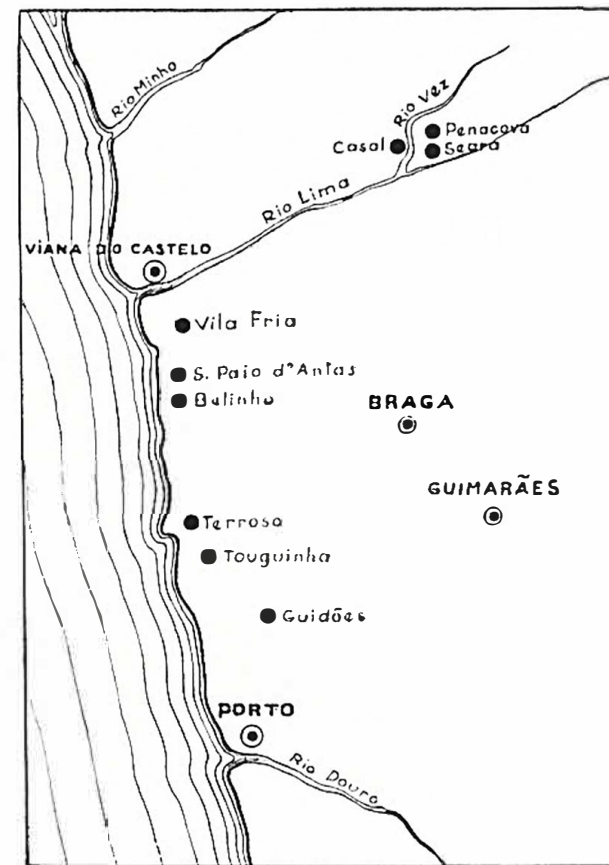


Fig. 2 — Distribuição dos vasos do bordo horizontal.
(● Local dos achados).

⁽¹⁰⁾ Luis Pericot, «Los vasos campaniformes de la colección La Iglesia», *Boletín de la Real Academia Gallega*. La Coruña, 1927.

⁽¹¹⁾ F. López Cuevillas, op. cit. Florentino L. Cuevillas e Xoáquín Leurenzo, op. cit.

O número de achados de vasos deste tipo que em Leite de Vasconcelos era de 2, eleva-se em José Fortes a 5, em Nils Aoberg a 6, em Serpa Pinto a 11, em Cuevillas a 13 e hoje a 16, assim distribuídos:

Scara (Arcos de Val-de-Vez) — Há desta localidade no Museu Etnológico, um vaso completo e fragmento de bordo de outro.

Casal (Arcos de Val-de-Vez) — No Museu Etnológico há um exemplar desta localidade.

Penacova (Arcos de Val-de-Vez) — Há também no Museu Etnológico um exemplar desta localidade.

Vila Fria (Viana do Castelo) — O vaso do presente estudo, que é propriedade do Sr. Dr. Joaquim Fernandes Ferreira, professor do liceu de Viana do Castelo.

S. Paio d'Antas (Espozende) — Há desta localidade dois exemplares no Museu Etnológico, sendo um proveniente da «Cividade» e oferecido pelo poeta Correia de Oliveira.

Bclinho (Espozende) — Um exemplar existente no Museu Etnológico.

Terroso (Póvoa de Varzim) — José Fortes refere-se a dois vasos desta localidade ⁽¹²⁾ cujo paradeiro se desconhece.

Touguinha (Vila do Conde) — Dois exemplares existentes no Museu Municipal do Porto.

Guidões (Santo Tirso) — Há desta localidade no Museu Etnológico um vaso completo e bordo de outro.

Guimarães — Existem na Sociedade Martins Sarmento dois vasos cuja proveniência se desconhece.

Pelo menos até agora tem-se mostrado esta cerâmica com carácter local da região costeira de Entre-Douro-e-Minho, com uma ramificação para o interior ao longo da ribeira do Lima, como se pode ver pela carta junta. Ora sendo o vale deste rio considerado como caminho de infiltração da civilização litoral, os achados de *Seara*, *Casal* e *Penacova* apoiam a hipótese de F. Cuevillas que vê num vaso de Calvos afinidades com aquela nossa cerâmica ⁽¹³⁾.

(12) José Fortes, op. cit.

(13) F. Cuevillas, op. cit.

DR. RUI DE SERPA PINTO (*)

NASCEU Rui Correia de Serpa Pinto no Porto em 6 de Agosto de 1907, filho da Ex.^{ma} Sr.^a D. Aurora Basto Correia de Serpa Pinto e de Hernani de Serpa Pinto e finou-se na mesma cidade em 23 de Março de 1933, tendo-se formado em Ciências Matemáticas e Engenharia.

Viveu pouco mais de 25 anos que em qualquer seriam um desabrochar para a Ciência e em Rui de Serpa Pinto deixaram na arqueologia portuguesa uma sólida reputação e na prehistória europeia um nome feito, por todos admirado e respeitado.

Conheci o Rui, epistolarmente, em 1929, quando encontrei a estação tipo asturiense de Carreço que estabeleceu a ligação entre as de Afife e Areosa. Uma correspondência activa se estabeleceu entre nós que é bem o espelho dos dotes do seu coração.

Possuia uma vasta inteligência e grande perspicácia, a que se juntava uma sólida cultura científica e profunda educação católica. Os dons da natureza aliados à educação materna — o Rui perdeu seu pai muito cedo — fizeram deste jovem uma criatura verdadeiramente excepcional, que era o encanto dos que com ele lidaram e o orgulho de sua extremosa Família.

A sua alma era leal e pura como a água cristalina. Não alimentava malquerenças contra alguém nem se impunha em lugar de destaque no meio das vaidades humanas. Porém todos o iam buscar à sua modéstia, colocando-o na primeira fila dos valores marcantes.

O seu senso e probidade científica eram muitas vezes o nosso guia. Sendo o mais novo dentre nós, nós recorriamos a ele com frequência:

(*) Trabalho publicado na *Revista Arqueologia*, tomo 1, fasc. IX.

«O que dirá disto o Rui»... «O que pensará o Rui»... «Qual será a opinião do Rui»... eram frases correntes na nossa boca e a sua palavra era sempre acatada.

Em cinco anos deixou-nos uma obra de cerca de trinta espécies bibliográficas todas elaboradas com o rigor científico e a erudição de um homem amadurecido no estudo.

O asturiense português — o «ancorense» como ele dizia — perdeu em Serpa Pinto um dos melhores paladinos e o seu descobridor em terras lusitanas. O seu primeiro trabalho, «O asturiense em Portugal» ⁽¹⁾ revela-nos bem a ponderação, o critério e o valor intelectual do seu autor. Com o do Sr. P.^o Eugénio Jalhay sobre o asturiense da Galiza conduziu à descoberta de outras estações na costa de entre Minho e Lima, com milhares de instrumentos, a que se seguiram outros achados ao norte e ao sul da foz do Douro. O seu contacto diário com a bibliografia nacional e estrangeira desta indústria está bem patente nas «Nótulas asturienses», I ⁽²⁾, II ⁽³⁾, III ⁽⁴⁾ e na «Bibliografia do asturiense» ⁽⁵⁾.

Espírito moderno e laborioso, desenterrou do pó do esquecimento muitas velharias guardadas nos nossos museus, mostrando ao mundo muito do que por cá existe. Não amontoava o que sabia na prateleira da sua estante, escondido das vistas humanas. Antes o dava a conhecer depois de um estudo consciencioso assente sobre vasta bibliografia consultada o que nos dá bem a ideia do seu espírito crítico.

Visitando a Sociedade Martins Sarmiento em Guimarães publicou: «Museu de Martins Sarmiento I-III» ⁽⁶⁾ e «IV-VI» ⁽⁷⁾ tratando nos três primeiros de machados de pedra polida, machados de bronze e «terra sigillata» e nos três últimos da bipene votiva de Sabroso, «centiponidium» de Belmonte e lucernas, nele existente.

⁽¹⁾ *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, fasc. I, vol. IV. Porto, 1928.

⁽²⁾ *Trabalhos da Soc. Port. de Antrop. e Etnol.*, fasc. II, vol. IV. Porto, 1929.

⁽³⁾ *Trabalhos da Soc. Port. de Antrop. e Etn.*, fasc. II, vol. IV. Porto, 1930.

⁽⁴⁾ *Trabalhos da Soc. Port. de Antrop. e Etn.*, fasc. II, vol. V. Porto, 1931

⁽⁵⁾ *Portucule*, vol. III, n.º 17. Porto, 1931.

⁽⁶⁾ *Revista de Guimarães*, vol. XXXVIII e XXXIX. Guimarães, 1929.

⁽⁷⁾ *Revista de Guimarães*, vol. XXXIX. Guimarães, 1929.

De Bragança descreveu-nos: «As fíbulas do museu regional» ⁽⁸⁾ nove de bronze dos castros de Argoselo, Cocolha, Santa Juzenda, Picote e outras proveniências, bem como uma de ouro de Vinhas.

Do Museu de Antropologia da Universidade do Porto publicou: «Nótulas ceremográficas: I — Um vaso pintado de Lamego» ⁽⁹⁾ e «Etnografia Arqueológica: I — Antigas contas empregadas como amuletos» ⁽¹⁰⁾.

Do Museu Arqueológico Tomaz Pires, de Elvas, publicou: «Restos Visigóticos de Elvas e Campo Maior» ⁽¹¹⁾ e passando próximo de Arronches deu-nos uma cuidada nota sobre: «O Abrigo Prehistórico de Valdejunco (Esperança)» ⁽¹²⁾.

Um estudo sobre «O castro de Sendim, Felgueiras», será publicado na «Homenagem a Martins Sarmiento».

Visitando em Vila Franca e Alenquer as colecções dos Srs. Sousa d'Alte e Hipólito Cabago, publicou: «Sobre «elephas meridionais» cfr. «Antiquus» do Casal do Torquato (Alenquer)» ⁽¹³⁾, o seu primeiro trabalho de paleontologia, preparando outros sobre os restos fósseis de animais encontrados nas grutas de Pampilhosa do Botão a cuja exploração estava procedendo.

A ordenação da parte pre-histórica do Museu Municipal do Porto é obra sua, tendo-lhe sacrificado durante longos meses os seus descansos domingueiros.

Doutras localidades arqueológicas e museus tanto nacionais como estrangeiros que visitou, acumulavam-se os apontamentos e os estudos em via de publicação no seu gabinete de trabalho, perfeitamente ordenados e catalogados. Do congresso de Londres, era tamanha a profusão de notas colhidas que poucos dias depois do seu regresso, mostrando-mas radiante, dizia: «trago material para um ano de trabalho intenso, se outra coisa não tivesse que fazer».

⁽⁸⁾ *Trabalhos da Soc. Port. Antrop. e Etn.*, vol. V, fasc. I. Porto, 1931.

⁽⁹⁾ *O Archeólogo Português*, vol. XXVII. Lisboa, 1930.

⁽¹⁰⁾ *Trab. Soc. Port. Antrop e Etn.*, fasc. III, vol. V. Porto, 1932.

⁽¹¹⁾ *A Águia*, n.º 2, XX ano. Porto, 1932.

⁽¹²⁾ *Trab. Soc. Port. Antr.*, fasc. III, vol. V. Porto, 1932.

⁽¹³⁾ *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, fasc. XVII. Porto, 1932.

A visita aos museus britânicos revelara-lhe preciosidades quase desconhecidas entre nós. De tudo trazia pormenorizados apontamentos, desenhos, fotografias, tendo-o auxiliado muito neste labor sua Ex.^{ma} Esposa, Mãe e Irmã, três almas perfeitamente integradas na sua.

Relacionou-se neste congresso, como já o fizera noutros, com o que de melhor existe no mundo arqueológico europeu, estreitando amizades de há muito estabelecidas epistolarmente.

As escavações da Cabeço da Amoreira, em Muge, realizadas sob a direcção do ilustre professor Sr. Dr. Mendes Correia, tiveram no Rui um excelente colaborador, que tomou parte principalmente na campanha de 1931, apresentando a congressos nacionais e estrangeiros o produto do seu trabalho.

O amor à grandeza do império levaram-no a tratar com carinho da pre-história das nossas colónias africanas, sendo seu desejo estudar, *in loco* o «tumbiense» de Angola, para o que devia visitar aquele nosso domínio ultramarino quando para ali seguisse a projectada missão científica de professores e alunos das Universidades de Porto e Coimbra.

Sobre arte rupestre publicou «Petroglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal» (11) dando-nos uma bibliografia do que até então se tinha escrito sobre as nossas pinturas e gravuras, tendo em organização uma outra mais completa.

Ainda sobre bibliografias, publicou a do professor Mendes Correia, referida aos anos 1909-1928 (12) e tinha em preparação as de Fonseca Cardoso, José Fortes, Rocha Peixoto, etc.

Um dos trabalhos que melhor revela a largueza de vistas de Rui de Serpa Pinto é a pequena síntese: «Notas para um plano de estudos geológicos entre Minho e Lima» (13), obra que se propunha levar a cabo com o auxílio de outros cientistas, e que ele muito bem podia orientar mercê das condições especiais que reunia.

No momento tormentoso da nossa actividade científica fica bem lembrar este exemplo de Rui de Serpa Pinto. A vida humana passa, desaparece da face da terra. A ciência fica, continua a sua marcha,

(11) Publicações do Seminário de Estudos Galegos. A Cruña, 1929.

(12) Publicação do Inst. Antr. da Fac. Cienc. da Univ. Porto. Porto, 1929.

(13) Anuário do Distrito de Viana do Castelo, vol. I. Viana do Castelo, 1932.

indiferente às questiunculas por nós tecidas à sua roda, como a embargar-lhe o passo.

O desgosto que hoje nos punge a alma pela perda do Rui, nada seria já se ele fosse uma criatura mesquinha, fechada, fazendo segredo dos seus achados, questionando e atacando este e aquele por tudo e por nada. A ciência é infinitamente mais nobre que tudo isto, paira muito acima das loucas vaidades humanas, não é exclusiva deste ou daquele, não é individualista. A ciência vive da cooperação dos esforços humanos, são estes que a fazem progredir.

Admiramos o Rui porque era um espírito amplamente aberto à ciência. Nos seus trabalhos, nos seus escritos, não há um azedume, um ataque pessoal, que quase sempre o tempo se encarrega de nos lançar em rosto, a envergonhar-nos do que dissemos ou escrevemos.

Assistente do grupo de Ciências Geológicas da Universidade do Porto, dedicou-se com afinco ao estudo da geologia, geofísica, etc.

Preocupava-o sobremaneira o conhecimento das rochas do país, no que trabalhava com os seus alunos. Pela análise dos instrumentos neolíticos, desejava determinar o local de extracção da matéria prima para tais indústrias e conseqüentemente tirar deducções sobre a comércio que originara.

A sua colaboração científica era tida no mais alto apreço por estrangeiros de renome, como Florentino Cuevillas que com Rui de Serpa Pinto trabalhava numa Idade do Ferro no Noroeste da Península. Para esta obra fizera o Rui as fíbulas do Museu Regional de Bragança e Cuevillas os torques, as lúnulas, os braceletes e as fontes literárias, trabalhando depois em conjunto nos capítulos sobre tribus, religião, vida económica, vestuário e onomástico.

A diferentes congressos levou o nome de Portugal, apresentando comunicações que, divulgando a nossa prehistória, em muito chamaram sobre nós a atenção dos arqueólogos estrangeiros:

Ao de Barcelona em 1929: «A cidade de Terroso e os castros do norte de Portugal» (14).

(14) IV Congresso Internacional de Arqueologia, in *Revista de Guimarães*, vol. XLII. Guimarães, 1932.

Ao de Argel, em 1930: «Observation sur l'asturien du Portugal» (18).

Ao de Coimbra-Porto, em 1930: «Nota sobre as cartas de Portugal prehistórico» (19).

Ao de Nancy, em 1931: «Sur le miolithique en Portugal» (20).

Ao de Paris, em 1931: «La préhistoire da l'Afrique Portugaise» (21).

Ao de Nimes, em 1931: «Sur la taille do silex á Muge» (22).

Ao de Lisboa, em 1932: «Notas sobre a indústria microlítica do Cabeço da Amoreira» (23).

Ao de Londres, em 1932: «Activité minière et metallurgique pendant l'arge du bronze en Portugal» (24).

Ainda em fins de 1932, por convite pessoal do governo italiano tomou parte em Roma na reunião da «Comissão Internacional da carta do Império Romano».

Muitas colectividades científicas como: «Antiquários de Londres», «Sociedade Prehistórica Francesa», «Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», «Associação dos Arqueólogos Portugueses», «Instituto Internacional de Antropologia», «Sociedade Martins Sarmento», «Seminário de Estudos Galegos», «Sociedade Portuguesa de Meteorologia e Geo-física», etc. o contaram entre os seus membros. Bastantes revistas de renome obtiveram a sua colaboração. «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», «Archeólogo Português», «Nós», «Revista de Guimarães», «Águia», «Terra», «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», «Anuário do Distrito de Viana do Castelo». A Comissão do Serviço Geológico contava-o entre os seus colaboradores.

Faz hoje um ano que, em plena primavera da vida nos deixou este querido amigo cuja saudade vimos reavivar.

(18) V Congresso Int. de Arqueologia. Inédito.

(19) LV Congresso da A. F. A. S. do I. I. Antropologia.

(20) XV Cong. Int. Antr. Arq. Preh. IV Sessão Inst. Antropologia.

(21) XV Cong. Int. Antr. Arq. Preh. V Sessão.

(22) Congresso da Soc. Préhistorique Française. Inédito.

(23) Congresso da Assoc. Espanhola para o Progresso das Ciências. Lisboa, 1932.

(24) I Congresso Int. das Ciências Prehistóricas e Protohistóricas. Londres, 1932, in *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, tomo XVIII. Porto, 1933.

Alma nobre da qual o perfume das boas qualidades a todos encantava, foi para o túmulo coberto das mais mimosas flores desta quadra do ano. E tal era a profusão delas—regadas por tantas lágrimas!—que o seu corpo amigo como que desaparecia, ficando só as rosas e as orações em cadeia perene ligando a terra aos céus onde sua alma devia repousar.

Jamais se apagará da minha memória dia de tanta e tão profunda dor, como nela ficarão para sempre gravadas aquelas duas figuras de mulher que encontrei a seu lado quando manhã cedo entrei no seu quarto transformado em câmara ardente, e que com uma coragem e abnegação verdadeiramente cristãs afogavam tão intensa dor na consolação de o terem criado nos verdadeiros e morais princípios da religião católica.

A sua morte foi verdadeiramente a imagem da sua vida: uma ascensão rápida, sólida, no domínio da ciência. Uma morte brusca, cruel, que o levou ao túmulo no meio dos mais belos mimos da natureza e das mais sentidas dores humanas.

O Rui só tinha uma ambição — a de saber — dizia-me sua desolada Mãe. Tamanha ância bem manifesta numa invulgar actividade, não se preenchia neste mundo, por isso tão cedo nos deixou.

O epitáfio da sua urna, no cemitério de Agramonte, é uma síntese e um exemplo: «Mocidade, talento, virtudes. Foi justo e foi sábio. Repartiu a sua vida breve mas fulgente entre o amor a Deus, à Família e à Ciência. Morto aos 25 anos em pleno vôo de glória, viverá eternamente no coração dos que o amavam».

Lisboa, 23 de Março de 1934.

CARTA PALEOLÍTICA E EPIPALEOLÍTICA DE PORTUGAL (*)

PORTUGAL começou pròpriamente a figurar nos anais do paleolítico europeu em 1880, quando da reunião em Lisboa do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistóricas. O nosso geólogo Nery Delgado apresentou àquela sessão científica uma vasta e bem elaborada comunicação das explorações por ele realizadas na gruta da Furninha, em Peniche, onde encontrou, além de variada fauna, um *coup-de-poing* e outros instrumentos do paleolítico inferior ⁽¹⁾.

Até aí apenas se falara nos tão discutidos «eólitos» de Ota, estudados pelo geólogo Carlos Ribeiro e por ele levados a diversos congressos ⁽²⁾, sem que conseguisse convencer o mundo científico do pretenso trabalho humano executado pelo «Homosimius Ribeiroi» de Mortillet.

Àquele mesmo congresso apresentou o engenheiro Vasconcelos Cabral alguns objectos líticos dos arredores do Porto, a que se não ligou importância de maior, por os não considerarem de talhe paleolítico ⁽³⁾. Porém, em estudos posteriores, o Sr. Dr. Joaquim Fontes achou talhe chelense nalguns deles ⁽⁴⁾, e últimamente o engenheiro

(*) Comunicação lida na Assembleia Geral Administrativa e de Estudo da Associação dos Arqueólogos Portugueses, de 30 de Junho de 1932.

Separata do I Volume dos «Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses».

⁽¹⁾ Nery Delgado, I.

⁽²⁾ Bruxelles, 1872; Paris, 1878; Lisboa, 1880.

⁽³⁾ F. de Vasconcelos Pereira Cabral, II.

⁽⁴⁾ Joaquim Fontes, III, IV.

Dr. Rui de Serpa Pinto notou que outros eram de civilização tipo asturiense (*).

Nesse congresso, Muge, foi estudado no neolítico.

É certo que antes da sessão de Lisboa, em 1879 e 1880, se tinham feito escavações importantes na Mealhada, mas o seu paleolítico, bem diminuto, não merecera até essa ocasião estudo especial.

Posteriormente, Cartailhac descobriu um *coup-de-poing* em Leiria, que descreveu nas «Ages Prêhistoriques...». Nesta localidade já Carlos Ribeiro tinha achado um outro que se encontra no Museu da Comissão do Serviço Geológico e foi estudado pelo Sr. Dr. J. Fontes (**).

Outras descobertas se seguiram em diversos pontos do país, como Santo Antão do Tojal, Belas, Torres Vedras, Vimeiro, Caneças, Monsanto, Alcântara, Brunheiro, etc., até que em 1909 os Rev.^{mas} P.^{mas} Bouvier Lapierre e Luisier chamaram a atenção dos arqueólogos portugueses para Monsanto, onde tinham encontrado alguns objectos líticos.

De 1909 a 1912, os Professores Joaquim Fontes e Virgílio Correia, então alunos da Universidade de Lisboa, lançaram-se com grande entusiasmo nos estudos do paleolítico, percorrendo os arredores da capital, onde encontraram algumas dezenas de estações de superfície e recolheram abundante material, principalmente no Casal do Monte e Monsanto.

Em 1914, o Sr. Dr. Felix Alves Pereira descobriu estações paleolíticas em Óbidos e Alveijar, em 1915 o Sr. Dr. Virgílio Correia encontrou um *coup-de-poing* em Oriola, no Alentejo, e em 1916 o Professor H. Breuil uma estação de Arronches.

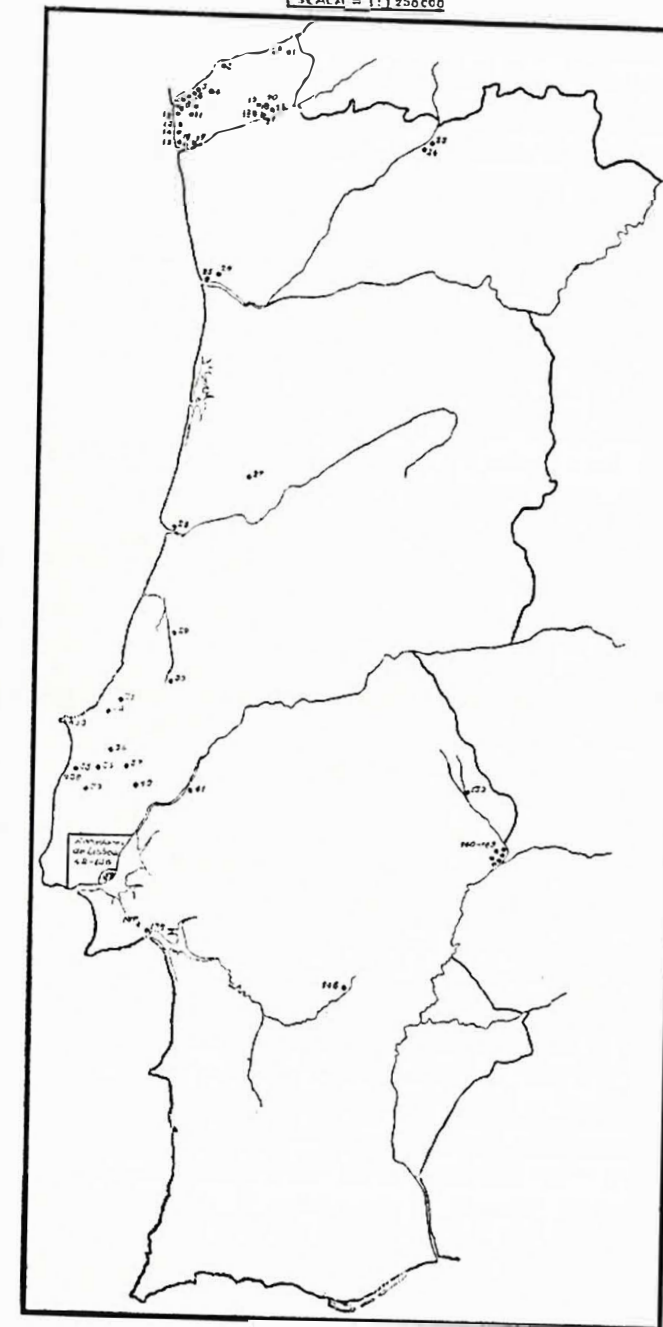
Em 1922, o Sr. Dr. Vitor Fontes trouxe um *coup-de-poing* de Viana do Castelo, e pouco tempo depois o Sr. P.^o Saraiva de Miranda localizou uma série de estações no margem direita do rio Lima, próximo dos Arcos de Val-de-Vez. O engenheiro Sr. Lerenó Antunes determinou cinco locais com abundância de paleolítico nos arredores de Elvas, e os Srs. Luiz Chaves e engenheiro Alves Costa fixaram uma série importante de novas estações nos arredores de Lisboa. O Sr. Dr. Rui de Serpa Pinto encontrou um *coup-de-poing* em Âncora, o Sr. Abel Viana

(*) Rui de Serpa Pinto, V.

(**) Joaquim Fontes, XVIII.

CARTA PALEOLÍTICA E EPIPALEOLÍTICA DE PORTUGAL

ESCALA = 1:1250000



Reduzida a 1/5.

descobriu paleolítico na Areosa e numa série de povoações da margem esquerda do rio Minho, e o Sr. Dr. Xavier da Costa trouxe dois *coups-de-poing* de Ganfei.

O autor destas linhas achou paleolítico em Carreço, o Rev. Loução em Gondarem, o Sr. Simões Viana na Abelheira, e o Sr. Dr. Roseiro nos arredores de Lisboa.

O Sr. Professor Mendes Correia, com os seus assistentes, Drs. Santos Júnior e R. de Serpa Pinto, realizou escavações proveitosíssimas em Muge, sendo digna de maior renome a campanha de 1930 para os visitantes do XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica.

Últimamente foi encontrado paleolítico inferior em Fiães, próximo de Castro Laboreiro (').

Vejam agora a localização das diferentes estações na carta de Portugal:

MINHO

Nesta província encontram-se as seguintes estações, todas de superfície e de material talhado em quartzites roladas:

1 — FIAES — Próximo de Castro Laboreiro. Material tipo chelense.

Está fazendo o seu estudo o Sr. Dr. Rui de Serpa Pinto.

2 — PESO — Junto das termas de Melgaço. Contém raros instrumentos tipo chelense de talhe muito imperfeito.

Abel Viana, VI.

3 — GANFEI — Um pouco ao norte de Valença, num antigo terraço do rio Minho. Tipo chelense.

Abel Viana, VI.

(') Últimamente também foi encontrado paleolítico pelo Sr. Engenheiro Lerenó Antunes em Beja e nas margens do Sado, pelo Sr. P.º Saraiva de Miranda, em Ponte do Lima, e Sr. Hipólito Cabaço, em Alenquer.

4 — FONTOURA — Junto da igreja desta povoação apareceu um *coup-de-poing* tipo chelense.

Abel Viana, VI.

5 — CERVEIRA — Próximo da estação do caminho de ferro encontrou-se um *coup-de-poing* tipo chelense.

Abel Viana, VI.

6 — GONDAREM — Próximo do castro existente nesta povoação. Tipo chelense.

Abel Viana, VI.

7 — LANHELAS — Nas faldas do monte de Góios, próximo de antigos terraços do rio Minho. Tipo chelense e acheulense.

Abel Viana, VI.

8 — VILAR DE MOUROS — Não muito longe da anterior. Material tipo chelense, acheulense e mustierense.

Abel Viana, VI.

9 — SEIXAS — Encontrou-se nesta povoação, junto ao rio, um *coup-de-poing* tipo chelense que se presume tivesse vindo da estação anterior, que lhe fica próxima.

Abel Viana, VI.

10 — ARGELA — Apareceram nesta povoação alguns instrumentos dum tipo chelense bastante duvidoso.

Abel Viana, VI.

11 — VILARELHO — Contém alguns instrumentos que, como os anteriores, são dum chelense mal definido.

Abel Viana, VI.

12 — MOLEDO — Junto da costa do Atlântico. Contém raros instrumentos tipo chelense (*).

Abel Viana, VI.

13 — ÂNCORA — Forneceu um *coup-de-poing* tipo chelense (**).

R. de Serpa Pinto, VIII.

14 — CARREÇO — Junto à costa oceânica como as duas anteriores, deu alguns belos instrumentos de tipo chelense, acheulense e mustierense (10).

Afonso do Paço, VII, IX, X, XI.

15 — AREOSA — Ao norte de Viana do Castelo, junto à costa, forneceu algum material tipo chelense (11).

Abel Viana, VI.

16 — ABELHEIRA — A leste de Viana, na margem direita do Lima, tem fornecido instrumentos de tipo chelense (12).

T. Simões Viana, XII.

17 — PORTUZELO — *Coup-de-poing* chelense. Foi o primeiro instrumento paleolítico descoberto na província do Minho.

Joaquim Fontes, XIII.

18 — CHIELA.

19 — GRADE.

20 — S. JORGE.

21 — CABANA MAIOR.

(*) Contém material tipo asturiense de permelo com paleolítico.

(*) Idem.

(10) Idem.

(11) Idem.

(12) Idem.

22 — ERMELO — A nordeste dos Arcos de Val-de-Vez, na margem direita do Lima, contém material tipo chelense e acheulense.

P. Saraiva de Miranda, XIV.

TRÁS-OS-MONTES

23 — BRUNHEIRO — Da serra deste nome, situada nos arredores de Chaves, existe no Museu Etnológico uma ponta de sílex classificada de paleolítica pelo Professor Dr. J. Leite de Vasconcelos.

24 — MONTE DE CONDEIXA — Também próximo de Chaves, forneceu alguns instrumentos paleolíticos, segundo informação do Sr. Luiz Chaves.

DOURO

25-26 — CASTELO DO QUEIJO.

— VALE DA ERVILHA.

— PAÇOS.

— ARREDORES DO PORTO.

— PORTO — Todos estes nomes têm sido dados aos dois locais onde se encontraram instrumentos líticos de quartzites roladas nos arredores do Porto. Apresentados, como disse, pela primeira vez ao Congresso de 1880 reunido em Lisboa, não se lhes reconheceu trabalho humano.

Posteriormente, os Srs. Drs. Joaquim Fontes e R. de Serpa Pinto, acharam que entre eles havia chelense e tipo asturiense, este último numa praia elevada.

Frederico de Vasconcelos Cabral, II.

Joaquim Fontes, III, IV.

R. de Serpa Pinto, V.

27 — MEALHADA — Estação com estratigrafia. Explorada em 1879 e 1880, foram nela encontrados alguns objectos líticos de

silex e quartzite, do tipo chelense, além da variada fauna da época em camadas estratigráficas bem definidas, conforme afirmação do Sr. Dr. Joaquim Fontes.

Joaquim Fontes, XIII, XV.

- 28 — FONTELA — Desta localidade, situada nos arredores da Figueira da Foz, encontram-se no museu desta cidade alguns objectos líticos mal definidos, talhados em silex.

ESTREMADURA

- 29 — LEIRIA — À superfície do solo, nos arredores desta cidade, têm sido encontrados alguns instrumentos líticos de quartzite, tipo chelense, entre os quais um *coup-de-poing* achado por Cartailhac, e que vem descrito nas «Ages préhistoriques...».

Emile Cartailhac, XVI.

Francisco Tavares de Proença Júnior, XVII.

Joaquim Fontes, XVIII.

J. Leite de Vasconcelos, XIX.

- 30 — SERRA DE MOLIANOS — Próximo de Turquel (Alcobaça), na serra daquele nome, explorou Vieira Natividade algumas grutas de depósitos quaternários que forneceram raros objectos de silex. O Professor H. Breuil, que examinou os seus espólios, diz haver paleolítico superior numas e mustierense noutras.

Vieira Natividade, XX.

- 31 — SERRA DE BOURO — No sítio do Forno Velho ou Forno de El-rei, situado naquela serra, foram encontrados alguns jaspes lascados.

- 32 — CALDAS DA RAINHA — Próximo de Santo Isidro e da lagoa de Óbidos foram encontrados à superfície do solo alguns instrumentos de quartzite, tipo chelense.

Felix Alves Pereira, XXI.

- 33 — FURNINHA — A exploração da gruta deste nome, situada na península de Peniche, deve-se a Nery Delgado, e o estudo da fauna e indústria encontradas nas diferentes camadas estratigráficas, cuja leitura os congressistas de 1880 em Lisboa ouviram, é uma obra de valor.

Todavia, posteriormente, Harlé, num trabalho que fez sobre a fauna quaternária desta gruta, negou talhe intencional a muitos dos objectos paleolíticos encontrados por aquele nosso arqueólogo. Mais tarde, o Sr. Dr. Joaquim Fontes, no desejo de pôr as coisas no seu devido lugar, pois Nery Delgado não era vivo e Harlé tinha julgado apenas por desenhos, visitou os referidos objectos no Museu da Comissão dos Serviços Geológicos, concluindo que, posto nem todos tivessem trabalho humano, alguns o tinham, além do *coup-de-poing* citado por Cartailhac. Seis silex e uma pedra de funda não eram «eólitos», como afirmara Harlé, mas instrumentos mustierenses, ficando assim demonstrada a contemporaneidade do homem e da hiena raiada na Furninha, que Harlé negara, pois aqueles instrumentos líticos foram encontrados em camadas estratigráficas com ossos do referido quadrúpede.

Nery Delgado, I.

Harlé, XXII, XXIII.

Joaquim Fontes, XXIV.

- 24 — BOMBARRAL — Desta localidade, sítio de Famões-Casal de Segolim, há alguns silex no Museu Etnológico, encontrados à superfície do solo.

- 35 — VIMEIRO — Encontram-se desta povoação alguns silex no Museu da Comissão dos Serviços Geológicos, colhidos à superfície da terra, não se podendo fazer deles uma classificação segura.

- 36 — CESAREDA — Fica no planalto deste nome, entre a serra de Monte Junto e a costa marítima. Nery Delgado escavou aí várias grutas, das quais a mais importante é a Casa da Moura, aberta num calcáreo do jurássico inferior.

O depósito inferior desta gruta continha além de sílex, ossos, alguns dos quais trabalhados. Estes foram julgados quaternários e aqueles classificados de magdalenenses.

O Professor Breuil considera uns e outros como típicos desta fase industrial.

O Professor Obermaier inclina-se para que haja nela capsence final.

Nery Delgado, XXV.

Paula e Oliveira, XXVI.

Joaquim Fontes, XIII.

37 — FONTAINHAS — Na gruta deste nome, também situada na serra de Monte Junto, encontraram-se pedaços de sílex trabalhados, conjuntamente com ossos fósseis.

38 — SANTA CRUZ — Na praia deste nome também se encontraram à superfície do solo sílex trabalhados.

39 — TORRES VEDRAS — Foram encontrados nesta localidade alguns sílex paleolíticos, sobre os quais se não pode fazer uma classificação segura.

40 — OTA — Os sílex lascados desta localidade, atribuídos por Mortillet ao suposto «Homosimius Ribeiroi», e que Carlos Ribeiro tanto defendeu, foram sempre vivamente combatidos por muitos arqueólogos e classificados no grupo dos «eólitos». Por isso Ota nunca foi incluída no número das nossas estações paleolíticas.

Em escavações recentes a que se procedeu no Vale das Lages, junto de Ota, foram encontrados pelo Professor Mendes Correia sílex do tardenoisense e capsence final.

Carlos Ribeiro, XXVIII, XXIX, XXX.

Nery Delgado, XXXI.

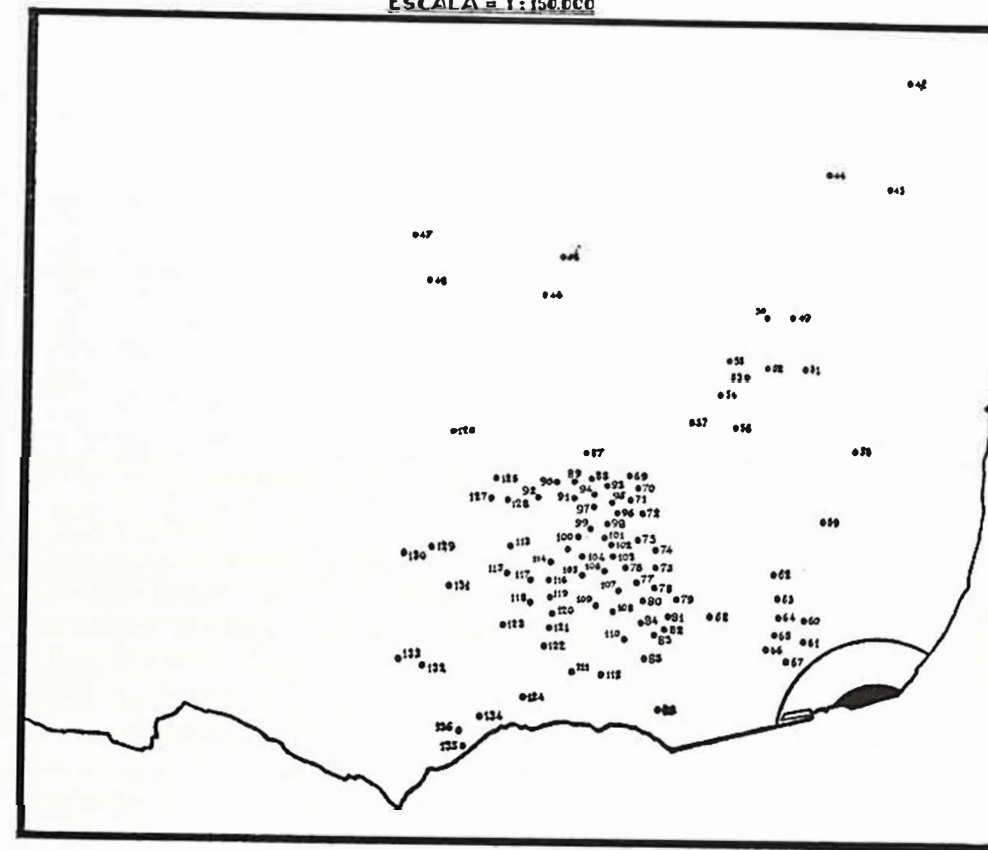
José Fortes, XXXII.

Mendes Correia, XXXIII, XXXIV, XXXV.

41 — MUGE — As escavações nos *kjokkenmoeddinger* desta localidade datam de 1863, e são notáveis os estudos antropológicos feitos sobre esqueletos humanos neles encontrados.

CARTA PALEOLÍTICA E EPIPALEOLÍTICA DOS ARREDORES DE LISBOA

ESCALA = 1 : 150.000



Reduzida a 1,8.

Não são, é certo, da época dos seus similares dinamarqueses. Segundo o Professor Obermaier, pertencem ao capsence final e tardenoisense, pela sua abundância de restos de cozinha, pequenos sílex lascados de formas geométricas, especialmente trapesoidais e triangulares. O Professor H. Breuil porém, diz que a ausência de buris os afasta do capsence final azilense, para os aproximar do tardenoisense ⁽¹³⁾.

De todas as escavações realizadas em Muge são dignas de menção as de Paula e Oliveira, em 1864 e 1865, e as do Professor Mendes Correia e seus assistentes Drs. R. Serpa Pinto e Santos Júnior, em 1930 e 1931.

Percira da Costa, XXXVI.

Paula e Oliveira, XXXVII, XXXVIII.

Carlos Ribeiro, XXXIX.

Costa Ferreira, XL.

Mendes Correia, XLI, XLII.

H. Vallois, XLIII ⁽¹⁴⁾.

42 — BUCELAS — Com esta indicação existem alguns sílex no Museu da Associação dos Arqueólogos, em Lisboa.

43 — ZAMBUJAL.

— SANTO ANTÃO DO TOJAL — À superfície do solo, entre estas duas localidades, foram recolhidos alguns objectos trabalhados de sílex e quartzite.

44 — CHÃO DE MINAS — À superfície dos terrenos desta localidade, alargando-se para o norte e sul, até Ameixoeira e Pintéus, encontrou-se abundância de material tipo chelense, acheulense e mustierense.

Vergilio Correia, XLIV.

⁽¹³⁾ O arqueólogo alemão Dr. Eckard Mencke, que estudou a indústria de Muge em Fevereiro de 1934, encontrou algumas dezenas de buris.

⁽¹⁴⁾ Para estudos antropológicos e bibliografia mais completa veja-se: *H. Vallois*, XLIII.

45 — ALVEIJAR — Próximo de Almargem do Bispo. Estação de superfície. Os seus objectos são talhados em sílex, uns do tipo acheulense, outros do aurinhacense.

Felix Alves Pereira, XLV.

46 — RIBEICHELOS — Próximo de Almornos, concelho de Loures. Estação de superfície e com paleolítico inferior.

47 — CASAL DOS GOSMOS — Próximo de Montelavar. Estação de superfície, com paleolítico inferior.

48 — PALMEIROS — Ao norte do Sabugo. Existem desta localidade objectos paleolíticos no Museu Etnológico.

49 — MOINHO DA AGONIA — Estação de superfície, ao sul de Loures, contém material chelense e acheulense, talvez mesmo paleolítico superior.

50 — CASAL DO MURTAL OU MORTAL — Também estação de superfície, fica próxima da anterior.

51 — CASAL DO MONTE — De todas as estações paleolíticas dos arredores de Lisboa, esta é a melhor estudada, mesmo a mais citada. De superfície como todas as outras, o seu material é talhado na grande maioria em sílex, havendo, porém, bastantes objectos de quartzite. O Professor Joaquim Fontes, classificou-o de chelense, acheulense e mustierense, dizendo ser possível haver mesmo algum do paleolítico superior.

O Professor Obermaier, concordando com o Sr. Dr. J. Fontes, diz haver no Casal do Monte chelense típico e algo de acheulense e mustierense. O Professor H. Breuil admite a existência de paleolítico superior nesta estação, tendo classificado de aurinhacense um típico raspador «carené».

Algumas das pontas desta estação, diz o Sr. Dr. J. Fontes, parecem marcar a transição do mustierense para o solutrense.

Muitos dos *coup-de-poiny* do Casal do Monte não são trabalhados na face inferior.

Joaquim Fontes, XIII. XLVI, XLVII, XLVIII, XLIX, L.
J. Leite de Vasconcelos, LI.
H. Breuil, XXVII.

- 52 — CASAL DE PARADELA DE CIMA — Estação de superfície, com alguns objectos de paleolítico inferior.
- 53 — AMOREIRA.
- 54 — PEDREIRAS — Entre Odivelas e Caneças. Estações de superfície, com alguns objectos de paleolítico inferior.
- 55 — BICA — Próximo das anteriores. Também de superfície com raros instrumentos do paleolítico inferior.
- 56 — QUINTA DOS ALVITOS — Estação de superfície com pouco material.
- 57 — FAMÕES — *Idem*.
- 58 — BOTICÁRIA — *Idem*.
- 59 — CAMPO GRANDE — Junto da Alameda das Linhas de Torres encontraram-se à superfície do solo alguns sílex com aspecto de trabalho humano.
- 60-61 — CAMPOLIDE — Chamo aqui Campolide aos dois locais onde apareceu paleolítico na margem esquerda da Ribeira de Alcântara, exceptuando o de Sete Moinhos, que já fica longe do bairro daquele nome.
- Os primeiros achados de Campolide devem-se a Fonseca Cardoso não se sabendo ao certo o local em que se realizaram, presumindo-se que a tão falada Rabicha seja à entrada do actual túnel do Rossio. A autenticidade de alguns destes objectos tem sido discutida, tendo-se negado trabalho humano a um *coup-de-poing* de calcáreo silicioso existente no Porto. Todavia, alguns arqueólogos do congresso Coimbra-Porto de 1930, inclinaram-se para que ele fosse verdadeiro. Também nesta localidade, na Calçada dos Mestres, se encontraram objectos do acheulense e mustierense, todos de superfície.

Fonseca Cardoso, LII.

- 62-67 — MONSANTO — Designo com este nome os locais da margem direita da ribeira de Alcântara onde apareceu paleolítico, como: Cruz da Pedra, Moinho das Cruzes, Poente do Aqueduto das Águas Livres, Santana, Vila Pouca e Sete Moinhos, este último na margem esquerda, como atrás disse.

Durante muitos anos só se conheceu de Monsanto a faca encontrada por António Mendes. As descobertas dos P.^{os} Bouvier Lapiere e Luisier, a que outras se seguiram, tornaram Monsanto, estação de superfície, uma das mais conhecidas dos arredores de Lisboa. Os seus objectos são talhados em sílex esbranquiçado e pertencem ao paleolítico inferior. Em Vila Pouca apareceram algumas «limandes».

Joaquim Fontes, L.
Vergílio Correia, LIII.
H. Breuil, XXVII.
Mesquita de Figucirado, LIV.

- 68 — QUINTA DO TORRES — Estação paleolítica de superfície.
- 69 — MOINHO DO BOBA — *Idem*.
- 70 — CASTELO — *Idem*.
- 71 — MONTE DO PENEDO — *Idem*.
- 72 — FALAGUEIRA — *Idem*.
- 73 — CASAL DO BRANDÃO — *Idem*.
- 74 — A-DAMAIA — Estação de superfície, muito rica em paleolítico inferior, presumindo-se que contenha mesmo superior.

Joaquim Fontes, LV.

- 75 — NEUDEL — Na A-Damaia. Estação de superfície com alguns objectos paleolíticos.

Felix Alves Pereira, LVI.

- 76 — CASAL DA SERRA — Estação de tipo do paleolítico superior. Os burís, diz o Sr. Dr. Joaquim Fontes, fazem pressupor a

existência de gravuras, não aparecendo estas talvez por se tratar de uma estação de superfície.

Joaquim Fontes, LV.

- 77 — CASAL DO GAROTO — Estação de superfície.
- 78 — QUINTA DE ALFRAGIDE — Idem.
- 79 — CASAL DAS OSGAS — Estação de superfície, contém paleolítico inferior e talvez superior, talhado em sílex e quartzite.

Joaquim Fontes, LV.

- 80 — CASAL DAS CANAS — Estação de superfície.
- 81 — AO PÊ DA ESTRADA — Estação de superfície. Contém paleolítico inferior.

Joaquim Fontes, LV.

- 82 — SALREGOS — Iguamente estação de superfície com paleolítico inferior.

Joaquim Fontes, LV.

- 83 — MAMA-SUL — Estação de superfície.
- 84 — QUINTA DO ALFRAGIDE DE BAIXO — Estação de superfície com paleolítico inferior talhado em sílex.

Joaquim Fontes, LV.

- 85 — MONTE DOS BARRINHOS — Estação de superfície.
- 86 — ALTO DO DUQUE — Idem.
- 87 — CASAL DO PELÃO — Idem.
- 88 — CASAL DE VILA CHÃ — Idem.
- 89 — CARENQUE — Idem.
- 90 — MONTE DA PEÇA — Idem.
- 91 — PENDÃO — Idem.
- 92 — MONTE ABRAÃO — Idem.
- 93 — CASAL DAS BAHUTAS — Idem.
- 94 — CAMELAS — Idem.

- 95 — BAIRRO DA MINA — Idem.
- 96 — AMADORA — Idem.
- 97 — VENTEIRA — Idem.
- 98 — CASAL DA BARROCA — Idem.
- 99 — CASAL DO QUINTELAS — Idem.
- 100 — PORTAS DE QUELUZ — Idem.
- 101 — MOINHO DAS SOIRAS — Idem.
- 102 — CAMPO DE AVIAÇÃO — Idem.
- 103 — CASAL DO BOREL — Idem.
- 104 — QUINTA DO ARAÚJO — Idem.
- 105 — QUINTA DO PAIZINHO — Idem.
- 106 — CASAL DOS ADAIÕES — Idem.
- 107 — VINHA DO MULATO — Idem.
- 108 — ALFRAGIDE 1.ª — Idem.
- 109 — SERRA DE CARNAXIDE — Idem.
- 110 — MONTE DA BARRONCHADA — Idem.
- 111 — LINDA-A-PASTORA — Idem.
- 112 — LINDA-A-VELHA — Idem.
- 113 — OLIVAL — Idem.
- 114 — QUELUZ DE BAIXO — Estação de superfície, de paleolítico superior, com abundância de micrólitos de cristal de rocha de secção triangular e trapesoidal.
- 115 — TERCENA — Estação de superfície.
- 116 — MOINHOS DA REVINHEIRA — Estação de superfície em que predominam microlitos, como os de Queluz de Baixo.
- 117 — POR DO SOL — Estação de superfície.
- 118 — MOINHOS DO CARTAXO — Idem.
- 119 — VALEJAS — Idem.
- 120 — CABEÇO DE PAIMÃO — Idem.
- 121 — MONTE DA CRUZ — Idem.
- 122 — MOINHO DO MOITA — Idem.
- 123 — LICEA — Idem.
- 124 — LAVEIRAS — Idem.
- 125 — ESTRIA — Idem.
- 126 — PEDREIRA DO CARRASCAL — Idem.
- 127 — COLARIDE — Idem.

- 128 — CASAL DO BOROTA — *Idem*.
 129 — VARGE MEIRINHO — *Idem*.
 130 — ASFAMIL — *Idem*.
 131 — ALTO DOS CASAMENTOS — *Idem*.
 132 — PENAS ALVAS — *Idem*.
 133 — OUTEIRO — *Idem*.
 134 — QUINTA DA FIGUEIRINHA — *Idem*.
 135 — FONTAINHAS — *Idem*.
 136 — ALTO DO PEIXE FEIXE — *Idem*.
 137-138 — SETÚBAL — Nas grutas do Casal do Pardo, situadas nos arredores daquela cidade, foram encontrados alguns objectos paleolíticos.

À superfície do solo também foi encontrada em Cambres uma peça que se presume mustierense e junto do Castelo de São Jorge vários instrumentos de sílex.

Marques da Costa, LVII.

ALENTEJO

- 139 — ARRONCHES — Fica situada junto do cemitério desta vila. Os instrumentos líticos aparecem no meio do barro que se extrai do solo para o fabrico da telha, nas margens do Caia, num antigo terraço que domina em cerca de 20 metros a ribeira actual. Os seus objectos, que pertencem ao paleolítico inferior e são de quartzite, encontram-se no Museu Etnológico e em Paris. Foi descoberta pelo Professor H. Breuil.

H. Breuil, LVIII, LIX.

J. Leite de Vasconcelos, LX.

- 140-145 — ELVAS — O que geralmente se chama paleolítico de Elvas não é constituído por uma só estação, mas por um grupo de estações: Bota-Fogo, Ribeira do Monte Campo, Freguesia do Caia, Alfarófia e Comenda, entre outras, situadas não

longe da estrada que de Elvas conduz a Badajoz e junto da nossa fronteira.

Os instrumentos líticos que foram colhidos à superfície do solo e em camadas estratigráficas são de quartzite e sílex, do chelense, acheulense e mustierense.

Lercino Antunes, LXI.

- 146 — ORIOLA — Numa herdade do Sr. Conde da Ervideira encontrou-se à superfície do solo um *coup-de-poing* de quartzite.

Vergílio Correia, XLIV.

* * *

Fazendo um rápido exame ao que atrás dissemos, nota-se que, infelizmente para nós, dos locais em que apareceu paleolítico, raros são os que contêm estratigrafia, facto este que lhes diminui consideravelmente o valor. Alguns mesmo, como Mealhada, estão imperfeitamente estudados, necessário se tornando escavações metódicas, feitas com o maior critério científico, por pessoas que saibam ler conscienciosamente nas camadas sobrepostas da terra para que, levados pela simples mira da recolha de objectos, não destruam irremediavelmente e para todo o sempre as folhas do livro aberto da Natureza, que os séculos pacientemente escreveram.

Também se nota que as nossas estações são na quase totalidade do paleolítico inferior, sendo poucas as que o contêm superior. Estão as cavernas do País pouco estudadas. Se algumas escavações nelas se realizassem, certamente se havia de modificar o estado actual dos nossos conhecimentos científicos, pois algumas em que se realizaram explorações mostraram que foram habitadas pelo homem depois do paleolítico inferior.

Também ressalta à vista um grande aglomerado de população nos arredores de Lisboa, outro núcleo importante nas margens do Minho e Lima. Lacunas, por carência de explorações certamente, em Trás-os-Montes, Beiras, parte do Alentejo e Algarve.

O material empregado é a quartzite a norte e leste, e o sílex principalmente nas imediações de Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- I — NERY DELGADO — «La grotte de Furninha à Peniche». *C. R. du Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. IX Session.* Lisbonne, 1880.
- II — FREDERICO DE VASCONCELOS PEREIRA CABRAL — «Resumée d'une étude sur quelques dépôts superficiels du bassin du Douro. Présence de l'homme, vestiges d'action glaciaire». *C. R. du Congrès Int. d'Anthropologie et d'Arch. Préhistoriques. IX Session.* Lisbonne, 1880.
- III — JOAQUIM FONTES — «Instruments paléolithiques des environs de Porto». *Bolletim de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*, tome VII. Lisbonne, 1915.
- IV — JOAQUIM FONTES — «Instruments paléolithiques des environs de Porto». «Comunicações» du *Service Geologique du Portugal*, tome XII. Lisboa, 1916.
- V — R. DE SERPA PINTO — «Nótulas asturienses, III». *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. V, fasc. II. Porto, 1931.
- VI — ABEL VIANA — «Estações paleolíticas do Alto Minho». *Portucala*, vol. II. Porto, 1930.
- VII — AFONSO DO PAÇO — «O paleolítico no Minho». *C. R. XV Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. IV Séssion de l'Institut International d'Anthropologie.* Coimbra-Porto, 1930.
- VIII — R. DE SERPA PINTO — «O asturiense em Portugal». *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. IV, fasc. I. Porto, 1928.
- IX — AFONSO DO PAÇO — «Estação paleolítica de Carreço». *Brotéria*, vol. IX, fasc. III. Lisboa, 1929.
- X — AFONSO DO PAÇO — «Note sur les industries paléolithiques et mesolithiques de la province de Minho». *C. R. XV Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. V Séssion de l'Inst. Intern. d'Anthropologie.* Paris, 1931.
- XI — AFONSO DO PAÇO — «Nota sobre o paleolítico de Carreço». *Congresso da Associação Portuguesa e Espanhola para o Avanço das Ciências.* Lisboa, 1932.
- XII — TOMAS SIMOES VIANA — «O homem prehistórico no aro de Viana do Castelo». Inédito.
- XIII — JOAQUIM FONTES — «O homem fóssil em Portugal». Lisboa, 1923.
- XIV — PADRE JOSE ANTÓNIO SARAIVA DE MIRANDA — «Premices du paléolithique à Arcos de Val-de-Vez (Minho)». Inédito.
- XV — JOAQUIM FONTES — «Station paléolithique de Mealhada». «Comunicações» du *Service Geologique du Portugal*, tome XI. Lisboa, 1916.

- XVI — EMILE CARTAILHAC — «Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal». Paris, 1886.
- XVII — FRANCISCO TAVARES PROENÇA JUNIOR — «Paleolítico de Leiria». *Materiais para o estudo das antiguidades portuguesas*, vol. I, n.º 2. Leiria, 1910.
- XVIII — JOAQUIM FONTES — «Instruments paléolithiques dans la collection de prehistoire du Service Geologique; Les instruments paléolithiques de Leiria». «Comunicações» du *Service Geologique du Portugal*, tome XII. Lisboa, 1916.
- XIX — J. LEITE DE VASCONCELOS — «Instrumento paleolítico de Leiria». *O Archeólogo Português*, vol. XXV. Lisboa, 1922.
- XX — VIEIRA NATIVIDADE — «Grutas de Alcobaça». *Portugália*, vol. I. Lisboa, 1912.
- XXI — FELIX ALVES PEREIRA — «Industries lithiques sur les rives de la lagune de Obidos». *Bulletin de la Société Portugaise de Sciences Naturelles*, vol. VII. Lisboa, 1916.
- XXII — E. HARLE — «Faune de la grotte à hyenes rayées de Furninha et d'autres grottes du Portugal». *Bulletin de la Société Geologique de France*, 4eme série, 1909.
- XXIII — E. HARLE — «Les mammifères et les oiseaux quaternaires connus jusqu'ici en Portugal». *Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*, tomo VIII. Lisboa, 1910.
- XXIV — JOAQUIM FONTES — «Instruments paleolithiques dans la collection de prehistoire du Service Geologique; Note sur le dépôt quaternaire de Furninha». «Comunicações» du *Service Geologique du Portugal*, tome XII. Lisboa, 1916.
- XXV — NERY DELGADO — «Noticia acerca das grutas de Cesareda». *Estudos Geológicos*, op. I. Lisboa, 1867.
- XXVI — PAULA E OLIVEIRA — «Caracteres descritivos dos crâneos de Cesareda». *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos*, vol. II. Lisboa, 1892.
- XXVII — H. BREUIL — «Impressions de voyage paleolithique à Lisbonne». *Terra Portuguesa*, vol. III. Lisboa, 1918.
- XXVIII — CARLOS RIBEIRO — «L'homme tertiaire en Portugal». *C. R. du Congrès Int. Anthropol. et Arch. Préhistoriques. IX Séssion.* Lisbonne, 1880.
- XXIX — CARLOS RIBEIRO — «Descrição de alguns sílex e quartzites lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciário e quaternário das baías do Tejo e Sado». Lisboa, 1871.
- XXX — CARLOS RIBEIRO — «Sur les sílex taillés découverts dans les terrains miocènes du Portugal». *C. R. du Congrès Int. Anthropol. et Arch. Préhistoriques. VI Séssion.* Bruxelles, 1872.
- XXXI — NERY DELGADO — «Les sílex tertiaires d'Otta». *C. R. du Congrès Int. Anthropol. et Arch. Préhistoriques.* Paris, 1889.

- XXXII — JOSÉ FORTES — «Les eolithes du Portugal». *Bulletin de la Société Préhistorique de France*. Le Mans, 1905.
- XXXIII — MENDES CORREIA — «A sepultura neolítica do Vale das Lages e os «eolithos» de Ota». *Bull. de la Ass. Cat. d'Anthr. et Ethnol. Prch.*, III. Barcelona, 1925.
- XXXIV — MENDES CORREIA — «O homem terciário em Portugal». *Lusitânia*, vol. III, fasc. IX. Lisboa, 1926.
- XXXV — MENDES CORREIA — «Nouvelles recherches sur l'homme tertiaire en Portugal». *III Session de l'Institut International d'Anthropologie*. Amsterdam, 1927.
- XXXVI — PEREIRA DA COSTA — «Noticia sobre esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda». Lisboa, 1865.
- XXXVII — PAULA E OLIVEIRA — «Notes sur les ossements humains qui se trouvent dans le Musée de la Section Géologique de Lisbonne». *C. R. du Congrès Int. d'Anthr. et Arch. Préhistoriques. IV Séssion*. Lisbonne, 1880.
- XXXVIII — PAULA E OLIVEIRA — «Nouvelles fouilles faites dans les Kiokkenmoeddings de la vallée du Tage». *Comunicações da Comissão do Serviço Geológico*, tomo II, fasc. I. Lisboa, 1886.
- XXXIX — CARLOS RIBEIRO — «Les Kiokkenmoeddings de la vallée du Tage». *C. R. Congrès Int. Anthr. et Arch. Préhistoriques. IX Séssion*. Lisbonne, 1880.
- XL — A. COSTA FERREIRA — «Negroides préhistoriques en Portugal». *Anais Scientificos da Academia Politécnica do Porto*, vol. II. Porto, 1907.
- XLI — MENDES CORREIA — «A Lusitânia pré-romana». *História de Portugal — Edição Monumental*, vol. I. Barcelos, 1928.
- XLII — MENDES CORREIA — «Sur les brachycéphales préneolithiques et leur culture». *Bulletin de la Société portugaise de sciences naturelles*, vol. 8. Lisboa, 1917.
- XLIII — HENRY V. VALLOIS — «Recherches sur les ossements mesolithiques de Mugem». *L'Anthropologie*, tome XI. Paris, 1930.
- XLIV — VERGILIO CORREIA — «O paleolítico português — descobrimentos». *Terra Portuguesa*, vol. II. Lisboa, 1917.
- XLV — FELIX ALVES PEREIRA — «Antiquitas: XI-XII. Estação paleolítica de Alveljar». *O Archeólogo Português*, vol. XXI. Lisboa, 1916.
- XLVI — JOAQUIM FONTES — «Note sur le chelleen de Casal do Monte». *Bull. Soc. Port. Sciences Naturelles*, tome VII. Lisboa, 1915.
- XLVII — JOAQUIM FONTES — «Estação paleolítica do Casal do Monte». Lisboa, 1910.
- XLVIII — JOAQUIM FONTES — «Estação paleolítica do Casal do Monte». *O Archeólogo Português*, vol. XV. Lisboa, 1910.
- XLIX — JOAQUIM FONTES — «Indústrias paleolíticas do Casal do Monte». *Materiais...*, vol. I, n.º 2. Leirla, 1910.

- L — JOAQUIM FONTES — «Sobre três *coups-de-poings* do Casal do Monte e Moinho das Cruzes». *Revista de História*, vol. I, n.º 4. Porto, 1912.
- LI — J. LEITE DE VASCONCELOS — «Objectos paleolíticos do Casal do Monte». *Bolctim da 2.ª classe da Academia das Ciências de Lisboa*, tomo VII. Coimbra, 1915.
- LII — FONSECA CARDOSO — «Nota sobre uma estação cheleana do Vale de Alcântara». *Revista de Ciências Naturais e Sociais*. Porto, 1895.
- LIII — VERGILIO CORREIA — «Facas e raspadores da estação paleolítica de Monsanto». *O Archeólogo Português*, vol. XVIII. Lisboa, 1912.
- LIV — ANTONIO MESQUITA DE FIGUEIREDO — «Nota sobre duas estações paleolíticas». *Revista de Guimarães*, XXXII, n.º 2. Guimarães, 1922.
- LV — JOAQUIM FONTES — «Subsídios para o estudo do paleolítico português». *O Archeólogo Português*, vol. XVII. Lisboa, 1912.
- LVI — FELIX ALVES PEREIRA — «Miscelânea arqueológica. I — Achados arqueológicos na Damaia (Arredores de Lisboa)». *O Archeólogo Português*, vol. XXI. Lisboa, 1916.
- LVII — A. J. MARQUES DA COSTA — «Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal». *O Archeólogo Português*, vol. VII. Lisboa, 1902. Vol. XII. Lisboa, 1907.
- LVIII — H. BREUIL — «Glanes paléolithiques dans le bassin du Guadiana». *L'Anthropologie*, tome XXVIII. Paris, 1917.
- LIX — H. BREUIL — «La station paleolithique ancienne d'Arronches (Portalegre)». *O Archeólogo Português*, vol. XXIV. Lisboa, 1920.
- LX — J. LEITE DE VASCONCELOS — «Objectos paleolíticos de Arronches remetidos ao Museu Etnológico pelo Sr. Padre Henry Breuil». *O Archeólogo Português*, vol. XXIV. Lisboa, 1920.
- LXI — LERENO ANTUNES — «Paleolítico de Elvas». *O Archeólogo Português*, vol. XXVII. Lisboa, 1929.

Afonso do Paço

AS GRUTAS DE ALAPRAIA (*)

Notícia histórica e situação

ALAPRAIA é uma pequena povoação situada a NE de S. João do Estoril, a cerca de um quilómetro da estação deste nome, na estrada que conduz ao Livramento e Caparide, no concelho de Cascais.

Ao centro do povoado aflora do solo um calcáreo margoso, em parte coberto pelo casario. Nele se encontram cavadas algumas grutas sepulcrais, uma delas de há muito conhecida, a que chamaremos a gruta clássica ou gruta I, remontando a sua primeira notícia científica a 1889, dada por Paula e Oliveira, que diz: «*À Alapraia, petit hameau situé à quatre kilomètres environ à l'est de Cascais j'ai visité une grotte artificielle, creusée dans un grès tertiaire peu compact qui affleure en cet endroit en couches à peu près horizontales. La grotte, circulaire à la base, est régulièrement disposée en voûte dans sa partie supérieure, et une galerie à ciel découvert donne accès dans son intérieur. Par son aspect général, elle présente beaucoup d'analogie avec le tombeau Quoique son contenu primitif ait disparu depuis longtemps, son caractère funèbre me semble évident*» (1).

(*) Trabalho publicado na revista *Brotéria*, vol. XXI, fasc. II, Agosto-Setembro de 1935.

(1) Francisco de Paula e Oliveira, *Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascais*. «Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal», tomo II, fasc. I. Lisboa, 1889. Embora nas vizinhanças de Alapraia o terreno seja constituído em parte por um grés terciário, a gruta está cavada numa faixa de calcáreo.

Nove anos passados sobre esta notícia póstuma de Paula e Oliveira, refere-se à gruta o Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos, dando-nos uma descrição e algumas medidas importantes, bem como uma fotografia obtida pelo Sr. Eng. Maximiano Apolinário — a primeira que dela conhecemos — onde se pode ver o abandono a que estava votada. Diz aquele professor: «Na povoação de Alapraia há outras grutas análogas a esta. Visitei uma delas, mas vi-lhe só a câmara, que estava já obstruída; a galeria, se a tinha, como é provável, estava soterrada» (*).

Vinte anos depois, em 1917, o Sr. Dr. Félix Alves Pereira também visitou Alapraia, fazendo da gruta referida por Paula e Oliveira uma minuciosa descrição acompanhada de uma planta, um desenho e várias medidas. Também o informaram de «que havia ali mais criptas como a *cova dos mouros*» (nome por que na região é conhecida) mas, acrescenta: «não logrei porém vê-las» (**). O estado de conservação da gruta deixava também muito a desejar e a porta de entrada encontrava-se em parte tapada por um muro de pedra solta.

Continuou ao abandono ainda por largo tempo, até que há poucos anos a Câmara Municipal de Cascais tomou a iniciativa de olhar pela sua conservação. Demoliu um casebre que fôra construído em parte sobre a câmara, cercou-a de um muro de alvenaria com portão de ferro, cuja chave se encontra na posse de um guarda que mora na povoação e vela pela sua limpeza, mostrando-a aos visitantes.

Em 12 de Setembro de 1932 ao visitarmos a gruta I, pergutámos ao guarda se por ali havia outras criptas naquele género. Disse-nos que nada conhecia a pesar de ser já velho na povoação. Informou-nos porém de que, quando da construção do desvio de estrada que conduz à «fonte dos mouros», há muito mais de vinte anos, se tinham encontrado ossos num local que indicou. Para lá nos dirigimos imediatamente e verificámos que o calcáreo cortado a pique por aquela via de comu-

(*) J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, vol. I. Lisboa, 1898, p. 237 ss.

(**) Félix Alves Pereira, *Antiquitas: XXI — A «cova dos mouros» na Alapraia*. «O Archeólogo Português», vol. XXIII. Lisboa, 1918, p. 64 ss.

Idem, *Algumas inscrições romanas das vizinhanças de Cascais*. «Revista de Arqueologia». Lisboa, 1935, p. 47.

nicação apresentava uma solução de continuidade preenchida por terra e pedras.

Numa investigação sumária achámos um dente e restos de ossos humanos, um pedaço de um percutor e fragmentos de cerâmica.

Imediatamente se aprazou fazermos uma campanha de escavações, que só pudemos levar a cabo mercê do auxílio prestado pela Câmara Municipal de Cascais que nos cedeu um operário. Iniciados os trabalhos três dias depois, a 15 do mês, tivemos bem depressa de os interromper, em 19, por motivo das chuvas abundantes.

Campanha pequena, realizada nas camadas superiores do vestíbulo, algumas das quais modernas e remexidas por ocasião da abertura da estrada, foi pobre em espólio: uma seta, algumas faquinhas de sílex, umas contas, fragmentos de cerâmica sem ornatos, alguma fauna, bastantes ossos humanos. Escavámos somente o vestíbulo até à altura da estrada, começando a aparecer ao fundo a entrada da cripta (Est. I, B).

Fazendo pesquisas nas imediações, identificámos na cozinha de uma casa de habitação a abertura superior de outra gruta.

No ano seguinte, 1933, nada fizemos por motivo de uma lei de escavações em vigor.

Em 1934 foi pedida autorização para continuar os trabalhos, bem como um subsídio à Junta de Educação Nacional. Como este demorasse a ser concedido, resolvemos, depois de removidas certas dificuldades locais que nos surgiram, dar começo à escavação em 4 de Setembro, com o auxílio de um homem, crianças e ferramentas que a Câmara de Cascais colocara à nossa disposição, decididos a custear despesas até que aquele chegasse.

A pesar de tão tardiamente iniciados os trabalhos, ainda se prolongaram até ao dia 20, tendo então de ser interrompidos por ocupações que não permitiram a sua continuação.

Escavou-se neste ano todo o vestíbulo até à estrada (parte dele encontra-se coberto por esta via de comunicação), desobstruiu-se a entrada da câmara bem como a abertura superior desta, esvasiando-a até à altura onde o remeximento parecia menor, fazendo-se por fim uma sondagem para achar a profundidade.

Dimensões e paralelismos

Para esta gruta, a que chamaremos gruta II, pudemos determinar com mais ou menos segurança as seguintes dimensões: diâmetro da câmara 5,12 m; altura 3,32 m; abertura superior 1,25 m; largura do vestibulo 1,60 m; o orifício de comunicação entre este e a câmara não é perfeitamente circular, tendo 0,80 m de largo por 0,68 m de altura. A galeria cortada pela estrada, é menor que a da gruta clássica.

A câmara, tanto na gruta II como na I, fica mais profunda que o vestibulo, havendo na gruta II entre os dois níveis um pequeno ressalto que não se observa em Carenque nem em I e III de Palmela, mas talvez na IV desta localidade. Na II de Palmela o perfil não acusa elevação alguma, mas apenas um degrau entre o nível do vestibulo e o da câmara, que é mais baixa (fig. 1).

Na gruta I de Alapraia fizeram em tempos remotos uma porta que destruiu a abertura cavada pelos povos eneolíticos.

As criptas desta povoação são das maiores de todas. Já vimos as dimensões da gruta II. A câmara da gruta I tem 5,70 m de diâmetro. As de Carenque oscilam entre 3,80 m e 4,50 m; II e IV de Palmela por 4,50 e I e IV desta localidade respectivamente por 5,50 m e 5 m.

Comparadas entre si vemos que todas são de idêntica morfologia quanto à câmara, excepto a gruta IV de Palmela que apresenta certas irregularidades.

O mesmo não acontece porém no que respeita a vestibulos. Estando alguns em parte obstruídos, não vale a pena fazer sobre eles largas conjecturas. Não deixaremos porém de observar que o maior é o da gruta I de Alapraia, que mede 12,50 m de comprimento. Os de Palmela e Carenque são menores que este, sendo I e II de Palmela de uma forma bem diferente da dos outros e o da III de Carenque muito irregular.

O primeiro paralelismo estabelecido que nos aparece das grutas de Alapraia é o de Paula e Oliveira que, como atrás vimos, compara a gruta I com as suas similares de Palmela e o túmulo do Monge (1); mas logo o Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos diz que este, por ser

(1) Paula e Oliveira, *op. cit.*

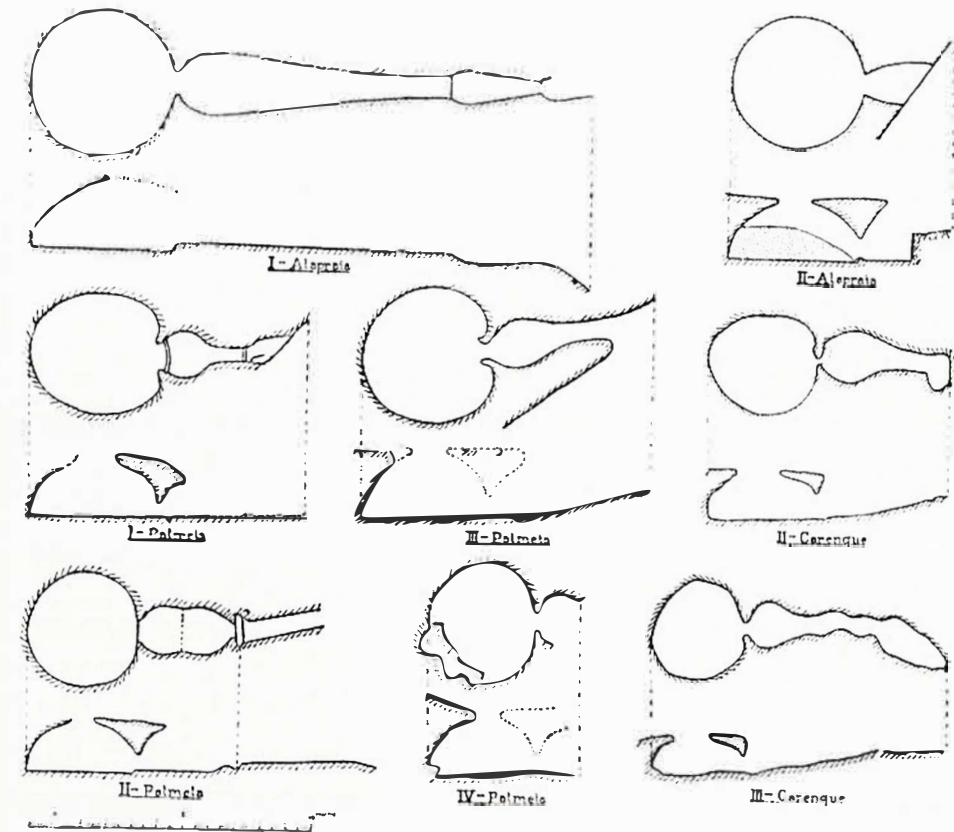


Fig. 1 — Corte transversal das grutas de Alapraia, Palmela e Carenque.

revesti-do de paredes, «pertence a outro sistema de sepulturas» (2). O Sr. Dr. Félix Alves Pereira, ao descrevê-la em 1917 acrescenta: «mas na verdade é com a sepultura da Folha de Barradas que ela tem maior analogia iconográfica» (3).

Por largos anos esta gruta só teve por similares as de Palmela, exploradas em 1876. Em Março de 1932 vieram juntar-se-lhe as des-

(2) J. Leite Vasconcelos, *op. cit.*, p. 237.

(3) Félix Alves Pereira, *op. cit.*, p. 67.

cobertas em Carenque pelo professor Sr. Dr. Manuel Heleno (7), e em Setembro do mesmo ano as que estamos escavando em Alapraia.

De outras de que se falou desta localidade nenhuma identificação pudemos fazer. São portanto em número de 10 as grutas sepulcrais deste tipo até hoje conhecidas:

Palmela: 4 grutas (I, II, III e IV) exploradas pelo colector António Mendes sob a direcção do geólogo Carlos Ribeiro em Abril de 1876, não tendo este feito delas publicação alguma (8) apesar de o haver prometido (9). Cartailhac a quem Ribeiro mostrou o espólio e facultou as suas notas, fez delas em «Les âges...» uma descrição algo desenvolvida (10). Mais tarde o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos a quem Nery Delgado facilitou os apontamentos de C. Ribeiro, também deu destas grutas uma descrição com plantas e cortes (11).

Em 1906 Marques da Costa realizou em Palmela algumas escavações, desobstruindo parte dos vestibulos que o não tinham sido completamente em 1876, fazendo a publicação dos seus achados e rectificando os perfis apresentados por Cartailhac e Leite de Vasconcelos (12).

Neste mesmo ano a elas se refriu P. Belchior da Cruz publicando na íntegra os apontamentos de Carlos Ribeiro (13).

Nils Aberg que conhecia o trabalho de Marques da Costa, publicou algumas plantas e perfis de Palmela apoiando-se em Cartailhac que, conforme disse, não é rigorosamente exacto (14). O espólio destas grutas encontra-se no Museu da Comissão do Serviço Geológico (exploração

(7) Manuel Heleno, *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Lisboa, 1933.

(8) J. Leite de Vasconcelos, *Religiões...*, I, p. 227.

(9) Carlos Ribeiro, *Estudos prehistóricos*, II. Lisboa, 1880, p. 86.

(10) E. Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris, 1886, p. 116.

(11) J. Leite de Vasconcelos, *op. cit.*, p. 227 ss.

(12) A. I. Marques da Costa, *Estações prehistóricas dos arredores de Setúbal: grutas sepulcrais da Quinta do Anjo*. «O Archeólogo Português», vol. XII, p. 210-217 e 320-338. Lisboa, 1907.

(13) P. B. da Cruz, *As grutas de Palmela*. «Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha», vol. I, n.º 3. Figueira da Foz, 1906.

(14) Nils Aberg, *La civilisation énéolithique dans la Péninsule ibérique*. Halle, 1921

de António Mendes) e no Museu Etnológico do Dr. José Leite de Vasconcelos (exploração de Marques da Costa).

Carenque: 3 grutas (I, II e III), exploradas pelo Sr. Dr. Manuel Heleno em 1932, encontrando-se o seu espólio no Museu Etnológico do Dr. José Leite de Vasconcelos (15).

Desta localidade já há notícia da existência de mais grutas.

Alapraia: 3 grutas até hoje encontradas. A gruta I, de cujo espólio não há o menor indício, presumindo mesmo o Sr. Dr. Félix Alves Pereira que tivesse sido violada na época romana ou germânica (16), a gruta II que estamos explorando e a gruta III, situada na cozinha de uma habitação, cuja escavação tentaremos realizar depois de terminada a da gruta II.

Preocupou em tempos a opinião dos arqueólogos o saber-se se a abertura superior destas grutas teria sido feita quando da sua construção, ou em tempos posteriores (Est. II, A). Cartailhac em «Les âges...» diz: «...actuellement les voûtes sont crevées» (17) e mais adiante descrevendo uma delas acrescenta refrindo-se ao orifício superior: «permet au grand jour d'y pénétrer, il est évident qu'il est plus ou moins moderne. Il ne pouvait que se produire vu la fragilité de ces voûtes dont l'épaisseur atteignait à peine sur ce point 0^m,20 centimètres. Il a été peut être fait pour faciliter les fouilles, et n'a dans tous les cas aucune importance». Todavia a ideia de que tais aberturas tivessem sido feitas por pesquisadores de tesouros está posta de parte. Marques da Costa não a perfilhava, dizendo mesmo: «o facto é que» elas apresentam «os bordos do lado interior arredondados, trabalho a que de certo se não dariam os violadores nem se produziria naturalmente» e acrescenta: «Também o Sr. Mendes (18) me afirmou que na opinião das suas pesquisas as aberturas que observou no tecto das grutas eram circulares e feitas com tal regularidade que só poderiam ter sido executadas pelos artistas que construíram os monumentos» (19).

(15) Manuel Heleno, *op. cit.*

(16) «O Archeólogo...», vol. XXIII.

(17) Cartailhac, *op. cit.*, p. 120.

(18) António Mendes, que sob a direcção de Carlos Ribeiro fez as escavações de 1876.

(19) A. I. Marques da Costa, *op. cit.*, p. 325.

Cartailhac relacionava estas sepulturas com outras similares cavadas no solo, sem abertura superior, existentes no Marne e Provença, Sicília, Maiorca e outras ilhas do Mediterrâneo ⁽²⁰⁾.

Indústria lítica

Não é muito abundante o espólio actual da gruta II de Alapraia. Alguma fauna, pouca indústria lítica, óssea e adornos. É mais rica em cerâmica e ossos humanos.

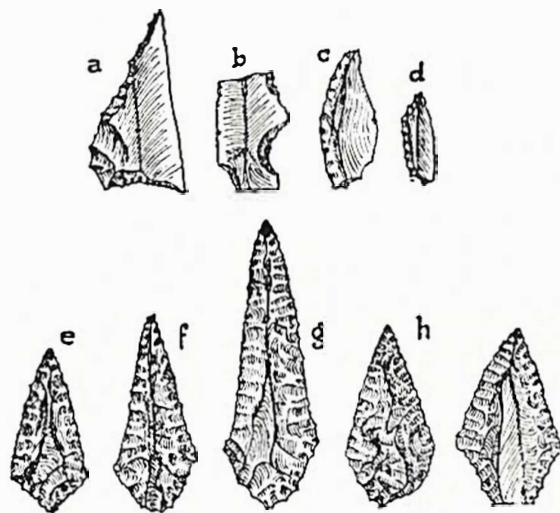


Fig. 2 — Micrólitos e setas da gruta II de Alapraia.

Os micrólitos que aparecem no eneolítico são ainda do tipo dos que se encontram nos concheiros de Muge ⁽²¹⁾, e segundo Siret as suas formas perpetuam-se por toda aquela civilização ⁽²²⁾, decrescendo porém o seu uso.

Em Alapraia achámos até hoje três micrólitos. Dois em forma de meia lua ou gomo de laranja com o rebordo curvilíneo finamente

⁽²⁰⁾ Cartailhac, *op. cit.*, p. 117 a 138.

⁽²¹⁾ Nils Aberg, *op. cit.*, p. 50.

⁽²²⁾ Louis Siret, *Questions de chronologie et d'ethnographie Ibérique*. Paris, 1913, p. 394.

retocado (fig. 2, c, d) e um trapezoidal (fig. 2, a). Também se encontrou uma pequenina lâmina com um recorte semi-circular que vem em apoio da teoria do fabrico dos micro-burís exposta por Siret (fig. 2, b). Do tipo trapezoidal diz este arqueólogo terem evoluído as pontas de seta, conforme seriação apresentada no trabalho de Aberg ⁽²³⁾ (fig. 3) que classifica estas em cinco tipos (fig. 4, a-j) e diz que,

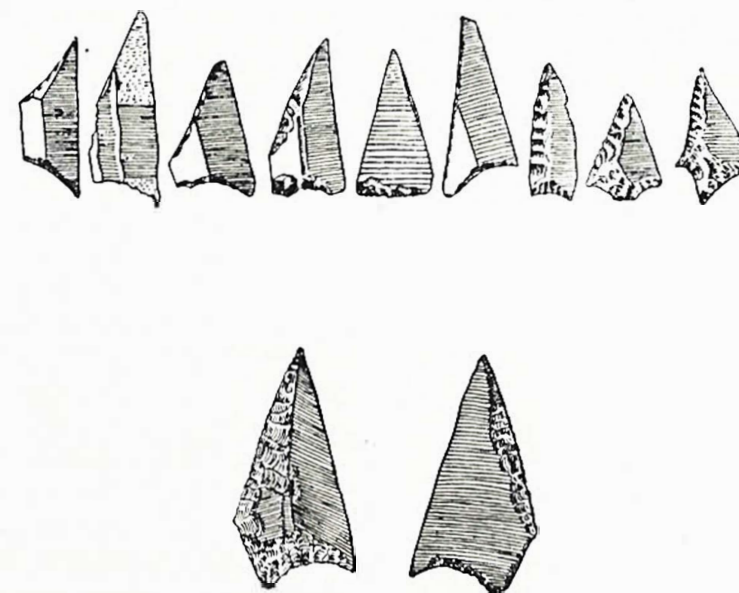


Fig. 3 — Evolução da ponta de seta, iniciada no micrólito trapezoidal, segundo L. Siret.

apesar de ser impossível estabelecer a sua ordem e sucessão, por muitas vezes aparecerem umas ao lado das outras e serem em parte sincrónicas, admite que os três primeiros grupos (a-b, c-d, e) sejam os mais antigos, que o quarto (f-h) é mais comum e pertence ao apogeu do eneolítico, que o quinto (i-j) é o mais novo e pode muito bem derivar do grupo 1 e 2. Estabelece depois como se poderia ter dado essa evolução, aparecendo a base alongada em ponta ao mesmo tempo que as asas laterais.

⁽²³⁾ *Op. cit.*, p. 50.

As pontas de seta por nós encontradas até hoje (fig. 2, e-i), são em número de cinco e podemos facilmente enquadrá-las nos três primeiros grupos da série referida. Sendo assim teremos que a civilização destas grutas pode ser colocada no princípio do pleno eneolítico, pois do tipo quarto de Aberg e do quinto ainda não encontrámos até agora

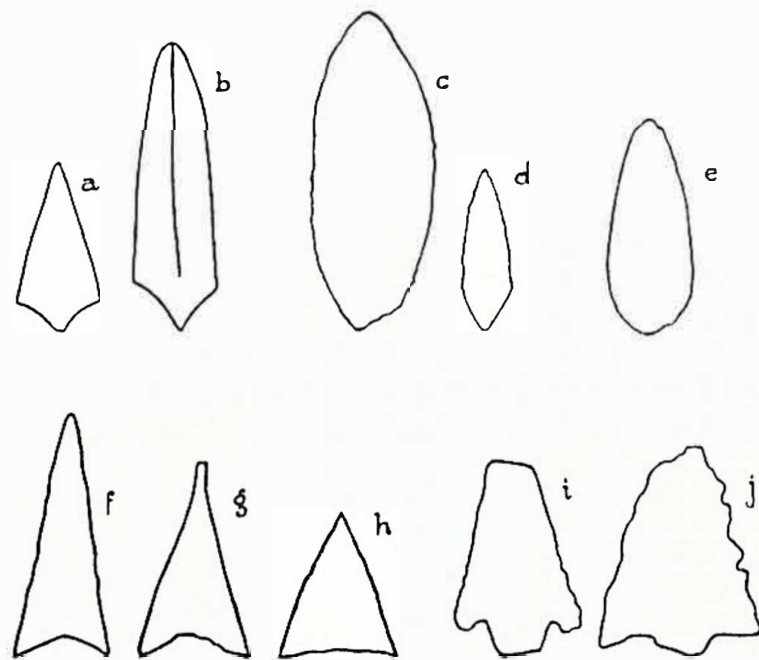


Fig. 4 — Classificação dos diferentes tipos de seta, segundo Nils Aberg.

exemplar algum. Comparando as setas de Alapraia com as de Palmela, nota-se que nestas grutas, conjuntamente com exemplares dos três primeiros tipos aparecem muitos do quarto, donde se pode concluir sejam elas de uma idade um pouco mais avançada dentro do pleno eneolítico, o que em parte é comprovado pela sua associação a alguns objectos de metal.

O número de facas de silex é bastante elevado posto que as suas dimensões sejam diminutas. Encontrámos até hoje cerca de quarenta e cinco, sendo dezassete de três planos, vinte de dois planos,

quatro em forma de ponta, uma com dois entalhes e três um pouco amorfas. Duas delas apresentam uma das extremidades retocadas, servindo de raspadores (fig. 5, c, d). Um outro raspador bem trabalhado apresenta o aspecto cordiforme. Além daquelas facas há duas de pequenas dimensões, de quartzo hialino levemente azulado, que deviam ter aplicações extremamente delicadas (fig. 5, e, f).

Cartailhac ao estudar as serras de silex de Palmela, diz que estas são raras e muito notáveis⁽²¹⁾, acrescentando que as melhores são as que não têm dentes de espécie alguma, mas são como lâminas cujo gume é substituído por uma série de pequenos retoques que tornaram o bordo rugoso. Este tipo de serras não o encontrámos em Alapraia, mas um outro nos aparece, talhado num pedaço de silex sem esmero de acabamento, tendo numa das faces um denteado sensivelmente profundo (fig. 5, a).

Dentre os núcleos apenas num estão bem patentes as extracções de pequenas facas (fig. 5, b).

Posto que esta gruta seja escassa em silex que não existe na localidade, encontrámos boa porção de pedaços amorfos de variadas dimensões.

Machados de pedra polida intactos, dentro da gruta, não apareceu até agora nenhum. Apenas um reduzido número de fragmentos. Seriam partidos intencionalmente de harmonia com qualquer rito?

Acharam-se alguns percutores, um dos quais da mesma matéria prima dos machados.

Entre os objectos líticos, deixámos propositadamente para o fim um pequeno cilindro calcáreo, de 55 mm de alto por 7 mm de espessura, sem adorno algum (fig. 6, c). O Sr. Dr. Manuel Heleno é de opinião que estes cilindros em geral considerados como ídolos, não são mais que a representação do morto ou de qualquer antepassado⁽²²⁾.

Bem longe estamos da opinião de Carlos Ribeiro, que, ao encontrar os primeiros, de muito maiores dimensões, é certo, em Liceia, Folha

(²¹) *Op. cit.*, p. 129.

(²²) *Op. cit.*, p. 18-19.

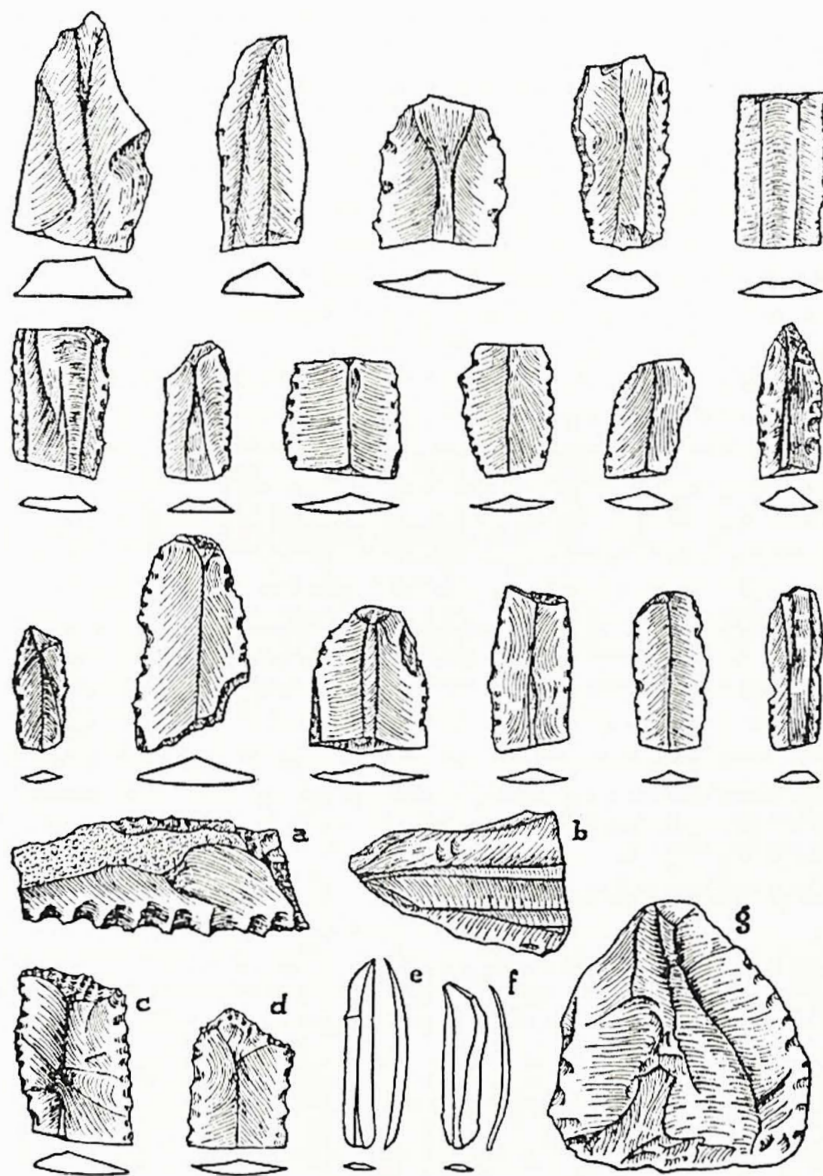


Fig. 5 — Facas, serra, raspadores e núcleos da gruta II de Alapraia.

de Barradas e Monte Abraão, emitiu a hipótese de que fossem os antecessores das *clavas* e *massas* de hoje, ou símbolos de autoridade (26).

Cartailhac confessa que não achava uma explicação sobre o fim a que se destinavam (27).

Não é o cilindro de Alapraia do tipo mais antigo. Segundo Aberg os primitivos apresentam traços estilizados do cabelo, rosto, etc. Com a evolução a face passou a ser simbolizada somente por umas linhas curvas até que estas desapareceram por completo.

Indústria de osso

Foram bem raros os objectos de osso encontrados até hoje. Apenas dois fragmentos de cabeças de alfinete ornamentados com sulcos paralelos perpendiculares ao eixo e restos de hastes dos mesmos (fig. 6, e, f, g). Uma destas contém ainda a extremidade aguçada, e o outro, a parte superior que devia encaixar na cabeça.

Também nos apareceu um pedaço de osso com um orifício ao meio (fig. 6, d).

Adornos

Podemos dividir os adornos encontrados em três grupos: contas pequenas circulares, conta grande em forma de azeitona e berloque.

As contas são de calaíte e sobre a proveniência desta substância e suas afins, afigura-se-nos interessante dizer que Plínio, o primeiro que a ela se referiu, lhe atribuía origem oriental. Cartailhac não perfilhava esta opinião e dizia que os locais onde se encontravam estas contas em Portugal, França e Espanha formavam como que um oásis entre todas as civilizações vizinhas, representando o apogeu do eneolítico. Se a proveniência da calaíte fosse oriental, naturalmente devia haver traços dela na Itália e outras regiões do Mediterrâneo, o que não acontece.

Em França encontrou-se num jazigo metalífero uma substância afim da calaíte que explicaria a extracção local da matéria prima para aqueles adornos.

(26) *Op. cit.*, p. 38, 41, 83 e 84.

(27) *Op. cit.*, p. 102.

Também em Portugal, no Museu de Mineralogia da Faculdade de Ciências do Porto existe, vinda dos jazigos de estanho de Paredes de Coura uma substância do tipo da calaíte e ribeirite, denominada

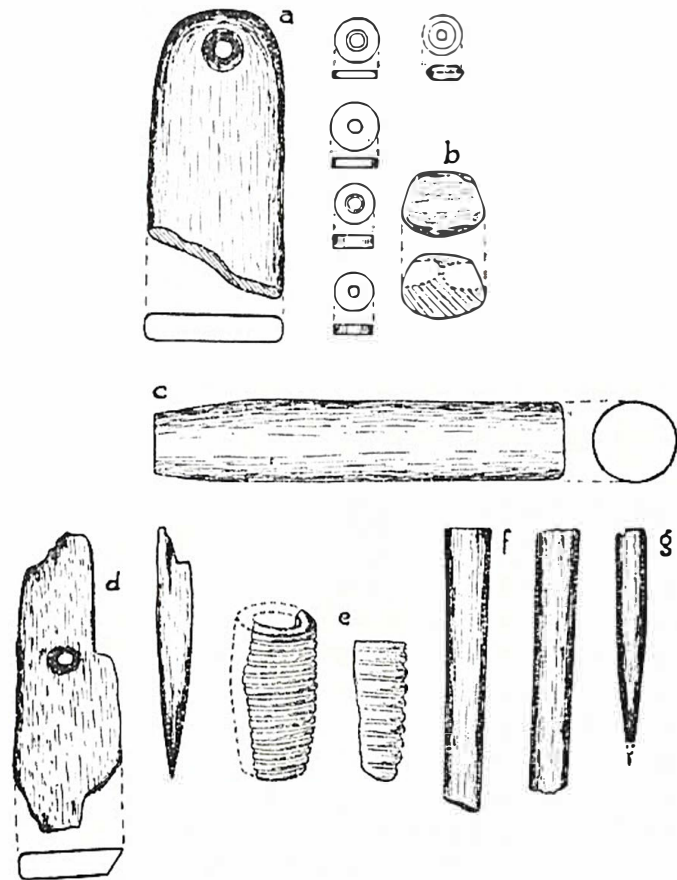


Fig. 6 — Contas, berloque, cilindro de calcáreo e objectos de osso.

lazulite, achada pelo professor Castro Portugal. A ser assim teremos explicada entre nós a origem da matéria prima de tais objectos de adorno, sem recorrer à sua importação — tese que defendeu no Con-

gresso de Londres de 1932 o malogrado prehistoriador eng. R. de Serpa Pinto (*).

As contas pequenas que encontrámos são em número de vinte e três, de diâmetros variados que vão de 4 a 6 milímetros (fig. 6).

A conta maior, em forma de pequena azeitona é de cor esverdeada e a perfuração é feita um pouco ao lado, com dois orifícios em V, que não se encontraram de topo mas um pouco obliquamente (fig. 6, b).

O berloque é de uma substância xistosa e encontra-se partido na parte inferior. Arredondado na parte superior, tem uma perfuração em duplo V para enfiar no colar (fig. 6, a).

Entre os adornos deste tipo permitimo-nos chamar a atenção para um existente no Museu da Comissão do Serviço Geológico, proveniente das grutas de Cascais e que tem a forma de uma pequena placa de xisto.

Cerâmica

Não menos interessante que os problemas suscitados pela indústria de pedra e osso da nova gruta de Alapraia, é o que nos oferece a sua rica e variada cerâmica. Essa variedade e essa riqueza são de certo uma das características especiais do espólio desta gruta. Dada a circunstância de ainda se não ter escavado senão talvez metade do seu interior, é de esperar que na próxima campanha de explorações se encontrem ainda mais exemplares e em melhor estado de conservação. Se tal facto se verificar, será a gruta de Alapraia o monumento funerário desta cultura mais rico de cerâmica, existente em Portugal.

Ao lado da cerimónia indígena de fabrico grosseiro, abundam os vasos da cerâmica decorada do tipo de Palmela, certamente importada de fora. Predomina, entre os exemplares da primeira, o tipo de taça redonda, desde as grandes de 18 centímetros de diâmetro até às mais pequenas de pouco mais dum decímetro, sendo algumas delas quase

(*) R. de Serpa Pinto, *Activité minière et métallurgique pendant l'âge du bronze en Portugal*. «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», tomo XVIII, Porto, 1933.

semi-esféricas. É o n.º 5 dos 12 tipos classificados por Nils Aberg ⁽²⁹⁾. Possuímos fragmentos de, pelo menos, doze taças diferentes, podendo-se talvez completar umas três ou quatro e restaurar quase todas.

A altura destes vasos é pequena e geralmente não vai além dum decímetro. Há alguns que são de pasta grosseira, negra, cheia de grãos de quartzo, ao passo que outros estão trabalhados em cerâmica mais fina, até mesmo extremamente delicada. Entre estes últimos colheu-se um bastante avermelhado tanto interior como exteriormente. Outros apresentam-se como que revestidos de certo polimento na sua superfície exterior. Todas estas taças são feitas inteiramente à mão, notando-se muito bem o trabalho de adaptação levado a cabo pelo oleiro. Mas embora sejam lisas e sem ornamentação alguma, vê-se em quase todas a preocupação de obedecerem na sua forma a tipos bem definidos.

Do tipo n.º 3, influência evidente do vaso campaniforme, existem uns 3 ou 4 exemplares. A sua base é arredondada, abrindo docemente em forma de sino, mas de modo a conservar na abertura o mesmo diâmetro da base. A cerâmica negra destes vasos é mais perfeita, mas ainda sem decoração.

Há também fragmentos de vasos de grande tamanho, que lembram outros encontrados em estações eneolíticas da Península, mesmo da Catalunha ⁽³⁰⁾.

Entre os exemplares de cerâmica indígena notam-se alguns com uma ornamentação ainda muito simples, principalmente nos bordos. Na gruta de Alapraia apareceram fragmentos destes vasos com bordos cortados em dentes de serra, nalguns exemplares com maior ondulação do que noutros. Este género de cerâmica é muito abundante nas grutas de Carenque, e parece ser influência da cerâmica com relevos da cultura eneolítica central da Península.

A cerâmica ornamentada propriamente dita é da mais rica e variada. Esta ornamentação consiste, como em Ciempozuelos e em

⁽²⁹⁾ Nils Aberg, *La civilisation énéolitique dans la Péninsule Ibérique*, Halle, 1921, p. 33.

⁽³⁰⁾ Luis Mariano Vidal, *Cerámica de Ciempozuelos en una cueva prehistórica del N. E. de España*. Barcelona, 1916. No Museu Antropológico de Madrid há também um vaso de tamanho bastante grande e que com outros do tipo campaniforme procede de San Isidro.

Palmela, em linhas e faixas em zigue-zaque ou dentes de serra, gravados de diferentes maneiras; fileiras paralelas de pequeninos quadrados abertos com punção de osso, zonas horizontais de pequenos traços verticais dispostos por grupos, de modo a alternarem os duma zona com os da outra quando há mais de uma; faixas de linhas entrecruzadas formando losangos ou enxadrezados, ou contendo pequenas linhas oblíquas paralelas, etc.

As séries de pequenas quadriculas denotam ter sido impressas com um instrumento particular de osso cuja extremidade teria vários dentes, separados por cortes transversais à maneira dum pente, ou então por um instrumento em forma de roda dentada. Nota-se algumas vezes a sucessiva aposição desse instrumento, pela periodicidade repetida dum certo número de pontos quadrangulares, sucedendo-se em série uns aos outros até fechar completamente o círculo. As linhas mais ou menos paralelas que separam as diferentes zonas ornamentadas, bem como alguns desenhos em forma de V foram também gravados por instrumentos de osso com a ponta em bisel. Só assim se explica que as linhas incisivas na cerâmica ainda mole, se apresentem nas suas extremidades muito mais estreitas e com tendência a desaparecer, sendo que em todo o seu percurso e nomeadamente na parte central se encontrem por vezes profundamente gravadas.

Não apareceu até agora em Alapraia cerâmica com ornamentação entrançada a imitar corda, como se vê no vaso campaniforme do norte da Europa. Talvez haja uma única excepção no vaso quase intacto que lográmos retirar e em cuja decoração se vê uma linha que talvez possa ser tida como cordeliforme (Est. II, B).

Adornos circulares, ou até mesmo de linhas simplesmente curvas, faltam completamente.

O bordo superior dos vasos em forma de taça deste tipo de Palmela é quase sempre ornamentado com um cuidado muito particular, como se pode observar em três exemplares, pelo menos, de Alapraia (figs. 7 e 8). Foi esta circunstância que levou o falecido arqueólogo José Ramon Méllida a dar-lhes uma significação votiva, uma vez que tal espécie de vasos é exclusiva, pode dizer-se, de sepulturas ⁽³¹⁾.

⁽³¹⁾ José Ramón Méllida, *La cerámica prehistórica decorada*. «O Archeólogo Português», vol. XXIV. Lisboa, 1920, p. 23.

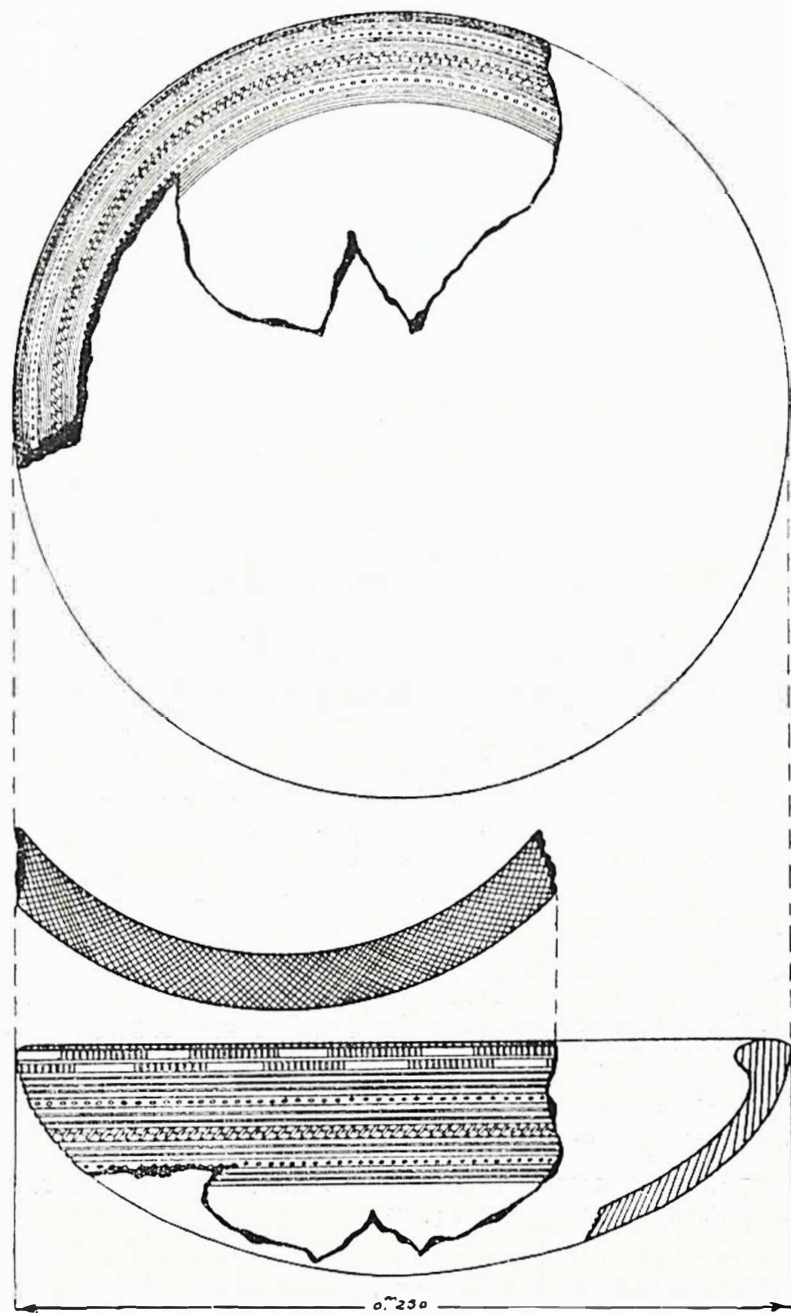


Fig. 7—Taça ornamentada, de barro, da gruta II de Alapraia.

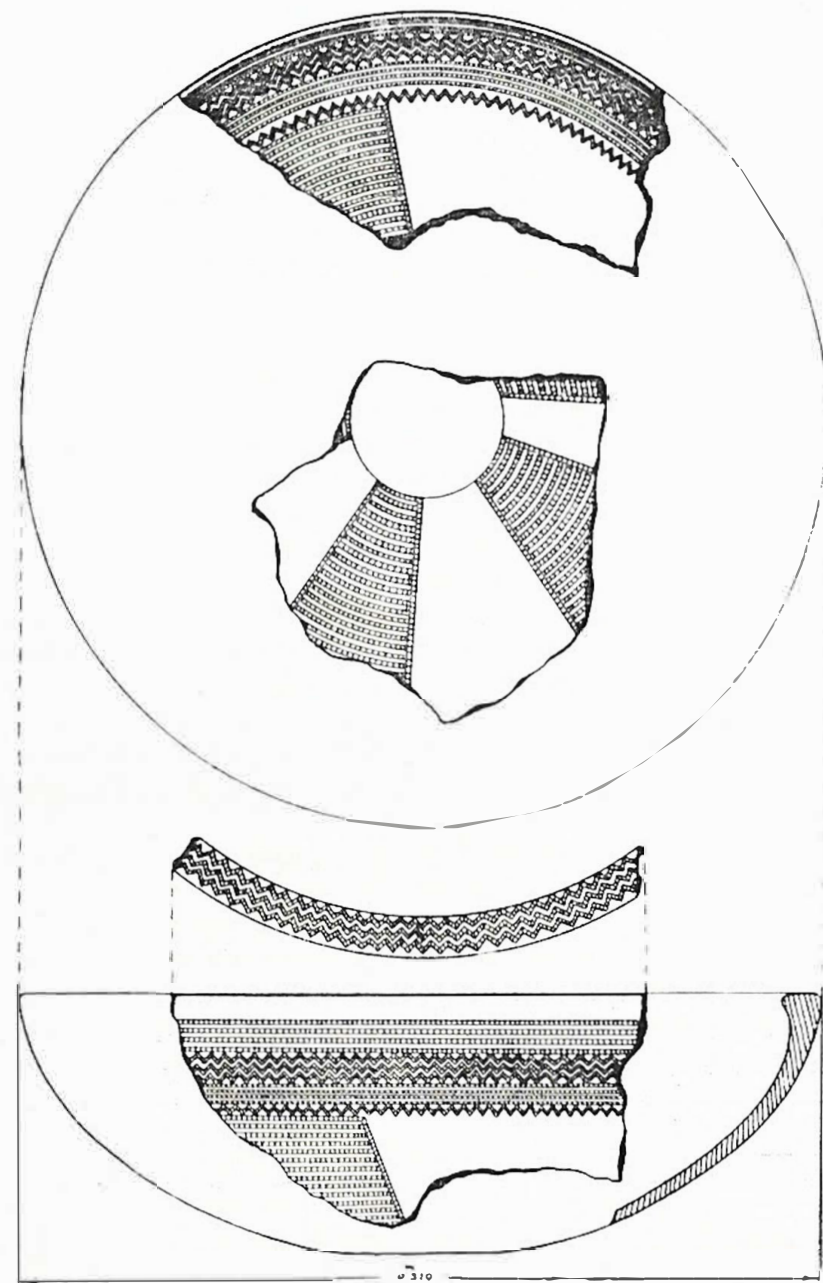


Fig. 8—Taça ornamentada, de barro, da gruta II de Alapraia.

Também são notáveis os adornos da base externa destas taças. O fundo, no exterior, é preenchido quase sempre por um círculo ou cúpula de um, dois, e às vezes quatro centímetros de diâmetro, à volta do qual aparece uma estrela, ou donde saem mais frequentemente para o bordo quatro, cinco e mais raramente seis zonas de linhas paralelas, formando outros tantos feixes de raios. De Alapraia procede uma taça de fundo redondo (fig. 8) que mostra uma estrela pentagonal de zonas de linhas ponteadas a punção quadricular, e um elegante vaso campaniforme em cujo fundo se vêem quatro feixes perpendiculares de raios formando cruz e partindo todos da tal cupulazinha central (Est. II, B).

Há uma particularidade interessante nesta cerâmica. As linhas impressas, chaveirões, losangos, quadriculas, etc. vêem-se muitas vezes impregnadas numa substância branca calcárea, que dá a ideia duma verdadeira incrustação, e que faz realçar notavelmente os mesmos desenhos sobre o fundo pardo ou negro do barro. Encontraram-se exemplares com estas incrustações em Ciempozuelos, por ex., em Palmela, e temos também de Alapraia pelo menos fragmentos dum pequeno vaso campaniforme. O prof. Alberto del Castillo, de Barcelona, supõe que essa massa branca é apenas um efeito natural dos terrenos calcáreos ou de gesso, em que os vasos durante tantos séculos estiveram soterrados. Mas se essa hipótese fosse verdadeira, porque é que nuns vasos se vêem tais incrustações e noutros não? E sobretudo, porque é que num mesmo vaso aparecem zonas muito mais impregnadas que outras?

A origem da forma e da ornamentação destes vasos tem sido vivamente discutida. O falecido mas sempre lembrado pre-historiador Louis Siret deriva a primeira das ceiras ou cestos de esparto da Cueva de los Murciélagos, na Andaluzia, e a segunda da pressão dum cordel simples ou de dois ou mais cordéis enrolados, ou de um cordel com nós, sobre o barro ainda mole ⁽³²⁾.

Montelius é de opinião que o vaso caliciforme foi importado do Oriente, por ver na sua ornamentação influência das pinturas da cerâmica neolítica de Knossos. As descobertas e estudos mais recentes

(32) Louis Siret, *Questions de chronologie et d'ethnographie ibériques*. Paris, 1913, p. 205.

não permitem ver nessas semelhanças senão pontos muito explicáveis duma simples convergência. Depois dos estudos levados a cabo principalmente pela escola catalã de Barcelona e admitidos geralmente pelos pré-historiadores estrangeiros, sabemos já que a forma e a técnica deste tipo de cerâmica eneolítica tiveram a sua origem no círculo de cultura chamado das grutas ou central, da Península, e mais concretamente no sub-círculo da Andaluzia. Começa a aparecer no neolítico final; e a sua difusão deve-se sobretudo ao comércio do cobre nos primeiros alvares da indústria dos metais. Da Andaluzia difunde-se o vaso campaniforme, seguindo três roteiros diferentes: um por Almeria dirige-se à Catalunha, e pelo Mediterrâneo à Sicília, Sardenha, Toscana e vale do Pó, onde se encontra com outra corrente oriunda dos Alpes. Daí segue para a Alemanha, desce à Holanda, sobe de novo à Dinamarca e penetra na Inglaterra, já sincrónico do Bronze.

O segundo roteiro é o que o leva do Guadalquivir ao vale do Tejo, em Espanha, e à meseta castelhana.

À Foz do Sado e do Tejo em Portugal dirige-se por mar a terceira via de expansão, e é daqui que igualmente pelo oceano alcança as francesas da Bretanha e daí passa à Irlanda. Assim se explicam perfeitamente as afinidades do vaso caliciforme irlandês com os bretões e portugueses, ao passo que os da Escócia se aparentam mais com os provenientes da Holanda ⁽³³⁾.

Espólio antropológico

Quanto ao espólio antropológico já colhido e infelizmente bastante fragmentado, resolvemos deixar para o fim das escavações o seu estudo, que, evidentemente só poderá ser levado a efeito por um especialista. Verificámos que as inumações foram feitas também no vestibulo da gruta. Provavelmente começariam a depositar os cadáveres na cripta circular, entrando pelo orifício em forma de ferradura. Quando estes

(33) Alberto del Castillo Yurrita, *La cultura del vaso campaniforme: su origen y extensión por Europa*. Barcelona, 1928. Cfr. também: Julio Martinez Santa Olalla, *Cerámica incisa y cerámica de la cultura del vaso campaniforme en Castilla la Vieja y Asturias*. «Anuário de Prehistória Madrileña», vol. I, 1930, p. 99.

alcançassem já meia altura da gruta, e obstruissem por conseguinte a entrada, utilizar-se-ia para os enterramentos sucessivos a clarabóia superior, fazendo descer por ela os cadáveres. Só mais tarde, depois de repleto todo o interior, é que o vestíbulo serviria de jazigo.

Temos já restos de mais de 12 indivíduos de ambos os sexos. Jaziam sem posição determinada, a não ser os de uma criança que pareciam protegidos por um singelo círculo de pedras. Quase todos os dentes apresentam um desgaste acentuado, efeito talvez da alimentação rude daquelas gentes. Mas é cedo ainda para conclusões deste género, e só terminadas as escavações deste verão poderemos ter um base sólida para as assentar com o estudo minucioso de todas as peças osteológicas.

Cronologia

Depois destes trabalhos de pormenor, julgamos ter já algum fundamento para a determinação, pelo menos provisória, da cronologia. Não cremos que o que falta por escavar na gruta venha modificar sensivelmente as conclusões que assentamos desde já.

É curioso notar antes de mais nada que os períodos entre os quais está compreendida a cultura de Alapraia, se encontrem ainda pouco conhecidos, embora a data dessa cultura esteja bem determinada. Do neolítico avançado pouco conhecemos, e quase podemos dizer que o único traço de união que o liga persistentemente ao começo dos metais é a chamada arte rupestre esquemática do sul e parte do levante da Península, da qual o prof. Breuil, de Paris, acaba de publicar um copioso e esplêndido *Corpus*. As mais antigas manifestações desta arte, exuberantemente espalhada pela Andaluzia, Sierra Morena e Extremadura Espanhola, devem ser contemporâneas do epipaleolítico, e passando pelo neolítico inicial e pleno foram-se esquematizando cada vez mais até atingir o período do Bronze.

Muitos milhares de anos antes, durante o paleolítico superior, era a Península invadida quase simultaneamente por duas grandes culturas: pela cultura aurinhacense franco-cantábrica, e pela cultura sbaiko-ateriense, originária de África. O choque destas duas culturas produziu evidentemente reacções mútuas, que explicam o fundamento

de muitas características de achados locais, como por ex., da gruta de Parpalló, em Valência, e de algumas formas africanas do paleolítico de Madrid, e levam a rectificar classificações estabelecidas anteriormente (34).

Depois, já no epipaleolítico, infiltra-se na península a onda capsense, na sua fase final, seguindo a costa do Atlântico. Uma das suas mais importantes estações em que, segundo o Prof. Obermaier se nos mostra na sua forma pura, é a nossa de Muge, tão proficientemente estudada pelo Instituto de Antropologia da Universidade do Porto. Essa nova cultura não teve grande desenvolvimento, mas chegou a estabelecer-se algum tanto na zona cantábrica, onde se encontrou e amalgamou com a cultura epipaleolítica azilense. Seguindo o seu caminho sul-norte, vamos identificá-la, de mistura com elementos tardenoisenses, na França, na Bélgica, na Inglaterra, e até mesmo nos concheiros maglemosenses da Dinamarca (35).

Na aurora do neolítico aparece nas Astúrias a cultura denominada por isso mesmo asturiense, que nessa região se encontra perfeitamente datada como post-paleolítica e pre-neolítica. Alguns autores têm-na por um produto indígena que nasceu simplesmente das novas necessidades trazidas pela extinção da fauna quaternária e da mudança de temperatura. Salvo melhor opinião, cremos antes que seja uma indústria evolucionada do paleolítico e possivelmente oriunda do Sul.

Para o estudo do neolítico muito contribuirão as escavações ainda em curso que no Alentejo vem realizando há anos o Sr. Dr. Manuel Heleno, director do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. É esse o parecer do prof. Obermaier que a elas assistiu o ano passado.

A partir do neolítico aparecem na Península Ibérica quatro culturas com características bem distintas: 1.ª Cultura ocidental de sepulturas megalíticas, que, começando no neolítico final e atravessando o eneo-

(34) J. Pérez de Barradas, *Los problemas del Paleolítico superior madrileño*. «Investigación y Progreso», Madrid, 1934, p. 249. Idem, *Relaciones entre el arte rupestre del Levante de España y el Sur de Africa*. «Investigación y Progreso». Madrid, 1935, p. 54. Hugo Obermaier, *Estudios prehistóricos en la provincia de Granada*. Madrid, 1934.

(35) H. Obermaier, *Das Capsien Problem im westlichen Mittelmeergebiet*. Berlin, 1934.

lítico inicial e pleno continua até uma fase já avançada do período do Bronze. 2.^a Cultura central ou das grutas, de cerâmica ornada com relevos, e ausência total de pontas de seta. É nesta cultura que nasce a civilização do vaso campaniforme que vai influenciar grandemente todas as outras culturas peninsulares do pleno eneolítico. 3.^a Cultura de Almeria, de aldeias fortificadas, cerâmica sem decoração e pontas de seta em losango ou triangulares a contraporem-se às de base côncava que abundam mais na nossa cultura eneolítica portuguesa. Aparecem os primeiros instrumentos de cobre. 4.^a Cultura pirenaica, mais tardia, na zona norte das províncias vascongadas, caracterizada por sepulturas megalíticas de tipo português, pontas de seta da cultura de Almeria, cerâmica de tipo indígena à mistura com tipos caliciformes (30).

A cultura de Alapraia pertence à cultura do vaso campaniforme do eneolítico pleno. É a época da grande expansão e desenvolvimento da cultura ocidental. Muitas sepulturas são já de falsa cúpula, arquitectura derivada do Oriente como quere Obermaier, ou talvez apenas progresso técnico local da arquitectura megalítica, como supõe Bosch-Gimpera. Outras são já escavadas ou abertas na mesma rocha, embora conservem a forma dos monumentos megalíticos. Aparece um elemento novo a dar um cunho característico a esta cultura: é a cerâmica de Palmela.

É interessante a evolução das sepulturas nesta cultura ocidental eneolítica. Começa ao princípio pela construção de dólmenes ao ar livre. Vai desaparecendo pouco a pouco o monumento funerário até se enterrar debaixo do solo e se reduzir a simples cista formada de poucos esteios, como vemos por ex., em Castro Marim no Algarve, e na Quinta da Água Branca em Vila Nova da Cerveira. Uma das formas transitórias é o monumento aberto em parte na mesma rocha e em parte concluído com esteios ou pedras, como na sepultura do Monge em Sintra. Só depois é que vêm as grutas sepulcrais inteiramente abertas na rocha, como as de Palmela, Carenque e Alapraia, antes ainda de chegarmos às sepulturas em forma de cista.

(30) P. Bosch-Gimpera et L. Pericot, *Les civilisations de la Péninsule Ibérique pendant le Néolithique et l'Énéolithique*. «L'Anthropologie», t. XXXV, 1925, p. 409. P. Bosch-Gimpera, *O neo-eneolítico na Europa Ocidental e o problema da sua cronologia*. «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia». Porto, 1928, p. 277.

Pelo espólio até hoje encontrado na gruta de Alapraia, deve esta ser introduzida, como dissemos, no pleno eneolítico, a que pertencem também as grutas de Palmela e de Carenque. Mas, comparado esse espólio com o das grutas de Palmela, observa-se que em Alapraia: 1.^o Não se colheu por enquanto qualquer objecto de metal. 2.^o Apareceram já vários micrólitos geométricos, facto que não se deu em Palmela. A associação destes micrólitos com o vaso campaniforme jamais se

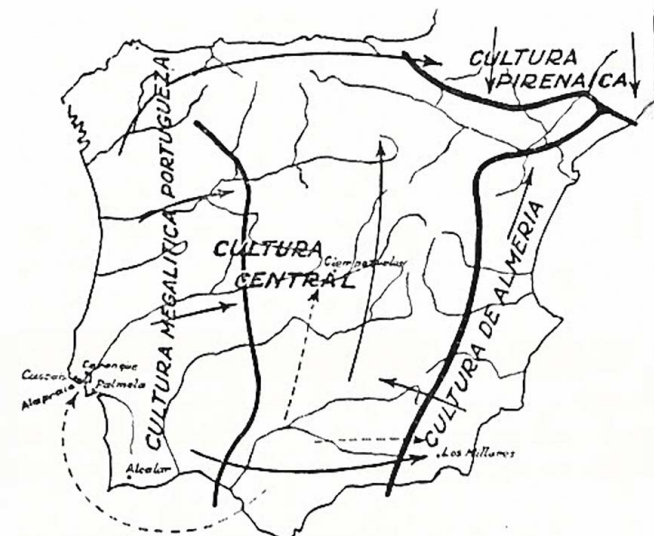


Fig. 9 — Zonas culturais do eneolítico da Península Ibérica e seus rotelros. As flechas ponteadas indicam o rotelro da cultura do vaso campaniforme.

observa, por ex., na cultura central ou das grutas. 3.^o As setas de Alapraia são, até agora, todas de base convexa, que segundo Nils Aberg, denotam mais antiguidade que as de base côncava.

Destas circunstâncias poderíamos talvez deduzir uma idade um pouco mais recuada para as grutas de Alapraia, dentro contudo do pleno eneolítico. Mas estas bases são provisórias, e só poderão ser confirmadas pelas próximas escavações.

Para Bosch-Gimpera a fase inicial do eneolítico começa em 3700 antes de Cristo, prolongando-se este período até 2500 a. C. com os pri-

meiros alvares do Bronze ⁽²⁷⁾. Teríamos pois para o pleno eneolítico uma data compreendida mais ou menos entre 3000 e 2500 a. C. O prof. Obermaier rejuvenesce um pouco mais o início do Bronze, fazendo datar o seu primeiro período do ano 2000 a. C. ⁽²⁸⁾. Seja como for, o certo é que a cultura de Alapraia é anterior ao segundo milénio antes de Cristo, embora não vá além do terceiro.

As grutas de Alapraia, Cascais, Carenque, Ribeira da Lage, e Palmela, situadas estas não longe da foz do Sado e aquelas perto da foz do Tejo sugerem evidentemente a hipótese da introdução da sua cultura por via marítima (fig. 9). Seria interessante continuar a estudar a extensão e evolução desta cultura pelo interior do país. O que sabemos presentemente é que se não afastou muito para o interior, e, embora não sejam numerosos os monumentos funerários que nos deixou, mostra em quase todos eles características muito especiais e bem determinadas. É uma civilização rica e artística, que tinha principalmente um grande carinho pelos seus mortos, como se deduz do facto de só encontrarmos nas suas grutas sepulcrais os objectos de maior apreço e mais cheios de simbolismo.

4000 a 5000 anos passaram já sobre essa civilização eneolítica, uma das muitas que nos antecederam nesta mesma foz do Tejo. Mas embora tenham decorrido todos esses centenares de anos que alcançam mesmo alguns milhares, a enxada do estudioso tenta desvendar de algum modo a sua cultura, os seus costumes, os seus mistérios, na escuridão por vezes bem espessa das suas grutas sepulcrais. Trabalho inútil e improficuo? Não de certo. O estudo da história tende actualmente a unir-se cada vez mais ao da pre-história. A investigação do pré-historiador, não menos do que a do historiador, servirá desse modo para a reconstituição do nosso passado. Não visa outro fim o singelo estudo que empreendemos das grutas de Alapraia ⁽²⁹⁾.

⁽²⁷⁾ P. Bosch-Gimpera, *O neo-eneolítico na Europa Ocidental*, etc., p. 286.

⁽²⁸⁾ Hugo Obermaier, *El Hombre prehistórico y los orígenes de la Humanidad*. Madrid, 1932, p. 207.

⁽²⁹⁾ As figuras reproduzidas em zincogravura que ilustram o presente trabalho assentam sobre primorosos desenhos do Ex.^{mo} Sr. Venâncio Lázaro a quem manifestamos o nosso reconhecimento; e as fotografuras, em clichés de Eugénio Jalhay.



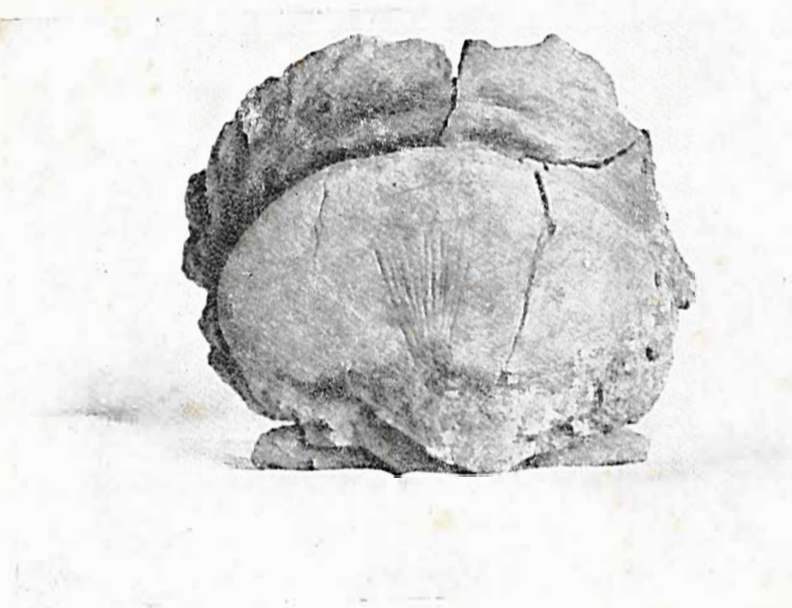
A — Vista da estrada que liga a povoação de Alapraia à da Gallza. Quase no centro da fotografia vê-se a entrada da gruta, no local onde está sentada uma criança.



B — Vestibulo e entrada da gruta II de Alapraia.



A — Clarabóia ou orifício superior da gruta II de Alapraia.



B — Vaso campaniforme, encontrado nas escavações de 1934.

PALEO- E MESOLÍTICO PORTUGUÊS (*)

(DESCOBRIMENTOS — BIBLIOGRAFIA)

RAZÃO tinha eu quando, ao ler na Associação dos Arqueólogos uma nota sobre a «Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal», em 30 de Junho de 1932 ⁽¹⁾, disse que a ausência de paleolítico em algumas das nossas províncias era certamente devida à falta de explorações. De então até agora, bastantes descobertas se realizaram e algumas delas em regiões até aqui falhas de objectos dessas longínquas civilizações.

Esta pequena nota de hoje não é mais do que um aditamento aos dois estudos: «Subsídios para uma bibliografia do paleolítico e epipaleolítico em Portugal» ⁽²⁾ e «Carta paleolítica...» a que acima me referi.

Incluo também nela o que de «asturiense» se avançou desde 1931, data em que o nosso malgrado amigo Dr. Rui de Serpa Pinto, com aquela proficiência que tanto admirávamos, publicou a sua última nótula sobre esta indústria ⁽³⁾.

(*) Trabalho publicado na *Revista de Guimarães*, tomos XLVI e XLVII. Guimarães, 1939.

⁽¹⁾ Afonso do Paço, «Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal». *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. I. Lisboa, 1935.

⁽²⁾ *O Instituto*, vol. 83, n.º 1. Coimbra, 1932.

⁽³⁾ R. de Serpa Pinto, «Nótulas asturienses — III». *Trab. da Soc. Port. de Antropologia e Etnologia*, vol. IV, fasc. III. Porto, 1931.

A) — PALEOLÍTICO

Dias depois do aparecimento da separata: «Carta paleolítica...» escrevia-me o Sr. Dr. Manuel Heleno, pedindo uma rectificação que gostosamente faço. Diz aquele Professor: «Quem descobriu a primeira estação paleolítica em Setúbal foi este seu amigo, como certamente leu no «Diário de Notícias» de 28 de Março de 1932 e ainda em «A Voz» e «Diário de Notícias» de 22 de Janeiro de 1933 e «O Século» de 23 do mesmo mês e ano. O descobrimento foi feito em 1930, e foi nesta data que o material encontrado deu entrada no Museu e foi submetido à apreciação do Sr. Dr. Leite de Vasconcelos».

Dias depois realizou-se em Belém uma sessão do «Instituto de Arqueologia» e consta dos jornais que o Sr. Dr. Manuel Heleno voltou a ocupar-se do meu lapso referindo-se «ao descobrimento da primeira estação paleolítica dos arredores de Setúbal» que fez em 1930 e de que a Imprensa, em 1932 e 1933, deu largo relato. Para esclarecimento do assunto anunciou uma comunicação: «A primeira estação paleolítica de Setúbal — Tróia» (1).

Ora analisando de novo e desde o início a questão, vemos: Disse eu a pág. 10 do referido trabalho e em nota, que o Engenheiro Lerenó Antunes tinha encontrado paleolítico nas margens do Sado, e a pág. 25 e 26 que nas grutas do Casal do Pardo, nos arredores de Setúbal, apareceram alguns objectos, classificados como tais por Marques da Costa (2). Adiantava ainda que em Cambres se achou uma peça que se presume seja mustierense e junto do Castelo de S. Filipe (3) se recolheram vários instrumentos de sílex. Dava ao todo dois locais com paleolítico: grutas do Casal do Pardo e Castelo de S. Filipe, pois o achado de Cambres era duvidoso.

Como relato de jornais apenas conhecia isto: «Diário de Notícias» de 3-9-1930, artigo de Azevedo Pires, denominado «Setúbal Pre-histórica — Estações inéditas», donde consta:

(1) «Diário de Notícias» de 2-4-1935. Relato da sessão do «Instituto de Arqueologia» de 31-3-1935.

(2) A. J. Marques da Costa, «Estações prehistóricas dos arredores de Setúbal». *O Archeólogo Português*, vol. VII. Lisboa, 1902. Vol. XII. Lisboa, 1907.

(3) Por lapso safu no artigo: de S. Jorge. Aquil fica a rectificação.

«Tendo o autor destas desataviadas linhas notado casualmente e sem ser guiado por qualquer informação, a presença, na extensão da praia, de numerosos sílices a que os frequentadores dão o nome de «pedras de ferir lume», foi sua impressão estar em frente de estação pre-histórica, colhendo logo amostras dos tipos, formas, tamanhos e substâncias. Como o achado lhe despertasse um certo interesse e fosse conveniente recolher indicações complementares, voltou ao local, procurando investigar a área de jazida dos tais sílices, a qual ele viu limitada pela escarpa da cota já citada (1) da proximidade do Castelo de S. Filipe.

«Subiu depois por essa escarpa, onde nenhum sílice notou, talvez pela vegetação que o seu solo mascara, e ao achar-se na surribo ou socalco formado pela escarpa, foi encontrar, não os sílices cujo aspecto lhe denunciou uma indústria dos tempos pre-históricos, mas outros também denunciadores desses remotos tempos, formando parte de um todo muito original, produto também de uma indústria pre-histórica que em Portugal ainda não tinha sido revelada, nem sequer constatada.

«Recolheu então exemplares que apresentou às pessoas que destes assuntos se ocupam, tendo o cuidado de os fazer remeter para o Museu Dr. Leite de Vasconcelos, onde ficaram ao cuidado do Sr. Dr. M. Heleno, muito ilustre director...».

Diz ainda Azevedo Pires que «os objectos achados affectam formas vulgares das peças da fase quaternária» e «encontram-se na área limitada, nas proximidades do Castelo de S. Filipe, onde não encontrei peças de outras características, o que leva a supor tratar-se de uma estação típica e que se poderá designar topónimicamente Estação pre-histórica de S. Filipe. São duma certa dureza os seus instrumentos líticos e na maioria peças grandes, não excedendo, é certo, as proporções vulgares».

Informaram-me posteriormente que este material de Setúbal foi mostrado nos primeiros dias de Outubro de 1930 aos congressistas estrangeiros do XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueo-

(1) Apenas se transcreve uma parte do artigo de Azevedo Pires.

logia Pre-histórica, realizado em Coimbra-Porto, quando da sua visita à capital.

Não vi, é certo, os sílices achados, mas tendo entrado no Museu, julguei que fossem autênticos objectos paleolíticos.

O «Diário de Notícias» de 28-3-1932, em entrevista com o Sr. Dr. M. Heleno, diz a certa altura: «Pensa também (o entrevistado), e com entusiasmo, em novas escavações, numa estação paleolítica por si descoberta nos arredores de Setúbal».

O «Diário de Notícias» e «A Voz» de 22 de Janeiro de 1933, e «O Século» do dia 23 do mesmo mês e ano, dizem mais ou menos: «Terminadas estas explorações nos dolmens do Alentejo, iniciar-se-ão escavações numa estação paleolítica dos arredores de Setúbal, que há mais de 50 anos não se fazem, e a seguir nos concheiros de Muge...».

Com estes comunicados da Imprensa, dos quais os últimos não indicavam o local da estação paleolítica a explorar, presumi que se tratasse do primeiro, o Castelo de S. Filipe, a que se refere o artigo assinado por Azevedo Pires. Como se vê, não fui eu o culpado do lapso involuntário.

E já que estamos em maré de rectificações, faça-se mais uma. A páginas 15 da «Carta paleolítica...» quando se trata das Caldas da Rainha, deve ler-se *Santo Isidoro* e não *Santo Isidro*. A estação paleolítica com este último nome fica nos arredores de Madrid.

* * *

Há desde então locais novos de aparecimento de paleolítico em:

Tróia: Arredores de Setúbal. Estação em camadas estratigráficas descoberta pelo Sr. Dr. Manuel Heleno e sobre a qual prometeu para breve uma comunicação no «Instituto de Arqueologia».

Darque: Ao sul do rio Lima, em frente de Viana do Castelo, no lugar do *Rodanho*, encontrou o Sr. Dr. Falcão Machado, alguns objectos paleolíticos de mistura com outros asturienses. Sobre estes achados fez aquele ilustre professor liceal uma comunicação na secção de Arqueologia Pre-histórica da Associação dos Arqueólogos em 16 de Fevereiro de 1933.

Bárrio: Não longe da vila de Ponte do Lima, principalmente na freguesia daquele nome, encontrou o Rev. P.^o Saraiva de Miranda

alguns instrumentos paleolíticos, facto que comunicou ao Dr. Félix Alves Pereira. Este ilustre arqueólogo deu conhecimento do achado ao Prof. Dr. Joaquim Fontes que o noticiou na reunião da secção de Pre-história da Associação dos Arqueólogos de 12 de Abril de 1934.

Beja: Também em reunião da mesma secção o Engenheiro Lerenó Antunes apresentou um objecto paleolítico dos arredores desta cidade.

Porto Mouro: Nesta localidade, situada no Vale da Ribeira do Figueira (bacia do Sado) encontrou o Engenheiro Lerenó Antunes um biface chelense, conforme noticiou na secção de Pre-história em 12 de Fevereiro de 1935.

Mém Martins: Na sua propriedade na freguesia deste nome, concelho de Sintra, encontrou o Sr. Prof. Joaquim Fontes um *coup-de-poing* que é o primeiro daquele género achado na região. O seu aparecimento foi noticiado na reunião da secção de Pre-história de 17 de Janeiro de 1935.

Fontalva (Santa Eulália — Alentejo): Numa propriedade do Sr. Dr. Rui de Andrade, sita nesta localidade, ao abrir-se um poço, encontraram-se dois belos instrumentos possivelmente do tipo acheulense, que o Sr. P.^o E. Jalhay, por amável obséquio do seu descobridor, apresentou à secção de Pre-história de 11 de Abril de 1935. São de tipo idêntico aos das estações das margens do Caia (Arronches e Elvas), aproximando-se mais a matéria prima dos da estação de Arronches.

Cilhades: Nesta localidade, concelho de Moncorvo, encontrou o Engenheiro Lerenó Antunes alguns instrumentos paleolíticos, conforme comunicação feita à secção de Pre-história em 19 de Dezembro de 1935.

Alvega: Também nesta localidade, concelho de Abrantes, encontrou o mesmo Sr. Lerenó Antunes um *coup-de-poing*, que noticiou à secção de Pre-história na reunião anteriormente referida.

Guarda — Gare: Junto da estação de caminho de ferro da Guarda encontrou no verão de 1935 o Rev. P.^o Henrique da Silva Louro o primeiro instrumento paleolítico achado na Beira Baixa, uma das nossas mais belas peças desta indústria.

Trata-se de um biface lanceolado, de cerca de dois decímetros de comprimento, que tipologicamente parece pertencer ao acheulense médio ou superior, segundo classificação do Sr. P.^o Eugénio Jalhay

que o estudou e apresentou na secção de Pré-história em 19 de Dezembro de 1935.

Alvarães: O Sr. José Rosa de Araújo no «Notícias de Viana» de 11 de Janeiro de 1936 diz-nos que em Alvarães (Concelho de Viana) o Rev. P.^o Luciano Afonso dos Santos encontrou dois *coups-de-poing*, um dos quais no lugar do Padrão.

Muge e Glória: Nas freguesias deste nome, no Concelho de Salvaterra de Magos, na margem e aluvião do regato que da Glória vem desembocar perto de Muge, encontrou o Sr. Hipólito Cabaço uma série de instrumentos paleolíticos. A maior porção apareceu no local denominado Ponte do Coelho e respectivo vale, bem como noutra vale afluente do Paul do Duque denominado o Granho. Afora estes locais mais importantes, têm aparecido aqui e além instrumentos dispersos.

Também no *Casal do Concelho* (Camarnal — Alentejo) encontrou o Sr. H. Cabaço vários materiais líticos talhados principalmente em lascas, diferente do material dos concheiros, mas mais moderno que o paleolítico anteriormente referido proveniente de Glória e Muge.

B) — MESOLÍTICO

Quanto a mesolítico, alguns achados novos se fizeram nos últimos anos no que respeita a *concheiros* e *asturiense*.

a) — *Concheiros*

O Engenheiro Lerenó Antunes, em serviço na Hidráulica Agrícola da Bacia do Sado, encontrou vestígios de concheiros em *Vale de Romciras*, *Portancho* e *Várzea da Mó*, situados na margem do rio Sado, tendo apresentado, principalmente do *Vale de Romciras*, à secção de Pré-história em 15 de Fevereiro de 1934, alguns micrólitos característicos talhados numa matéria prima quase preta.

De há muito também que se procurava localizar um concheiro referido por Carlos Ribeiro como existente na margem esquerda do Tejo, na quinta da Sardinha e de que se perdera o rasto. Carlos Ribeiro descreve-o assim: «Le premier de ces monticules que nous avons découvert, en avril 1863, se trouve dans Quinta da Sardinha, entre les

villages de Salvaterra et de Muge. Il nous fut dénoncé par l'abondance des coquilles marines qui couvraient une partie de la surface du sol, y formant comme une bande blanchâtre d'environ 300 mètres de longueur. Cette bande nous révéla l'existence d'un dépôt artificiel de coquilles marines, parmi lesquelles nous avons reconnu les genres *Buccinum*, *Lutraria*, *Nucula*, *Cardium*, *Tapes*, *Pecten*, *Solen* et *Ostrca*. Avec ces restes il y avait des pinces d'écrevisses, des vertèbres de poissons, des fragments d'os de mammifères, surtout des ruminants; une phalange d'orteil humain, et une partie d'os coronal également humain».

«Nous avons tenté à plusieurs reprises de faire l'exploration de ce monticule mais les objections présentées par le propriétaire nous ont empêché jusqu'à présent d'y faire commencer ces travaux» (*).

Pedi informes em Muge ao Ex.^{mo} Sr. Armindo de Jesus, administrador da Ex.^{ma} Casa Cadaval, que por si e pessoas amigas tratou de obtê-los, mas tudo em vão. Igualmente pedi indicações ao Sr. Hipólito Cabaço, cuja dedicação e labor pela Arqueologia é de todos nós bem conhecido, sendo o resultado nulo. Isto em 1932-1934.

Porém nos fins de 1935 este último nosso amigo, nas suas frequentes visitas às terras da margem esquerda do Tejo próximas de Salvaterra e Muge, teve a boa sorte de encontrar nas imediações do Paul de Magos, não um concheiro, mas cinco! São eles: *Cabeço de Magos*, na margem esquerda do Paul; *Cabeço da Barragem*, também na margem esquerda; *Cova da Onça*, na margem direita do Paul; *Cabeço dos Ossos*, também na margem direita; *Cabeço dos Morros*, na margem esquerda, a ponte da Corte Azemolar.

Nos quatro primeiros, por falta de tempo, não realizou o Sr. Hipólito Cabaço nenhuma sondagem de valor. Porém no *Cabeço dos Morros* encontrou além de muitas conchas de mariscos diversos, ossos de animais, um crânio e alguns ossos humanos, diverso material lítico, como facas, percutores, furadores, raspadores, muitas lascas de sílex e quartzite, além de alguns micrólitos trapezoidais, sendo indústrias e crânio do tipo de Muge.

(*) Carlos Ribeiro, «Les klokkenmoeddings de la vallée du Tage». *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*. IX.^e Session. Lisbonne, 1880, p. 280.

H. Cabaço é de opinião que o concheiro do *Cabeço de Magos*, pela sua pequenez e por conter escórias de fundição e cacos que parecem romanos, deve ser mais recente que os outros.

Presentemente o concheiro da *Barragem*, encontra-se completamente destruído e tapado pela barragem que a Hidráulica ali construiu.

Encontrou-se ainda outro concheiro no sítio da *Flor da Beira*, na margem direita do Paul do Duque e entre os conhecidos concheiros da *Fonte do Padre Pedro* e *Cabeço da Arruda*, em Muge.

São pois de mui apreciável valor as descobertas daquele ilustre arqueólogo.

A princípio pensou-se que os concheiros da *Cova da Onça* ou *Monte dos Ossos* fossem, pela sua extensão, e por se encontrarem quase ligados, aquele a que se refere Carlos Ribeiro. Porém um e outro distam da Quinta da Sardinha cerca de dois quilómetros. Ora sendo Carlos Ribeiro bem preciso na sua localização: na quinta, cujo proprietário se opôs a escavações, e tendo até hoje falhado todos os indícios de um concheiro dentro de tal propriedade, apesar de instantes e bem repetidas inquirições, tudo nos leva a crer que aquele a que se refere o sábio geólogo fosse destruído, pois ali se fizeram há anos grandes obras de aterro e defesa do Paul, ou então para evitar, como tantas vezes sucede, intromissão dos arqueólogos. Por isso presumo que as descobertas de agora sejam completamente novas.

De todos estes achados, por incumbência do Sr. Hipólito Cabaço, dei conhecimento à secção de Pre-história da Associação dos Arqueólogos na sua reunião de 19 de Dezembro de 1935.

b) — *Asturicense*

No que respeita a *asturicense*, também alguns achados se fizeram desde 1931. Na freguesia de *Darque*, fronteira de Viana do Castelo e portanto na margem esquerda do Lima, e junto à sua foz, encontrou o Sr. Dr. Falcão Machado no lugar do *Rodanho* uma estação asturicense que, como atrás se disse, continha alguns objectos paleolíticos.

Um pouco ao sul desta e ao longo da costa, pelas alturas de *Anha*, *Castelo da Neiva*, *S. Paio de Antas*, *S. Romão do Neiva* e *Alvarães*, junto ao mar, e *Vila de Punhe*, *Vila Fria* e *Aldreu*, mais para o interior, encontrou o Rev. P.^o Luciano Afonso dos Santos em 1935 e

1936 alguns objectos do tipo asturicense. Esta descoberta foi importante por vir preencher um pouco a lacuna desta indústria entre Lima e Douro. O material lítico da primeira destas estações foi apresentado pelo Sr. Dr. Falcão Machado na secção de Arqueologia Pre-histórica em 13 de Fevereiro de 1936.

Em *Durrães* também apareceram instrumentos tipo asturicense.

Em *Lavadores*, ao sul do Douro e junto da sua foz encontrou o Sr. Manuel Artur Dias Gaspar uma estação asturicense com grande variedade de instrumentos, sobre que fez uma comunicação na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Também na secção de Pre-história da Associação dos Arqueólogos o Sr. P.^o Jalhay deu uma notícia do achado e sua tipologia em 23 de Março de 1934.

Em *Muge* e *Glória* (*Arceiro dos Pescadores*, *Granho*, *Ribeira da Glória*, *Ponte do Coelho*, *Vale do Cocharrinho*), de permeio com o material paleolítico atrás referido, encontrou o Sr. H. Cabaço muitos picos asturenses, o que nos faz surgir naquela localidade um novo problema mesolítico. Também em *Benfica do Ribatejo* e *Porto Sabugueiro* se encontraram picos tipo asturicense.

Na sessão de Pre-história de 14 de Junho de 1934 comuniquei o aparecimento de mais asturicense em *Carreço* (Viana do Castelo), não no local descoberto por mim em 1929 e perfeitamente à beira-mar, mas mais para o interior, no sítio do *Brunheiro* ou *Casa das Almas*, a uns 600 metros da costa, sob uma espessa camada de terra vegetal, a profundidade que varia entre 0,50 m e 1 m, e numa grande extensão de calhaus rolados.

* * *

Continuando a nossa bibliografia do paleo- e mesolítico português damos a seguir a indicação de algumas espécies que àquelas indústrias se referem, e em seguimento do que publicámos em 1932 (*):

141 — Aoberg (Nils) — «La civilisation énéolithique dans la péninsule ibérique». Halle, 1921.

(*) Tenente Afonso do Paço, «Subsídios para uma bibliografia do paleolítico e epipaleolítico em Portugal». *O Instituto*, vol. 83, n.º 1. Coimbra, 1932.

A pág. 13 e 14 estudando a transição do paleolítico para o mesolítico, refere-se aos concheiros de Muge e à sua indústria.

- 142 — Athayde (Alfredo de) — «Sobre umas ossadas pre-históricas da Gruta do Carvalhal». *XV Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique — IV Session de l'Institut International d'Anthropologie. Coimbra-Porto, 1930.* Paris, 1931.
A pág. 206 diz que as ossadas da Gruta do Carvalhal contêm caracteres que as aproximam do homem de Muge.
- 143 — Athayde (Alfredo de) — «Ossadas pre-históricas da Gruta dos Refugidos». *Homenagem a Martins Sarmiento.* Guimarães, 1934.
A pág. 36 compara o homem de Refugidos com o de Muge e refuta a semelhança entre este e o de Cro-Magnon estabelecida por H. V. Vallois.
- 144 — Barradas (José Perez de) — «La infancia de la humanidad». *Manuais German.* Grupo V, número 41, 2.^a edição. Madrid, s/ data.
A pág. 77 fala de Portugal ao referir-se ao paleolítico ibérico e a pág. 83 cita os *kjoekkenmoeddings* de Muge, os seus principais achados e a classificação antropológica do Sr. Dr. Mendes Corrêa.
- 145 — Baye (Baron de) — «Le Congrès de Lisbonne». *Bulletin Monumental*, tome VII, 1891.
Historia o Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica realizado em Lisboa em 1880, referindo-se ao paleolítico português nele estudado.
- 146 — Breuil (H.) — «Les subdivisions du paléolithique supérieur et leur signification». *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Pré-historique.* Genève, 1912.
A pág. 223, 227, 235 e 237 refere-se aos *kjoekkenmoeddings* de Muge e diz que a falta de cerâmica e de animais domésticos afasta Muge do neolítico, colocando-o ainda «sur le versant paléolithique de la période de transition».
- 147 — Cabré (Juan ... Aguiló) — «Instrumentos tallados en cuarcita en el argárico de la provincia de Avila». *Memorias da Sociedade*

Española de Antropología, Etnología y Prehistoria, tomo X. Madrid, 1931.

Estudando os instrumentos de quartzite de Avila refere-se, a pág. 317, ao paleolítico português das imediações do Guadiana.

- 148 — Cardoso (Fonseca) — «Antropologia Portuguesa». *Notas sobre Portugal*, vol. I. Lisboa, 1908.
A pág. 57, 59 e 60 refere-se ao paleolítico da Furninha, Leiria, Campolide e Cezareda, bem como ao mesolítico de Muge.
- 149 — Castilho (Júlio) — «Lisboa Antiga», 2.^a ed., vol. I. Lisboa, 1935.
A pág. 35 e 37, em nota do Engenheiro Sr. Augusto Vieira da Silva, vêm indicadas as estações paleolíticas encontradas no âmbito de Lisboa, bem como bibliografia das mesmas.
- 150 — Choffat (Paul) — «Le Portugal au point de vue agricole: Aperçu géologique du Portugal». Lisbonne, 1900.
A pág. 42, referindo-se ao quaternário português cita Muge e os seus concheiros, os quais mostram que em tempos recuados a água salgada do Tejo chegava a 60 ou 70 quilómetros a montante da sua foz, quando hoje não ultrapassa 30.
- 151 — Choffat (Paul) — «La Géologie portugaise et Nery Delgado». *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*, tome III, supplément I. Lisbonne, 1909.
A pág. 21 refere-se ao congresso de 1880 e Ota. A pág. 30 à casa da Moura e Peniche, exploradas por Nery Delgado.
- 152 — Coelho (José) — «A pre-história e o seu ensino». Famalicão, 1912.
A pág. 19 refere-se a Ota e a pág. 24-25 a Muge.
- 153 — Congrès — «XV Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique — IV Session de l'Institut International d'Anthropologie. Coimbra-Porto, 1930». Paris, 1931.
A pág. 60 relata a visita dos congressistas aos concheiros de Muge, onde foram recebidos pelo Sr. Dr. Mendes Corrêa.

- 154 — Congresso — «O XV Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pre-histórica em Coimbra-Porto». *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. V, fasc. I. Porto, 1931.
Historia o Congresso, referindo-se às comunicações portuguesas, das quais algumas tratavam de paleo- e mesolítico.
- 155 — Corrêa (A. A. Mendes) — «Contribuição para a Antropologia da idade do ferro em Portugal». *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. V, fasc. I. Porto, 1931.
Estudando os restos de esqueletos humanos de Alcácer do Sal, a pág. 82 e 83 refere-se a Muge.
- 156 — Corrêa (A. A. Mendes) — «Congresso Internacional de Antropologia em Paris». *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. V, fasc. II. Porto, 1931.
Refere-se ao Congresso de Paris de 1931, citando as comunicações portuguesas, algumas das quais tratam do paleo- e mesolítico.
- 157 — Corrêa (A. A. Mendes) — «Contribuição para a Antropologia da idade do ferro em Portugal». *Instituto de Antropologia da Universidade do Porto*. Porto, 1931.
O mesmo que o n.º 155.
- 158 — Corrêa (A. A. Mendes) — «Les nouvelles fouilles à Muge». *XV Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Pré-historique — V Session de l'Institut International d'Anthropologie*. Paris, 1931. Paris, 1933.
A pág. 357 ss. apresenta um relato muito circunstanciado das últimas escavações realizadas em Muge, que foi muito apreciado pelo Congresso, sendo os clichés que ilustraram a comunicação pedidos pelo Conde Du Mesnil para as aulas da Escola do Louvre.
- 159 — Corrêa (A. A. Mendes) — «Revisões necessárias — A psicologia do minhoto». *Anuário do Distrito de Viana do Castelo*, vol. I. Viana do Castelo, 1932.

- A pág. 38 refere-se aos achados paleolíticos do Minho que fazem recuar os habitantes desta região para além dos estudos de Fonseca Cardoso.
- 160 — Corrêa (A. A. Mendes) — «Questions du mésolithique portugais». *Proceedings of the First International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences*. London, 1932.
A pág. 89, referindo-se às escavações realizadas em Muge, cita as indústrias encontradas nos dois concheiros: Cabeço da Arruda e Cabeço da Amoreira, no primeiro dos quais é maior a abundância de trapézios. Trata ainda das dimensões, fauna e documentação osteológica. Admite depois provisoriamente dois ciclos culturais no mesolítico português, independentes posto que talvez em parte sincrónicos: um com picos a noroeste; outro com concheiros no vale do Tejo.
- 161 — Corrêa (A. A. Mendes) — «Migraciones prehistoricas en la Peninsula Iberica». *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. vol. V, fasc. IV. Porto, 1932.
A pág. 354 e ss. resume o autor uma conferência feita na Harnack-Haus, de Berlim, em Maio de 1931, estudando as migrações pre-históricas da península ibérica.
- 162 — Corrêa (A. A. Mendes) — «Migraciones prehistoricas en la Peninsula Ibérica». *Investigacion y Progreso*, n.º 2, ano IV. Madrid, 1932.
O mesmo que o anterior.
- 163 — Corrêa (A. A. Mendes) — «A posição sistemática do esqueleto de Combe-Capelle». *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. IV, fasc. II. Porto, 1933.
Tratando do homem de Cro-Magnon, Combe-Capelle, etc., faz um estudo comparativo destes esqueletos fósseis com os de Muge.
- 164 — Corrêa (A. A. Mendes) — «Les migrations préhistoriques — Le témoignage spécial de la péninsule ibérique». *Revue Anthropologique*, n.ºs 7 e 9. Paris, 1933.

Neste trabalho, que é uma conferência com projecções realizada na *École d'Anthropologie, de Paris*, em 25-IV-1931, estuda o autor as migrações pre-históricas em geral e as da península ibérica em especial. A pág. 282 e ss. refere-se ao homem de Muge, aos estudos que sobre o mesmo se têm feito, aos seus caracteres antropológicos e posição no conjunto geral europeu.

- 165 — Corrêa (A. A. Mendes) — «Novos elementos para a cronologia dos concheiros de Muge». *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, tomo XVIII. Porto, 1934.
Em comunicação apresentada à Academia das Ciências de Lisboa em sessão de 6 de Julho de 1933, o autor historia as explorações de Muge, dá indicação sobre a fauna dos concheiros e referindo-se à indústria cita a opinião de Obermaier e H. Breuil sobre a sua classificação, bem como a de E. Menck, especialista de *tardnoisence* que, tendo estudado a indústria lítica de Muge, concluiu pela existência do micro-buril.
- 166 — Corrêa (A. A. Mendes) — «Ribatejanos». *Bolctim da Junta Geral do Distrito de Santarém*, n.ºs 37 a 42. Santarém, 1934.
Referindo-se aos sílices de Ota e ao *Homosimius Ribeiroi* de Mortillet, trata do homem mesolítico de Muge e Alenquer.
- 167 — Corrêa (A. A. Mendes) — «Cale, Portucale e Porto». *Arquivos do Seminário de Estudos Galegos*, vol. VI. Compostela, 1934.
A pág. 24 refere-se ao paleolítico da Ervilha e Castelo do Queijo entre o qual, segundo o Dr. Rui de Serpa Pinto, há material asturiense.
- 168 — Cotteau (G.) — «Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques. Session de Lisbonne. Notes de voyage». Auxerre, 1891.
Historia o congresso de 1880 em Lisboa e refere-se ao paleolítico nele apresentado.
- 169 — Fondunce (M. P. Cazalis) — «La question de l'Homme tertiaire en Portugal». *Revue des Sciences Naturelles*. (Folheto sem data ou qualquer outra indicação).

Refere-se principalmente à questão de Ota e Congresso de 1880, não sendo partidário da tese de C. Ribeiro.

- 170 — Fontes (Joaquim) — «La station de S. Julião aux environs de Caldelas». *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*, tome VII. Lisbonne, 1916.
A pág. 3 contém referências a Muge.
- 171 — Goury (Georges) — «Origine et évolution de l'Homme». Paris, 1927.
Estudando o homem paleolítico refere-se a pág. 37-38 a Ota e a pág. 81 cita Portugal entre os países onde se encontram objectos chelenses e acheulenses.
- 172 — Goury (Georges) — «L'Homme des cités lacustres». 2 vol. Paris, 1932.
A pág. 139, 142-144 e 158 do vol. I refere-se às indústrias e antropologia de Muge. A pág. 699 e ss. do vol. II, ocupando-se do homem mesolítico do vale do Tejo, explana-se em considerações e classificação antropológica, apoiando-se apenas em H. V. Vallois.
- 173 — Jalhay (E.) — «Análise de 59 («O homem Fóssil em Portugal» de J. Fontes)». *Brotéria*, II Série, vol. I. Caminha, 1925.
A pág. 52, referindo-se ao conceito que do ilustre arqueólogo Sr. Dr. J. Fontes se formou no estrangeiro, analisa a sua obra principalmente no que se refere a Ota, Casal do Monte, Cova da Moura, Muge, etc.
- 174 — Jalhay (E.) — «El Hombre Fóssil». *O Archeólogo Português*, vol. XXVIII. Lisboa, 1929.
A pág. 148 faz o autor uma crítica cuidada à 2.ª edição do livro do Prof. Obermaier, «El Hombre Fóssil» e de passagem cita as principais pessoas que se têm ocupado do paleolítico português.
- 175 — Jalhay (E.) — «Uma nova hipótese sobre a utilização da indústria lítica de tipo asturiense». *Homenagem a Martins Sarmiento*. Guimarães, 1933, pág. 145.

Refere-se o autor à hipótese de a indústria asturiense ter evoluído no sentido Sul-Norte, sendo portanto as estações da costa portuguesa mais antigas que as da cantábrica. Diz que os picos não serviriam apenas para recolher mariscos, mas também para a construção de barcos, jangadas, etc.

- 176 — Jalhay (E.) — «O paleolítico na Beira-Baixa». *Brotéria*, vol. XXII, fasc. I. Lisboa, 1936.

O autor estuda o achado paleolítico feito na Guarda-Gare pelo Rev. P.º Henrique da Silva Louro, relacionando-o com as descobertas de igual indústria do Alto-Alentejo e Salamanca, bem como se refere às glaciações da Serra da Estrela.

- 177 — Jalhay (E.) — «L'industrie de type asturien serat-elle une industrie purement locale?». *Proceedings of the First International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences*. London, 1932.

A pág. 95 o autor defende a tese de que o asturiense não é uma indústria nada e evoluída no próprio local, mas derivada do paleolítico e propagada no sentido Sul-Norte.

- 178 — Lopes (Julian) — «Ligeras consideraciones sobre el problema del paleolítico y otras culturas en el Bajo Miño (La Guardia)». *XV Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Pré-historique — IV Session de l'Institut International d'Anthropologie*. Coimbra-Porto, 1930. Paris, 1931.

Refere-se o autor ao paleolítico galego da margem direita do rio Minho e as suas considerações poderão ser apreciadas por quem estude igual indústria portuguesa da margem esquerda do mesmo rio.

- 179 — Magitot — «Lettres de Portugal écrites à l'occasion du Congrès de Lisbonne d'octobre de 1880». Paris, 1881.

Historia o Congresso de 1880 em Lisboa, referindo-se ao paleolítico nele apresentado.

- 180 — Miranda (P.º Saraiva de) — «Premícias do paleolítico em Arcos-de-Valdevez». *Anuário do Distrito de Viana do Castelo*, vol. I. Viana do Castelo, 1932.

A pág. 11 e ss. dá o autor uma resumida notícia dos achados de paleolítico nos arredores dos Arcos-de-Valdevez, sem contudo entrar no estudo tipológico dos instrumentos.

- 181 — Obermaier (Hugo) — «Impressiones de un viaje prehistorico por Galicia». *Boletim arqueológico de la Comission Provincial de Monumentos Historicos y Artísticos de Orense*, vol. VII, n.ºs 148-149. Ourense, 1923.

A pág. 6 refere-se o autor a Muge.

- 182 — Obermaier (Hugo) — «El hombre prehistorico y los origines de la humanidad». Madrid, 1932.

A pág. 52 cita algumas estações do paleolítico inferior de Portugal, bem como a pág. 114-115, ao tratar do epipaleolítico, se refere a Muge.

- 183 — Obermaier (Hugo) — «Estudios prehistóricos en la provincia de Granada». *Anuário del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecários y Arqueólogos*, vol. I. Madrid, 1934.

Depois de estudar algumas estações paleolíticas das proximidades de Granada, refere-se a vários roteiros pre-históricos da península e de fora dela. Entre os da península cita uma infiltração cantábrica para o Sul no paleolítico superior, com representação em Portugal na Casa da Moura (Cezareda), bem como um roteiro capense Sul-Norte vindo ao longo da costa Atlântica, com «su forma pura», em Muge.

- 184 — Paço (Afonso do) — «Sur quelques instruments lithiques des stations côtières du Nord-ouest ibérique». *Proceedings of the First International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences*. London, 1932.

A pág. 108 referem-se diferentes tipos de material lítico das estações costeiras de tipo asturiense do noroeste português, os quais apresentam talhe de técnica paleolítica, diferindo porém muito dos instrumentos do paleolítico inferior que aparecem nas mesmas localidades.

- 185 — Paço (Afonso do) — «XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-histórica — V Sessão do Instituto Internacional de Antropologia. Paris, 1931». *Arqueologia e História*, vol. X. Lisboa, 1932.
Contendo o relato do Congresso, refere-se às comunicações portuguesas ao mesmo apresentadas tratando do paleo- e mesolítico.
- 186 — Paço (Afonso do) — «Subsídios para uma bibliografia do paleolítico e epipaleolítico em Portugal». *O Instituto*, vol. 83, n.º 1. Coimbra, 1932.
Contém indicação de 140 espécies bibliográficas que se referem ao paleo- e epipaleolítico português.
- 187 — Paço (Afonso do) — «Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal». *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. I. Lisboa, 1935.
Depois de um resumo dos estudos do paleolítico em Portugal, enumera os locais onde até à data apareceu entre nós indústria lítica da primeira idade da pedra, apresentando uma carta paleolítica do país, bem como uma outra dos arredores de Lisboa.
- 188 — Patte (Etienne) — «Station archéologique d'une butte sableuse de l'Oise». *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, tome XXIX, n.º 1. Janvier, 1932.
A pág. 69, estudando os sílex microlíticos da estação, compara-os com os de Muge.
- 189 — Pereira (Félix Alves) — «Arcos-de-Valdevez (Origem e toponímia)». *Anuário do Distrito de Viana do Castelo*. vol. I. Viana do Castelo, 1932.
A pág. 57 contém uma ligeira referência aos habitantes pre-históricos daquela região.
- 190 — Perestrelo (João) — «Raças nacionais e raça portuguesa». Lisboa, 1934.
O autor, estudando a raça portuguesa, refere-se a pág. 42 e 44 às populações mesolíticas de Muge.

- 191 — Pericot (Luís) — «La prehistoria de la península ibérica». *Minerva — Col·lecció popular dels coneixements indispensables*, vol. XLI. Barcelona, 1923.
A pág. 7-8 refere-se aos principais trabalhos portugueses de investigação pre-histórica; a 11-12 à Furninha, Mealhada e Ota; a 20-21 à antropologia e indústria de Muge.
- 192 — Pina (Luís de) — «Vimaranes». Porto, 1929.
A pág. 24 e ss. refere-se a algumas das nossas estações paleolíticas e de uma maneira mais desenvolvida ao homem de Muge.
- 193 — Pinto (R. de Serpa) — «Bibliografia do asturiense. Bibliografia da Pre-história Portuguesa — II». *Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto*. Porto, 1930.
Contém indicação de 150 espécies bibliográficas que se referem ao asturiense português, havendo entre elas algumas que têm indicações sobre paleolítico.
- 194 — Pinto (R. de Serpa) — «Nótulas asturienses — III». *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. V, fasc. III. Porto, 1931.
Refere-se ao paleolítico de Elvas e diz que a estação da Ervilha (Porto) é asturiense e não paleolítica. Contém ainda indicação de bibliografia do asturiense.
- 195 — Pinto (R. de Serpa) — «Nouvelles recherches sur le miolithique en Portugal». *Congrès de l'Association Française pour l'avancement des Sciences — LV Session*. Nancy, 1931.
A pág. 327 fala das necessidades da revisão do paleolítico português e a pág. 328 refere-se às escavações feitas no cabeço da Amoreira, em Muge, pelo Sr. Dr. Mendes Corrêa.
- 196 — Santos (J. R. dos ... Júnior) — «Análise de 187». *Anais da Fac. de Ciências do Porto*, vol. XX, n.º 2. Porto, 1935.
Analisando a «Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal», refere-se pela primeira vez ao achado paleolítico de *Cilhades* (Moncorvo), feito pelo Engenheiro Lerenó Antunes.

- 197 — Sardinha (António) — «O valor da raça». Lisboa, 1915.
A pág. IV, 3, 32 e ss. estudando os antecedentes da nacionalidade portuguesa, faz diversas referências ao homem mesolítico de Muge e a Ota.
- 198 — Service Geologique — «Collections de Préhistoire du service géologique de Portugal». Lisbonne, 1930.
Este guia do Museu da Comissão do Serviço Geológico, organizado por ocasião do Congresso Coimbra-Porto de 1930, contém indicações preciosas sobre as colecções ali existentes bem como notas bibliográficas importantes.
- 199 — Severo (Ricardo) — «Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal, de M. Emile Cartailiac». *Publicações da Sociedade Carlos Ribeiro*. Porto, 1883.
A pág. 23-24 refere-se a Ota e ao Congresso de 1880; 31 a Leiria e Furninha; 38 e ss. a Muge.
- 200 — Sueiro (M. B. Barbosa) — «Note sur la basalité des sacrus humains préhistoriques». *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, vol. XVIII. Lisboa, 1931.
O autor estuda diferentes sacros dos concheiros de Muge existentes no Museu da Comissão dos Serviços Geológicos.
- 201 — Sueiro (M. B. Barbosa) — «Nota sobre um sacro humano mesolítico». *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, vol. XVII. Lisboa, 1931.
O autor estuda um sacro humano existente no Museu da Comissão dos serviços geológicos proveniente do Cabeço da Arruda (Muge).
- 202 — Travers (Emile) — «L'enseignement de l'Archéologie Préhistorique en Portugal en 1880». *Bulletin Monumental*. 1880.
A pág. 9 e 10 refere-se a Carlos Ribeiro e ao *Homosimius Ribeiroi*.
- 203 — Vallois (H. V.) — «Análise de «Azilian skeletal Remains from Montardit, Ariège (France)» de M.^o R. Sawtell». *L'Anthropologie*. tome XLII. Paris, 1932.

- A pág. 103 refere-se às semelhanças entre os esqueletos humanos de Montardit e os de Muge.
- 204 — Vallois (H. V.) — «La carie dentaire et la chronologie des hommes préhistoriques». *L'Anthropologie*, tome XLVI, n.^{os} 1-2. Paris, 1936.
Diz que a cárie dentária, que por muito tempo se julgou datar na Europa do neolítico, já aparece no mesolítico de Muge e em outras estações pre-históricas.
- 205 — Vasconcelos (J. Leite de) — «Museu Etnográfico Português». Porto, 1894.
A pág. 6 refere-se a Peniche, Óbidos, Leiria, Muge.
- 206 — Vasconcelos (J. Leite de) — «Antiguidades do Alentejo. I — Estação paleolítica de Arronches». *O Archeólogo Português*, vol. XXVIII. Lisboa, 1929.
A pág. 158 e ss. descreve uma viagem de estudo realizada pelo Alentejo na Páscoa de 1923 e diz que tendo passado em Arronches colheu à superfície do solo algumas quartzites talhadas, talvez do chelense e acheulense, idênticas às que encontrou o Prof. H. Breuil.
- 207 — Vasconcelos (J. Leite de) — «Discurso na sessão inaugural do Congresso». *XV Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique — IV Sessão de l'Institut International d'Anthropologie*. Coimbra-Porto, 1930. Paris, 1931.
Historia as fases da arqueologia portuguesa.
- 208 — Veiga (Sebastião Philipps Martins Estácio da) — «Antiguidades Monumentais do Algarve». 4 Vol. Lisboa, 1886.
Vol. I: a pág. 49-53 toca ao de leve nalgumas explorações arqueológicas realizadas em Portugal. Vol. III: a pág. 153 refere-se aos *Ikjoekkenmoedings* de Muge «onde faltam todas as características neolíticas», dizendo que constituem «estações clássicas rigorosamente pre-neolíticas».
- 209 — Viana (Abel) — «Justificação de um cadastro de monumentos arqueológicos para o estudo da arqueologia do Alto-Minho».

Anuário do Distrito de Viana do Castelo, vol. I. Viana do Castelo, 1932.

A pág. 154 e ss. contém uma carta pré- e proto-histórica do distrito de Viana do Castelo, onde há indicação das estações paleolíticas existentes. Numa relação dos locais onde há monumentos arqueológicos vem indicação de bibliografia de cada local estudado.

210 — Viana (Tomás Simões) — «Estações paleolíticas de Abelheira e Meadela (Viana do Castelo)». *Almanaque de Ponte do Lima*, 8.º ano. Viana do Castelo, 1933.

Contém notícia de novos achados paleolíticos na Abelheira e Meadela, arredores de Viana do Castelo.

Estoril, Outubro de 1936.

NOTA — Depois de impressa a primeira parte deste artigo, novos achados de material tipo *asturiense* se fizeram no Paul do Duque, nas seguintes localidades: *Boa Vista*, *João Boicero* (a dois quilómetros a jusante da «Raposa») e *Vale das Raposas*.

Também no *Vale do Zebro*, afluente do Paul de Magos, junto de Magos de Clima, se fizeram achados do mesmo material, em pesquisas a que all procedeu o Sr. José Francisco Cadete, de Muge, a pedido do Sr. Hipólito Cabaço.

Os Pauls do Duque e de Magos, em Muge e Salvaterra, tão notáveis já pelas indústrias dos seus *concheiros*, adquirem agora nova importância com o material tipo *asturiense* que all aparece.

Sobre estes novos achados deve ser publicado muito em breve um trabalho do Sr. P.º Eugénio Jalhay em que o assunto é estudado com a maestria que este ilustre Arqueólogo, Vice-Presidente da secção de Pre-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses, põe em todos os assuntos que versa. — A. P.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DAS CIÊNCIAS PRE-HISTÓRICAS E PROTO-HISTÓRICAS (*)

(OSLO 1936)

DE 3 a 9 de Agosto deste ano (1) realizou-se na capital da Noruega o 2.º Congresso Internacional das Ciências Pre-históricas e Proto-históricas a que tive a honra de assistir como bolsheiro do Instituto para a Alta Cultura.

É de todos conhecido o renome internacional deste Congresso, hoje o mais importante no seu género. Se o primeiro desta série, que teve lugar em Londres em 1932, marcou pelo seu elevado nível científico, o deste ano, no dizer de pessoas que aos dois assistiram, não lhe ficou atrás.

É certo que as guerras da Itália e da Espanha não permitiram a vinda dos cientistas destes dois países. Apenas tivemos a presença do Prof. Obermaier que se encontrava na Europa Central quando do começo da luta no país vizinho.

A Alemanha, por dificuldades de aquisição de divisas estrangeiras tinha a sua delegação bastante diminuída. A. U. R. S. S. não compareceu.

Apesar de tudo estavam representadas quarenta nações, e dos congressistas inscritos, mais de 550, cerca de 300 encontravam-se presentes.

(*) Trabalho publicado no vol. III dos «Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses». Lisboa, 1938.

(1) 1936.

A organização do Congresso era verdadeiramente modelar. Cada membro tinha separadamente tudo o que lhe dizia respeito. Além do emblema era-lhe distribuído um número de ordem que se ostentava na lapela. Um índice com o número, nome e país, permitia uma fácil identificação.

Havia secções de câmbio, correios e telégrafos, e excursões a realizar. Uma sala de leitura e correspondência tinha à nossa disposição, além dos mais importantes diários europeus uma bela exposição bibliográfica de arqueologia norueguesa. Uma secção dos caminhos de ferro dava todas as indicações turísticas, e vendia os bilhetes necessários em colaboração com os «Wagons-Lits».

Para informações sobre assuntos propriamente do Congresso havia na secretaria duas equipas de uma dúzia de raparigas cada, gentis alunas da Universidade de Oslo que, falando o inglês, alemão e francês, eram excelentes e solícitas intérpretes. Trabalhava uma das 9 h às 12.30 h e outra das 12.30 h às 16 h.

Às 13 horas exactas do dia 3 realizou-se a abertura solene do Congresso, num dos salões da Universidade denominado «Aula», com belas pinturas murais, destinado a conferências e concertos.

Presidiu Sua Majestade o Rei Haakon VII que se fazia acompanhar pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros. Sendo a Noruega um país de governo socialista e costumes simples, não havia fardas brilhantes, condecorações refulgentes ou vestes doutorais.

Começou a cerimónia pela execução primorosa da «Norsk Rapsodi n.º 3», de Johan Svendsen realizada pela orquestra da Sociedade Filarmonica. Seguidamente o presidente pronunciou o discurso de boas-vindas que, conforme o regulamento do Congresso foi dito em francês e depois resumido em norueguês, inglês, alemão, italiano e espanhol. Falaram a seguir, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Dr. Halvdan Koht, professor de História Medieval na Universidade de Oslo, e Sir Charles Peers que fora o presidente do Congresso anterior, depois do que Sua Majestade deixou a sala.

A sessão continuou tendo o presidente, Prof. Brögger, proferido um notável discurso sobre assuntos pre-históricos, afirmando, entre outras coisas, que era provável que já na idade do Bronze fossem conhecidos os Açores e grande parte das costas de África. Finalmente

o orfeão da Associação dos Estudantes executou impecavelmente a «Gamele Norig», de David M. Johansen.

Estava terminada a sessão inaugural.

No dia seguinte de manhã, às 9.15 horas, começaram os trabalhos científicos pela conferência plenária do Prof. Johs. Bøe: «Origens da civilização no extremo Norte da Europa».

Os trabalhos do Congresso estavam divididos em cinco secções, a saber:

- Secções I e II — Paleontologia humana. Paleolítico e Mesolítico.
Secção III — Com três sub-secções:
III-A — Idades da Pedra polida, do Bronze e do Ferro, na Europa Ocidental e Setentrional.
III-B — Idades da Pedra polida, do Bronze e do Ferro, no Oriente.
III-C — Idades da Pedra polida, do Bronze e do Ferro, na Europa Central.
Secção IV — Idades da Pedra polida, do Bronze, e do Ferro, fora do mundo antigo.
Secção V — As passagens da Pré-história à História.

* * *

A 1.ª e 2.ª secção, por falta de comunicações tiveram de reunir-se numa só.

Os principais trabalhos apresentados nestas secções foram:

«A antiguidade do homem no Sudoeste da Ásia», por H. Field (E. U. A.).

«Descobertas e problemas da idade da Pedra na Índia», por Drummond e Paterson (Ing.).

«O trabalho elementar do osso na civilização do paleolítico antigo especialmente em Chou-kou-tien», por H. Breuil (Fr.).

«A indústria lítica do Saará Central, Hoggar e Tassili des Ajjers», M. Reygasse (Fr.).

«Problemas da idade da Pedra no Norte de África», por Miss G. Caton Thompson (Ing.).

«As recentes descobertas do Pleistoceno no Sudeste de Java», por F. Tweedie (Ing.).

«A idade das gravuras rupestres do Norte de África», por R. Vaufrey (Fr.).

«Novas descobertas de arte rupestre Pleistocena no Levante de Espanha», por H. Obermaier (Esp.).

«Gravuras rupestres do deserto líbico», por H. Rhotert (Alem.).

«A duração da vida no homem pre-histórico», por H. Vallois (Fr.). O autor concluiu pela pequena duração da vida do homem pre-histórico, baseado na sinostose das suturas. Nenhum homem de Neanderthal ultrapassou os 50 anos e nenhum «Homo Sapiens fossil» 60. De 58 esqueletos mesolíticos conhecidos, somente dois têm mais de 50 anos. Não estudava o homem de Muge.

«Novos trabalhos mesolíticos da Estónia», por H. Moora (Est.).

«Estabelecimentos microlíticos da Jutlândia Central», por T. Mathiassen (Din.).

«O Paleolítico recente de Meiendorf, próximo de Hamburgo», por A. Rust. (Alem.).

«Alguns esqueletos encontrados em Alaka-Höyük», por A. Kansu (Turquia).

«Relato das escavações de Alaka-Höyük», por R. Arikan (Turq.).

«Alguns objectos Maglemosienses encontrados na Bélgica», por M.^o Doize.

«A idade das gravuras e pinturas rupestres do Saará Central, Hoggar e Tassili des Ajers», por M. Reygasse (Fr.).

Nestas secções faltaram, entre outras, as seguintes comunicações que estavam inscritas:

«A indústria do osso no Magdalenense de Parpalló», por L. Pericot (Esp.).

«Crânio Paleolítico da caverna de Parpalló (Valência)», por Alcobé, Santiago e Aranzali (Esp.).

«O segundo crânio neandertaliano de Saccopastore», por S. Sergi (Itália).

* * *

As principais comunicações da secção III-A foram:

«Aspectos britânicos da idade báltica da Pedra», por D. Clark (Inglaterra).

«Passagem do Ertebøliense ao Neolítico, na Dinamarca», por J. Brøndsted (Din.).

«A arte rupestre do Norte da Europa e a sua evolução», por G. Hallström (Sué.).

«Gravuras e pinturas sobre pedra do Neolítico e da idade do Bronze, na Alemanha Central», por W. Schulz (Alem.).

«As descobertas recentes de petroglifos na Escócia», por J. Edwards (Ing.).

«As descobertas recentes de Avebury», por A. Keiller e S. Pigott (Ing.).

«A alabarda da idade do Bronze europeu», por P. O'Riordain (Irl.).

«A civilização do começo da idade do Bronze no Sudoeste da Grã-Bretanha», por R. Radford (Ing.).

«A espada de Bronze alstática na Grã-Bretanha», por D. Cowen (Inglaterra).

«Os tecidos da idade do Bronze na Dinamarca», por C. Broholm (Din.).

«A Pre-história de Yorkshire», por Miss M. K. Clark (Ingl.).

«Os novos métodos pré-históricos na Europa Oriental», por F. Richthofen (Alem.).

«Os diferentes tipos de habitação da Jutlândia, no princípio da idade do Ferro», por G. Hatt (Din.).

«Facies das indústrias da pedra no Norte da Irlanda», por Blake Whelan (Irl.).

«Túmulos megalíticos do norte da Irlanda», por Miss Evans, Estyn e Gaffikin (Ing.).

Sobre os megalíticos ingleses realizaram-se ainda várias comunicações de F. Grimes, Miss J. Hawkes e E. Clifford (Ing.).

* * *

As principais comunicações da secção III-B foram:

«Origem da cerâmica asiática pintada», por M. Maloowan (Ing.).

«Relações entre a Trácia e Micenas», por B. Filow (Bulg.).

«As descobertas neolíticas de Chipre», por P. Dikaios (Chipre).

«A estatuária pre-histórica em Malta e a arte pre-helénica», por M.^{lle} E. Manneville (Fr.).

«Os grandes monumentos e a cerâmica pre-histórica maltesa, por M.^{lle} E. Manneville (Fr.).

«Observações sobre algumas descobertas recentes feitas em Ras Shamra e Chipre», por C. Schaeffer (Fr.).

* * *

As principais comunicações da secção III-C foram:

«Relato do Sub-Comité do Mediterrâneo Ocidental», por L. Myres (Inglaterra).

«A origem dos animais domésticos na África do Norte», por L. Joleaud (Fr.).

«O culto da lua na gruta II de Alapraia», por A. do Paço (Port.).

«A questão do Neolítico na Europa Central», por J. Neustupny (Chec.).

«Os tecidos da idade da Pedra nas palafites suíças», por E. Vogt. (Suíça).

«A ornamentação pintada da cerâmica de uma nova estação eneolítica do Sul do Danúbio», por V. Dumitrescu (Rom.).

«A cronologia da idade do Bronze», por F. Tompa (Hung.).

«O lugar da Áustria na civilização da idade do Bronze da Europa Central», por K. Willvonseder (Austr.).

«Os traços gravados sobre a pedra de Lampersdorf, na Sibéria», por E. Petersen (Alem.).

Nesta secção estava inscrita uma comunicação de Santiago Alcobé, sobre «Craneologia da população Neolítica e Eneolítica da Catalunha e de Valência», que não chegou a ler-se.

* * *

As principais comunicações da IV secção foram:

«Problemas pre-históricos do Sudeste da Ásia», por Stein Callenfels (Hol.).

«A China antes dos chineses», por H. Täuber (Suíça).

«Primeiros contactos entre a Europa e o Extremo Oriente», por H. Seligman e C. Beck (Ing.).

O número de teses apresentadas a esta secção foi bastante diminuto.

* * *

As principais comunicações apresentadas à V secção foram:

«A Noruega e o berço dos Vândalos», por M. Jahn (Alem.).

«A sepultura com barca Viking de Ladby, na Fíónia», por G. Rosensberg (Din.).

«Ensinamentos das descobertas Vikings do Norte da Irlanda», por A. Chart (Ing.).

«O testemunho da cerâmica para a história da conquista da Inglaterra pelos anglo-saxões», por L. Myres (ing.).

«Acerca dos textis da sepultura de Birka», por M.^{lle} A. Geijer (Suécia).

«O novo «Corpus» das inscrições rúnicas da Dinamarca», por M.^{me} L. Jacobsen (Din.) e Moltke (Din.).

«Escultura visigótica», por W. Perkins (Ing.).

A esta secção, que foi uma das mais sobrecarregadas, apresentaram ainda comunicações: W. Krause (Alem.), Balodis (Letón.), Nagevicius (Litua.), J. Petersen (Nor.), S. Grieg (Nor.), Van Giffen (Hol.), G. Childe (Ing.), T. Leeds (Ing.), E. Stevens (Ing.), H. Zeiss (Alem.) e Miss Boyle (Ing.).

* * *

Houve ainda quatro conferências plenárias que tiveram lugar às 9.15 horas dos dias 4, 5, 7 e 9.

Na primeira falou, como dissemos, Johs. Bøe, sobre as «Origens da civilização no extremo Norte da Europa».

Na segunda G. Gjessing tratou da «Arte monumental dos caçadores noruegueses da idade da Pedra».

Na terceira Haakon Shetelig falou sobre «Os elementos do estilo germânico na época das Migrações».

Na quarta Björn Hougen versou o tema «Os textis de Oseberg e a mais antiga história da tecelagem no Norte».

* * *

No dia 3 e 8 reuniu o Conselho Permanente do Congresso para tomar várias deliberações que depois foram comunicadas pelo presidente Brøgger à Assembleia Geral.

Assim foi determinado, depois de um convite do governo da Hungria, que o próximo Congresso tenha lugar em Budapest em 1940, elegendo-se para seu presidente o Prof. Fr. Tompa, de Budapest, tendo como secretários gerais J. Banner e J. Bøe e tesoureiro R. Schiller.

Foi tomada em consideração uma proposta de Tompa e Hillebrand, tendente à publicação de uma «Bibliografia pre-histórica», ficando os membros húngaros do conselho e o comité de organização do novo Congresso de estudar os meios de a pôr em execução.

Nomeou-se um comité para estudar as relações futuras com o Congresso Internacional das Ciências Históricas, constituído por Brøgger, Tompa e Vogt.

Foi apreciada a proposta de Birket Smith para a criação de um «Comité de investigação internacional acerca das possíveis relações árticas no Paleolítico».

Reelegeu-se a «Comissão do vocabulário arqueológico internacional», sendo apenas substituído Chile, que pedira a sua demissão, por Breuer.

Foi ainda reeleito o «Comité para o estudo das civilizações proto-históricas do Mediterrâneo Ocidental».

Tompa, o novo presidente, agradeceu à Noruega o acolhimento dispensado, que bem contribuiu para servir a causa da colaboração

internacional e fez votos para que todos se encontrassem, daqui a quatro anos, em Budapest.

* * *

A pesada atmosfera científica dos congressos é sempre amenizada com excursões e recepções e os nossos amigos noruegueses foram para com os seus hóspedes de extrema gentileza. Darei pois, destas, um pequeno relato:

Às 20 horas do dia 3, todos os congressistas tomaram lugar em camionetas, no largo de Tullinløkken, junto da Universidade, dirigindo-se para Bygdøy, pequena península junto de Oslo, sobre o fiord deste nome, onde visitámos os célebres barcos dos Vikings. Estes Vikings foram navegadores de grande audácia que, nos séculos VIII e IX encheram de terror algumas regiões da Europa e, segundo a tradição levaram as suas navegações até à Groenlândia e América, que descobriram antes de Colombo. O seu arrojo é tão proverbial que ainda hoje na Noruega, se diz que um homem valente e destemido «é um Viking».

Em Bygdøy existem dois museus importantes: o *Norsk Folke-museum* (museu do folclore norueguês) e o *Vikingskibhuset* (galeria dos barcos dos Vikings). O primeiro contém ricas colecções de arte popular com mais de 60.000 objectos expostos, tendo anexo um museu ao ar livre com uma enorme variedade de casas de madeira, tipo das usadas pelos camponeses da Noruega, apetrechadas com mobiliário e objectos tal qual se usa na região que representam. Mulheres vestidas com rigorosos trajos campesinos servem de guia e guarda em cada uma delas (Figs. 1, 2 e 3).

O Museu dos Vikings é um vasto edifício cruciforme onde se encontram, desde 1932, os três grandes barcos daqueles navegadores, recolhidos em Tune, Gokstad e Oseberg. O segundo que tem 23 metros de comprimento por 5,25 metros na maior largura, era dotado de um mastro e podia ser equipado com 32 remos. Na parte central continha uma câmara funerária em forma de tenda constituída por pranchas grosseiras.

Os Vikings eram enterrados com os seus barcos e objectos que lhes pertenciam. Coberto tudo com um enorme montículo de terra de alguns metros de extensão e altura, mercê da humidade do solo ainda foi possível encontrar em algumas escavações ultimamente realizadas um espólio funerário constituído por carros, trenós, arcas, objectos de uso caseiro, etc., tudo em madeira ricamente lavrada, além de vários objectos metálicos e tecidos. Explorações cuidadosíssimas permitiram recolher todo este notabilíssimo material que nos dá uma ideia da vida dos Vikings, bem como reconstituir com os fragmentos achados e outros que se adicionaram, os três barcos acima referidos.

Destes, o melhor conservado é o de Oseberg onde estava sepultada uma rainha e continha, como espólio funerário, entre outras coisas, um carro de quatro rodas, três trenós, quatro pedaços de madeira com cabeças de animais, tudo admiravelmente esculpido, além de três leitos, etc. (Figs. 5 e 6).

A proa elevada e terminada em espiral elegantemente lançada é, bem como a pôpa, decorada de apreciáveis baixos relevos. No interior e exterior deste barco tinham sido enterrados quinze cavalos, quatro cães e um boi. Em Gokstad doze cavalos, um cão e um pavão.

Uma chuva impertinente que começou a cair pouco depois da saída de Oslo e já nos tinha molhado desde que nos apeámos das camionetas até à porta do Museu, continuou a perseguir-nos na caminhada que tivemos de fazer a pé desde este até ao restaurante «Dronningen», onde a Sociedade Arqueológica da Noruega nos ofereceu uma refeição que decorreu no meio da maior camaradagem apesar de nos encontrarmos com o vestuário bastante encharcado.

Ao cair da tarde do dia 4, tomámos lugar no metropolitano, junto do Teatro Nacional e dirigimo-nos a *Frognersteteren*, pequena montanha de 469 metros de altitude a noroeste de Oslo, coberta de densa vegetação e donde se admira um panorama feérico sobre a capital e o seu fiord, salpicado durante a noite por uma infinidade de lumes. Numa construção de madeira há um belo restaurante regional, muito frequentado e onde, por um preço acessível, tomámos uma refeição.

Ao lado, encontra-se o *Museu do Sky* com uma grande colecção de «skys» de todas as idades e regiões do país, bem como os equipa-

mentos utilizados por Nansen nas suas diversas viagens polares e R. Amundsen, na expedição ao polo Sul, em 1911.

O dia 6 foi todo aplicado numa excursão arqueológica. Às 8.30 horas da manhã tomámos as camionetas em Tullinløkken. Às 11.30 horas, em Horten, foi-nos oferecido um «lunch» pelo departamento de Vestfold, no edifício da Escola Naval e partimos para Borre de visita aos túmulos que ali se encontram e onde estão sepultados membros da família real *Ynglinger* que, a partir de 800, arrancou Vestfold ao rei da Dinamarca e fez da Noruega um reino. Um poema contemporâneo, *Ynglingatal*, traz a convicção absoluta de que estes túmulos são, de facto, as velhas jazidas da família real.

O grupo de sepulturas de Borre compreende 9 túmulos de grandes dimensões com 30 a 50 metros de diâmetro (Fig. 4).

Ficavam junto do mar, num campo descoberto, oferecendo um aspecto majestoso. Hoje, uma floresta que os cerca e cobre em parte, tira-lhes toda a grandeza. Nalguns podemos ver ainda restos de um fosso que em tempos remotos devia estar cheio de água, protegendo-os, passando-se para o interior por uma língua de terra.

Deste grupo de túmulos, o mais setentrional foi explorado em 1852, recolhendo-se nele grande porção de objectos metálicos decorados que deram o nome a uma época de estilo — o dos Vikings.

A escavação não foi perfeita e perdeu-se o navio que ali se encontrava. Os achados datam dos meados de 900.

Ultimamente trabalha-se afinadamente na restauração destas sepulturas, pois os *Ynglinger*, unificando a Noruega, tornaram-se o símbolo do sentimento nacional.

Próximo encontra-se uma velha igreja medieval muito apreciada pelas antiguidades que contém.

Mais adiante em Elgesen, numa paragem das camionetas, foi-nos dado ver uma série de esteios espetados no chão, formando uma espécie de navio. São restos arqueológicos ainda não explorados.

A excursão continuou e visitámos depois o túmulo de Gokstad, escavado em 1880 e que tem de diâmetro cerca de 50 metros. Nele estava enterrado um homem de sólida estatura com um rico equipamento, seis leitos e três barcos.

Restaurado em 1925, encontra-se hoje devidamente protegido pelos poderes públicos.

Ao fim da tarde desse dia chegámos a Sandfiord, em cujo porto os barcos das grandes companhias da pesca da baleia se encontravam embandeirados em arco pela nossa chegada. Em Sandfiord Bad foi-nos oferecido um jantar. A falta de tempo não nos permitiu visitar o *Muscu da caça à balcia*, que nos disseram ser muito importante.

Às 17 horas do dia 7, tivemos a honra de ser recebidos no palácio real por Suas Majestades o Rei Haakon VII e a Rainha Maud, que foram para com todos os congressistas duma extrema gentileza, servindo-se um chá e refrescos.

Foi digno de nota a simplicidade com que tudo decorreu, bem próprio de uma família real cativante e despida de preconceitos.

O presidente Brögger e sua esposa ofereceram um almoço às delegações estrangeiras existentes no Congresso. Para ele fui convidado a título de único português presente, por não levar nenhuma representação oficial ou de qualquer colectividade científica.

No dia 8 realizou-se o banquete de encerramento, oferecido pela municipalidade de Oslo no sumptuoso Grande Hotel, que decorreu no meio da maior animação e cordialidade.

* * *

Paralelamente ao Congresso, diversas exposições se realizaram em Oslo que estavam patentes aos congressistas.

Uma das mais interessantes foi, sem dúvida, a da *Kunstnernes Hus* (Casa dos Artistas), que continha:

- a) — Os objectos líticos colhidos em Finnmark — extremo Norte da Noruega — e que foram estudados na conferência plenária de Johs. Bøe.
- b) — Uma colecção de excelentes desenhos, fotografias e decalques, de gravuras e pinturas rupestres da Noruega, representando cenas de caça, barcos, etc., que constaram da conferência de Gjessing, acompanhadas de outra exposição de

pinturas pre-históricas do Levante espanhol, África e Transjordânia.

- c) — Peças de arte e joalharia do tempo das Migrações, contendo objectos dos museus de Oslo, Stavanger, Bergen, Trondheim e Tromso, bem como duas peças dinamarquesas emprestadas pelo Museu Nacional de Copenhague. Constituiu assunto da conferência plenária de Haakon Shetelig. Foi distribuído aos congressistas um excelente catálogo destas obras de arte, com um estudo notável de B. Hougen.
- d) — Objectos do tão discutido Chou-kou-tien, trazidos pelo Prof. H. Breuil. Chou-kou-tien é completamente diferente de tudo o que estamos habituados a ver na Europa. Um conservador de Breuil dizia-me em Paris, que só o olhar arguto deste Mestre conseguira descobrir trabalho humano em tão estranhas formas líticas.

Outra exposição digna de renome, foi a dos tecidos antigos, alguns dos quais, como os das sepulturas Vikings de Oseberg eram mostrados pela primeira vez. Estes tecidos de Oseberg encontrados na barca de que acima falámos, datam do século IX. Estão mal conservados e é difícil distinguir-se neles os motivos ornamentais que são os mesmos da época das Migrações. Conjuntamente estavam expostos tecidos do século XII, de Ballehal (Noruega), Skog e Oeverhogdal (Suécia). Achava-se patente no *Kunstindustrimuseet* (Museu de Artes Decorativas) e foram assunto da conferência plenária de B. Hougen.

Ainda outra exposição que não continha nada de arqueológico mas que vale a pena lembrar aqui pelo ensinamento que dela se pode tirar, foi a de uma associação filantrópica subvencionada pelo Estado e patrocinada por Sua Majestade a Rainha Maud e denominada: *Den Norske Husflidsforening*. Fundada em 1891, tem por fim encorajar, por meio do ensino, organização de venda, etc., o desenvolvimento das indústrias domésticas na Noruega.

A visita às vastas salas desta exposição, deu-nos uma ideia do que são actualmente as indústrias domésticas na Noruega e de quanto são capazes de produzir em tapetes, bordados, objectos de madeira, loiças, tecidos, costumes camponeses, mobiliário, brinquedos, uma infi-

nidade de objectos de uso corrente. Quanto não teria que aprender aqui a nossa organização corporativa, metendo um pouco de ordem nas nossas tão interessantes indústrias caseiras que pelo país fora se degladiam de morte, causando às vezes ruína e desolação onde poderia haver harmonia e bem-estar!...

* * *

Não deixarei de me referir a outros museus e suas importantes colecções.

Pela sua proximidade da Universidade começemos pelo *Universitetets Oldsaksamling* (Museu de Antiguidades Nacionais) instalado num edifício construído para o fim a que se destina; não é um aproveitamento de casas que ninguém quer ou de velhos conventos como sucede entre nós.

A luz entra a jorros pelas amplas janelas e a disposição dos objectos obedece a todos os preceitos da moderna museologia.

Contém as colecções de Pre-história, excepto os objectos paleolíticos da Finnmark. A idade do Ferro está aí bem representada. Na chamada *Sala Oseberg* estão provisoriamente, até instalações apropriadas em Bygdøy, os mais ricos objectos dos túmulos dos Vikings, que têm para a cultura norueguesa o valor dos Tut-Ank-Amon para os egípcios.

Completam este Museu duas colecções: uma numismática e a etnografia de R. Amundsen.

O *Kunstindustrimuseet* (Museu de Artes Decorativas) é outro belo edifício onde se encontram expostas ricas colecções de indústria norueguesa de mobiliário, porcelanas, faianças, pratas ornamentais e de uso doméstico, vidraria, ferro forjado, tapetes, objectos de arte popular, vestuário, etc., desde os tempos mais antigos até às mais modernas manifestações artísticas. Salas de visitas, de jantar ou quartos, quer de gente rica ou camponeses das montanhas, completas, com todo o mobiliário, adornos, tapeçarias, etc., da época ou estilo a que dizem respeito. Uma exposição fotográfica dos mais importantes monumentos arquitectónicos e obras de arte do país, organizada pela «Sociedade

dos Monumentos Históricos da Noruega» completava, com a de tecidos a que noutro lugar me referi, o recheio deste Museu.

A *Nasjonalgalleriet* (Galeria Nacional) contém belas colecções de pintura e escultura, desde os tempos mais antigos até ao moderno G. Vigeland. A de moldes em gesso da estatuária grega e romana é notável, abundando de preferência os nús.

Outros Museus possui Oslo de somenos importância, que me não foi possível visitar nos curtos espaços de tempo livre deixados pelo Congresso.

* * *

Como seguimento e segunda parte do Congresso havia uma série de excursões pelo país, em que não pude tomar parte por não me ter inscrito em tempo competente.

Não podendo ir com os meus companheiros a Bergen, Stavanger ou Trondheim, preferi partir para Estocolmo e Copenhague, em vez de acompanhar o Prof. Reygasse à Lapónia que me propunha esta última derivante etnográfica para me vingar da falta de lugar nos hotéis ou camionetas das excursões do Congresso.

Com a delegação turca, que estava no meu hotel e também seguia para as capitais da Suécia e Dinamarca, parti na manhã de 9 em viagem de estudo.

* * *

Em Estocolmo procurei avistar-me com Nils Aoberg autor de um importante trabalho sobre o eneolítico português, o que me não foi possível, por aquele professor estar ausente da cidade e partir no dia seguinte para a Polónia.

Visitei o *Museu Nacional* onde, apesar de encerrado por ser dia de descanso, foi permitida a entrada aos congressistas que regressavam de Oslo. Foram-nos concedidas todas as facilidades para admirar as suas ricas colecções. Pode-se dizer que este museu teve o seu início em 1666, data da fundação da Academia de Antiguidades, passando

em 1786 para a direcção da Academia Real de Literatura, História e Antiguidades. O visitante entra pelas salas dedicadas à idade da Pedra, seguindo-se as do Bronze, do Ferro, dos Vikings e Idade Média, onde há muitos trabalhos de arte religiosa, tapeçarias, trabalhos em ferro, uma grande colecção de sinos. Há depois romano, moedas, etc.

Da primeira idade da Pedra não é rico, atento o facto de a Escandinávia estar coberta de gelos no Paleolítico. Há apenas alguns objectos, principalmente de osso, dos últimos tempos deste período, da província de Skåne a mais ao sul do país. Dela vimos restos de alguns *Kioekkenmocddings* com lâminas maiores que as de Muge ou Magos, micrólitos diferentes dos nossos, núcleos e lascas de sílex, alguma cerâmica grosseira, etc.

O período Neolítico encontra-se bem representado, sendo dignas de reparo as miniaturas de sepulturas e túmulos, contendo cortes de terreno, tudo feito com grande correcção e rigor científico.

Uma das mais importantes colecções é a do Bronze, tendo muitos dos objectos ornamentações em espiral.

As principais riquezas da idade do Ferro, provêm de Gothland, Mainland e Öland.

Outro museu importante que visitei nesta cidade foi o *Nordiska Muscet*, situado num belo palácio, onde estão instaladas esplêndidas colecções etnográficas, contendo desde os objectos primitivos dos lapões até aos mais aperfeiçoados das populações de mais adiantada civilização. Dar uma ideia muito sumária das riquezas expostas é coisa impossível em tão reduzido relatório. O *Nordiska* merecia um estudo especial de bastante fôlego.

Os objectos de arte popular estão dispostos por províncias, ocupando cada província uma ou mais salas. Um nome e um mapa do país, tendo a preto a região que expõe, indicam ao visitante a proveniência do que está patente. A habitação do camponês mereceu aos organizadores deste Museu atenções especiais. São muitos os pequenos compartimentos que nos representam uma casa de aldeia com todos os seus pertences. Há um andar só com cultura popular e outro com cultura das classes elevadas e os andares neste grande edifício são formidáveis. O rés-do-chão por exemplo, é ocupado na quase totalidade por objectos de civilização lapónica, contendo tudo, desde os mais

rudimentares, caseiros e agrícolas, até às ratoeiras para caçar ursos e raposas.

Não me deterei nas ricas colecções de jóias populares, trajes, objectos caseiros, rocas, armas, instrumentos musicos, barcos, salas com mobiliário e recheio de diferentes épocas e estilos, bandeiras e coches. Cada sala ou grupo de salas tinha uma empregada vestida com trajes regionais. Para o estudo dos tecidos, rendas, bordados populares, etc., havia o chamado *catálogo*: duas salas tendo aos lados e ao centro uma espécie de armário constituído por caixilhos todos dispostos verticalmente uns ao lado dos outros, numerados e etiquetados.

Procura-se na etiquetagem o que desejamos, puxa-se o caixilho e dentro da moldura está exposto o tecido ou bordado regional que pretendemos ver.

Perto deste Museu e funcionando quase como seu anexo está o *Skansen*, um grande parque com divertimentos, jardim zoológico, tipos de casas populares com todos os seus pertences — não em tamanha profusão e tão boa conservação como em Bygdöy — restaurantes, casas de chá, orquestras tocando, lagos, estufas, enfim, uma série de divertimentos e distrações que fazem deste local apazível, donde se divisa um belo panorama, um ponto de reunião preferido pelos habitantes da cidade.

* * *

Não dispondo de mais de 24 horas para Estocolmo, parti para Copenhague que tinha especial interesse em visitar por causa dos seus *Kioekkenmocddings*.

O espólio destes encontra-se no *Museu Nacional* onde pude admirar uma das mais ricas colecções arqueológicas que me foi dado ver.

Ocupa ela todo o rés-do-chão do vasto Museu, cujo primeiro andar é dedicado a colecções históricas de arte e mobiliário e segundo andar a arte religiosa e etnografia.

O espólio dos *Kioekkenmocddings* dinamarqueses é, como todos sabem um pouco mais recente que o dos nossos de Muge e Magos, pois já contém cerâmica, coisa que entre nós não aparece. O talhe dos sílex trapezoidais e outros é um pouco diferente da técnica do dos nossos concheiros.

Uma coluna envidraçada cheia de conchas e espólio lítico permitte-nos fazer uma ideia da constituição daqueles depósitos arqueológicos.

Uma outra colecção, como não vi igual, é a de colares de âmbar. É verdadeiramente formidável, toda disposta num fundo de sala envidraçado e iluminado, dando o todo um aspecto feérico, tal a multiplicidade de cores que apresenta.

Outro assunto que mais prendeu a minha atenção foram os vasos de bordo horizontal, idênticos a alguns existentes nas nossas terras de Entre-Douro e Minho. Sem o bordo decorado como muitos dos nossos, apresentam a cavidade perfeitamente rectangular, como um chapéu alto, enquanto que entre nós são de forma hemisférica ou tronco cónica.

A colecção de objectos do Bronze e do Ferro é enormíssima, bem como é apreciável a de sepulturas em troncos de árvores.

O célebre caldeirão de Gundestrup, todo de prata, geralmente atribuído ao 1.º século antes ou depois da nossa era, rico de figuras de mitologia céltica ainda mal explicadas, ocupa um lugar de destaque.

Para o jardim que ocupa um pátio interior, foram levados alguns dolmens bem como pedras com gravuras.

Neste Museu não sabemos que mais admirar: se a riqueza das colecções, se a maravilha da disposição dos objectos que é verdadeiramente de encantar.

A minha curta demora em Copenhague não me permitiu visitar os locais dos *Kioekkenmoeddings* digressão arqueológica que me ofereceram para daí a três dias.

Nesta cidade ainda visitei mais dois museus:

O *Thorvaldsens*, instalado num simpático edifício onde se encontra uma rica colecção de moldes em gesso das mais belas obras primas de escultura das antiguidades clássicas e oriental, além de outras preciosidades, oferta de um Mecenas à cidade de Copenhague.

O das *Belas Artes*, rico em pintura, além de modelos em gesso da antiguidade clássica e oriental.

* * *

De passagem em Bruxelas, não deixei de visitar as colecções arqueológicas desta cidade que se encontram principalmente no *Musée*

du Cinquenaire. Apesar de fechado — era dia feriado — foi-me permitida a sua visita. É menos rico em arqueologia que Estocolmo ou Copenhague, mas não deixa de interessar a bela disposição da sua existência, as cópias e miniaturas de monumentos pre-históricos, os modelos de objectos notáveis que o Museu não possui, as belas fotografias e desenhos que acompanham o que está exposto.

Assim, a secção Paleolítica, que é apreciável, completa-se com uma série de modelos de originais de outros países.

Entre as colecções deste Museu destacam-se as da gruta de Spy com os seus objectos tão característicos.

Também há, provenientes da necrópole de Boitsfort, dois vasos do tipo dos nossos de bordo horizontal, mas de fundo hemisférico.

A colecção do Bronze e do Ferro, não é muito grande e parte ainda está em ordenação, pois este Museu é recentíssimo.

A civilização romana tem aqui grande representação, sendo de notar as miniaturas dos campos fortificados daquela época.

Ainda visitei, nesta cidade, o *Museu de Arte Antiga* com excelentes colecções de pintura de Rubens, Van Dick, Jordaens, C. de Voss, L. David, etc. Instalado num belo edifício, contém também uma boa colecção de moldes gregos e romanos, sem o predomínio de nus, como em Copenhague ou Oslo.

* * *

Em Paris um facto chamava principalmente a minha atenção: a nova classificação Paleolítica do Prof. Breuil.

Fui primeiro ao Instituto de Paleontologia Humana onde trabalha este cientista e onde me encontrei com alguns dos seus discípulos de mui diversas nacionalidades que, com o Mestre, estudam os novos métodos Paleolíticos.

Neste Instituto há uma colecção utilizada para estudo dos alunos. Contém alguns objectos de arqueologia portuguesa: Paleolítico de Arronches, uma bela *herminette*, um cilindro de calcáreo e placas de xisto.

Impunha-se mais uma vez a visita ao *Museu de Saint-Germain*, o mais rico da França em matéria pre- e proto-histórica.

O que mais me interessava nele eram as salas do Paleolítico, onde o Prof. Breuil arrumou os objectos segundo a sua classificação. O novo arranjo está conforme os moldes dos modernos museus, tendo a disposição das peças um aspecto agradável, permitindo uma boa visibilidade das suas faces. Cada grupo: *Clactonense*, *Abbevillense*, os 7 *Lavalaisenses*, os 7 *Acheulenses*, etc., contém uma etiqueta indicando a sua característica própria.

Não interessando uma referência a outras secções deste grande Museu, pois é de muitos conhecido, termino aqui este relato, fazendo votos para que Portugal não deixe de aparecer nas grandes reuniões científicas internacionais, estabelecendo contacto com a evolução da ciência além-fronteiras, para que a par da evolução política, a evolução do pensamento dignifique o País.



Fig. 1 — Uma casa de madeira do «Norsk Folkemuseum».

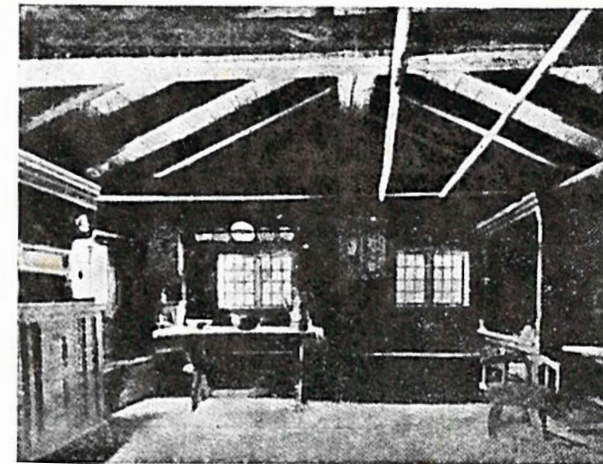


Fig. 2 — Interior de uma casa de madeira do mesmo Museu.

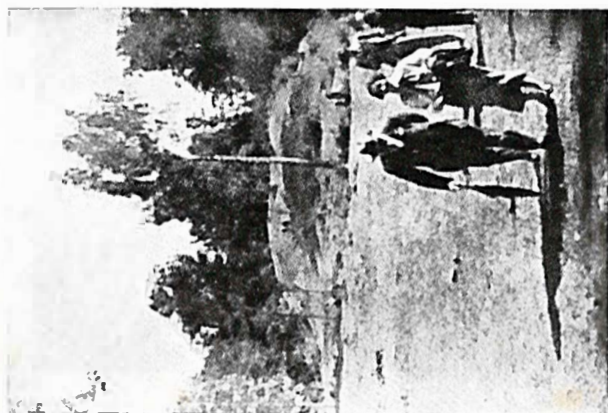


Fig. 4 — Um dos túmulos de Borre, cantado no poema «Ynglingatal».

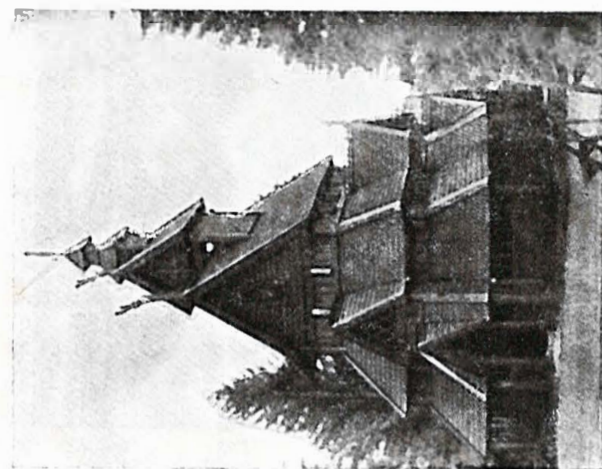


Fig. 3 — Igreja de madeira do «Norsk Folkemuseum».

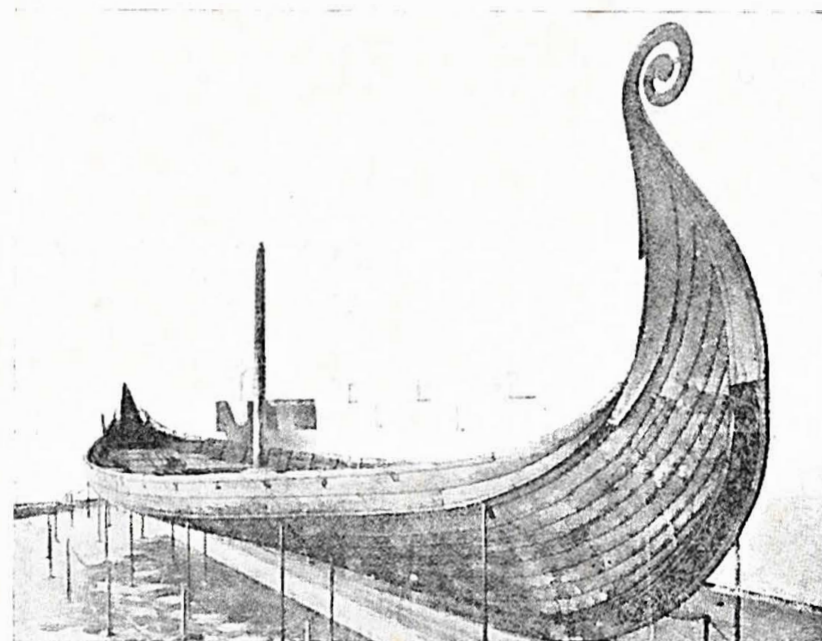


Fig. 5 — Barco de Oseberg, reconstruído, existente na «Vikingskibhuset».

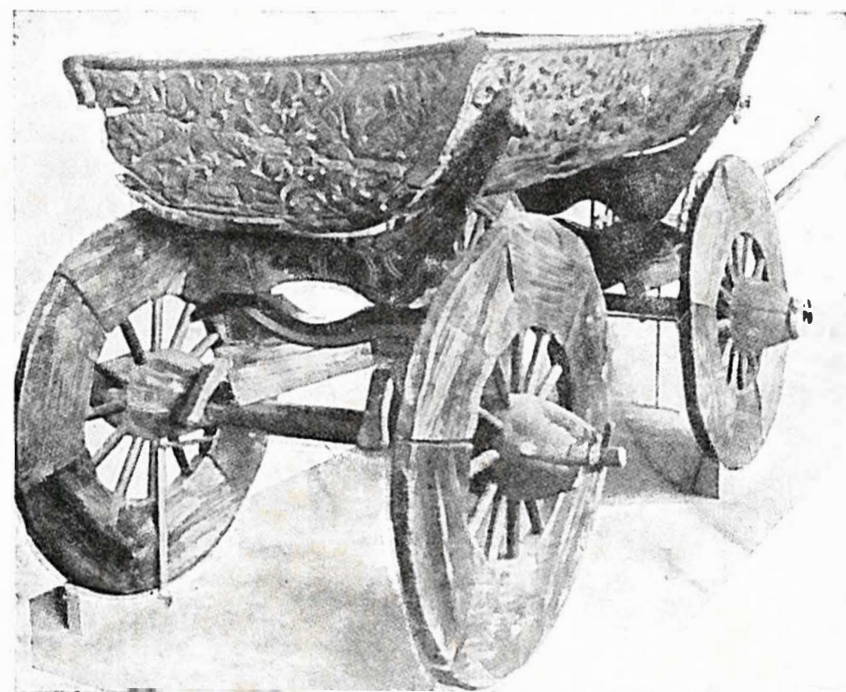


Fig. 6 — Carro de 4 rodas, reconstruído, proveniente do túmulo de Oseberg.

NOVOS CONCHEIROS DO VALE DO TEJO (1)

CARLOS RIBEIRO, ao descrever-nos na sua memória apresentada ao IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-históricas, realizado em Lisboa em 1880 (2), as escavações a que procedeu nos concheiros de Muge: *Fonte do Padre Pedro* e *Cabeço da Arruda*, fala-nos de um outro *kioekkenmoedding*, encontrado em 1863 entre Salvaterra e Muge, na *Quinta da Sardinha*, dizendo: «il nous fut dénoncé par l'abondance des coquilles marines qui couvraient une partie de la surface du sol, y formant comme une bande blanchâtre d'environ 300 mètres de longueur. Cette bande nous révéla l'existence d'un dépôt artificiel de coquilles marines, parmi lesquelles nous avons reconnu les genres *Buccinum*, *Lutraria*, *Nucula*, *Cardium*, *Tapes*, *Pecten*, *Solen* et *Ostrea*. Avec ces restes, il y avait des pinces d'écrevisses, des vertèbres de poissons, des fragments d'os de mammifères, surtout de ruminants; une phalange d'orteil humain, et une partie d'os coronal également humain».

Depois desta descrição, acrescenta o ilustre geólogo: «Nous avons tenté à plusieurs reprises de faire l'exploration de ce monticule, mais les objections présentées par le propriétaire nous ont empêché jusqu'à présent d'y faire commencer les travaux».

Trabalho publicado na revista *Brotéria*, vol. XXVII, fasc. 1, Julho de 1938.

(1) Comunicação lida na Assembleia Geral da Associação dos Arqueólogos Portugueses, de 29-4-1937. Com este título também inscrevemos uma comunicação ao *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*, XVII Sessão, que se realizou em Bucarest de 1 a 8 de Setembro de 1937.

(2) Carlos Ribeiro, «*Les kioekkenmoeddings de la vallée du Tage*». Vid. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*. IX session. Lisbonne, 1880.

Dos outros concheiros existentes no Vale do Tejo, e referidos naquela comunicação de Carlos Ribeiro: *Fonte do Padre Pedro, Cabeço da Arruda, Cabeço da Amorçira e Moita do Sebastião*, ou *Fonte da Burra*, não se perdeu o indício. Porém do da *Quinta da Sardinha* desconhecia-se o rasto.

Por diversas vezes, tentámos obter dele qualquer notícia; todos os esforços foram baldados. Pediram-se informes a caçadores e trabalhadores rurais, mas tudo em vão ⁽³⁾.

Quando já se desesperava e punha de parte a ideia de o redescobrir, no outono de 1935 o nosso amigo e prezado consócio na Associação dos Arqueólogos, Hipólito Cabaço, pelos afazeres que o ligavam à margem esquerda do Tejo, teve a boa sorte de encontrar, não um simples concheiro, mas seis.

Os novos *kioclcenmocddings* ficam situados no Paul de Magos, entre Salvaterra e Muge, ao longo da ribeira de Magos, e são eles: *Cabeço dos Ossos, Cova da Onça, Cabeço dos Morros, Cabeço de Magos de Cima, Cabeço de Magos de Baixo e Cabeço da Barragem* (Fig. 1).

Cabeço dos Ossos e Cova da Onça. — São quase contíguos, apenas separados por uma pequena depressão do terreno. Ficam situados na margem direita do Paul de Magos, à dextra da estrada que vai de Muge a Salvaterra, e cerca de um quilómetro do cruzamento desta com a ribeira. São de pequena elevação, mas ocupando uma grande área de terreno. O da *Cova da Onça* encontra-se quase todo destruído, e o seu material foi aproveitado nas obras de defesa do Paul. O do *Cabeço dos Ossos*, muito revolvido pelas culturas, está quase todo ocupado por plantações de vinha.

Cabeço de Morros. — Está situado na margem esquerda do Paul, a juzante de Magos de Baixo, nas proximidades da localidade denominada Estêvam. É um grande concheiro, tipo do do *Cabeço da Arruda*, isto é, com uma boa elevação de terreno. Não devia ter uma área menor que este. Porém, hoje, por se ter aproveitado em diversas épocas o seu material para as obras de defesa do Paul, dele só resta a parte inferior, com uma altura de um metro a um metro e meio.

⁽³⁾ Afonso do Paço, «*Páleo- e mesolítico português* (Descobrimientos-Bibliografía) I» na *Revista de Guimarães*, vol. XLVI-XLVII. Guimarães, 1936-1937.

Cabeço de Magos de Cima. — Fica na margem direita do Paul em frente da localidade denominada Magos. É um concheiro relativamente pequeno onde, até à presente ocasião, não se fizeram apreciáveis sondagens ou reconhecimentos. Diz a tradição que apareceram ali esqueletos, um «santo» de cobre e restos de paredes antigas.

Cabeço de Magos de Baixo. — Está situado em frente do anterior, na margem esquerda do Paul, no local chamado Magos. Contém muitas

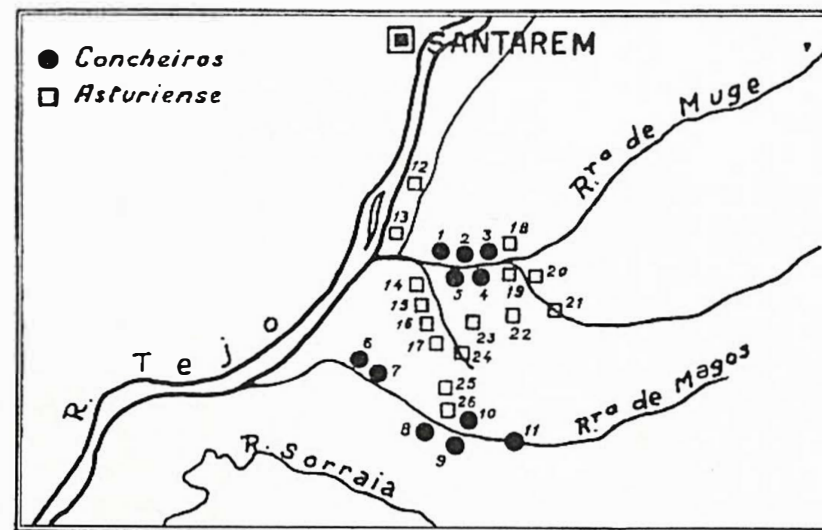


Fig. 1 — Carta mesolítica dos Pauls de Muge e Magos.

- | | |
|--|-----------------------------------|
| 1 — Concheiro da Fonte do Padre Pedro | 14 — Asturiense de Vale da Raposa |
| 2 — » da Flor da Beira | 15 — » de Arneiro da Boa Vista |
| 3 — » do Cabeço da Arruda | 16 — » de Arneiro dos Moinhos |
| 4 — » do Cabeço da Amoreira | 17 — » de Vale dos Amieiros |
| 5 — » da Moita do Sebastião | 18 — » de Arn. dos Pescadores |
| 6 — » da Cova da Onça | 19 — » da Boa Vista |
| 7 — » do Monte dos Ossos | 20 — » de João Boieiro |
| 8 — » do Cabeço dos Morros | 21 — » do Cocharrinho |
| 9 — » de Magos de Baixo | 22 — » do Grenho |
| 10 — » de Magos de Cima | 23 — » de Ponte do Coelho |
| 11 — » do Cabeço da Barragem | 24 — » da Glória |
| 12 — Asturiense de Benfica do Ribatejo | 25 — » da Ramalha |
| 13 — » de Porto Sabugueiro | 26 — » de Vale do Zebro |

conchas, predominando as ostras, muitas toneladas de escórias de fundição e restos de cerâmica com características romanas. Parece mais recente que os outros. Carlos Ribeiro também encontrou, na *Fonte do Padre Pedro*, produtos semelhantes de mistura com esqueletos, o que lhe fez admitir duas épocas de enterramento, sendo a última provavelmente romana (4).

Cabeço da Barragem. — Fica um pouco a montante dos dois anteriores, no local da barragem que ali construiu a Hidráulica Agrícola para irrigação do Paul. Na margem esquerda deste, na encosta do cabeço que faz o seu estreitamento e que foi aproveitado para a represa, existia um pequeno concheiro, do qual agora nada se vê, por motivo das referidas obras.

Além destes concheiros, situados todos no Paul de Magos, encontrou Hipólito Cabaço um outro em Muge, no Paul do Duque, na margem direita da ribeira, entre os seus congêneres da *Fonte do Padre Pedro* e *Cabeço da Arruda*, no local denominado *Flor da Beira*.

De início, julgou-se que os *kiokkcnmoeddings* do *Cabeço dos Ossos* e *Cova da Onça* fossem, pela sua extensão, aquele a que se referiu Carlos Ribeiro como existente na Quinta da Sardinha.

Porém, esta propriedade é, hoje, limitada pela estrada que fica a um ou dois quilómetros distante. Sendo Carlos Ribeiro bem preciso na sua localização dentro da Quinta, para esta se dirigiram as nossas atenções. Foram baldados todos os esforços. Dentro de tal propriedade não se encontram restos de concheiro. Podia, é certo, ter sido destruído em qualquer das grandes obras de barragem, que ali se realizaram para defesa do Paul.

Orientadas as nossas indagações noutro sentido, conseguiu-se apurar por intermédio de José Francisco Cadete que a Quinta da Sardinha se estendia, outrora, para além da estrada, até ao Tejo. Ficava assim resolvido o problema, localizando-se de novo, e agora com mais precisão, o *kiokkinmoeddling* que em 1863 se não pudera explorar por teimosia do seu dono.

É certo que, no Museu da Comissão dos Serviços Geológicos, existia espólio de um concheiro denominado *Cova da Onça*, cuja loca-

(4) *Op. cit.*, p. 281.

lização, em abono da verdade seja dito, parecia desconhecer-se, pois as publicações de Carlos Ribeiro não lhe fazem referência.

Não se realizou, ainda, nos concheiros agora descobertos qualquer escavação metódica, mas apenas nos de *Cabeço dos Ossos*, *Cova da Onça* e *Cabeço dos Morros* levou a efeito Hipólito Cabaço uma prospecção, tendo recolhido algum material lítico, malacológico e antropológico. Nos outros, apenas teve lugar um simples reconhecimento.

A indústria lítica daqueles três concheiros é de duas espécies: uma de sílex e outra de lascas de quartzite.

De sílex, encontrámos inúmeros fragmentos amorfos, além de algumas faquitas, trapézios e triângulos.

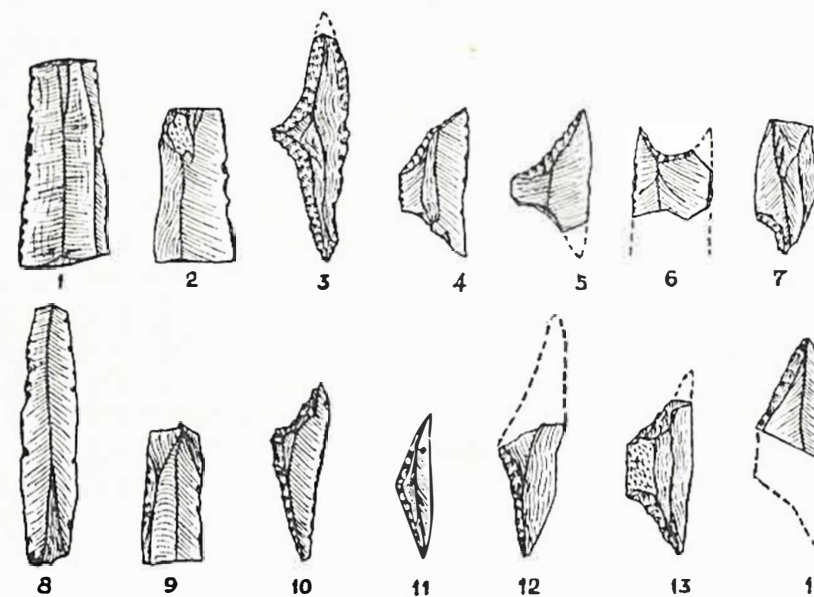


Fig. 2 — Sillces de concheiros do Paul de Magos.

1- 7 — Cabeço dos Morros.

8-14 — Cabeço dos Ossos e Cova da Onça.

Nada podemos adiantar, na presente ocasião, quanto aos tipos de instrumentos que mais predominam num ou noutro *kiokkcnmoeddling*, e daí inferir uma maior ou menor antiguidade de uns montículos em

relação aos outros, como sucede em Muge. Não sei mesmo se o seu estado actual de devastação permitirá algum dia esse estudo criterioso.

Todavia, do *Cabeço dos Ossos* e *Cova da Onça*, possuímos além de algumas lâminas e fragmentos de outras, dois trapézios, um dos quais partido, e três triângulos de dorso bem retocado, sendo um incompleto (Fig. 2, n.ºs 8-14).

Do *Cabeço dos Morros*, além de boa porção de faquitas, também se podem classificar dois trapézios e um triângulo isósceles com uma espécie de pedúnculo lateral (Fig. 2, n.ºs 1-5).

Em dois fragmentos de lâminas deste concheiro, podemos observar com nitidez o cavado semi-circular para o fabrico dos microburis, conforme teoria exposta pelo ilustre e falecido arqueólogo belga L. Siret (Fig. 2, n.ºs 6-7).

Paralelamente a esta indústria de sílex, há nestes concheiros uma infinidade de lascas de quartzite de maiores ou menores dimensões.

Já Carlos Ribeiro colheu boa porção delas em Muge, que se encontram no Museu da Comissão dos Serviços Geológicos.

Examinadas com atenção, vemos que estes fragmentos de quartzite do Paul do Duque não apresentam outro indício de trabalho humano além do da sua fractura, certamente mais ou menos intencional, isto é, parece terem ausência absoluta de retoque.

Porém, em alguns exemplares do Paul de Magos, creio poder-se inferir a existência de trabalho intencional, nomeadamente num proveniente do *Cabeço dos Morros* (Fig. 3, primeiro instrumento da primeira linha). Nesta espécie de «pico», o trabalho humano tinha por fim torná-lo um pouco mais aguçado. Em outros exemplares, que possuímos, deste concheiro, pode-se notar o afeiçoamento da lasca à forma de um pequeno instrumento (Fig. 3, segundo e terceiro instrumentos da 1.ª linha e primeiro da 2.ª linha). O mesmo podemos dizer do segundo e terceiro artefactos da mesma figura 3 (2.ª linha), provenientes do *Cabeço dos Ossos*.

Esta circunstância, juntamente com a de terem ultimamente aparecido «picos» em grande abundância nestas paragens, faz-nos surgir, nesta região, problemas curiosos que até aqui estávamos longe de suspeitar.

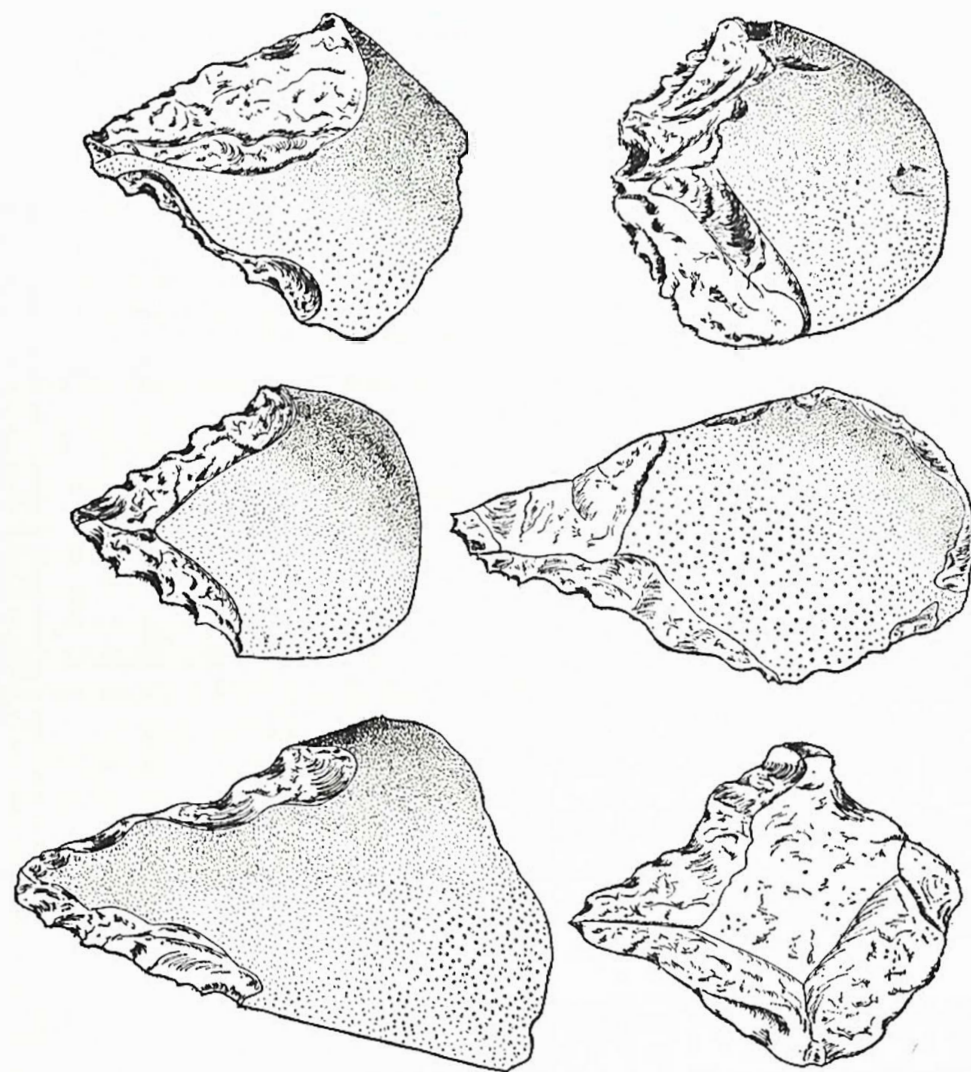


Fig. 3 — Lascas de quartzite do Paul de Magos (pouco mais de metade do tamanho natural).

Ainda não há muito tempo que, em comunicação apresentada ao I Congresso Internacional das Ciências Pre-históricas e Proto-históricas, dizia o Prof. Mendes Corrêa, referindo-se ao nosso mesolítico: «Contudo podem admitir-se, provisoriamente, no mesolítico português, dois círculos culturais distintos: o do capso-tardenoisense do vale do Tejo e o do asturiense das praias do norte. Eles são independentes, posto que, talvez em parte, sinerónicos» (7).

A recente descoberta de asturiense em Muge e Magos, levada a cabo por Hipólito Cabaço e J. F. Cadete, fora do local dos concheiros, onde a sua ausência é completa (Fig. 1), veio demonstrar que o sincronismo das duas indústrias mesolíticas não existe naqueles Paús, e que a prática das duas espécies líticas devia ter sido levada a cabo por tribus diferentes. É que nos concheiros não nos apareceram, até hoje, «picos» de tipo asturiense.

Um problema capital se nos depara então: qual das duas indústrias será mais antiga?

O asturiense do Cantábrico, explorado pelo Conde de La Vega del Sella, assenta num nível arqueológico perfeitamente definido, sobre uma camada azilense (8).

A indústria de tipo asturiense de Muge e Magos, bem como toda a das nossas costas do Minho e Douro Litoral, é de superfície, não se podendo, com facilidade, determinar a sua cronologia.

Ora em Muge, bem como nas costas do noroeste, de permeio com material de tipo asturiense (7), encontram-se, com muita frequência, objectos do paleolítico inferior.

O Prof. Burkitt, da Universidade de Cambridge (9), pretende que este asturiense português, bem como o da Galiza, não é mais que uma

(7) A. A. Mendes Corrêa, «Questions du mésolithique portugais». *Proceedings of the First International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences*. London, 1932.

(8) Conde de La Vega del Sella, «El Asturiense». Memória n.º 32 da *Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas*. Madrid, 1932.

(7) R. de Serpa Pinto propôs que se chamasse *ancorense*.

(9) M. C. Burkitt, «Notes of a journey through North-West Spain and Portugal», *Prehistoric Society of East Anglia*, VI, 1931.

indústria do paleolítico superior de tão escassa representação no nosso território, admitindo para ele um roteiro Sul-Norte.

É partidário desta teoria entre nós, tendo-a defendido nos seus escritos, o Rev. Eugénio Jalhay (10).

As indústrias de tipo asturiense, que se encontram na Bretanha (10), Irlanda (11) e Báltico (12), são reputadas mais recentes que as do litoral Cantábrico.

Não quero deter-me neste problema, pois, sobre ele, publicará em breve o Rev. Eugénio Jalhay um trabalho em que estudará o asturiense do vale do Tejo, com a sua costumada precisão e rigor científico.

Todavia não deixaremos de observar o seguinte:

1.º — Consideram-se pre-asturienses as nossas estações do litoral de Entre-Douro-e-Minho e Ribatejo.

2.º — A indústria de tipo asturiense de Muge e Magos não é sincrónica da mesolítica dos concheiros daquelas localidades.

3.º — De permeio com o material de tipo asturiense, aparecem peças líticas de talhe do paleolítico inferior.

4.º — Um roteiro Sul-Norte da indústria de tipo asturiense é admitido por mui abalisados arqueólogos.

Quanto às espécies malacológicas, estão ainda por estudar as amostras colhidas. Todavia podemos informar que não são absolutamente as mesmas em todos os concheiros.

(10) Eugénio Jalhay, «Serão pre-asturienses as estações pre-históricas do litoral galaico-minhoto?», em *Brotéria*, vol. XVI. Lisboa, 1933.

Idem, idem, *Bol. Com. Prov. Mon. Hist. Ast. Orense*, tomo X, n.º 208. Orense, 1933.

Idem, «L'industrie de type asturien sera-t-elle une industrie purement locale?», em *Proc. First Internat. Cong. Preh. Prot. Sciences*. London, 1932.

(11) Z. le Rouzic et M. et M.ª Saint-Just Pequart, «Er Yoh. Nouvel outillage en os et en pierre découvert dans le Morbihan», em *Revue Anthropologique*. Paris, 1925.

(12) C. Blake Whelan, «The Flint Industry of the Northern Irish (25-foot) Raised-Beach: a preliminary study of its relations to the Asturien Industry of Portugal», em *Journal of the Royal Anthropological Institut.*, vol. IV. London, 1930.

(12) Eugénio Jalhay, «Serão pre-asturienses...», em *Brotéria*. Lisboa, 1933.

No *Cabeço dos Morros*, encontrou Hipólito Cabaço um crânio humano quase completo, em bom estado, apenas com ausência do maxilar inferior.

Enviado para o Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, pôde o Prof. Dr. Mendes Corrêa identificá-lo como sendo da mesma raça de Muge, do tão discutido «Homo-After-Taganus».

Inclinam-se os pre-historiadores a ver, no capsense de Muge, uma emigração africana, cujas gentes apresentariam, para uns, certos caracteres negróides; para outros, apenas afinidades com uma raça equatorial. Sem me embrenhar no campo da antropologia, indico, àqueles que queiram ocupar-se deste problema, o último trabalho do Prof. Mendes Corrêa: «A propósito do «Homo-Taganus» — Africanos em Portugal» (13).

Àqueles que desejarem estudar mais detalhadamente os nossos concheiros do vale do Tejo, indicamos mais a seguinte bibliografia:

Pereira da Costa, «Notícia sobre esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda». Lisboa, 1865.

Paula e Oliveira, «Nouvelles fouilles faites dans les kioekkenmoeddings de la vallée du Tage», in *Com. Comis. Trab. Geológicos*, tomo II. Lisboa, 1892.

Idem, «Note sur les ossements humains existents dans le Musée de la Commission des Travaux Géologiques», in *Com. Comis. Trab. Geológicos*, tomo II. Lisboa, 1892.

A. da Costa Pereira, «Négroïdes Préhistoriques en Portugal», in *Anais Científicos da Academia Politécnica do Porto*, vol. II. Porto, 1907.

A. A. Mendes Corrêa, «A propos des caractères inférieurs de quelques crânes préhistoriques du Portugal», in *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, vol. III. Porto, 1917.

Idem, «Nouvelles observations sur l'Homo Taganus, nob.», in *Revue Anthropologique*, vol. XXXIII. Paris, 1923.

Idem, «Novos elementos para a cronologia dos concheiros de Muge», in *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, tomo XVIII. Porto, 1934.

Idem, «Nouvelles fouilles à Muge (Portugal)», in *XV^e Congrès Int. Ant. Arch. Préhistoriques*. Paris, 1931.

(13) *Boletim da Junta Geral do Distrito de Santarém*, n.º 43. Santarém, 1936.

R. de Serpa Pinto, «Nouvelles recherches sur le miolithique en Portugal», in *Ass. Franc. Avanc. des Sciences. LV^e Session*. Nancy, 1931.

Idem, «Notas sobre a industria microlítica do Cabeço da Amorcira», in *As. Esp. Progr. Ciências*. Lisboa, 1932.

Georges Hervé, «De l'existence d'un type humain à caractères vraisemblablement négroïdes dans les dépôts coquilliers mésolithiques de la vallée du Tage», in *Revue Anthropologique*, XL^e Année. Paris, 1930.

Eugénio Jalhay, «Algumas palavras sobre Arqueologia — IV. Notas finais sobre o paleolítico. O epipaleolítico», in *Brotéria*, vol. XXI, Setembro, 1923.

Idem, «As novas directrizes no estudo da pré-história», in *Trab. da Ass. Arq. Portugueses*, vol. II. Lisboa, 1936.

Joaquim Fontes, «O homem fóssil em Portugal». Coleção *Natura*. Lisboa, 1923.

Idem, «A questão do homem fóssil em Portugal», in *Arquivo Histórico de Portugal*. Lisboa, 1923.

M. Boule, «*Les hommes fossiles*», 2.^a ed. Paris, 1923.

H. Obermaier, «*El Hombre Fósil*», 2.^a ed. Madrid, 1925.

Idem, «*Estudios prehistóricos en la provincia de Granada*», in *Anuario del Cuerpo Fac. Arquiv. Bibliot. Arqueólogos*, vol. I. Madrid, 1934.

Idem, «*El hombre préhistórico y los orígenes de la humanidad*». Madrid, 1932.

H. Breuil, «*Les subdivisions du paléolithique supérieure et leur signification*», in *XII^e Cong. Int. Anthrop. Arch. Préhistoriques*. Genève, 1912.

Idem, «*Impressions de voyage paléolithique à Lisbonne*», in *Terra Portuguesa*, vol. III. Lisboa, 1918.

H. Vallols, «*Recherches sur les ossements mésolithiques de Muge*», in *L'Anthropologie*, tomo XL. Paris, 1930.

NOTE SUR LA CARTE PALÉOLITHIQUE DE PORTUGAL

IL n'a pas été publié jusqu'à ce jour de carte indiquant ce qui existe de paléolithique chez nous. Il en existe cependant quelques-unes (réduites) du Minho, depuis qu'en 1929 j'ai élaboré la carte paléolithique de cette ancienne province du Nord du pays ⁽¹⁾. L'an dernier, dans une petite communication faite à l'Association des archéologues à Lisbonne, j'ai présenté la première carte paléolithique de Portugal, à l'échelle de 1/250.000, en même temps qu'une autre des environs de Lisbonne à 1/20.000, toutes deux établies par moi-même.

En jetant les yeux sur la carte jointe (fig. 1) on aperçoit un groupe de *stations* au Nord en bordure du Minho et de la Lima une région côtière entre ces deux rivières. On en découvre d'autres isolées ou peu nombreuses près de Chaves, à l'embouchure du Dorna, Mealhada, à l'embouchure du Mondego et Leiria.

Dans quelques grottes de l'Estramadure, explorées jusqu'à ce jour, le paléolithique apparaît également et spécialement dans celles de Furninha, Cesareda et Fontainhas.

Plus au Sud, au «Kioekkenmoedding» de Muge, sur la rive gauche du Tage, aux environs de Lisbonne, se trouvent environ quatre-vingt-dix *stations*. A l'intérieur nous rencontrons Arronches sur les rives du Caia et le groupe d'Elvas à proximité du confluent de cette rivière avec le Guadiana.

A Orcola on trouve rarement des *coups de poing*.

(1) Afonso do Paço, *Estação paleolítica de Carreço*. «Brotéria», vol. IX, Lisboa, 1929.

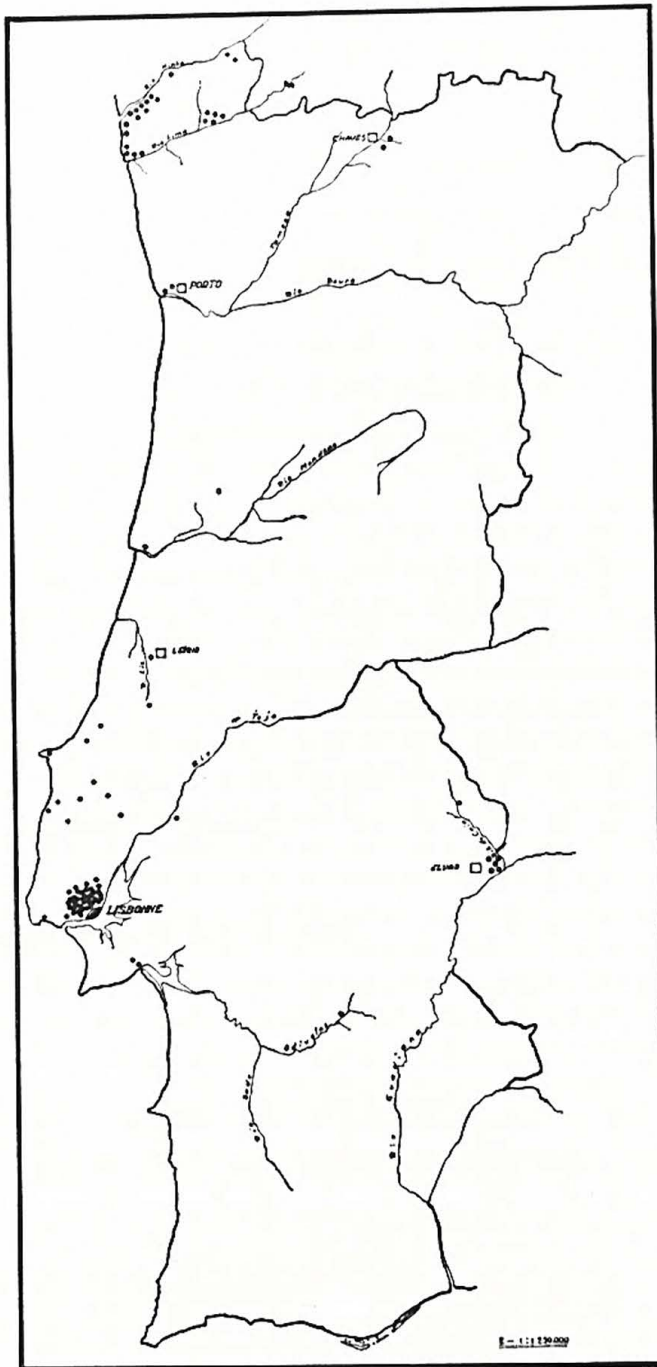


Fig. 1 — Carte paléolithique du Portugal.

Il n'est pas possible, d'après ce que l'on découvre sur cette carte, de faire de longues conjectures, les explorations étant loin d'atteindre une intensité qui le permette. Il est certain que les premières datent de plus d'un demi-siècle. C'est au neuvième Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie préhistorique, qui s'est tenu à Lisbonne en 1880, que notre géologue Nery Delgado a présenté une importante communication sur la grotte de Furninha, dans laquelle il a fait une étude de quelques objets paléolithiques qu'il y a trouvés.

D'autres découvertes faites antérieurement à Mealhada ne méritent pas une étude spéciale.

De nouvelles découvertes ont suivi à Belas, Vimeiro, etc., de 1909 à 1912, les professeurs Joaquim Fontes et Virgílio Correia ont fait d'abondantes moissons lithiques aux environs de Lisbonne, le premier d'entr'eux a publié les plus importantes études parues jusqu'à ce jour.

En 1916, le professeur Breuil a découvert Arronches, et de 1923 à 1930 d'importantes trouvailles ont été faites sur le Minho et l'Elvas.

La presque totalité des *stations* de superficie, soit l'une ou l'autre, contiennent des couches (stratigraphiques) comme Mealhada, Furninha à Arronches et peut-être Elvas. Une grande partie de ces stations est du paléolithique inférieur. Comme supérieur nous avons Turquel, Cesareda, Muge, Vale das Lages et peut-être quelques endroits des environs de Lisbonne.

La matière employée est surtout le quartz et le silex dans les stations du Nord et de l'Est. La même matière est moins employée dans les environs de Lisbonne et la région centrale. Il est de toute nécessité de continuer ces recherches et principalement de réaliser des fouilles sur ces terrains où probablement se trouvent des couches (stratigraphiques) nous permettant d'asseoir l'étude de notre paléolithique sur ces basses plus sûres en abandonnant celles qui sont faites péniblement par comparaisons typologiques.

A PÓVOA ENEOLÍTICA DE VILA NOVA DE S. PEDRO (*)

NOTAS SOBRE A 1.ª E 2.ª CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES — 1937 E 1938 (1)

I — SITUAÇÃO E LENDAS

A cerca de 7 quilómetros em linha recta a NW do Cartaxo e 14 a SW de Santarém, encontra-se a povoação de Vila Nova de S. Pedro, pertencente ao concelho de Azambuja, distrito de Lisboa, hoje freguesia própria e que, até 16 de Julho de 1924, fazia parte da de Manique do Intendente, denominada, até aos fins do século XVIII, S. Pedro de Arrifana.

Contém Vila Nova de S. Pedro, segundo o censo de 1930, um número de habitantes que regula por 1.220 e 360 fogos distribuídos pelos lugares de Vila Nova (o mais importante), Torre, Casais de Além, Carrascal, Outeiro e Moita do Lobo (Fig. 1).

Fronteirigo ao lugar da Torre, assim denominado por conter as ruínas da Torre de Penalva, fica a Setentrião um outeiro de cerca de 100 metros de altitude que a toponímia local designa por alto do «Castelo», que não é mais do que uma península cujo istmo fica a SW, defendida a N e um pouco a NW pela ribeira de Almoester, a E e S pelos regatos que, vindos da Torre, Carrascal e Casais de Além, naquela se vão lançar. A meio da encosta, pelo lado N e NW passa o canal do Alviela.

A Fig. 2 representando três perfis do terreno, conforme cortes nas direcções A-B, C-D e E-F da Fig. 1, mostra-nos perfeitamente quanto esta espécie de península é defensável em todos os sentidos,

(*) Trabalho publicado na revista *Brotéria*, vol. XXVIII, fasc. 6 e vol. XXIX, fascs. 1, 4 e 5. Junho-Novembro de 1939.

(1) Escavações subsidiadas pelo Instituto para a Alta Cultura.

excepto no istmo que a SW a liga a Vila Nova de S. Pedro, sendo também de notar o alcantilado da sua encosta NW.

Alto do «Castelo» (Fig. 4) é um nome que pode não ferir ouvidos profanos, mas que chama a atenção dos versados em assuntos de arqueologia. Sobre ele correm, em Vila Nova, curiosas lendas, algumas das quais nos permitimos transcrever aqui.

— «Em tempos muito antigos fundaram os moiros uma povoação no alto do «Castelo» e ali viveram felizes durante 100 anos.

Passado este tempo resolveu a tribo mudar-se para outra localidade, e, numa noite, depois de destruir e arrazar as habitações, transferiu-se com suas riquezas e gados, armas e bagagens, para um cabeço que se via ao longe, o local onde está a actual Santarém, edificando aí novo povoado, mais moderno portanto que aquele».

Esta curiosa lenda, que julgamos inédita, atribue a Santarém uma antiguidade bastante remota, maior do que a da sua fundação por Abidis ou qualquer outra.

Ninguém em Vila Nova suspeitava da existência de tal povoado de tempos encolíticos, porém na tradição oral não se perdeu o seu conhecimento.

Nem sempre as lendas, conforme assevera a moderna crítica histórica, assentam em bases fantasiosas.

— «Em tempos muito remotos andava uma pobre cachopita a apanhar gravatos no alto do «Castelo», quando lhe pareceu uma moirinha muito linda, de pele assetinada e alvo vestido sobre que caíam lustrosas madeixas, e lhe disse:

— Minha menina, no fim de sete anos vai ao buraco que vês naquela oliveira e recolhe um tesouro que lá se encontra e que é toda a minha riqueza. Mas, repara bem, só no fim de sete anos e não contes absolutamente a ninguém coisa alguma do que se passou.

A cachopita, transida de medo, disse que nada revelaria e a trigueira moirinha desapareceu.

Refeita do susto, a pequena largou a correr até casa e, sem se lembrar do que prometera, contou tudo à mãe.

Mãe e filha dirigiram-se em correria louca para o «Castelo», não fosse outrem saber do segredo e, chegando lá primeiro, recolhesse os tesouros maravilhosos da moirinha caritativa e desinteressada que se propunha tão singelamente entregar a sua fortuna fabulosa.

Encaminharam-se para a velha oliveira, rebuscaram o buraco do tronco carcomido e, com grande desapontamento, apenas encontraram enormes quantidades de negro carvão.

Chorosas e tristes, só então se lembraram das condições impostas pela moirinha, lastimando a cachopita não ter obedecido a quem tão bondosa para com ela se mostrara».

— «Nos tempos antigos andava um rapazito a guardar gado no alto do «Castelo» quando lhe apareceu um sardão de dois rabos que trepou por ele acima e lhe disse:

— Não tenhas medo, que não te faço mal. Só quero deixar-te a minha grande riqueza que está ali, debaixo daquela pedra. Vem buscá-la amanhã, mas não contes nada a ninguém do que acabo de te dizer.

Depois disto, o sardão, que não era mais do que uma moirinha encantada, desapareceu na sua toca e a criança, voltando a si, pois ficara transida de susto com o que vira e ouvira, levada pela ideia de ser rica de um momento para o outro, largou ovelhas e cajado, e, correndo como um gamo por cima de pedras e carrascos, foi a casa e contou à mãe:

— É mãe, assubiu por mim acima um sardão de dois rabinhos que disse me deixava todo o seu dinheiro se eu não dissesse nada a ninguém.

A princípio incrédula, mas depois convencida da veracidade do que o pequeno dizia, largou a mãe todos os afazeres de sua casa e logo os dois correram ao «Castelo» a buscar o tesouro, não fosse outro levá-lo antes de êles lá chegarem.

Dirigiram-se à pedra indicada pelo sardão, esgravataram a terra e qual não foi o seu espanto ao encontrarem, em vez de peças de ouro e pedrarias refulgentes, um monte de carvão que se desfazia ao simples contacto dos dedos».

Quanto custa desobedecer às lindas moirinhas encantadas!

Se o cachopito se cala e vai lá sózinho no dia seguinte, diz a tia Quitéria desolada ao contar-nos esta história, estaria ele rico e faria bem à freguesia e aos pobrezinhos.

A par destas lendas da destruição do «Castelo» e de tesouros que se transformam em carvão, outras correm como.

— «No alto do «Castelo» estão enterradas duas grandes panelas, perfeitamente iguais, uma transbordando de riquezas, outra repleta de peste. Todos desejariam cavar no solo para encontrar a panela da fortuna, mas, temendo dar com a dos malefícios que mataria toda a gente, ninguém se atreve a procurá-las» (2).

Também é costume amedrontar os cachopos, quando fogem para brincar no «Castelo», dizendo-lhes que está lá uma panela de peste que os mata a todos.

— «Contam os livros antigos que, no alto do «Castelo», havia duas torres muito grandes e uma igreja com duas portas, entrando a gente por uma e saindo pela outra. Neste templo existiam muitas riquezas, muito oiro e pedrarias. Torres e igreja, tudo foi destruído num cataclismo, encontrando-se o fabuloso tesouro debaixo da terra que se amontoa na parte superior do «Castelo».

Quem cavasse aquilo encontraria toda a fortuna».

É o que nos está reservado, dizem as gentes de Vila Nova ao verem-nos escavar pacientemente a povoação eneolítica que ali se encontra, esperançados de que alguma coisa lhes toque na distribuição final.

— «Antigamente os habitantes da Torre, lugarejo fronteiriço ao «Castelo» (Fig. 5) viam, quando se levantavam muito cedo, branquejar no alto a roupa alva de neve das moirinhas. Porém, logo que olhos profanos poisavam sobre ela, corriam pressurosas as lindas meninas a recolhê-la, desaparecendo todo o encanto».

(2) Sobre idênticas lendas de duas panelas, uma cheia de oiro e outra de peste veja-se: Francisco Manuel Alves — Reitor de Baçal, *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, tomo IX, p. 326 e 489; tomo X, p. 644.

As moirinhas saíam do alto do «Castelo» e andavam pelas suas imediações, como dizem outras lendas.

— A avó da tia Bica (3), quando rapariga, foi um dia à fonte velha da Torre (4), que fica ao pé do «Castelo», e viu lá uma moirinha que lhe pediu para a catar. Catou-a e depois foi encher a quarta (5). Com a água, caiu da bica uma bolinha de carvão, que a avó deitou fora despejando a vasilha. Pôs de novo a encher e caiu outra bolinha de carvão. Desta vez deixou ficar e em casa, ao despejar, viu que o carvão se transformara em oiro. Correu à fonte à procura da que desprezara, mas já não encontrou nada.

A bolinha de oiro foi paga que a moirinha dera por a ter catado».

— «Em tempos muito antigos, andava uma mulher a guardar perús ao pé do cabeço de Penalva, fronteiriço ao «Castelo», quando aquelas aves começaram a voar e a fugir assustadas. Foi observar o que era e viu uma menina pinta-nua (6), muito gordinha e muito bonita.

Ao ser descoberta a beldade fugiu e ninguém mais soube dela. Era uma moirinha encantada do «Castelo».

Levado pelo topónimo local, o nosso prezado amigo Hipólito Cabaço, cujo sentido arqueológico é deveras notável, procedeu a indagações, chegando, em fins de 1936, a determinar uma importante povoação eneolítica onde realizou pesquisas, de resultados muito animadores, que custaram alguns milhares de escudos à sua bolsa particular.

(3) A tia Bica é uma velha quase centenária.

(4) A fonte da Torre é muito antiga e tem uma lápide com uma inscrição que diz: «Lembral-vos das almas do Purgatório com um Padre Nosso e uma Avé-Maria — 1630».

(5) «Quarta» é a bilha ou cântaro da água ou vinho, qualquer que seja o seu tamanho e quer seja de barro ou folha (Significado um pouco diferente do que registou Cândido de Figueiredo no seu *Dicionário*, 4.ª edição).

(6) Sem vestuário de espécie alguma. Este vocábulo não vem registado no *Dicionário* de Cândido de Figueiredo (4.ª edição).

Dado conhecimento do facto à Associação dos Arqueólogos Portugueses, logo foi pedida licença para proceder a escavações, bem como solicitado um indispensável auxilio para a campanha de 1937.

Depois de visitado o local pelo Prof. Mendes Corrêa, concedida a necessária autorização e posto à nossa disposição um subsídio pelo Instituto para a Alta Cultura, iniciámos os trabalhos no primeiro dia de Agosto de 1937 que duraram até 21 do mesmo mês. Em 1938 teve lugar nova campanha, de 10 de Agosto a 10 de Setembro.

A povoação eneolítica ocupa a parte superior do alto do «Castelo» e é constituída por um núcleo central e terrenos circundantes conforme indica a Fig. 3, planta levantada pelo Sr. Cap. Duarte de Almeida.

O núcleo central, compreendido mais ou menos dentro das curvas de nível de maior altitude, é constituído por um amontuado de cascalhos e arbustos, e apresenta indícios de uma forte muralha de pedras toscas que o defendia, visível na vala em cruz que se abriu para sondagem (Fig. 3, AB-CD, e Fig. 6).

Circundando esta parte central, encontra-se um terreno mais ou menos limitado pela linha E da Fig. 3, que o seu proprietário utiliza para cultura de trigo e onde se está procedendo à exploração, tendo nós já escavado a parte pontuada F.

Tudo se encontra remexido e destruído, quer pelo arado, quer pelo rodar dos séculos. Todavia em redor, na altura da linha E, notámos, na parte já explorada, vestígios de nova muralha, presumindo o Prof. Mendes Corrêa, quando visitou o local, que uma outra cintura deve existir para além desta.

Contudo aqui e além ainda pudemos encontrar na parte escavada umas pedras dispostas em círculo e que não são mais do que fundos de cabana (Fig. 3-G e Figs. 8 e 10).

As terras escavadas contêm, além destes pedregulhos, enorme abundância de pedra britada, como a que se usa hoje nas nossas estradas, o que nos faz supor que entrariam na constituição dos adobos usados na edificação das habitações daqueles primitivos.

De permeio com tudo isto, aparece uma infinidade de pontas de seta, faquitas de sílex e cristal de rocha, raspadores, percutores, mós, discos, machados de pedra, cilindros de calcáreo, contas, objectos de osso e de cobre, placas de barro, cerâmica de mui variadas dimensões,

sementes, ossos de animais, etc., que adiante estudaremos resumidamente, reservando-nos, para o final da exploração, trabalho mais completo, esperando em que o I. A. C. não nos falte com os subsídios necessários para estas escavações que são bem obra sua e da Associação dos Arqueólogos.

Antes de entrar na descrição dos objectos achados, não deixaremos de referir que o actual proprietário dos terrenos, Sr. António Ferreira, recolheu em tempos no local, ao lavrar, um percutor, um fragmento de cerâmica e um machado de cobre, que entregou ao falecido general Victoriano José César, que, por sua vez, os ofereceu ao Prof. J. Leite de Vasconcelos para o Museu Etnológico, conforme consta de notícia publicada no *Archeólogo Português* (*).

II — INDÚSTRIA LÍTICA

Depois da descrição do local e de referir algumas das lendas que sobre ele correm, iniciemos o estudo das indústrias pelos objectos de pedra e, entre estes, pelos de maiores dimensões e talhe mais grosseiro.

Mós. — São muito abundantes, denunciadoras portanto de um povoado bastante denso. É vulgar encontrar duas, três ou mais, junto de um fundo de cabana.

É o seu talhe do mais primitivo: uma pedra de maiores dimensões e alisada, sobre que se deita a substância a triturar e que se esmaga com outra pedra mais pequena. A que serve de base adquire uma ligeira curvatura ao centro e, uma e outra, apresentam muito lisas as faces sobre que se executa o trabalho.

Estas mós ainda hoje são usadas por muitos selvagens africanos. Um recente trabalho do Prof. Santos Júnior (*) dá-nos a fotografia de um indígena de Moçambique moendo cereais numa mó que é semelhante às do «Castelo» (Fig. 9).

(*) J. Leite de Vasconcelos, *Antigualhas Cartaxenses*, em *Archeólogo Português*, vol. XXVIII, Lisboa, 1929.

(*) J. R. dos Santos Júnior, *Relatório da missão antropológica à Africa do Sul e a Moçambique*, 1.ª campanha, em *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, fasc. III, vol. VIII, Porto, 1938. Est. LII. Fig. 73.

Amoladoiras. — Para trabalhar instrumentos líticos e ósseos e afiá-los convenientemente, muitas vezes teriam os habitantes do «Castelo» de lançar mão de pedras de amolar.

São estas muito abundantes entre o espólio, mas tais pedras não existem na região, e muitas vezes os trabalhadores desejavam aproveitar para seu uso algum pedaço que não apresentava indício algum de trabalho do homem encolítico.

Percutores. — Aparecem frequentemente, uns de granito, outros de silex e anfibolite.

Há-os cilíndricos, esféricos, rectangulares. Muitos provêm do aproveitamento de um machado de pedra polida, cujos gumes já desapareceram e passou a aplicar-se como um martelo.

Discos. — Ainda como objectos grosseiros de pedra há uma espécie de discos, de forma achatada, cuja aplicação não presumimos em absoluto qual seja. Tampos de pequenas vasilhas de barro? É muito possível. Uma das faces destes discos é de secção plana, ao passo que a outra apresenta uma secção levemente cónica.

Machados de pedra. — São muito numerosos. Já colhemos cerca de 90 em 1937 e 160 em 1938.

É certo que nem todos são perfeitos. Há-os mesmo bastante fragmentados.

As dimensões variam, desde as formas minúsculas até às de avantajadas proporções (Fig. 11).

Também é vária a matéria prima de que são feitos.

Em tamanha diversidade de materiais e dimensões, não é idêntico o detalhe. Pelo contrário varia bastante. Há-os de secção circular, rectangular ou elíptica.

Os gumes ora são rectos, ora curvilíneos.

Goivas e enxós. — Ao contrário do que sucede com os machados, escasseiam as goivas e enxós. Apenas raros exemplares podemos classificar destes tipos. Já Vieira Natividade notou nas grutas de

Alcobaça facto semelhante, tendo encontrado apenas uma goiva na gruta do Cabeço da Ministra.

Outros objectos. — Agrupamos nesta designação vários objectos líticos de que nos apareceram apenas raros exemplares como:

— Metade de um pequeno gral de calcário (Fig. 4).

— Cilindro de calcáreo de avantajado diâmetro e pequena altura, com uma das faces cavadas até à profundidade de pouco mais de um centímetro. (Campanha de 1936 de Hipólito Cabaço) (Fig. 12).

— Metade de uma conta de pedra, de perfuração em duplo V, medindo aproximadamente 55 milímetros de comprimento por 70 de largura. (Campanha de 1936 de Hipólito Cabaço).

— Fragmentos de pedras alisadas e de fraca espessura, que bem podem denominar-se espátulas.

— Pedaço de anfibolite de cerca de 15 cm de comprimento, de secção elíptica e arredondado numa das extremidades, tendo uma pequena cavidade que bem podia ser utilizada para triturar qualquer substância corante ou preparar tinta.

Placas de xisto. — As placas de xisto, sobre que bastante se tem escrito e cuja aplicação e significado são muito discutidos, classificadas desde duplicado do morto (10) até paletas de pintura (11), têm sido raras. Atribuídas quase exclusivamente às sepulturas, escasseiam nesta póvoa.

Até hoje apenas encontrámos alguns fragmentos, todos com desenhos.

Cilindros. — Os achados de cilindros de calcáreo vieram contradizer a afirmação feita por Linckenheld num estudo ultimamente publicado, de que estes objectos, tão característicos da arqueologia peninsular, só apareciam nas sepulturas (12).

(10) Vieira Natividade, *Grutas de Alcobaça*, em *Portugalia*, vol. I, p. 434.

(11) Vergílio Correia, *El Neolítico de Pavia* — Memória n.º 27 da C. I. P. P. Madrid, 1921.

(12) Abbé Henri Breuil, *Les peintures rupestres schémiques de la Péninsule Ibérique*, vol. IV, 1935.

(13) Linckenheld, *L'idole cylindrique néolithique de Terville* em *L'Anthropologie*, tome 47. Paris, 1937.

É certo que o ilustre professor da Universidade de Strasburgo apoiava-se em trabalhos até agora vindos a lume e em observações de ilustres arqueólogos. O Prof. Vergílio Correia, nas escavações da Serra das Mutelas, encontrou um cilindro de calcáreo em cada montículo de ossos (13).

Aqui, numa povoação sem ossos humanos, encontrámos bastantes destes objectos, de mui variadas dimensões e feitios diversos pois há-os tronco-cónicos e cilindros. Todos lisos, só um, o de maiores dimensões, é que contém numa das extremidades dois pares de sulcos simbolizando, por certo, tatuagem facial (Fig. 14).

Além destes cilindros de calcáreo, também colhemos dois de cristal de rocha, um dos quais de minúsculas dimensões e um de barro, este com bem visível demarcação de olhos, além de tatuagem facial (Fig. 13).

Micrólitos. — Ao iniciar o estudo dos sílices, diremos que o «Castelo» foi um centro importantíssimo desta indústria, tal a profusão de utensílios e lascas. Entre os objectos, citemos em primeiro lugar um micrólito de forma trapezoidal, exemplar único encontrado nas escavações de 1937 e 1938. Este achado vem, a nosso ver, em apoio da teoria exposta pelo falecido arqueólogo L. Siret, que diz terem-se perpetuado os micrólitos em progressão decrescente durante o período eneolítico, aparecendo entre nós, e mesmo em Almeria (14), com os vasos campaniformes e objectos de cobre, ao contrário do que sucede, por exemplo, em Solsona, no levante espanhol, onde tal contemporaneidade não existe (15).

Setas. — As pontas de seta são muito numerosas. É que, diz ainda Siret, estamos no apogeu da indústria do sílex (16). Nas escavações de

(13) Vergílio Correia, *El Neolítico de Pavia*.

(14) Siret, *Questions de chronologie et d'ethnographie ibériques*. Paris, 1913, página 394.

(15) Nils Aberg, *La civilisation énéolithique dans la péninsule ibérique*. Halle, 1921, p. 51.

(16) L. Siret, *Orientaux et Occidentaux en Espagne*, em *Revue des Questions Scientifiques*. Bruxelles, 1907, p. 8.

1937 e 1938 colhemos cerca de quinhentas inteiras e outras tantas partidas. Pertencem na quase totalidade ao quarto grupo da classificação de Aberg, pois são todas, à excepção de três exemplares, de base recta ou côncava, características que aquele arqueólogo succo considera do apogeu do eneolítico (17) (Fig. 15).

Algumas são talhadas em forma de mitra, com um feitio porém um pouco diferente do das *mitraeformes* de que nos fala Estácio da Veiga, provenientes de Alcalá, Nora e Marcela (18). O mitraeforme desta nossa exploração assemelha-se ao da Pedra de Oiro, ou Outeiro de S. Mamede, em que a configuração de mitra é muito mais acentuada que nas suas similares algarvias (n.ºs 43 a 63).

Há-as que terminam quase em bico de alfinete (n.ºs 4 e 6) muito semelhantes às que encontrou L. Siret na sepultura 40 de Los Miliares (19). Não diferem outras das da Anta do Freixo (20), de certos exemplares de Monte Abraão (21), Alcalá (22), Aljezur (23), Outeiro da Assenta (24), Palmela (25), Cascais (26), Casa da Moura (27), Furninha (28), Carvalhal (29), Cabeço da Ministra (30), Rotura (31), Chi-

(17) Aberg, *La civilisation énéolithique...* p. 51-52.

(18) Sebastião Fillipes Martins Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. I. Lisboa, 1886. Estampas III, XIV, XVII.

(19) L. Siret, *L'Espagne préhistorique*, em *Revue des Questions Scientifiques*. Bruxelles, 1893.

(20) Emile Cartallhac, *Les âges préhistoriques de L'Espagne et du Portugal*. Paris, 1876, p. 170.

(21) C. Ribeiro, *Estudos préhistoricos em Portugal II*. Lisboa, 1880, p. 37.

(22) E. da Veiga, *Ant. Mon. Algarve*, vol. III. Lisboa, 1889. Est. IV, VII, XI.

(23) Id., *ibid.*, vol. I, Est. D.

(24) F. Alves Pereira, *Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos)*, em *Archeólogo Português*, vol. XIX e XX.

(25) Marques da Costa, *Estações préhistóricas dos arredores de Setúbal*, em *Archeólogo Português*, vol. XII.

(26) Aberg, *La civilisation énéolithique...* p. 72.

(27) Nery Delgado, *Notícia acerca das grutas de Cesareda*. Lisboa, 1867.

(28) Joaquim F. N. Delgado, *La Grotte de Furninha à Peniche*. IX^o Congrès Int. Anthr. Archéol. Préhistoriques. Lisbonne, 1880, p. 207, Planche IV.

(29) Aberg, *La civilisation énéolithique...* p. 83.

(30) Vieira Natividade, *As Grutas de Alcobaça*, em *Portugalia*, tomo I, p. 434.

(31) Marques da Costa, *Estações préhistóricas dos arredores de Setúbal*, em *Archeólogo Português*, vol. XIII.

banes ⁽³²⁾, Outeiro de S. Mamede ⁽³³⁾, Pedra de Oiro ⁽³⁴⁾, Estria ⁽³⁵⁾, Pragança ⁽³⁶⁾, Anta Grande da Comenda da Igreja ⁽³⁷⁾, Anta Grande da Ordem ⁽³⁸⁾, S. Martinho de Sintra ⁽³⁹⁾, Pavia ⁽⁴⁰⁾, Alapraia ⁽⁴¹⁾, Mairos ⁽⁴²⁾ e tantas outras que seria longo enumerar. São raras as que apresentam os bordos serrilhados. Também colhemos uns quarenta exemplares de setas em fabrico, alguns dos quais ainda muito rudimentarmente trabalhadas (n.ºs 70-73). A matéria prima de que são feitas, o sílex, não se encontra na região. Porém, o de cor encarniçada, aparece a alguns quilómetros a N de Vila Nova de S. Pedro, segundo informação dos trabalhadores que nos acompanhavam.

Punhais e lanças. — Ao lado das pontas de seta, poderemos colocar outros objectos de maiores dimensões, as lanças ou punhais. Alinhando com as alabardas e não apresentando a largura de lâmina destas, não as poderemos emparelhar com certos exemplares de Monte Abraão ⁽⁴³⁾ ou Casa da Moura ⁽⁴⁴⁾. Com Schmidt ⁽⁴⁵⁾ e O' Riordáin ⁽⁴⁶⁾, apenas as apelidaremos folhas de punhal ou lança, precursoras, segundo estes autores, das suas similares de bronze.

⁽³²⁾ Id., *ibid.*, vol. XI e XV.

⁽³³⁾ Aberg, *La civilisation énéolithique...* p. 92.

⁽³⁴⁾ Colecção inédita de Hipólito Cabaço.

⁽³⁵⁾ Carlos Ribeiro, *Estudos préhistóricos em Portugal*, II, p. 62.

⁽³⁶⁾ Aberg, *La civilisation énéolithique...* p. 93-96-97.

⁽³⁷⁾ Aberg, *La civilisation énéolithique...* p. 97.

⁽³⁸⁾ Matos Silva, *Anta Grande da Ordem*, em *Arch. Português*, I, p. 120.

⁽³⁹⁾ Maximiano Apollnário, *Necrópole neolítica do Vale de S. Martinho*, em *Archéologo Português*, vol. II.

⁽⁴⁰⁾ Vergilio Correia, *El neolítico de Pavia*, p. 12.

⁽⁴¹⁾ Parte ainda não publicada das escavações desta gruta.

⁽⁴²⁾ J. R. dos Santos Júnior, *A cerâmica campaniforme de Mairos (Trás-os-Montes)*, em *Homenagem a Martins Sarmiento*. Guimarães, 1933.

⁽⁴³⁾ Carlos Ribeiro, *Estudos préhistóricos em Portugal*, II, p. 31 a 33.

⁽⁴⁴⁾ Cartailhac, *Les âges...*, p. 87-89.

⁽⁴⁵⁾ H. Schmidt, *Estudios acerca de los principios de la edad de los metales en España*. Trad. de P. Bosch Gimpera. Memória n.º 8 da C. I. P. P. Madrid, 1915.

⁽⁴⁶⁾ S. P. O' Riordáin, *The Halberd in Bronze Age Europa*. Oxford, 1937.

L. Siret não admitia esta prioridade, dizendo-as antes sincrónicas, sendo as líticas inspiradas nas metálicas co-existentes ⁽⁴⁷⁾.

Schmidt e O' Riordáin, baseados em objectos semelhantes das palafitas de Vinelz e Chevroux, chegaram a apresentar-nos presumíveis desenhos de encabamento de um punhal de Monte Abraão (Fig. 23, n.º 2).

Nas nossas campanhas de 1937 e 1938 recolhemos dezassete exemplares completos de lanças ou punhais, bem como uma centena de fragmentos de outras. Conforme indica a Fig. 16, n.ºs 1-6, apresentam todas, mais ou menos, a forma lanceolada, medindo as maiores entre 100 e 114 milímetros de comprimento por 37 a 45 de largura. A menor (n.º 6), mede apenas 64 de comprimento por 23 de largo.

Serras. — Recolheram-se umas vinte do tipo das de Palmela ⁽⁴⁸⁾ e Cascais ⁽⁴⁹⁾, isto é, de forma oval ou rectangular, e uma semelhante á da anta n.º 5 da Herdade da Caieira ⁽⁵⁰⁾ ou gruta II de Alapraia ⁽⁵¹⁾.

Destas serras, diz Cartailhac, as melhores são as que não apresentam dentado algum, pois este apenas serviria para dificultar a operação de cortar (Fig. 16, n.ºs 13-16). Certos destes utensílios, posto que com entalhes laterais, aparecidos nas estações lacustres suíças de Robenhausen e Mooserdorf, estavam encabados ⁽⁵²⁾ e fixados com resina ⁽⁵³⁾. Sendo encabados, só poderia aproveitar-se, para serrar, um bordo trabalhado. Porém estes instrumentos estão retocados a toda a roda, havendo por isso quem suponha que seriam aproveitados ora de um, ora de outro lado. Goury, porém, tem a impressão de que talvez se trate de raspadores e não de serras ⁽⁵⁴⁾.

Além dos objectos acima referidos, encontrámos cinco fragmentos de lâmina com serrilhas dos dois lados, sendo em três mais largo e

⁽⁴⁷⁾ L. Siret, *Orientaux et Occidentaux en Espagne*, p. 63.

⁽⁴⁸⁾ Cartailhac, *Les âges...* p. 130.

⁽⁴⁹⁾ Aberg, *La civilisation énéolithique...*, p. 73.

⁽⁵⁰⁾ Vergilio Correia, *El neolítico de Pavia*, p. 47.

⁽⁵¹⁾ Tenente Afonso do Paço e P.º Eugénio Jalhay, *As grutas de Alapraia*, em *Brotéria*, vol. XXI. Lisboa, 1935.

⁽⁵²⁾ Jacques Morgan, *L'Humanité préhistorique*. Paris, 1924, p. 93.

⁽⁵³⁾ Déchelette, *Manuel d'archéologie préhistorique celtique et gallo-romaine*, vol. I, Paris, 1928.

⁽⁵⁴⁾ G. Goury, *L'Homme des cités lacustres*, vol. I, Paris, 1932, p. 281-282.

em dois mais fino. Com os pedaços de sílex dentados apenas de um lado, recolhidos em Acebuchal, construiu Bonsor uma foicinha ⁽⁵⁵⁾ conforme os moldes da que F. Petrie encontrou no Egipto, em que os dentes estavam encastoados com massa betuminosa numa ranhura de madeira (Fig. 23, n.º 6).

Na estação de El Oficio, também encontraram os irmãos Siret muitos destes fragmentos de sílex, de dentado unilateral, dois dos quais ainda com restos de betume ⁽⁵⁶⁾.

Facas. — Se, como vimos, havia profusão de setas, não a há menos de facas, algumas das quais, as de tipo mais pequeno, se podem contar às centenas (Fig. 16, n.ºs 17-23, 28-31, 35-39).

Idêntica abundância nas grutas de Alcobaça fez dizer a Vieira Natividade: «as lâminas de sílex deviam ser objectos verdadeiramente indispensáveis ao homem neolítico» ⁽⁵⁷⁾.

Entre as de menores dimensões contam-se por dezenas as de quartzo hialino (n.ºs 17-22), sendo curiosas as que apresentam o azulado do quartzo laivado de branco (n.ºs 20 e 21).

Alguns pedaços de facas grandes, mais ou menos de forma trapezoidal, com lascas tiradas de um e outro lado, dão-nos a impressão de que teriam sido aproveitadas para ferir lume (n.ºs 7 e 8).

Raspadores. — Dentre estes poderemos considerar dois tipos:

1.º — Lâminas de sílex com retoques nas duas extremidades e às vezes mesmo lateralmente. 2.º — Fragmentos de lâmina com retoque só numa extremidade. Alguns destes utensílios têm a ponta em semi-círculo e finamente retocada. A Fig. 16, n.ºs 9-12, dá-nos quatro tipos de raspadores do «Castelo».

Furadores. — Como aproveitamento de pedaços de facas, fragmentos de sílex, etc., há a considerar os furadores. Entre estes um

⁽⁵⁵⁾ G. Bonsor, *Les colonies agricoles pré-romaines de la vallée du Bétis*, em *Revue Archéologique*, tomo XXXV, Paris, 1899, p. 134.

⁽⁵⁶⁾ H. e L. Siret, *Les premiers âges du métal dans le sud-est de l'Espagne*, Anvers, 1887, p. 190.

⁽⁵⁷⁾ Vieira Natividade, *As Grutas de Alcobaça*, em *Portugalia*, p. 434.

exemplar curioso é talhado numa lâmina bastante comprida, 125 milímetros (Fig. 16, n.º 24), e levemente arqueada, apenas com 7 milímetros de largura. Os n.ºs 24-27 e 32-34 representam alguns destes objectos.

Núcleos. — São vários os que encontrámos, uns de sílex, outros de cristal de rocha, todos com bem definida extracção de pequenas faquitas.

III — INDÚSTRIA DE CERÂMICA

Vasos de barro. — A variedade destes é grande, a julgar pela espessura dos fragmentos. Todavia são raros os que nos permitem ajuizar da sua forma, pois encontram-se tão partidos, e em tal abundância que quase nos é impossível juntar dois bocados.

Em vista desta dificuldade, o nosso estudo incidirá principalmente sobre a ornamentação, que consideramos rica. Não deixaremos contudo de apresentar algumas reconstituições feitas por Hipólito Cabaço, provenientes das suas pesquisas de 1936 (Fig. 20, n.ºs 1-3).

Dos vasos do «Castelo», uns são desenhados por fora e outros por dentro, e assim dividimos as ornamentações em exteriores e interiores. Entre as exteriores, fixemo-nos em primeiro lugar nas que têm por base motivos rectilíneos de maiores ou menores dimensões, mais ou menos profundos, como os bem conhecidos desenhos de *linhas horizontais* (Fig. 17, n.º 4), em *zigue-zague* (n.º 2), *recticulados* (n.ºs 1, 3, 5, 6 e 13), *losangos* (n.º 14 e mesmo n.º 13), *espinha* (n.ºs 8-12 e 16-18), *dentes de lobo* (n.º 7), *covinhas* (n.º 19), etc., tão vulgares em estações como Rotura, Outeiro de S. Mamede, Monge, Pragança, S. Martinho, Assenta e outras.

Pela sua raridade permitimo-nos chamar a atenção para o n.º 21 que além dos *trêmidos* ou *ondulados* que tanto interessariam L. Siret se fosse vivo, contém uma série de pequenas saliências arredondadas, dando o conjunto um efeito agradável. Estas excrescências seriam produzidas de dentro para fora, com qualquer objecto que poderia ser um estilete de madeira ou osso. Fazia-se uma perfuração interiormente na pasta ainda verde, sem a atravessar por completo. O barro empurrado formava na face externa o pequeno mamilo.

As covinhas do n.º 19 são regulares, quase à superfície, e executadas com um punção de extremidade arredondada, mas as do n.º 15 são mais profundas e bastante imperfeitas.

Este último, com carreiras horizontais e verticais de orifícios, apresenta no bordo os mesmos motivos. Com idêntico tipo de desenho recolhemos um fragmento de taça, sem as carreiras verticais, e ainda um pedaço de grande vasilha apenas com as perfurações do bordo.

Outro tipo de ornamentação muito vulgar em Vila Nova de S. Pedro é o que tem por base o pontilhado, tão característico do vaso campaniforme que aqui se encontra representado por um apreciável número de fragmentos.

Muito se tem escrito sobre a origem e evolução deste vaso atribuindo-lhe alguns autores, como Montelius e Déchelette, origem egípcia (58), hipótese com que não concorda Much, dizendo ser antes oriundo do N da Europa. Sem nos determos na descrição minuciosa deste problema tratado com tanta mestria por Alberto del Castillo (59), diremos que foi o professor da Universidade de Berlim Hubert Schmidt, quem deu solução mais satisfatória à questão, dizendo-o originário da Península Ibérica (60), sem contudo lhe determinar o foco inicial. Esta hipótese foi desenvolvida pelo professor da Universidade de Barcelona Bosch Gimpera, que fixou o berço do campaniforme na parte S das grutas do centro peninsular e determinou irradiações e roteiros através da Europa (61).

Não devemos deixar de mencionar a hipótese de uma origem africana para o vaso campaniforme, defendida pelo ilustre pré-historiador espanhol, Prof. Julio Martinez Santa-Olalla (62).

(58) Déchelette, *Manuel d'Archéologie...*, vol. I, p. 552.

(59) A. del Castillo Yurrita, *La cultura del vaso campaniforme*. Barcelona, 1928.

(60) H. Schmidt, *Estudios acerca de los principios de la edad de los metales...*, p. 45 e ss.

(61) Bosch Gimpera, *La arqueología preromana hispánica*, em *Hispania* de Schulten, Barcelona, 1920. Idem, *Prehistória Catalana*, em *Enciclopedia Catalana*, vol. XVI, Barcelona, 1919.

(62) J. M. Santa-Olalla, *Origen y cronología del vaso campaniforme*, em *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología y Prehistoria*, tomo XIX, p. 257.

Para a ramificação portuguesa, que segundo B. Gimpera teria chegado até nós por via terrestre, julga-se sob todos os pontos de vista mais aceitável uma via marítima (63). Foi ainda seguindo este roteiro que se estendeu até à Galiza (64) e depois à Bretanha e Irlanda.

Passando a referir-nos às ornamentações dos campaniformes diremos que estas são formadas na sua totalidade por pontilhados maiores ou menores, melhor diríamos, minúsculos rectângulos ou quadrados, matematicamente certos.

Não deviam ser feitos, pelo menos no todo, por uma roda dentada como presume Schmidt (65) ou valva de concha como propôs Santos Rocha e com o que F. Alves Pereira concordou (66). É mais plausível um instrumento em forma de pente (67) de maiores ou menores dimensões, pois é vulgar encontrar-se aqui e além, com uma periodicidade regular, pontos sobrepostos. Estes fragmentos de recta não apresentam o menor desvio ou ondulado que poderia ter lugar com a roda dentada. Somos mesmo de opinião de que haveria várias destas matrizes mais ou menos compridas, de dentes mais ou menos apertados (68).

Não encontramos até hoje no campaniforme do «Castelo» desenho algum inciso, ao contrário do que sucede em Palmela, Monge, S. Martinho, etc.

A ornamentação mais vulgar é a de linhas pontilhadas paralelas, cheias de outras oblíquas, orientadas alternadamente numa zona para a direita e na outra para a esquerda, como sucede em Alapraia, Rotura, e mesmo Galiza (Fig. 18, n.ºs 1-3 e 5). O n.º 4, ao contrário, tem todas as linhas oblíquas orientadas no mesmo sentido.

(63) Eugénio Jalhay, *A cerâmica eneolítica de Alapraia e a cultura do vaso campaniforme*, em *Brotéria*, vol. XXIII. Lisboa, 1936.

(64) L. Pericot, *Los vasos campaniformes de la colección La Iglesia* em *Bol. de la Real Academia Gallega*, n.º 192, 1927.

(65) H. Schmidt, *Estudios acerca de los principios de la edad de los metales*, p. 50.

(66) F. Alves Pereira, *Estaq. arq. do Outeiro da Assenta*, em *Archéologo Português*, vol. XX, p. 144.

(67) A. del Castillo, *La cultura del vaso campaniforme*, p. 32, nota.

(68) Abbé J. Philippe, *Le Fort-Harrouard*, em *L'Anthropologie*, tomo 46, p. 576.

O n.º 6 é um fragmento de bordo, apenas com duas faixas de enxadrezados. O n.º 7, entre duas zonas ornamentadas tem uma linha de pontos. O bordo n.º 8 contém linhas paralelas de pontos com zigue-zague. A Fig. 19, n.º 1, 2, 4 e 5, apresenta quatro fragmentos de bojo de campaniformes, todos com motivos diferentes, tornando-se muito provável que o n.º 2 seja complemento do n.º 7 da Fig. 18. Os n.ºs 3 e 6 da Fig. 19 são fragmentos de bojos de grandes vasilhas com ornamentação idêntica à do campaniforme, no género talvez das de Molino (60).

Este tipo de desenho também é comum a uma série de fragmentos de taças, que, de passagem seja dito, não têm a riqueza das de Palmela ou Alapraia (70).

Além destas ornamentações exteriores, façamos breve alusão a alguns desenhos do interior de vasos, de que damos exemplo nos n.ºs 21-26 da Fig. 17. O n.º 21 é constituído por pequenos círculos de cerca de 0,004 m de diâmetro, alguns um pouco incompletos. Sobre esse tipo de decoração será curioso consultar F. Alves Pereira. Considera este autor, e muito bem, ao encontrar idênticos motivos no Outeiro da Assenta, que ele devia ter sido feito com o colmo rijo de uma gramínea ou cânula de pena de ave (71). O n.º 26 tem, como os n.ºs 19 e 20, as perfurações cheias de uma substância branca.

Ainda como ornamentação interior não queremos deixar de mencionar um círculo radiado existente no fundo de um fragmento de vaso recolhido por Hipólito Cabaço em 1936 (Fig. 20, n.º 6) comparável a idênticos tipos de Los Millares (72).

Vaso oblongo. — É um recipiente de 115 milímetros de comprimento, por 36 na parte mais larga e fundo esférico. Este objecto,

(60) J. M. Santa-Olalla, *Cerámica incisa y cerámica de la cultura del vaso campaniforme en Castilla la Vieja y Asturias*, em *Anuario de Prehistoria Madrileña*, vol. I, Madrid, 1930, p. 105.

(70) Tenente Afonso do Paço e P.º Eugénio Jalhay, *As Grutas de Alapraia*, em *Brotéria*, vol. XXI, Lisboa, 1925.

(71) F. Alves Pereira, *Estação arqueológica do Outeiro da Assenta*, em *Archeólogo Português*, vol. XX, p. 139-140.

(72) L. Siret, *L'Espagne préhistorique*, p. 50.

que se encontrava fragmentado e conseguimos reconstituir em parte, tem interiormente um orifício de 90 milímetros no fundo do qual havia restos de uma substância branca, muito fina, que bem poderia ser artigo de beleza feminina (Fig. 22, n.º 4).

Queijeiras. — Designa Déchelette (73) com este nome certos vasos de paredes completamente furadas provenientes do Campo de Chassey (França). Apesar de recolhermos muitos pedaços desta loiça não nos foi possível fazer qualquer reconstituição.

G. Bonsor encontrou idêntica cerâmica na necrópole de Entremalo, classificando um exemplar de fragmento de passador (74).

A este tipo de recipientes, que aparecem também nas estações portuguesas de Pragança, Rotura, S. Mamede e Pedra de Oiro e Marcela, já se referia Estácio da Veiga ao tratar de Alcalar (75). As populações do «Castelo», como as de La Gerundia e as do Fort-Harrouard tão proficientemente estudado pelo P.º J. Philippe e onde se encontraram também elementos de queijeiras (76), viveriam em parte do produto dos seus rebanhos.

Cadinhos. — Como noutro lugar se verá, havia no «Castelo» fundição de metais e para esta operação usavam-se cadinhos, tendo H. Cabaço feito a reconstituição de um exemplar proveniente das suas explorações de 1936 (Fig. 20, n.º 4).

Estes vasos seriam colocados, segundo Siret, em fornos constituídos por pequenos semi-círculos de barro, justapostos (77).

O certo é que tendo nós recolhido nesta estação vários fragmentos de cadinho, não encontrámos até hoje nenhum dos referidos arcos a que Vergílio Correia chama de preferência pesos de tear (78).

Colheres. — Há vários fragmentos de colheres desta estação, de cavidade oval, providas de um pequeno cabo (Fig. 20, n.º 5), no género

(73) Déchelette, *Manuel d'Archéologie...*, vol. I, p. 556.

(74) G. Bonsor, *Les Colonies Agricoles...*, p. 113.

(75) Estácio da Veiga, *Ant. Mon. Algarve*, vol. I, p. 231.

(76) J. Philippe, *Le Fort-Harrouard*, em *L'Anthropologie*, tomo 47, p. 274.

(77) L. Siret, *Orientaux et Occidentaux...*, p. 60-61.

(78) Vergílio Correia, *El neolítico de Pavía*, p. 23.

das de Espanha ⁽⁷⁹⁾ e França ⁽⁸⁰⁾. Déchelette conclue que estes objectos pertenciam à idade do bronze ou ao eneolítico. Goury porém, afirma que eles começaram a aparecer no pleno neolítico, continuando nos períodos subsequentes ⁽⁸¹⁾. No Fort-Harrouard, encontraram-se colheres do neolítico superior e do bronze ⁽⁸²⁾.

Cilindro. — Já atrás referimos um cilindro de barro, em que é bem visível a tatuagem facial e a representação dos olhos (Fig. 13).

Este tipo de tatuagem também se encontrou, como dissemos, em idêntico objecto de calcáreo desta mesma estação e noutros de Alapraia, Rotura, S. Martinho, Cascais, Casa da Moura, Serra das Mutelas, Barro, S. Mamede, etc.

Placas de barro. — Estes artefactos (Fig. 21, 24 e 25), são por alguns autores considerados pesos de tear, por outros elementos de fornos de fundição ou ainda de aplicação indefinida.

A sua área de dispersão podemos até agora circunscrevê-la ao meio dia espanhol: Fuente Vermeja, Lugarico Viejo, Zapata, El Argar, Cabezo del Oficio, Fuente Álamo, Ifre, Tres Cabezos ⁽⁸³⁾, Acebuchal ⁽⁸⁴⁾, Mas Menente ⁽⁸⁵⁾ Vélez Blanco ⁽⁸⁶⁾ e a algumas estações portuguesas como Outeiro da Assenta, Pragança (Dr. J. Leite de Vasconcelos, *História do Museu Etnológico Português*, Lisboa, 1915, est. V), Rotura, Chibanes, S. Mamede, Pavia ⁽⁸⁷⁾, Pedra de Oiro, Ota, Olelas ⁽⁸⁸⁾ e Fraga do Fojo (Moncorvo), Mértola, Marvão, Cavaleiro e Liceira.

⁽⁷⁹⁾ José Pérez de Barradas, *Excavaciones en el poblado eneolítico de Cantarranas*, em *Anuario de Prehistoria Madrileña*, vol. II-III. Madrid, 1932, p. 63.

⁽⁸⁰⁾ Déchelette, *Manuel d'Archéologie...*, vol. I, p. 555 e 559.

⁽⁸¹⁾ G. Goury, *L'Homme des cités lacustres...*, vol. II, p. 373.

⁽⁸²⁾ J. Philippe, *ibid.*, p. 265 e 270.

⁽⁸³⁾ H. e L. Siret, *Les premiers âges du métal...*

⁽⁸⁴⁾ G. Bonsor, *Les Colonies Agricoles...*, p. 113.

⁽⁸⁵⁾ L. Pericot e Fernando Ponsell, *El poblado de Mas Menente (Alcoy)*, em *Archivo de Prehistoria Levantina*, vol. I. Valência, 1928.

⁽⁸⁶⁾ Frederico Motos, *La edad neolítica em Vélez Blanco*, Memória n.º 19 da C. I. P. P., Madrid, 1918.

⁽⁸⁷⁾ Já atrás se indicou a bibliografia destas estações.

⁽⁸⁸⁾ A. de Melo Nogueira, *Estação pré-histórica de Olelas*, Lisboa, 1933, Fig. 15.

Félix Alves Pereira e Vergílio Correia, por exemplo, ao estudarem Outeiro da Assenta e Pavia consideram tais objectos *pesos de tear*, tendo o primeiro destes autores recolhido apenas três exemplares e o segundo algumas centenas, muitos dos quais com desenhos.

Há uma estação espanhola onde a sua profusão também é grande, ascendendo mesmo a meio milhar: é a de El Argar ⁽⁸⁹⁾.

Alguns autores desta nacionalidade não as consideram pesos de tear. Pericot e Ponsell por exemplo, chamam-lhes placas de barro de fim indeterminado ao descrever Mas Menente, e F. Motos elementos de fornos de fundição ao tratar de Vélez Blanco.

Já acima dissemos ao estudar os cadinhos, que Vergílio Correia considerava também pesos de tear os semi-círculos de barro que encontrara em Pavia. Foi o nosso saudoso amigo e ilustre arqueólogo F. Alves Pereira quem entre nós estudou mais desenvolvidamente estas placas ao relatar-nos com aquela meticulosidade que lhe era peculiar a estação do Outeiro da Assenta. Classificou-as em três grupos: 1.º — Tipo quadrado de quatro orifícios. 2.º — Tipo quadrado de dois orifícios. 3.º — Tipo oblongo de quatro orifícios.

Em Vila Nova de S. Pedro o tipo oblongo quase desaparece por completo para dar lugar ao rectangular, que algumas vezes tem os quatro cantos levemente arredondados.

O tipo oblongo é mais frequente nas estações espanholas. Vergílio Correia encontrou uma na anta 3.ª da Herdade dos Antões-Pavia ⁽⁹⁰⁾.

Alguns exemplares do «Castelo» apresentam-se ligeiramente abaulados sendo raríssimos os que contêm apenas dois orifícios.

Diz Alves Pereira que um exame atento destes pesos o levava à convicção de que se destinavam a teares verticais, «suspensos por dois orifícios e não pelos quatro ao mesmo tempo».

Acrescenta que nos exemplares de quatro orifícios apenas dois denotam sinal de uso, conservando-se os dois restantes novos em folha.

Também no «Castelo» se nota circunstância semelhante em vários exemplares. Contudo, um grande número não contém indício algum

⁽⁸⁹⁾ «História de España» — L. Pericot, *Prehistoria*. Instituto Gallach. Barcelona, p. 202. H. e L. Siret, *Les premiers âges du métal...*

⁽⁹⁰⁾ Vergílio Correia, *El neolítico de Pavia*, p. 56.

de uso, dando-nos tal facto a impressão de que seria esta localidade um centro industrial do seu fabrico, como o parece ter sido também de objectos de sílex. Ou então seriam guardados como reserva, o que nos parece em quantidade demasiado grande.

Sem alongar demasiado este estudo, não deixaremos de nos referir às ornamentações que muitas destas placas apresentam, umas de um lado, outras dos dois. Entre estes desenhos, na sua quase totalidade incisos, abundam os ondulados, reticulados, linhas paralelas, espinha, zigue-zagues, etc., sobre que muito haveria a dizer se os comparássemos com pinturas muito semelhantes de grutas e dolmens⁽⁹¹⁾.

Algumas placas apresentam figuras circulares, simples e radiadas, ou com dois feixes laterais de riscos semelhantes às vibrissas de um felino (Fig. 24, n.º 5). As Fig. 21 e 24 dão-nos várias placas com círculos radiados. Um destes é enquadrado por um desenho de pontos e traços (Fig. 21, n.º 2). Outro por dois círculos (Fig. 24, n.º 3). A Fig. 21, n.ºs 2 e 4, mostra-nos as duas faces da mesma placa, tendo de um lado um círculo com raios e do outro dois toscos semi-círculos. Já vimos motivo semelhante no fundo de um fragmento de vaso (Fig. 20, n.º 6).

Estes círculos radiados que apareceram noutras estações, como por exemplo Los Millares⁽⁹²⁾, foram também considerados por L. Siret como astros. Não indicarão de facto os círculos radiados o sol e os que não têm radiação a lua? Não haverá no desenho da Fig. 24, n.º 3, o conjunto dos dois corpos celestes?

Comparável a esta representação não deixaremos de notar a da pedra de Dowth e outras da Irlanda, onde também há representações solares inscritas em círculos⁽⁹³⁾.

Além destas figuras, outra representação curiosa e rara existe nas placas: é a de animais.

(91) Abbé Henri Breuil, *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique*, 4 vol., Paris, 1933, 1935; George Lelsner, *Die malerei des dolmen Pedra Coberta. — Ipek*, 1934.

(92) L. Siret, *Orientaux et Occidentaux...* Planche III.

(93) George Coffey, *New Grange (Brugh na Boinne), and other incised tumuli in Ireland*, Dublin, 1912, p. 54 ss., 88 ss., 106.

Já num fragmento de vaso de Palmela⁽⁹⁴⁾ e noutro de Las Carolinas⁽⁹⁵⁾ se encontram desenhos de veados, bem como numa vasilha de Los Millares⁽⁹⁶⁾, existente no museu de Oxford (Fig. 23, n.ºs 3-5).

Os animais figurados em Vila Nova de S. Pedro são os veados (Fig. 21, n.º 1 e Fig. 25, n.º 1), e certamente um bovívoro (Fig. 25, n.º 2). O primeiro destes quadrúpedes deveria ser então, como referem os escritores antigos para tempos já posteriores, muito abundante⁽⁹⁷⁾, e, segundo Déchelette, o principal elemento de caça⁽⁹⁸⁾. O n.º 3 da Fig. 25 talvez represente um desenho tectiforme. O n.º 10 muito se assemelha a um sinal alfabético.

Cossoiros. — Destes curiosos objectos encontrámos vários exemplares. O fim a que se destinavam é bastante problemático, disse Siret⁽⁹⁹⁾. Porém Goury, tomando por base os achados das estações lacustres, coloca as *fusaioles* ou cossoiros entre os instrumentos necessários à indústria têxtil⁽¹⁰⁰⁾. Diz mesmo que eles «marcam a primeira manifestação do génio humano aplicada à mecânica». A fusaiola, com a roca e fuso, acrescenta, desempenharam um papel importantíssimo «através das idades e no mundo inteiro».

Não nos conservaram as palafitas uma fusaiola intacta, mas no lago de Neuchatel encontrou-se ainda no orifício de um cossoiro um pedaço de madeira. Sobre alguns cossoiros portugueses permitimo-nos chamar a atenção para o trabalho: «Alguns cossoiros notáveis do «Castelo» de Tendais»⁽¹⁰¹⁾.

(94) Marques da Costa, *Est. prehist. dos arredores de Setúbal*, em *Archeólogo Português*, vol. XII.

(95) H. Obermaier, *Yacimiento prehistórico de las Carolinas (Madrid)*. Memória n.º 16 da C. I. P., Madrid, 1917, p. 19-20.

(96) Le Siret, *L'Espagne préhistorique*, p. 50.

(97) Adolfo Schulten, *Hispania*, Trad. Esp. Barcelona, 1920, p. 66.

(98) Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, vol. I, p. 339.

(99) L. Siret, *L'Espagne préhistorique*, p. 63, nota.

(100) G. Goury, *L'Homme des cités lacustres*, vol. II, p. 428 ss.

(101) E. Jalhay, *Revista de Arqueologia*, tomo 1.º, fasc. IX, Lisboa, 1934.

Não deixa de ser curiosa a hipótese de J. Marañón que os considera botões ⁽¹⁰²⁾.

Chifres. — Também de barro, encontraram-se três pequeninos chifres de bovinos que deviam de estar fixos a qualquer figura animal, pois não apresentam indícios de perfuração que lhes permitisse utilizá-los como amuletos (Fig. 22, n.ºs 1-3). O maior tem 45 milímetros de comprimento. Diz Bonsor, que Siret também colheira alguns na estação de Campos ⁽¹⁰³⁾. Não nos repugna acreditar que houvesse objectos de barro representando bovinos. A Fig. 22, n.º 6, também de barro, com 59 milímetros de comprimento, assemelha um quadrúpede muito tosco. Uma fractura na parte superior indica-nos que alguma coisa devia haver ali, talvez uma cabeça.

Figura Feminina. — Outro achado curioso foi o de uma figura prismática de barro, alargando na base, onde tem 37 milímetros de comprimento por 27 de largo, de modo a poder assentar facilmente sobre qualquer superfície. O remate superior, que está partido, não nos presume conjecturar como fosse constituído (Fig. 22, n.º 5). Na parte inferior da face dianteira encontra-se um triângulo de pontos que, à semelhança da figura feminina que encontrou Siret em Almizaraque ⁽¹⁰⁴⁾ simbolizará talvez a maternidade (Fig. 23, n.º 1). O n.º 7 da Fig. 22 também representa certamente um desenho antropomorfo.

IV — INDÚSTRIA ÓSSEA

A indústria óssea é conhecida com clareza na pre-história, desde o início do paleolítico superior. É muito provável que ela existisse ainda antes em períodos do paleolítico inferior, mas o certo é que os documentos, ou por motivo de difícil conservação ou por outros, não aparecem.

⁽¹⁰²⁾ J. G. Marañón, *Una interpretación acerca de las fusaiolas. A propósito de un estudio del Padre E. Jalhay*, em *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, fasc. VIII-IX, Valladolid, 1935, p. 436.

⁽¹⁰³⁾ G. Bonsor, *Les colonies agricoles...*, p. 106.

⁽¹⁰⁴⁾ L. Siret, *Orientaux et Occidentaux*, p. 24-25 e Planche IV.

São marcadamente do aurinhacense as conhecidas figurinhas de marfim de Brassempouy e de Lespugue, na França, de Linenberg e Willendorf, na Alemanha, de Brünn e de Predmost, na Morávia, Savignano na Itália, etc. Em Mezine, na Ucrânia, juntamente com uma estatueta do mesmo género, encontraram-se braceletes e pulseiras de osso e marfim.

No período seguinte, solutrense, vemos já punções, espátulas de base arredondada e pontas com uma das extremidades em forma de bisel. Mas é, sobretudo, no magdalenense que abundam os artefactos ósseos: arpões, agulhas, punções, «bastões de comando», etc. Esta indústria perdura no azilense e tardenoisense, e no nosso capsense de Muge, coetâneo, em parte, destas últimas culturas.

No eneolítico peninsular generaliza-se o emprego do osso. Vêmo-lo na cultura de Almeria, vêmo-lo mais tarde na de El Argar, já do Bronze. E, até mesmo quando se tornam de uso frequente os instrumentos de metal, não são por isso postos de parte os de osso, parecendo mesmo que há por eles uma certa veneração, como notou Estácio da Veiga ⁽¹⁰⁵⁾.

No «Castelo» de Vila Nova de S. Pedro, contemporâneo, na sua fase mais antiga, da cultura de Palmela, mas aonde também chegou certamente a cultura de Alcalar e parcialmente, ao menos, a de El Argar, os objectos de osso são numerosíssimos. É o que vemos também, por exemplo, nas grutas de Alcobaça ⁽¹⁰⁶⁾, no Outeiro da Assenta ⁽¹⁰⁷⁾, nas estações algarvias ⁽¹⁰⁸⁾, e mesmo fora do país, no Fort-Harrouard, em França ⁽¹⁰⁹⁾, e na estação de Blanquizaes, na Espanha ⁽¹¹⁰⁾, entre outras. Nas duas campanhas, cujas notas publicamos, vão colhidos mais de quatrocentos instrumentos ósseos, uns

⁽¹⁰⁵⁾ Sebastião Filipes Martins Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. III, p. 211.

⁽¹⁰⁶⁾ Vieira Natividade, *As grutas de Alcobaça*, em *Portugália*, I, p. 452.

⁽¹⁰⁷⁾ F. Alves Pereira, *Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos)*, em *O Arqueólogo Português*, vol. XIX, p. 135 e XX, p. 107.

⁽¹⁰⁸⁾ Estácio da Veiga, *Antiguidades*, etc., *passim*.

⁽¹⁰⁹⁾ Abbé J. Philippe, *Le Fort Harrouard*, em *L'Anthropologie*, vol. XLVI, p. 574 e 578.

⁽¹¹⁰⁾ L. Pericot, *Prehistoria*, artigo publicado na *Historia de España*, p. 147.

inteiros, outros fragmentados. Agrupemo-los de algum modo, a fim de facilitar o seu estudo.

Punções. — Damos este nome aos instrumentos em forma de ponta mais ou menos aguçada, ordinariamente delgados, apresentando alguns uma espécie de cabeça ou cabo, feita por vezes com certa arte. Tal é, por exemplo, o da Fig. 26, que mede dezassete centímetros de comprimento. Quase sempre o osso é pulido ou brunido, utilizando-se, para tal fim, pedras de grés que aparecem extremamente gastas e repassadas. Fazem lembrar certos punções ou pontas do magdalenense superior. Outros, mais pontegudos, serviriam talvez de armas à maneira de punhal, e alguns, pequeníssimos, de gravadores para os desenhos da cerâmica.

Incluimos, nesta categoria genérica de punções, um instrumento da Fig. 26, feito de chifre de veado, aparado intencionalmente numa das suas extremidades.

Alisadores ou espátulas. — Certos punções ou pontas têm a sua parte superior achatada em forma de pequena pá (Fig. 27). Utilizavam-se assim duplamente como furadores e como compressores ou alisadores. Esta variedade de aplicações denota bem a actividade que existia em Vila Nova de S. Pedro, e o grau relativamente adiantado de civilização a que tinham chegado os seus habitantes. Como em certos punções, encontrámos igualmente nalguns alisadores da Fig. 27 uma maior perfeição de formas, um gosto artístico mais pronunciado. Seriam, talvez, instrumentos para pessoas de grande autoridade ou de maiores posses.

Punhais. — É o instrumento de osso mais comum nesta póvoa eneolítica, e também o mais fácil de se fabricar (Fig. 26). Chamámo-lo punhal, porque, além de ter possivelmente a aplicação desta arma, é mais parecido com ela pela espécie de cabo de que está dotado. Podia servir de arma de defesa ou de ataque pessoal e também de arma de caça. Há-os grandes, como o da Fig. 26, que mede dezoito centímetros de comprimento e tem um orifício de suspensão.

Estácio da Veiga dá, também, o nome de punhal aos instrumentos parecidos que encontrou nas suas necrópoles do Algarve. Assim nos descreve um que colheu no monumento n.º 4 de Alcalar: «Esta arma foi fabricada com muita facilidade. O fabricante lançou mão de uma tibia de cabra, cortou-lhe uma extremidade, e, preparado o esboço, afilou-lhe a *crista* para melhor acentuar a secção triangular do *corpo* de osso, servindo-se de uma pedra de amolar, como bem mostram as estrias provenientes da granulação da pedra» (111).

Também se descobriram, com profusão, no Fort-Harrouard, nos níveis datados do Bronze III-IV (112). Veremos, depois, a que período corresponde tal cronologia em Vila Nova de S. Pedro.

Setas. — Ao estudar certos utensílios pontegudos, geralmente pequenos, pareceu-nos que podiam muito facilmente ser empregados à maneira de flechas, como ainda hoje é de uso entre vários povos selvagens. Com efeito, servem maravilhosamente para dardos de arremesso, por meio de arco. Recordemos que este modo de caça já se vê empregado no paleolítico superior, nas pinturas rupestres do Levante espanhol e nos punções com marcas de caça dos níveis magdalenenses das grutas e abrigos. Os representados na parte inferior da Fig. 26 podem ser incluídos nesta classificação.

Alfinetes. — Há certas peças que são classificadas como tais pelos pre-historiadores, chegando mesmo alguns, baseados em argumentos de peso, a tê-las por objectos de adorno ou alfinetes de penteado para mulheres (113). Encontram-se cuidadosamente elaborados, com uma das extremidades bem aguçadas e a outra artisticamente lavrada,

(111) Estácio da Veiga, *Antiguidades*, etc., vol. III, p. 211.

(112) Abbé J. Philippe, *op. cit.*, p. 578.

(113) O nosso Estácio da Veiga, ao descrevê-los em 1886, deixa-nos esta alusão satírica, que, se então tinha actualidade, hoje ainda a tem malor: «Estes alfinetes parece terem sido empregados no penteado das mulheres. São toscos perante a arte moderna, mas seriam então do mais apurado gosto; entretanto não eram ridículos, extravagantes e de mau género, como o são muitos adornos e enfeites usados por várias damas destes tempos que vão correndo». *Antiguidades*, etc., vol. I, p. 199.

quase sempre em forma dum pequeno cilindro. Há-os de duas peças, o alfinete propriamente dito, formado por uma esquirola de osso desengrossada e afiada numa pedra de grés, e a cabeça aplicada ao alfinete, feita doutro osso medular, com sulcos abertos a dentes duma serra de silex. São em geral tão delicados, que quase sempre aparecem partidos (Fig. 27).

Estes alfinetes de cabeça torneada são, talvez, de origem oriental, como quer Pericot (114). Não esqueçamos esta circunstância que é importante para as conclusões que depois deduziremos.

Aparecem, a cada passo, nas estações eneolíticas portuguesas, mas são raros na Espanha e mais raros ainda fora da Península. Vêmo-los no espólio das grutas de Palmela (115), de Cascais (116), da Lapa Furada (Cesareda) (117), da Furninha (118), do dolmen de Monte Abraão (Belas) (119), das grutas de Alcobaça — só a do Cabeço da Ministra encerrava sete (120), dos monumentos sepulcrais de Aljezur e Nora (121), etc.

Em Fonelas (Granada), apareceu um de marfim (122), da mesma forma e da mesma época. Mais ou menos semelhantes aos de osso, são os alfinetes de bronze que se encontraram em estações eneolíticas de fora da Península (123).

O nosso amigo, Ex.^{mo} Sr. Hipólito Cabaço, de Alenquer, nas suas escavações de 1936 encontrou um destes alfinetes, fragmentado, com

(114) L. Pericot, *op. cit.*, p. 192.

(115) A. J. Marques da Costa, *Estações pre-históricas dos arredores de Setúbal*, em *O Archeólogo Português*, vol. XII, p. 210.

(116) Nils Aoberg, *La civilisation énéolithique dans la Peninsule Ibérique*. Fig. 90.

(117) J. F. N. Delgado, *Notícia acerca das grutas de Cesareda*, Lisboa, 1867.

(118) J. F. N. Delgado, *La grotte de Furninha à Peniche*. IX^o Congrès Intern. d'Anthrop. et d'Archéol. Préhistoriques, Lisbonne, 1880, p. 207.

(119) C. Ribeiro, *Estudos pré-históricos em Portugal*, II. Lisboa, 1880, p. 11.

(120) Vieira Natividade, *op. cit.*

(121) Estácio da Veiga, *op. cit.*, vol. I, p. 199 e 255.

(122) Nils Aoberg, *op. cit.*, p. 132.

(123) Joseph Déchelette, *Manuel d'Archéologie Préhistorique, Celtique et Gallo-Romaine*, vol. II, p. 125 e 316 (edição de 1910).

a cabeça em forma de flor de palmeira, como o instrumento calcáreo de S. Martinho de Sintra (124) e o de Carenque (125).

Agulhas. — São-no, efectivamente, alguns instrumentos da parte superior da Fig. 27. Uma é de trabalho mais delicado, com a cabeça bem marcada, onde se prenderia o fio. Mede cinquenta e quatro milímetros. A outra, relativamente mais tósca, tem noventa e três milímetros. Estes objectos demonstram a existência de trabalhos com tecidos, que já conhecemos de várias estações coetâneas do sul da Espanha — por exemplo, da Cueva de los Muriélagos, provincia de Granada, onde se encontraram vários esqueletos ainda com restos de vestidos de pele e de esparto.

Recipientes. — Atribuimos este nome genérico a uma espécie de pequenos vasos feitos de osso em forma de tubo, depois de se lhe ter tirado a medula e alisado a parte interior. Uma das extremidades seria tapada com uma rolha de madeira ou também de osso, podendo assim esse «estojo» guardar tintas, perfumes, etc.

Dos que colhemos até 1938, o mais interessante é um que tem por fora a mesma tatuagem (?) que se vê nos chamados ídolos cilíndricos de calcáreo. Mede seis centímetros de comprimento (Fig. 26, quase ao centro). Outro, ainda, maior, mas sem gravura alguma, tem nove centímetros.

Também dentro desta denominação poderemos incluir um pequeno vaso ou caixa, de osso pulido, de que só se encontraram alguns fragmentos. Na sua ornamentação, talvez a possamos comparar à do vizinho de Gor (Granada) (126), ou à da placa de barro de Palmela (127), ou à de marfim de Marcela (128).

(124) Maximiniano Apollinário, *Necrópole neolítica do Vale de S. Martinho*, em *O Archeólogo Português*, vol. II, p. 210.

(125) Manuel Heleno, *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*, Lisboa, 1933. Fig. 20.

(126) Nils Aoberg, *op. cit.*, p. 133.

(127) Emile Cartailhac, *Les âges pré-historiques de l'Espagne et du Portugal*, Paris, 1876, p. 162.

(128) Estácio da Veiga, *Antiguidades monumentais etc.*, vol. I, Estampa XXI.

Ídolos. — Continuamos ainda a dar esta denominação aos primeiros instrumentos da Fig. 27, visto serem assim conhecidos na linguagem dos pre-historiadores. Um é de marfim, de forma mais ou menos cilíndrica, mas mais avolumado no meio. Tem sete centímetros de comprimento. Está meticulosamente trabalhado e pulido, mas sem qualquer traço gravado. Este, e outros objectos de marfim que, às vezes ,aparecem nas nossas estações eneolíticas, ou eram importados de África, ou o era pelo menos a sua matéria prima. Não é audacioso pensar, como veremos, que já nesse tempo os barcos dos habitantes da nossa costa atlântica navegassem entre a Península e o litoral setentrional africano (129).

Os outros «ídeos» têm já bastantes paralelos na nossa cultura eneolítica. São formados por uma peça óssea, cilíndrica, com uma espécie de gola numa das extremidades, a fim de nela se prender um fio de suspensão. Um deles tem cinquenta e cinco centímetros de comprimento. Há-os parecidos de Palmela, Cascais, Liceia, Barro, S. Martinho de Sintra e Serra das Mutelas (130).

Nas escavações de 1936, achou também o Sr. Hipólito Cabaço um «ídolo» de falange de animal, com linhas onduladas pintadas a vermelho, e parecido com os de Carenque (131), S. Martinho de Sintra (132), Alcalar e Palmela (133). O falecido arqueólogo belga Luis Siret encontrou, nas suas escavações no sul da Espanha, duzentos e cinquenta destes ídolos-falanges, sendo duzentos em sepulturas, e uns cinquenta em fundos de cabana.

V — INDÚSTRIA METÁLICA

O «castelo» de Vila Nova de S. Pedro é contemporâneo dos primeiros instrumentos de metal. A forma e a matéria de muitos desses

(129) Alberto del Castillo Yurrita, *La cultura del vaso campaniforme*, Barcelona, 1928, p. 47.

(130) Vergílio Correia, *El Neolítico de Pavía. Memoria núm. 27 de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas*. Madrid, 1921, p. 72.

(131) Manuel Heleno, *op. cit.*, p. 14 e Est. VIII.

(132) Nils Aoberg, *op. cit.*, Fig. 290.

(133) Idem, *ibid.*, p. 131.

instrumentos são do que há de mais primitivo na metalurgia pre-histórica. Parece-nos que quase todos os utensílios serão de cobre. Para estarmos mais seguros desta informação, colhemos ao acaso dois fragmentos metálicos encontrados, e, por intermédio do nosso comum amigo e consócio na Associação dos Arqueólogos, Ex.^{mo} Sr. Eng. Augusto Mascarenhas de Melo Nogueira, obtivemos que fossem analisados pelo ilustre professor do Instituto Superior Técnico, Ex.^{mo} Sr. Eng. Amílcar de Jesus (134). Eis o resultado da análise:

«Por intermédio do Ex.^{mo} Sr. Augusto de Melo Nogueira foram-me confiados dois fragmentos de objectos pre-historicos, um de configuração tubular e outro de forma oblonga, provenientes das pesquisas realizadas na região do Cartaxo pelos investigadores Ex.^{mos} Srs. P.^o Jalhay e Tenente Afonso do Paço, a fim de determinar se eram feitos de bronze.

A análise a que procedi permitiu-me reconhecer a ausência de estanho em qualquer dos fragmentos, pelo que *concluo não serem de bronze, mas simplesmente de cobre.*

Lisboa, 22 de Julho de 1939.

Amílcar Mário de Jesus».

É fácil que alguns destes objectos de metal tenham sido aqui fabricados, ou, pelo menos, que o tenham sido na Península. São já conhecidas as conclusões a que chegou Luís Siret, acerca das explorações metálicas, e especialmente argentíferas, do Cabezo de las Herrerias, em Almizaraque (Almeria, Espanha). Essas conclusões foram confirmadas posteriormente pelo professor barcelonês Bosch Gimpera (135), e por elas sabemos que no eneolítico, na fase avançada da cultura almeriense, influenciada já grandemente pela cultura ocidental ou portuguesa, havia verdadeiras explorações de metal, na mina argentífera de Las Herrerias. Essa actividade abarcava, principalmente, a exploração do minério de prata — que ali abunda associada a cloretos de chumbo; mas também se estendia ao tratamento de minério de cobre, trazido de jazigos um pouco distantes. Até se encontraram

(134) Para Suas Excelências, vão os nossos sinceros agradecimentos.

(135) Pedro Bosch Gimpera y Francisco de Luxán, *Exploración de Yacimientos argentíferos en el Eneolítico, en Almizaraque (prov. de Almería)*, em *Investigación y Progreso*, año IX, n.º 4, p. 112.

verdadeiros lingotes de cobre, ao lado de carbonatos do mesmo metal ainda por tratar, em fornos e cadinhos especialmente feitos para este fim.

A bibliografia das minas pre-históricas é já muito extensa ⁽¹³⁶⁾. Uma das mais antigas que se conhecem na península é a encontrada nas obras do túnel do Rossio para exploração do sílex, pelo Eng. Paul Choffat, que dela nos deixou uma pequena descrição ⁽¹³⁷⁾. Mas, ainda sem sair do país, temos com certeza outras, exploradas logo nos primeiros alvares da aplicação dos metais. Nas minas de Rui Gomes, Monte Judeu, Herdade de Bugalho, Algares, etc., no Alentejo, e de Margalho, Penedo, Picalto, Santo Estêvão e outras, no Algarve, encontraram-se vestígios bastante claros de actividade metalúrgica dessa época.

O cobre abunda, sobretudo, no sul do país e sudoeste de Espanha, em forma de pirites; mas também o vamos encontrar ao norte do Tejo em calcopirites e outros minérios. Cobre nativo extrai-se com malaquite das minas de Palhal e Vale do Bicho em Aveiro, e existe mais ou menos em todas as zonas cupríferas de Portugal.

Em Vila Nova de S. Pedro, também se trabalhou o cobre. Provam-no os cadinhos encontrados (Fig. 20, n.º 4), alguns deles ainda com incrustações do metal derretido, e as escórias recolhidas em vários fundos de cabana. Num destes, jazia um pequeno montículo de mineral, com toda a clareza colocado ali intencionalmente de modo a chamar-nos logo a atenção. Enviámos uma amostra para análise ao Sr. Prof. Amílcar de Jesus, que nos respondeu com o seguinte obsequioso relatório:

«Em aditamento à minha informação de 22 de Julho passado, devo acrescentar que os objectos pre-históricos, que me foram confiados, vinham

⁽¹³⁶⁾ Para os achados anteriores a 1882 pode ver-se John Evans, *L'âge du Bronze*, Paris, 1882, p. 457, nota 2. Para os trabalhos posteriores e determinada-mente na nossa Península, veja-se principalmente: Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentais do Algarve*, vol. III; J. de B. Serra i Ràfols, *Els començos de la mineria i la metallurgia del coure a la Península Ibérica*, em *Butlletí de la Associació Catalana d'Antropologia, Etnologia i Prehistoria*, vol. II, p. 147; R. de Serpa Pinto, *Activité minière et métallurgique pendant l'âge du Bronze en Portugal*, Porto, 1933 e R. de Serpa Pinto, *Exploraciones mineras de la Edad del Bronce en Portugal*, em *Investigación y Progreso*, año VII, n.º 6, p. 177.

⁽¹³⁷⁾ Paul Choffat, *Exploitation souterraine du sílex à Campolide aux temps néolithiques*, em *O Archeólogo Português*, XII, 1907, p. 338-342.

acompanhados de fragmentos de mineral limonítico com incrustação de malaquite.

Não há na zona do Cartaxo mina de cobre conhecida, pelo que presumo que aqueles materiais tenham provindo de longe, possivelmente do Alentejo, sem que possa estabelecer conexão originária com alguma das numerosas minas de cobre do nosso país.

Lisboa, 31 de Agosto de 1939.

Amílcar Mário de Jesus».

Este relatório é de grande importância, como veremos, pois nos dá a conhecer que os habitantes do «Castelo» iam buscar minério de cobre a localidade, por enquanto, ainda de nós ignorada.

Estudemos, agora, os principais tipos de instrumentos metálicos.

Machados. — Colhemos cinco nestas duas campanhas, sendo quatro inteiros e um partido (Fig. 28). O maior é uma linda peça e mede 185 milímetros de comprimento. Pertencem ao tipo primitivo, são de cobre ⁽¹³⁸⁾. Aparecem com frequência em Portugal e na Espanha (zona sul principalmente). É curioso observar, como já indicaram o Prof. Mendes Corrêa e o falecido Eng. R. de Serpa Pinto, que a sua área de expansão, entre nós, acompanha dum maneira claríssima, a região das grandes minas de cobre ⁽¹³⁹⁾.

Escopros ou formões. — Podiam ser tomados como pequeninos machados chatos, pois a forma é idêntica (Fig. 28). Temos já quatro, encontrados em 1937 e 1938. Alguns são reduzidíssimos (um deles mede apenas 3 centímetros de comprimento!), e portanto destinados a trabalhos muito delicados. O monumento n.º 3 de Alcalar deu um exemplar inteiramente igual ao nossos de Vila Nova de S. Pedro ⁽¹⁴⁰⁾. Seriam com certeza encabados.

Folhas de lança. — Aoberg chama-lhes folhas do tipo de Palmela, por aqui se terem encontrado dez exemplares diferentes ⁽¹⁴¹⁾. A sua

⁽¹³⁸⁾ E. Cartallhac, *Les âges préhistoriques*, etc., p. 230 e Estácio da Veiga, *Antiguidades*, etc., vol. III, p. 91.

⁽¹³⁹⁾ R. de Serpa Pinto, *Activité minière*, etc., Fig. 3 e A. A. Mendes Corrêa, *A Lusitânia pre-romana*, na *História de Portugal*, Barcelos, 1928, p. 152.

⁽¹⁴⁰⁾ Estácio da Veiga, *op. cit.*, vol. III, Est. IX.

⁽¹⁴¹⁾ Marques da Costa, *Estações pre-históricas dos arredores de Setúbal*, em *O Archeólogo Português*, XII, Fig. 320.

forma lembra a duma folha vegetal, a que não falta o peciolo figurado pelo espigão. As mais pequenas são denominadas pontas de flecha, as maiores pontas de lança. Temos uma de 92 milímetros de comprimento (Fig. 28), e talvez fragmentos de outras. Nas estações do Algarve, são bastante frequentes, marcando a conhecida lança de Aljezur o seu último grau de evolução ⁽¹⁴²⁾. Estácio da Veiga, ao falar duma de Balugães (Barcelos), e apoiado no trabalho rudimentar que apresentam, supõe-nas de fabrico local ⁽¹⁴³⁾. Efectivamente, não aparecem muito fora da área da cultura eneolítica ocidental. Vamo-las, contudo, encontrar não longe da Coruña, na necrópole de Pontes de García Rodrigues, que deu também exemplares magníficos de vaso campaniforme, certamente importado de Portugal ⁽¹⁴⁴⁾ e na província de Granada ⁽¹⁴⁵⁾.

Adagas. — Uns autores chamam-lhe punhais, outros adagas. Lembram certos instrumentos de sílex, por exemplo de S. Martinho de Sintra e de Los Millares, em forma de lança larga ou adaga, com dois entalhes semi-circulares na base, destinados ao encabamento. São precursores dos punhais ou alabardas com rebites, e encontram-se com os mais primitivos instrumentos de cobre. As adagas mais características que se encontram em Portugal são, sem dúvida, as provenientes do monumento n.º 3 da necrópole de Alcalar ⁽¹⁴⁶⁾. Mas também se descobriram na Espanha, na estação de Gádor (Almería), por exemplo. Siret opina que a sua forma é originária dos punhais de sílex do Egipto ⁽¹⁴⁷⁾, tendo entrado na Península através do Norte da África.

No «Castelo», recolhemos já uma adaga inteira de 145 milímetros de comprimento (Fig. 28) e outras fragmentadas.

⁽¹⁴²⁾ Estácio da Veiga, *op. cit.*, vol. IV, Est. V; Nils Aoberg, *op. cit.*, p. 165.

⁽¹⁴³⁾ Estácio da Veiga, *op. cit.*, vol. IV, p. 46.

⁽¹⁴⁴⁾ F. López Cuevillas y F. Bouza Brey, *La civilización neo-eneolítica gallega* em *Archivo Español de Arte y Arqueología*, n.º 19, p. 20 e Fig. 20.

⁽¹⁴⁵⁾ Louis Siret, *Questions de Chronologie et d'Ethnographie Ibériques*, Paris, 1913, p. 395.

⁽¹⁴⁶⁾ Estácio da Veiga, *op. cit.*, vol. III, Est. IX.

⁽¹⁴⁷⁾ Louis Siret, *op. cit.*, p. 374.

Faca ou punhal. — É uma das peças mais interessantes do «Castelo», porque jazia ainda perfeitamente encabada em osso duro (Fig. 29). O trabalhador que a desenterrou bateu com a enxada em pleno cabo, partindo-o infelizmente em múltiplos fragmentos. Notando várias esquirolas ainda aderentes ao espigão, demos ordem nesse momento para cessar imediatamente a escavação, e nós mesmos recolhemos pacientemente todos os fragmentos do cabo, de modo a poder ser quase integralmente reconstituído. Mede ao todo 237 milímetros de comprimento, incluindo o espigão, que, por sua vez, tem 75 milímetros. O cabo é de 107 milímetros, contendo ainda parte da faca além de todo o espigão.

Lembra esta faca, na sua forma encurvada, as três encontradas na Lapa da Rotura, embora estas não sejam dotadas de espigão nem tenham cabo ⁽¹⁴⁸⁾. Mais, talvez, se poderia pôr em paralelo com a faca recurvada, de cobre, que Bonsor recolheu numa sepultura de Acebuchal ⁽¹⁴⁹⁾. Mariano Vidal fala-nos, também, de «un cuchillo de cobre con mango de hueso», da Cova Fonda (Tarragona), e que infelizmente desapareceu ⁽¹⁵⁰⁾.

Flechas pedunculadas. — Na sua forma, recordam as de sílex de base côncava e com pedúnculo. Não se conhecem no norte da Europa. São também raras entre nós, e, embora apareçam aqui e ali, parece que nunca as depositavam em sepulturas. Siret, pelo menos, nunca as encontrou associadas ao espólio das muitas que explorou. É curioso observar que, ainda bem entrado o período dos metais, o sílex continua a ser preferido para o fabrico desta arma. Colhemos três (Fig. 28), sendo a maior de 57 milímetros.

Agulhas-sovelas. — As agulhas podiam servir para o cabelo ou teriam o mesmo emprego de hoje. Do monumento n.º 3 de Alcalar, procede uma semelhante a outra de Vila Nova de S. Pedro, igualmente com furo para passagem do fio (Fig. 30).

⁽¹⁴⁸⁾ Marques da Costa, *Estações pre-históricas*, etc., p. 275.

⁽¹⁴⁹⁾ G. Bonson, *Les colonies agricoles pré-romaines de la vallée du Bétis*, em *Revue Archéologique*, XXXV, Paris, 1899, p. 132.

⁽¹⁵⁰⁾ Luis Mariano Vidal, *Cerámica de Ciemposuelos en una cueva prehistórica del N. E. de España*, Barcelona, 1916, p. 7.

As sovelas eram certamente encabadas. Há-as tão aguçadas e delicadas, que Déchelette crê que seriam instrumentos dedicados à tatuagem ⁽¹⁵¹⁾.

Serrotets. — Encontrámos dois fragmentos (Fig. 28), o maior dos quais tem 6 centímetros de comprido. Os dentes estão bastante gastos pelo uso. Também não são novidade no eneolítico português, pois temos-los, por exemplo, da Lapa da Rotura (Setúbal) e da necrópole de Alcalar. Seriam naturalmente encabados, pois os da Lapa da Rotura conservam ainda os entalhes inferiores como os das adagas que acima mencionámos.

Punções-estilettes. — São frequentes nas estações eneolíticas, e existem de diferentes tamanhos e feitios. Uns assemelham-se a agulhas, tão delgados são. Outros são mais compridos e grossos, apresentando a parte central mais larga e maior aguçamento nas extremidades, como sucede com os de osso. Sendo aplicável a várias funções, era adaptado mais ou menos a esses usos, no tamanho e na forma. O maior que retirámos do «Castelo» é de 117 milímetros (Fig. 30), visto o instrumento grande (153 mm) da Fig. 28 ser mais um escopro do que um punção.

Espirais. — Os dois fios de cobre da Fig. 30 estavam unidos e formavam uma espiral, que o operário seu descobridor desfez e partiu «para ver se era de oiro». Nas escavações, em que são empregadas quase duas dezenas de operários como as nossas do «Castelo», não é possível vigiar todos os seus passos e trabalhos; e foi num momento em que atendíamos a um assunto urgente, que o dito operário teve a infeliz ideia de estragar este magnífico exemplar de anel (?). Alcança três decímetros de comprimento.

Anéis em espiral, temos-los, até de oiro, da *tholos* do Barro, por exemplo, ainda inédito, conservado no Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, e da sepultura da Quinta da Água Branca ⁽¹⁵²⁾. Servi-

⁽¹⁵¹⁾ J. Déchelette, *op. cit.*, p. 342.

⁽¹⁵²⁾ José Fortes, *A sepultura da Quinta da Água Branca*, em *Portugália*, tomo II, p. 241.

riam, talvez, para segurar as tranças do cabelo, nas mulheres, segundo Déchelette ⁽¹⁵³⁾ e Ó Riordain ⁽¹⁵⁴⁾. Efectivamente, numa das sepulturas da necrópole de San Antón, perto de Orihuela, duas destas espirais, de prata, jaziam junto ao crâneo dum esqueleto ⁽¹⁵⁵⁾. Siret encontrou várias de cobre, como a nossa, nas suas necrópoles de Almeria.

Brincos. — Temos um, proveniente do «Castelo», de forma circular, bastante perfeito, com as duas pontas ou extremidades um pouco mais aguçadas para enfiar nas orelhas (Fig. 30). Outro exemplar da mesma figura é mais grosseiro, e vê-se que não passa duma adaptação. Têm aparecido em sepulturas, principalmente dólmenes, de França, e são quase sempre de oiro ⁽¹⁵⁶⁾.

Rebites ou cavilhas. — Este achado, embora pareça de pouca monta, é dos mais importantes das escavações realizadas até 1938. Trata-se de dois rebites de alabarda ou de punhal, o maior dos quais tem 15 milímetros de comprimento e a cabeça arredondada (Fig. 30). Como são em forma de prego, inclinámo-nos a atribuí-los preferentemente, a uma alabarda do tipo das de El Argar — por exemplo a da gruta das Redondas, Alcobaça ⁽¹⁵⁷⁾, ou como várias das necrópoles algarvias. Ainda não encontrámos, até 1938, a alabarda ou adaga correspondente.

Se se confirma a nossa hipótese, temos que a cronologia do «Castelo» se estende até à cultura de El Argar.

VI — ADORNOS

Nesta secção, apenas faremos menção das contas de colar, berloques e de alguns botões de osso, visto já antes, nas suas respectivas

⁽¹⁵³⁾ Déchelette, *op. cit.*, p. 352.

⁽¹⁵⁴⁾ Seán P. Ó Riordain, *The Halberd in Bronze Age Europe*, em *Archaeologia*, vol. LXXXVI, p. 213.

⁽¹⁵⁵⁾ J. Furgús, *Sepulturas prehistóricas en la Provincia de Alicante*, em *Boletim de la Sociedad Aragonesa de Ciencias Naturales*, 1906.

⁽¹⁵⁶⁾ Déchelette, *op. cit.*, p. 359.

⁽¹⁵⁷⁾ Vieira Natividade, *op. cit.*, Est. XXVI.

secções, termos descrito outros objectos igualmente de enfeite ou adorno pessoal.

Quanto às contas, umas são de forma circular achatada, outras cilíndricas, algumas em configuração de azeitona. Temo-las de osso, de barro, de concha, e, sobretudo, de calaíte (umas doze) (Fig. 27).

A origem da calaíte tem dado matéria a muitas discussões e trabalhos, mesmo entre nós, desde o Congresso Internacional de 1880 (158) até hoje (159). A esses trabalhos nos referiremos, ao estudar a cronologia e etnologia do «Castelo».

Entre as contas de colar, colocaremos também dois dentes de animal, parcialmente pulidos e em que se abriu intencionalmente um sulco junto à raiz, a fim de poderem ser suspensos por algum fio. Os berloques ou pingentes de osso e calcáreo da Fig. 27 seriam, também, objectos para enfiar nalgum colar.

Botões, encontrámos uns três, entre os quais dois de forma arredondada com os clássicos orifícios na sua parte inferior, em forma de V, tão comuns durante o eneolítico.

VII — CONSIDERAÇÕES FINAIS E CRONOLOGIA

Ao terminarmos a resenha sucinta do material encontrado nas nossas duas primeiras campanhas, é natural que digamos algumas palavras, embora provisórias, sobre os habitantes da póvoa de Vila Nova de S. Pedro, a sua proveniência e a sua cronologia.

Notemos desde já que, à semelhança do que sucedeu no «castelo» de Pavia, não houve maneira de distinguir no de Vila Nova de S. Pedro estratos bem definidos. Do primeiro, escreve o Sr. Prof. Vergílio Correia: «Dentro de las grandes manchas ennegrecidas, a una profundidad que oscilaba entre 0,60 y 1,20 metros, aparecian los objetos que habian sido utilizados por los indígenas: las piedras de moler, los cacharros,

(158) Cazalis de Fondouce, *De l'emploi de la callaïs dans l'Europe occidentale aux temps préhistoriques. Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*, Lisboa, 1884, p. 314.

(159) R. de Serpa Pinto, *Activité minière*, etc., p. 8 e 9; e, do mesmo autor, *Sobre a origem da ribeirite*, em *Arquivo de Viana do Castelo*, vol. I, 1934.

los tejuelos discoides, las hachas, los cuchillos de sílex, los pesos y medias argolas de barro, etc. Apesar de todo, fué imposible hacer un estudio por capas: los arados en la parte superior y el fuego en lo hondo, hicieron inútil cualquier tentativa de estratigrafia» (160). É exactamente o que nos aconteceu. Se até os fundos de cabana, como igualmente em Pavia, apenas eram reconhecíveis pelas manchas de detritos e cinzas acumuladas! De vez em quando, algumas pedras colocadas toscamente em círculo, mas soltas, davam-nos também a impressão de marcarem vestígios de habitações.

Visto não termos ainda descoberto a necrópole deste castro, nada podemos adiantar com certeza sobre a constituição antropológica dos seus habitantes. Por enquanto, apenas nos será lícito aplicar-lhe o que sabemos de estações congêneres e dos elementos estudados em sepulturas desse período, que, como veremos, se estende desde fins da cultura de Palmela até possivelmente à de El Argar.

O ilustre professor e antropologista, Dr. Mendes Corrêa, é de opinião que, entre a população neolítica do nosso território e as que a precederam, há uma verdadeira solução de continuidade (161). Os caracteres mais acentuados do *Homo afer taganus* do epipaleolítico de Muge, as suas feições mais etiópicas, parecem ter desaparecido nas populações subsequentes, talvez mais por penetrações de elementos de origem europeia que com ele se fundiram assimilando-o quase por completo, que por uma evolução paulatina para um tipo mais europeu (162). Em todo o caso, e talvez por excepção, encontrou o Sr. Dr. Alfredo Athayde nalguns crânios da caverna dos Refugidos (Alenquer) certos caracteres negróides ou sub-negróides do mesmo *Homo afer taganus*, como, por exemplo, a esfenozígia, o prognatismo, o achatamento dos ossos do nariz, etc., que o levaram a admitir uma possível persistência desse tipo no final do neolítico (163). Mas tais reminiscências negróides

(160) Vergílio Correia, *El Neolítico de Pavia. Memoria n.º 27 da Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas*, Madrid, 1921, p. 12 e 13.

(161) Mendes Corrêa, *Os Povos Primitivos da Lusitânia*, Porto, 1924, p. 205.

(162) A. A. Mendes Corrêa, *A Lusitânia pre-Romana*, em *História de Portugal*, volume I, Barcelos, 1928, p. 139.

(163) Dr. Alfredo Athayde, *Ossadas prehistóricas da gruta dos Refugidos*, em *Homenagem a Martins Sarmiento*, Guimarães, 1933, p. 36.

poderiam muito bem vir de novas penetrações africanas, que se dariam talvez por Almeria (161). Esta hipótese que não deixa de ter a sua probabilidade alia-se facilmente à que sustenta a origem africana da cultura do vaso campaniforme.

Os restos esqueléticos e particularmente de crânios, das nossas estações neo-eneolíticas das grutas dos Alqueves (S. Martinho), Carvalho, Furninha, Cesareda (talvez os mais bem conservados até hoje), da Serra das Mutelas, do monumento da Folha das Barradas, de Pavia, de Niza, das necrópoles algarvias, etc., mostram que na composição antropológica da população desse período, e portanto muito provavelmente na que habitou o «castelo» de Vila Nova de S. Pedro, predominava grandemente a dolicocefalia. Além de outras particularidades desse tipo, como a plactinemia e a perfuração olecraniana, existe nele geralmente um ortognatismo bem marcado e uma estatura inferior à mediana. Há excepções, como por exemplo, nalguns ossos longos da gruta da Furninha que atestam uma estatura extraordinariamente alta para os seus possuidores, e nos crânios já citados da gruta dos Refugidos que deixam ver nos maxilares superiores um prognatismo dentário bem evidente.

É curioso observar que na Espanha, e, principalmente, na Catalunha e Almeria, durante o mesmo período neo-eneolítico, predomina do mesmo modo a dolicocefalia. O tipo braquicéfalo aparece mais na denominada cultura central ou das cavernas (162).

Os documentos osteológicos da idade do Bronze são insuficientes entre nós para neles se basearem conclusões como as que assentam sobre os documentos neo-eneolíticos propriamente ditos. Mas, como ainda hoje na população actual encontramos muitos elementos raciais do eneolítico, não será descabida e infundada a afirmação de que esses mesmos elementos perdurassem durante a idade do Bronze.

Por outro lado, é também interessante salientar com o Sr. Professor Mendes Corrêa as afinidades raciais luso-valencianas, provenientes talvez duma migração eurafriana, anterior à cultura de Almeria e à cultura megalítica ocidental. Teríamos assim uma estirpe comum

(161) Mendes Corrêa, *Os Povos Primitivos da Lusitânia*, p. 215.

(162) Mendes Corrêa, *Os Povos Primitivos...*, p. 214.

para estes dois povos, separados entre si não só pela sua área geográfica, mas também pela sua cultura (163).

Era um povo que sustentava relações não só com Andaluzia — mais certamente por mar do que por terra, como já notámos noutra trabalho (164) —, mas também com a Bretanha e com a Irlanda. Na cultura megalítica bretã, aparecem numerosos elementos de origem portuguesa, como sepulcros de corredor com câmara circular, vaso campaniforme, objectos de ouro com ele associados como nas grutas de Palmela, embora faltem as pontas de seta de base côncava, tão nossas características (165).

Mais patentes, talvez, são as relações com a Irlanda, provavelmente directas, sem passar pela Bretanha. Aparecem claramente, pelo menos, durante a cultura de Alcalar, a julgar pela abundância de pontas de seta de base côncava, que não se vêem em mais nenhuma parte do Ocidente europeu, nem mesmo na Inglaterra. É certo que se encontram na Escócia, mas a cultura escocesa não é mais que um prolongamento da irlandesa.

Estas relações com a Irlanda intensificam-se ainda mais na idade do Bronze, a julgar pela área de dispersão das conhecidas lúnulas irlandesas (166), e pela semelhança bem marcada de muitas alabar-

(163) A. A. Mendes Corrêa, *Valencianos e Portugueses*, em *Homenagem a Martins Sarmiento*, Guimarães, 1933, p. 253 e 254.

(164) Tenente Afonso do Paço e P.º Eugénio Jalhay, *As Grutas de Alapraia em Brotéria*, vcl. XXI, 1935, p. 26 da separata. Esta hipótese foi recentemente apolada por Georg Leisner em *Ausgewählte Türen in Megalithgräbern der Pyrenäenhalbinsel* (Separata de *Marburger Studien*), p. 153.

(165) P. Bosch Gimpera, *Relaciones pre-históricas de Irlanda con el Occidente de la Península Ibérica*, em *Miscelánea científica e literária dedicada ao Doutor J. Leite de Vasconcellos*, Coimbra, 1934, p. 49 e 51.

(166) Na sua comunicação ao Congresso Luso-Espanhol de 1932, reunido em Lisboa, propôs o Sr. Professor Manuel Heleno, a propósito duns crescentes de calcáreo, por ele encontrados nas grutas de Carenque, uma origem ibérica para as lúnulas irlandesas e consequentemente a existência de relações marítimas entre a Irlanda e Portugal 2500 anos a. C. Não nos parecem seguros os argumentos em que se apoia o ilustrado Director do Museu Etnológico. Antes de mais nada, é inadmissível o paralelismo estabelecido entre esses crescentes e os objectos de barro de Marcela, de Vidals e de Pavia, que o A. cita na sua comunicação. Tais objectos de barro são como os encontrados por Siret, por exemplo em Almizaraque,

das (170). E tão grandes foram estas relações que deram origem, no dizer de Sir John Evans, a uma verdadeira colonização portuguesa (171).

Durante o período da cultura de Alcalar, nota-se uma invasão portuguesa pelo Sul da Espanha. Essa cultura avança pela província de Córdoba, entra na de Granada onde se enlaça com a cultura de Almeria e segue adiante, dando-nos a segunda fase da cultura de Los Millares, verdadeiramente sincrónica da nossa de Alcalar e já do Bronze. Este movimento de povos assenta no desejo de exploração das minas de cobre, tão ricas nessas regiões (172), e é ele que origina certamente o desaparecimento quase repentino da cultura do vaso

e faziam parte de pequenos fornos de fundição de minério. Deste modo, os crescentes de Carenque, como os outros identificados pelo Sr. Prof. Manuel Heleno — do dólmén da Pedra de Mouros (Belas), da gruta de Cascals, de Trigache (Odivelas) e até mesmo os hipotéticos do Museu de Torres Vedras — e o que nós mesmos encontramos na gruta II de Alapraia, são todos mais ou menos da mesma região. Ora esta particularidade é deveras sintomática, se atendermos a que a Serra de Sintra era chamada antigamente a Serra da Lua, denotando tal circunstância, como alvitra o Sr. Professor Dr. Leite de Vasconcellos, a existência dum santuário dedicado a este astro. Embora a alusão a este nome apareça pela primeira vez num texto de Ptolemeu (Séculos I e II depois de C.), tal culto devia com certeza ser mais antigo (cfr. José Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitânia*, vol. II, p. 217). E, deste modo, teríamos que os crescentes de calcáreo não passariam dum elemento puramente regional, relacionado com o culto da Lua ou com a denominação da Serra da Lua. O Prof. Leo Frobenius, de Francfort, na sua visita a Alapraia, poucos meses antes de falecer, apolou francamente esta nossa hipótese. Mas, além de a fórmula das lúnulas ser diferente da dos nossos crescentes, val contra a hipótese do Sr. Prof. Manuel Heleno, na nossa modesta opinião, a circunstância de as nossas relações com a Irlanda durante a cultura de Palmela, a que pertencem as grutas de Carenque, não se poder demonstrar com outros argumentos. Depois, sim, quando já estava no seu apogeu a cultura de Alcalar, que lhe é posterior. Continuamos, por conseguinte, a atribuir às lúnulas, com o Sr. Major Mário Cardozo (*Jóias arcaicas encontradas em Portugal*, La Coruña, 1930, p. 13) e com todos os AA. que têm tratado o assunto, uma origem irlandesa.

(170) Seán O Riordain, *The Halberd in Bronze Age Europe*, em *Archaeologia*, vol. LXXXVI, p. 290.

(171) *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Pré-historiques. Compte rendu de la 9^e session*. Lisbonne, 1880, p. 329.

(172) Com este afan de obter minérios de cobre se relaciona, talvez, o aparecimento de vários fragmentos de malaquite em Vila Nova de S. Pedro, que não provêm certamente da região, como atrás fica dito.

campaniforme pròpriamente dito, ao menos no sul e centro da Espanha. Depois, há como que um eclipse na nossa cultura de Alcalar, coincidindo com o final da cultura de Los Millares. Desaparecem os tipos megalíticos dos monumentos funerários, ficando apenas algumas sobrevivências aqui e ali (cistas de Castro Marim, sepultura da Quinta da Água Branca); desaparecem também os ídolos-placas e transforma-se o feitio dos vasos. É a reacção almeriense que, por sua vez, se faz sentir no sul do nosso país, trazendo-nos a cultura de El Argar, já bem dentro da idade do Bronze. Essa cultura, que por muitos autores e até pelo Professor Bosch Gimpera era tida como do começo do Bronze, é hoje intercalada, com sólido fundamento, numa época muito mais avançada (173). Com efeito, as contas tubulares da necrópole argálica de Fuente Álamo (Almeria), encontram-se também no fim da cultura dos *round barrows*, na Inglaterra, já dum Bronze muito avançado. E essas mesmas contas aparecem no Egipto, também não muito longe de 1400 anos a. C. (fim da 18.^a dinastia). Este «rejuvenescimento», digamos assim, da cultura de El Argar prova-se também pelas tampas sepulcrais argálicas encontradas no sul do nosso país, contendo gravuras de armas que, a deduzir dos achados mais recentes, não são do princípio do Bronze, mas dum período bastante mais avançado (174).

Contudo, durante todo este fluxo e refluxo de populações, vão perdurando entre nós, como aliás no Mediterrâneo ocidental, elementos eneolíticos que dão, muitas vezes, ocasião a confusões e até mesmo a erros de cronologia.

Outro factor de confusão pode também aparecer na ainda pouco estudada cultura dos campos de urnas, «Urnenfelder» dos alemães, que substitue no sul da Alemanha e do Reno as sepulturas de inunção do IV período do Bronze (120-800 a. C.) e representa uma verdadeira transição para a 1.^a idade do Ferro. Essa cultura espande-se

(173) E. Thurlow Leeds, *A Milestone in Western Archeology*, em *Homnagem a Martins Sarmiento*. Guimarães, 1933, p. 404 e Seán O Riordain, *op. cit.*, p. 304.

(174) A mais interessante e, talvez, a mais completa de todas é a identificada pelo Sr. Professor Manuel Heleno no Museu de S. Tiago de Cacém, e proveniente da herdade das Pereiras, freguesia de S. Bartolomeu da Serra. Cfr. a comunicação do mesmo A. ao XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica, *Tampas sepulcrais insculturadas da época do bronze*.

até ao Ocidente da Europa e penetra na nossa Península por volta de 900 a. C. Bosch Gimpera, com G. Kraft e H. Hubert, considera-a céltica ⁽¹⁷⁵⁾, e, nessa hipótese, teríamos portanto uma primeira invasão de celtas, muito antes da já conhecida do século VI a. C., da qual muito provavelmente nos fala o poema de Avieno «Ora Maritima», e que entre nós produziu a «celtização» da célebre necrópole dos *cempsí* de Alcácer do Sal ⁽¹⁷⁶⁾.

Essa cultura não foi ainda identificada em Portugal, mas não nos admiraria nada que a ela pertencessem, por exemplo, os vasos encontrados numas sepulturas de Alpiarça e conservados no Museu Antropológico da Universidade do Porto ⁽¹⁷⁷⁾, com certos fragmentos cerâmicos de estações do norte de Portugal, até hoje atribuídos à cultura do vaso campaniforme.

* * *

Admitindo para o fim do pleno eneolítico a data de 2500 a. C., obtida por H. Schmidt ⁽¹⁷⁸⁾ e tendo em conta o «rejuvenescimento» da cultura de El Argar e as sobrevivências da cultura eneolítica, poderemos fazer corresponder, com o Prof. Bosch Gimpera ⁽¹⁷⁹⁾ as seguintes

⁽¹⁷⁵⁾ P. Bosch Gimpera, *Etnologia de la Península Ibérica*, Barcelona, 1932, caps. 18 e 19 sobretudo. Idem, *Una primera invasión céltica en España hacia 900 a. de J. C. comprobada por la arqueología*, em *Investigación y Progreso*, n.º 12, Madrid, 1933, p. 345. Idem, *Los Celtas en Portugal y sus caminos*, em *Homenagem a Martins Sarmiento*, Guimarães, 1933, p. 66.

⁽¹⁷⁶⁾ O Sr. Prof. Mendes Corrêa não é tão explícito nesta afirmação, pois sustenta que a primeira referência bem expressa da presença dos Celtas na Península apenas surge em Heródoto, na 2.ª metade do século V. Cfr. *História de Portugal* já citada, p. 164.

⁽¹⁷⁷⁾ A. A. Mendes Corrêa, *A Lusitânia pre-Romana...*, p. 145 e 147, onde se publicam boas fotografias dos ditos vasos. Cfr. também a notícia do mesmo Autor, *Sobre alguns objectos protohistóricos e lusitano-romanos especialmente de Alpiarça e Silvã*, em *O Arqueólogo Português*, vol. XXI, 1916, pág. 331, e a nota 1 da p. 228 de *Os Povos Primitivos da Lusitânia*, em que o eminente professor portuense dá como duvidosa a inclusão desta cerâmica na idade do bronze.

⁽¹⁷⁸⁾ Dr. Hubert Schmidt, *Estudios acerca de los principios de la edad de los metales en España*, memória n.º 8 de la C. I. P. y P., Madrid, 1915.

⁽¹⁷⁹⁾ Pedro Bosch Gimpera, *La edad del Bronce en la Península Ibérica*, em *Investigación y Progreso*, n.º 10, Madrid, 1922, p. 145.

datas aos diferentes períodos já clássicos da idade do Bronze, propostos por Montelius, Déchelette, etc.:

Período I — sub-períodos *a* e *b* — 2500 a 2000.
— sub-período *c* — 2000 a 1700.

Período II — 1700 a 1400.

Período III — 1400 a 1200.

Período IV — 1200 a 1000 e, nalgumas regiões até bastante mais tarde em que se dá uma verdadeira transição para a idade do Ferro.

Em que ponto deste quadro cronológico colocaremos o castro de Vila Nova de S. Pedro? Vimos anteriormente que existem no seu espólio micrólitos geométricos de sílex de mistura com cerâmica campaniforme e pontas de lança de cobre (do tipo de Palmela, segundo N. Aoberg), mas com ausência quase completa de pontas de seta de sílex de base convexa. Estes elementos fazem supor evidentemente uma sobrevivência da cultura eneolítica de Palmela. Por outro lado, a abundância de «sóis» gravados na cerâmica e principalmente nas placas de barro, os ídolos-placas de xisto, os ídolos-falanges e a grande profusão de pontas de seta de base côncava recordam a cultura de Los Millares, já posterior àquela e a nossa de Alcalar. Os rebites de alabarda encontrados, prolongam possivelmente ainda mais a duração até à cultura argárica. Não é, pois, infundada a hipótese de a povoação de Vila Nova de S. Pedro ter sido habitada desde 2000 ou 1800 até 1400 ou 1200 a. C. A seguir a esta última data, sucede o mesmo que o Sr. Professor Vergílio Correia notou no «castelo» de Pavia. A ocupação do castro desaparece como que repentinamente, ou por este ter sido destruído numa guerra com tribus invasoras, ou porque tivesse sido abandonado completamente pelos seus habitantes. Não há o mais pequeno indicio de ocupação posterior, nada que indique a presença de povos da idade do Ferro.

Estamos quase certos de que estas conclusões não serão afectadas na sua essência pelo que ainda falta por escavar, supondo, claro está, que para o futuro nos serão concedidas as mesmas facilidades para a exploração e possível restauração deste notável castro pre-histórico.

Para o Instituto para a Alta Cultura e, muito particularmente, para S. Ex.ª o Senhor Ministro da Educação Nacional, vão os nossos

melhores agradecimentos pelos subsídios até hoje postos generosamente à nossa disposição com esse fim. Só assim nos tem sido possível desenterrar do silêncio de tantos séculos uma das mais belas páginas da pré-história portuguesa (180).

(180) Reservamos para mais tarde as deduções cronológicas e etnológicas que poderíamos tirar da presença, no «castelo» de Vila Nova de S. Pedro, de contas de calalte e de alfinetes ósseos de cabeça torneada.

As figuras 1 e 2 assentam em desenhos do Ex.^{mo} Sr. Capitão Duarte de Almeida; as figuras 12, 13, 14 e 20, em fotografias do Ex.^{mo} Sr. Lerenó Antunes Barradas; as figuras 17, 18, 19, 24 e 25, em desenhos da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria João Lopes do Paço; a figura 9 é um *cliché* amavelmente cedido pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. J. R. dos Santos Júnior, as figuras 11, 15, 16, 21, 22, 27, 28, 29 e 30, provêm de fotografias tiradas pela Casa Kodak, Lda., de Lisboa. A todos exprimimos o nosso vivo reconhecimento. Os *clichés* das figuras 4, 5, 6 e 7, são de E. Jalhay e os das figuras 8 e 10 de Afonso do Paço.

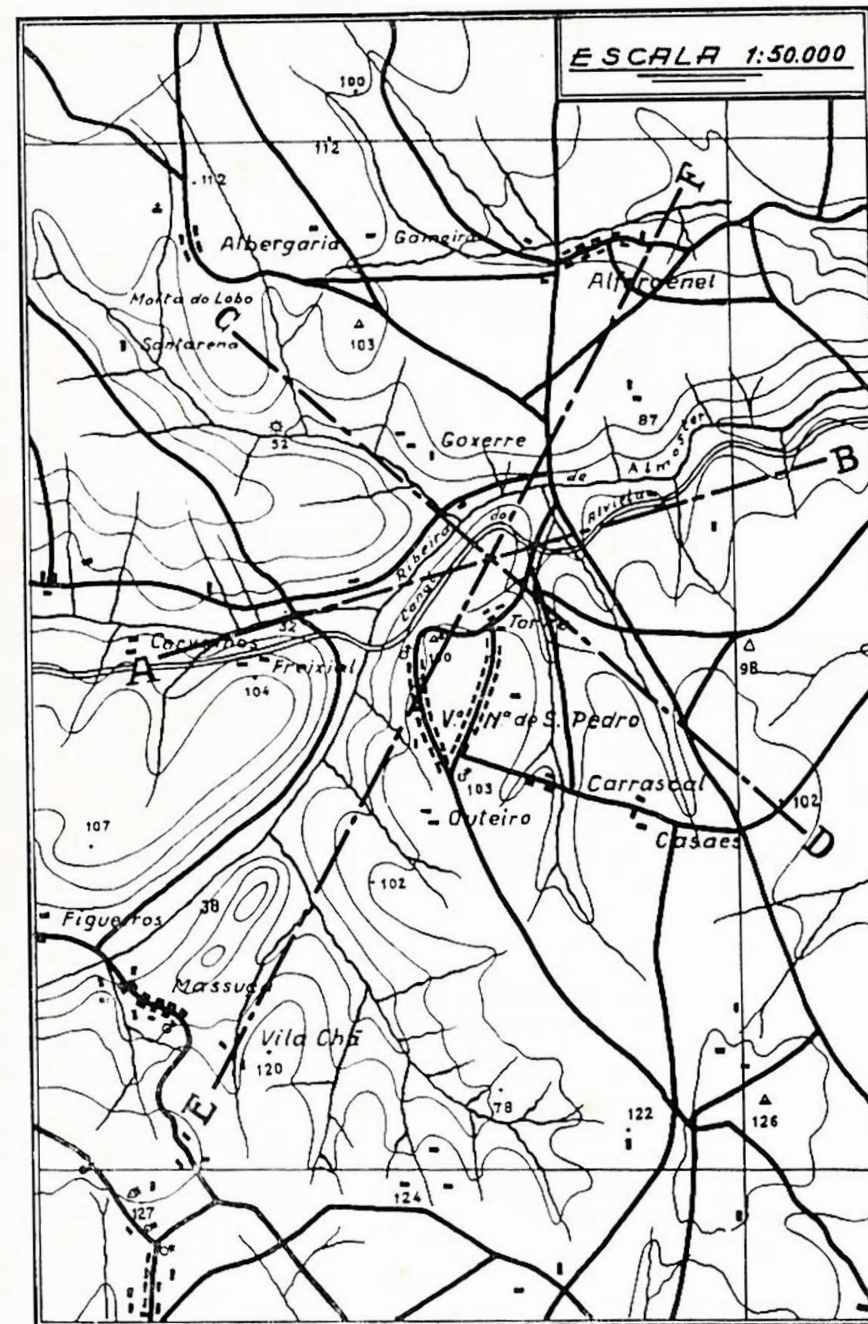


Fig. 1 — Mapa da região de Vila Nova de S. Pedro.

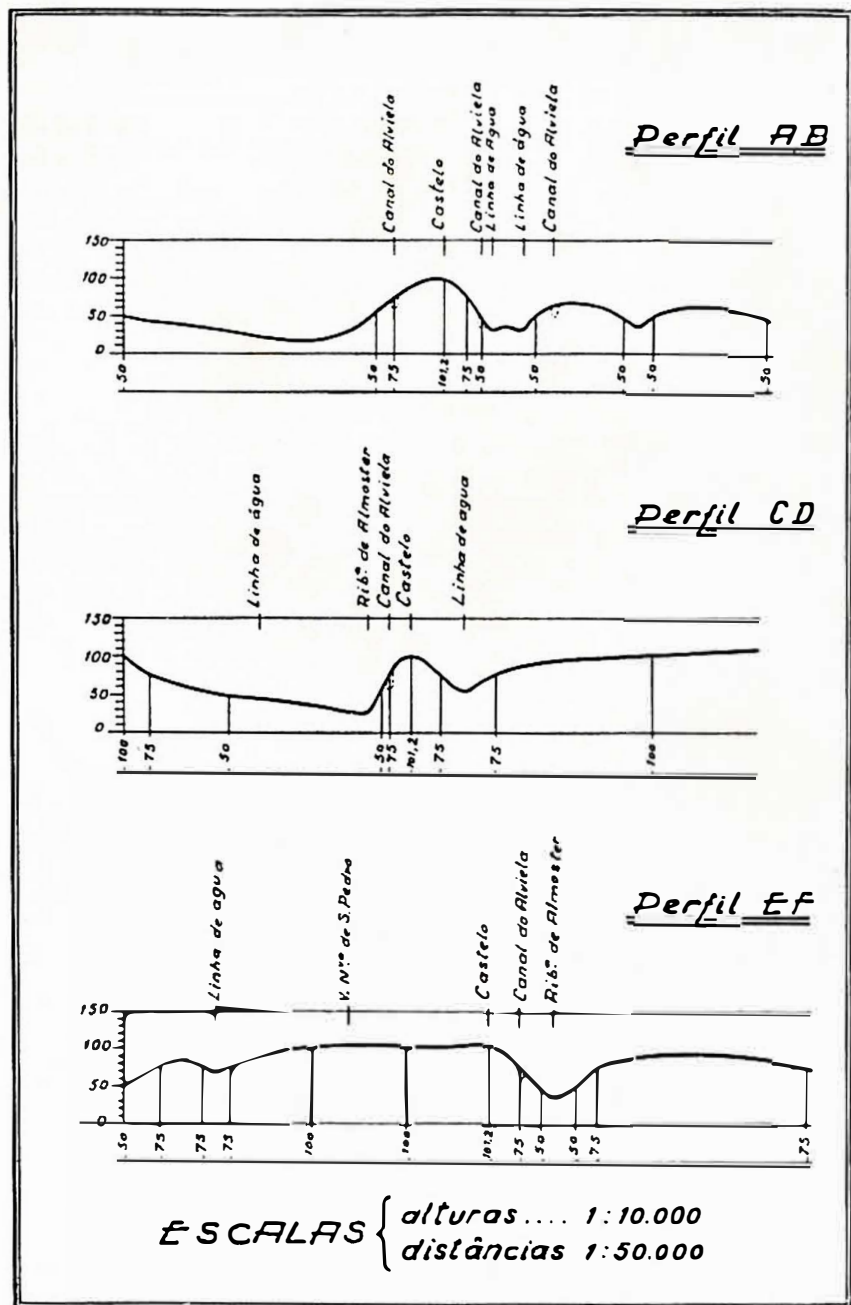


Fig. 2 — Perfis do terreno mostrando a situação do «Castelo».

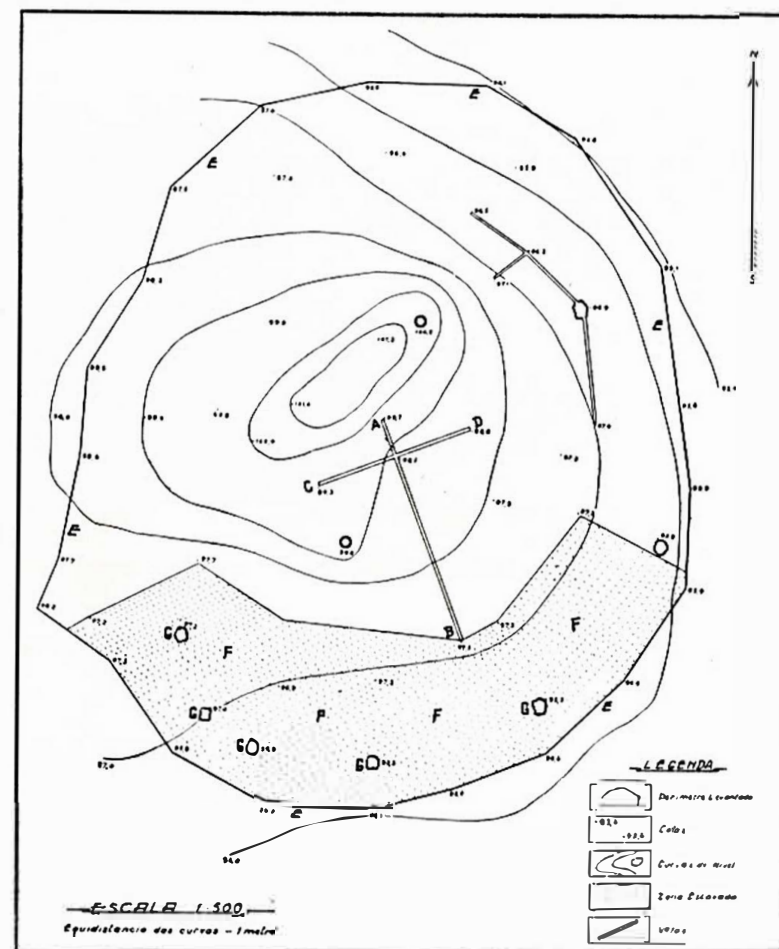


Fig. 3 — Planta da povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro

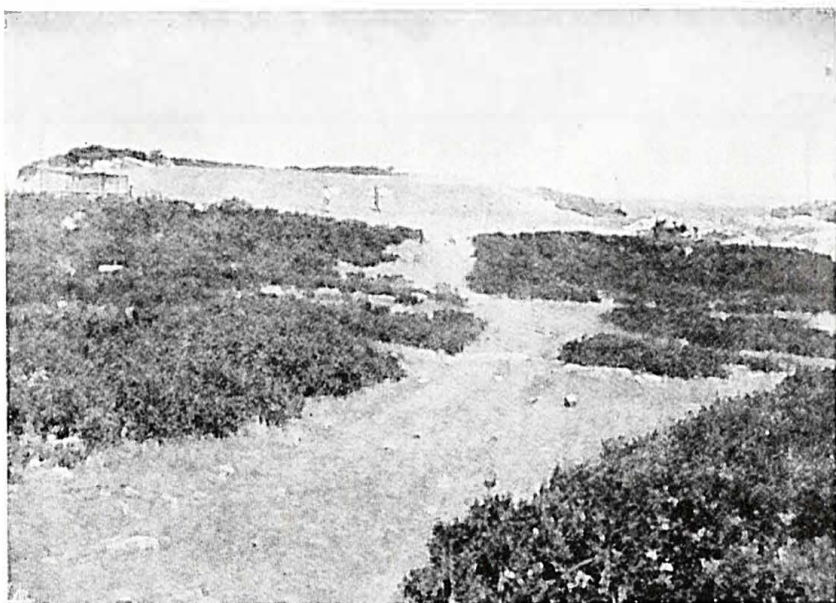


Fig. 4 — Vista geral do «Castelo» tomada do Sul.

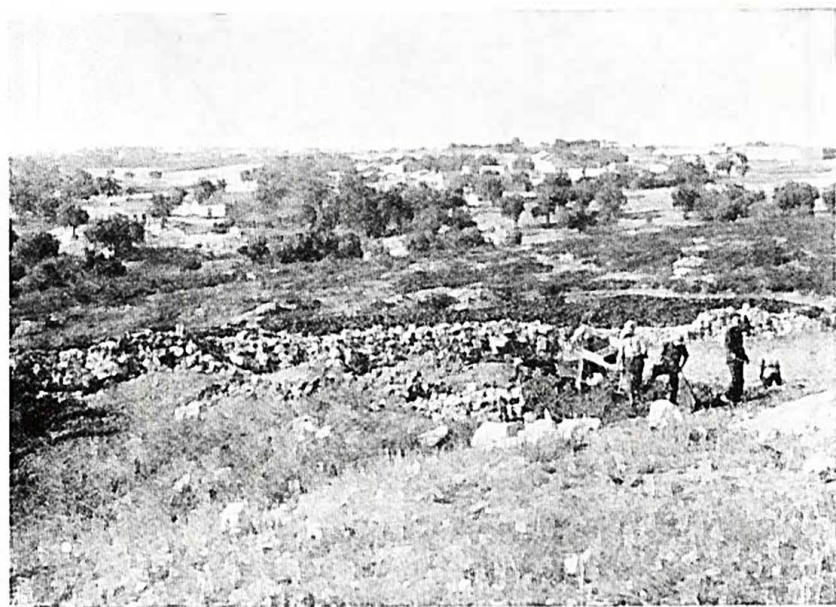


Fig. 5 — Vista das primeiras trincheiras do lado Sul.
No segundo plano, o lugar da Torre.



Fig. 6 — Vala aberta em 1936 na parte central do morro do «Castelo».

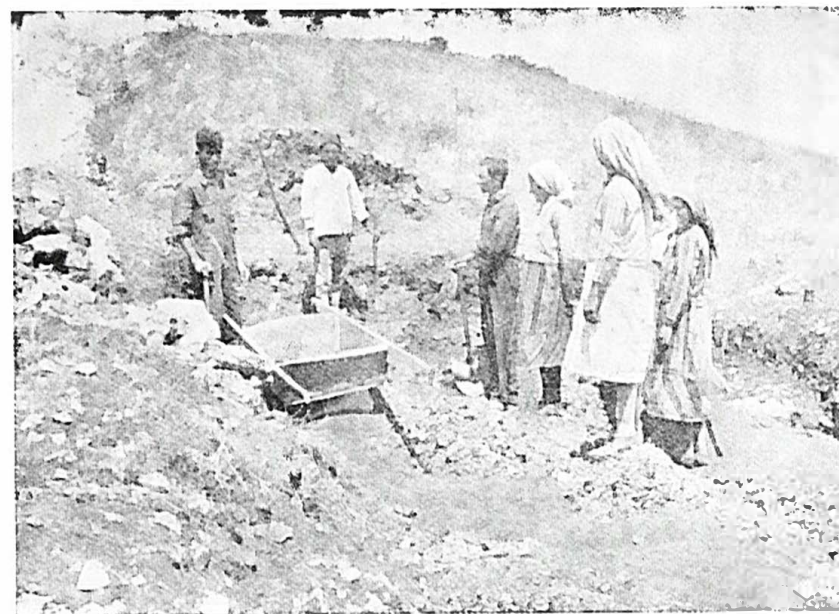


Fig. 7 — Uma trincheira do lado Sul.

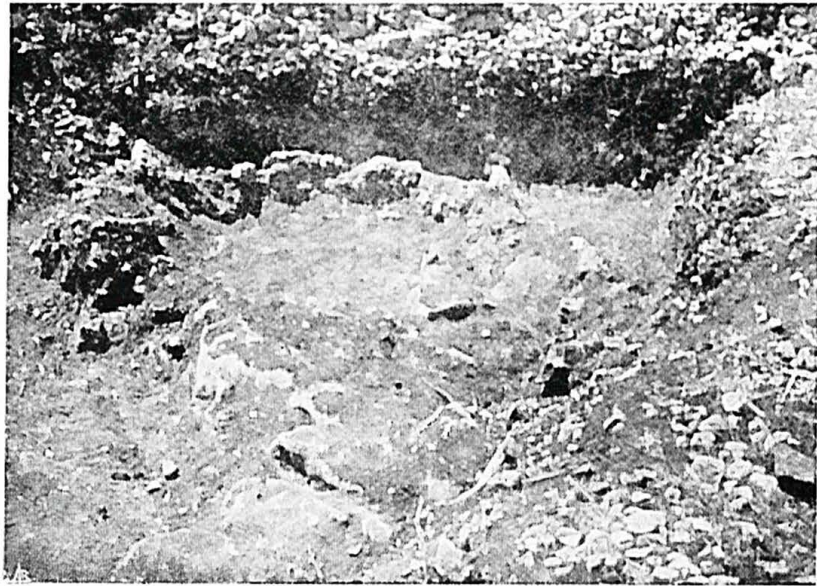


Fig. 8 — Fundo de cabana.

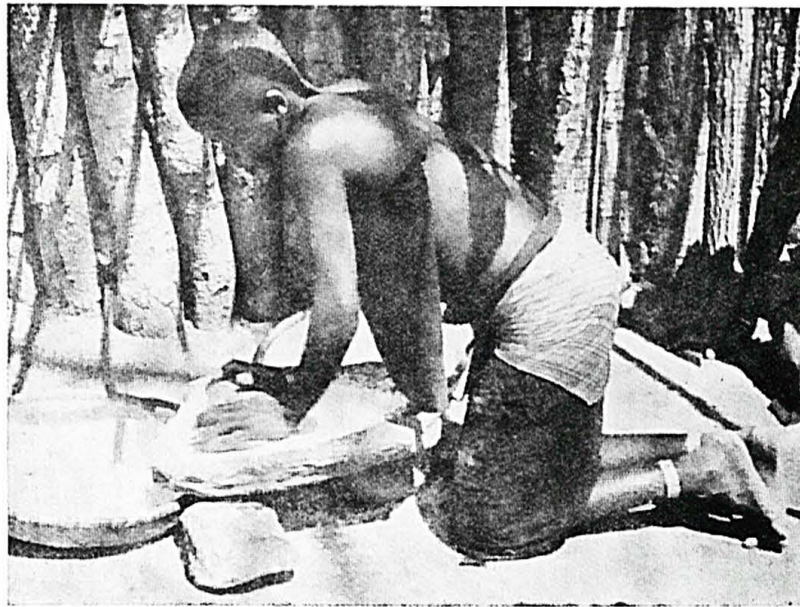


Fig. 9 — Mulher de Coéra (Moçambique) preparando farinha numa mô semelhante às do «Castelo».

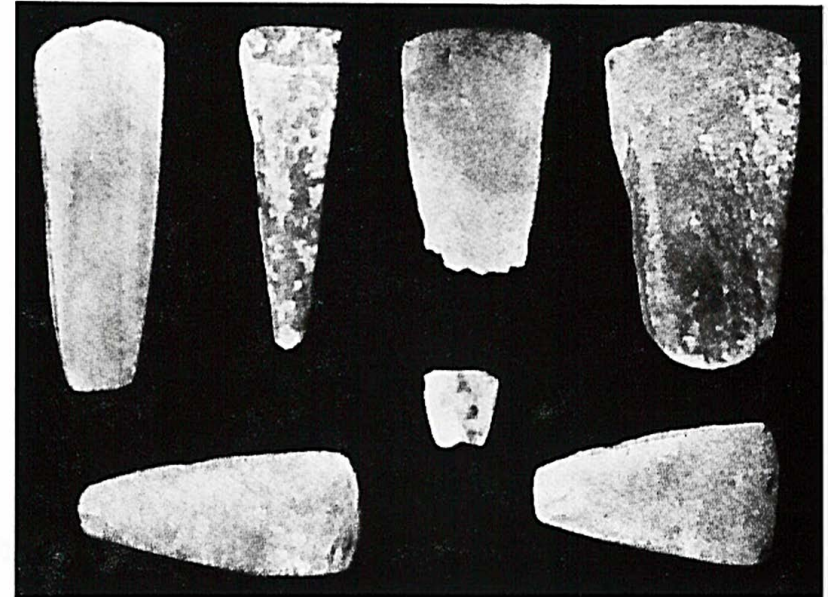


Fig. 11 — Machados de pedra polida.



Fig. 10 — Fundo de cabana.

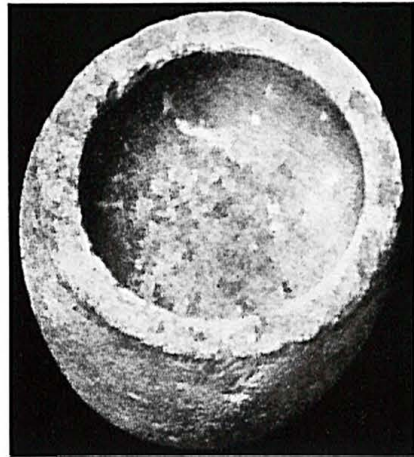


Fig. 12 — Gral de calcáreo.



Fig. 13 — Cilindro de barro.

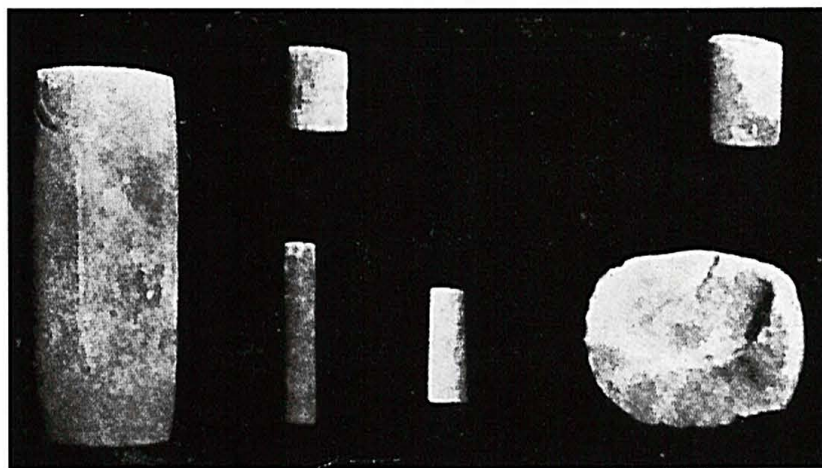


Fig. 14 — Cilindros de calcáreo e fragmentos de gral.

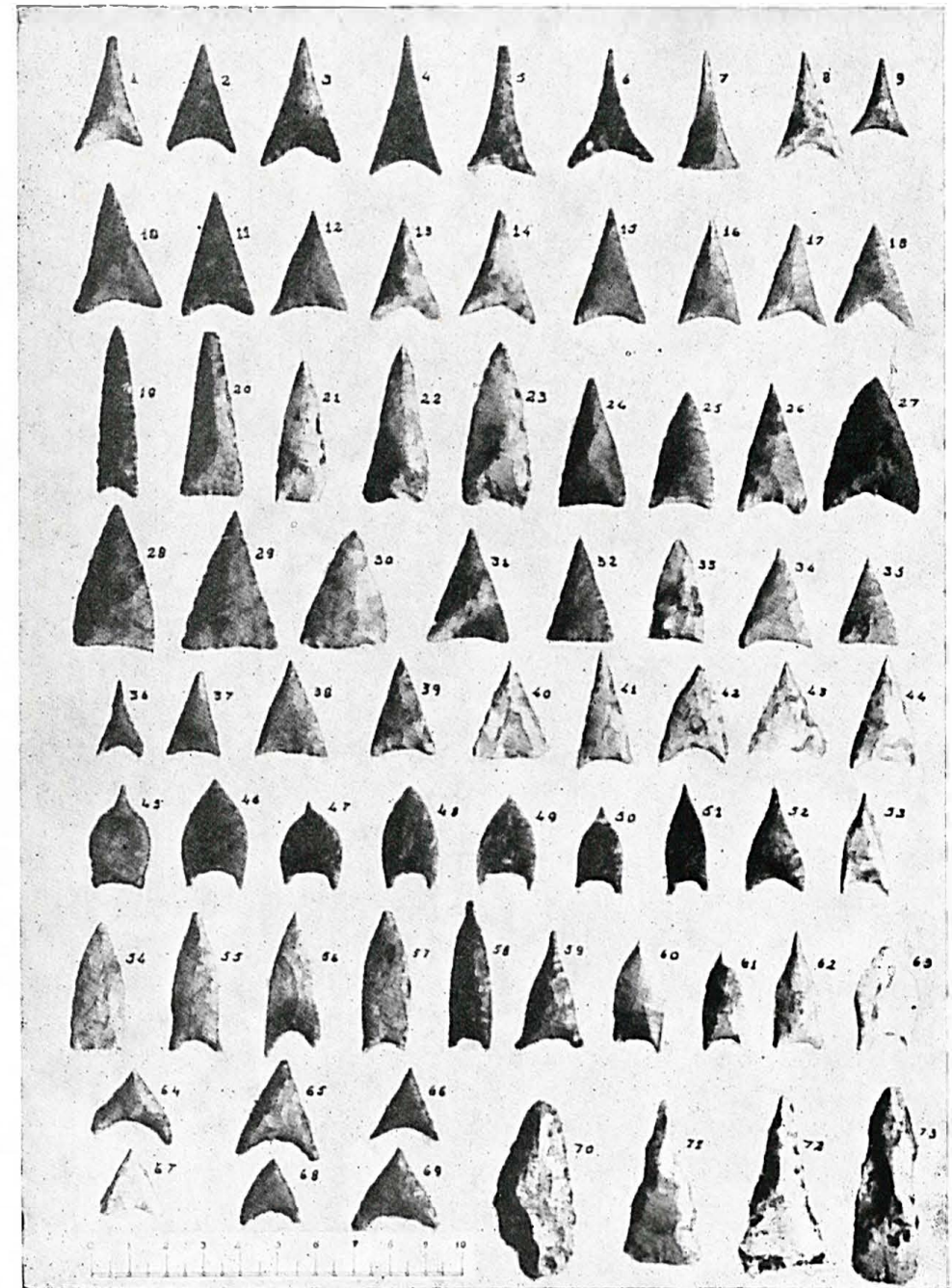


Fig. 15 — Diferentes tipos de pontas de seta do «Castelo».

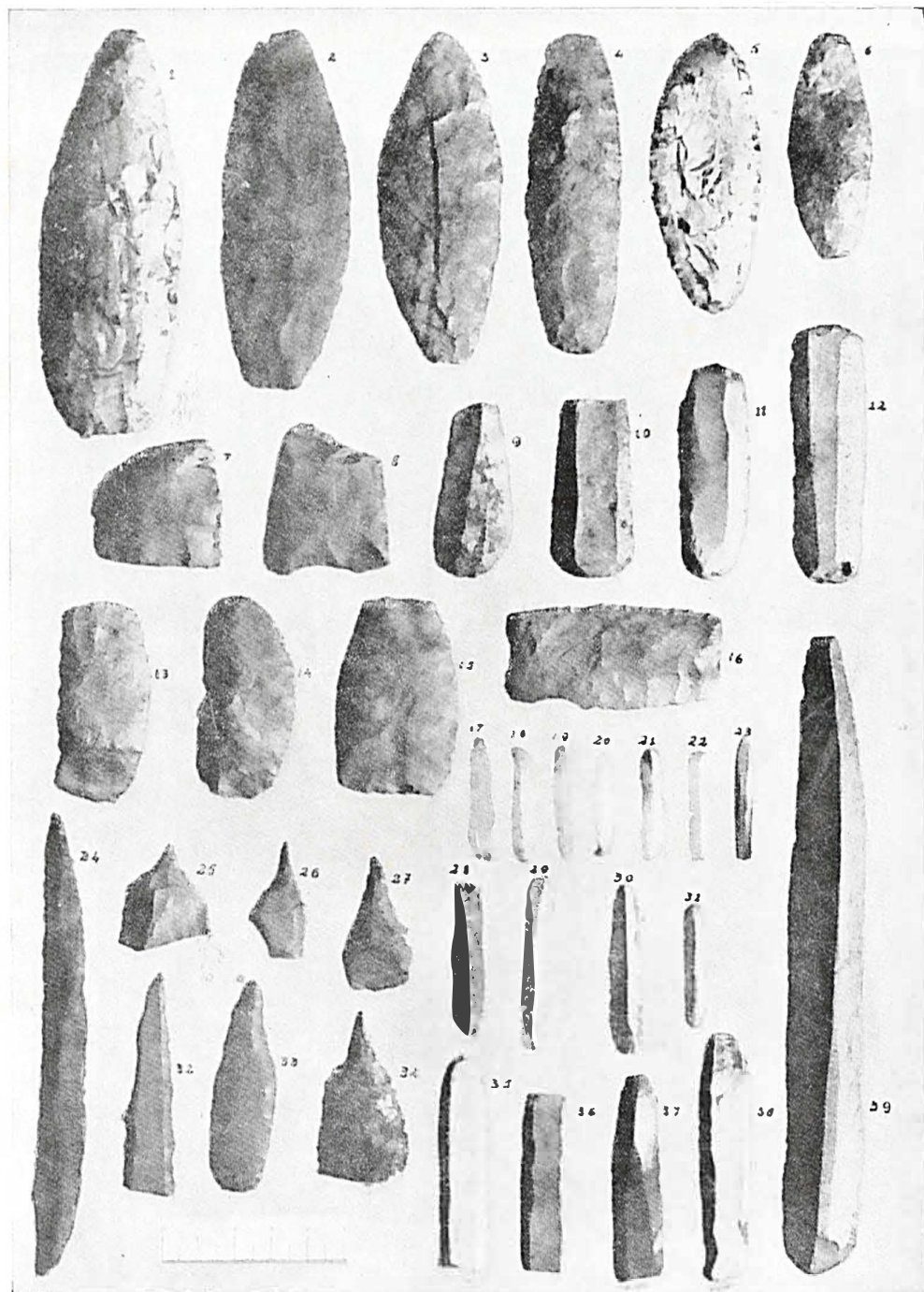


Fig. 16 — Lanças ou punhais (1-6), raspadores (9-12), serras (13-16), furadores (24-27 e 32-34), lâminas de quartzo hialino (17-23),



Fig. 17 — Fragmentos de cerâmica ornamentada. Decoração exterior (1-21). Decoração interior (22-26).

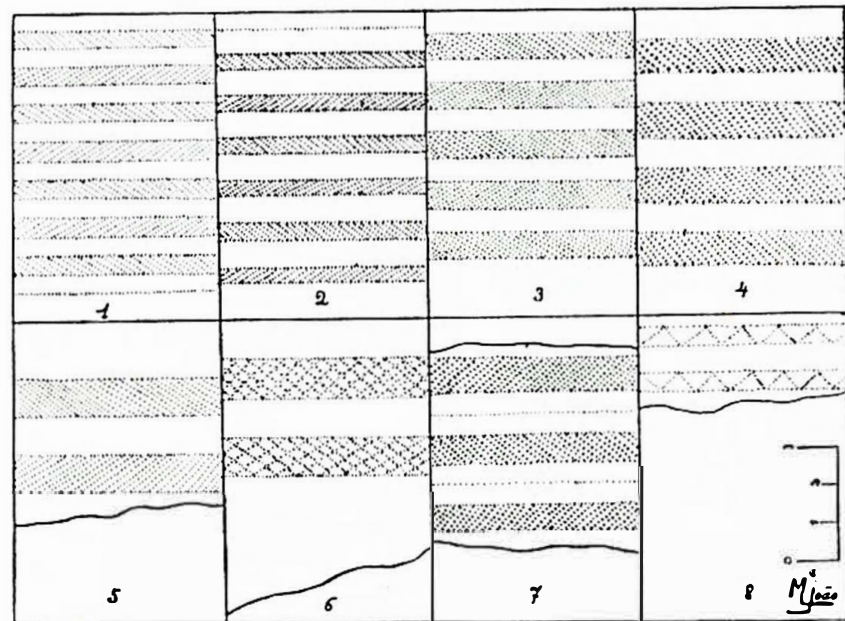


Fig. 18 — Tipos de decoração de vaso campaniforme.

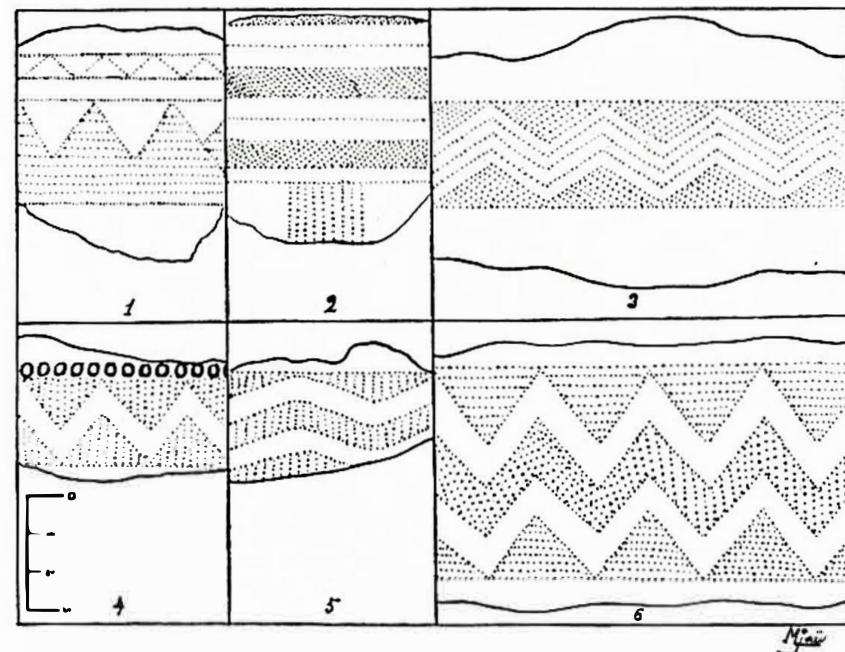


Fig. 19 — Tipos de decoração: de bojo de campaniforme (1-2 e 4-5); de grande vasilha (3 e 6).

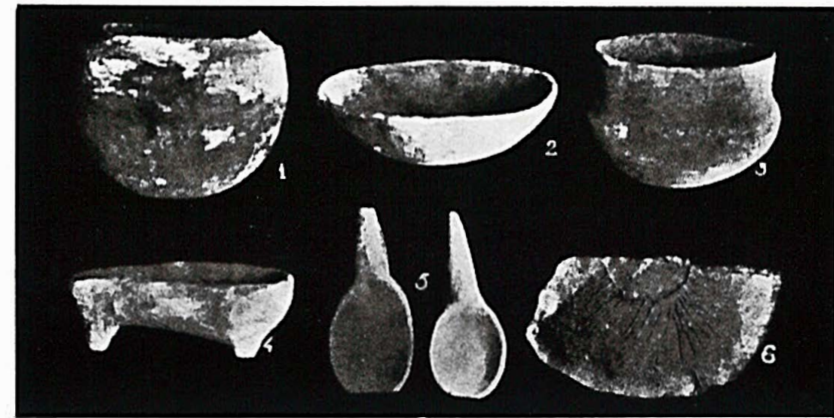


Fig. 20 — Vasos (1-3), cadinho (4), colheres (5) e fragmentos de taça com decoração solar (6).

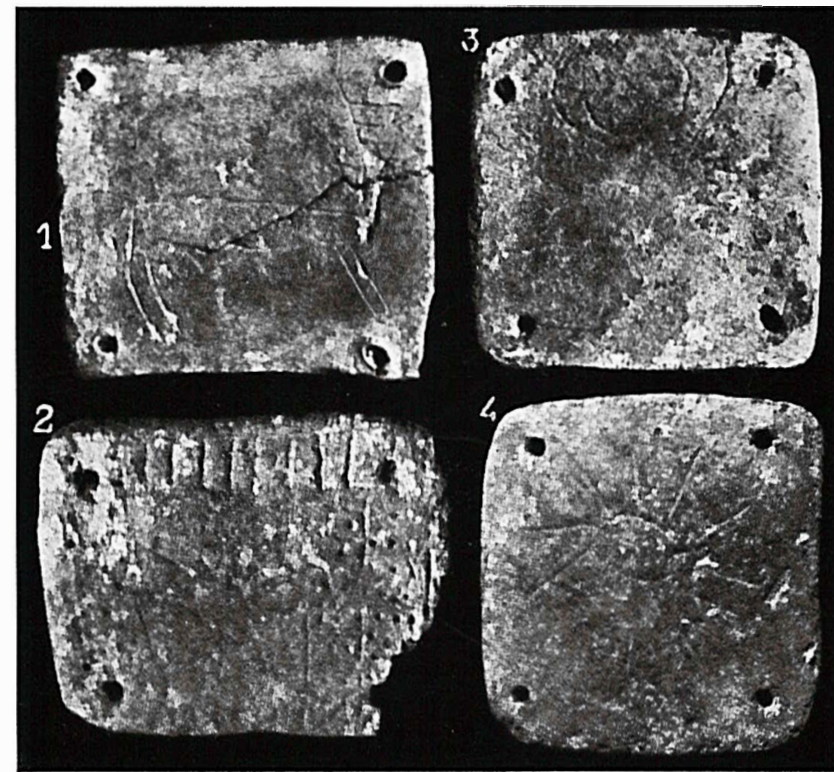


Fig. 21 — Placas de barro ornamentadas: com veado estilizado (1), crescente lunar? (3), figura solar (2 e 4). O n.º 3 é o verso do n.º 4.

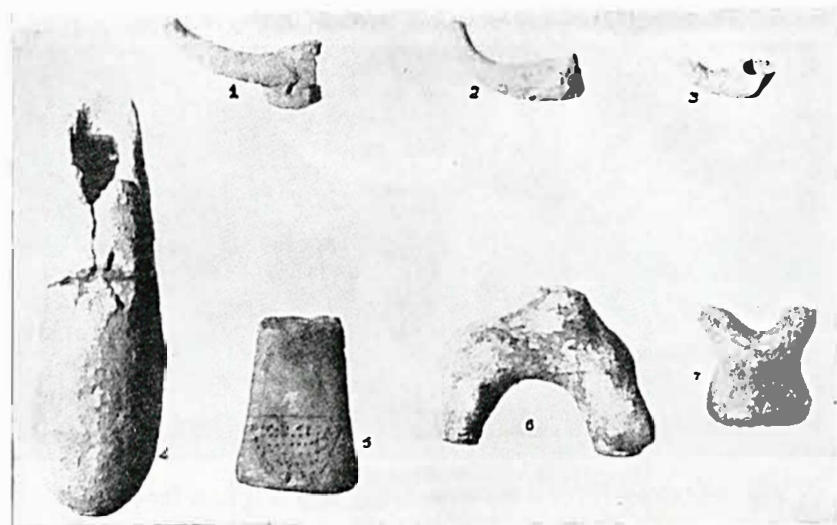


Fig. 22 — Chifres de barro (1-3), vaso oblongo (4), figura feminina (5), fragmento de quadrúpede (6), figura antropomorfa? (7).

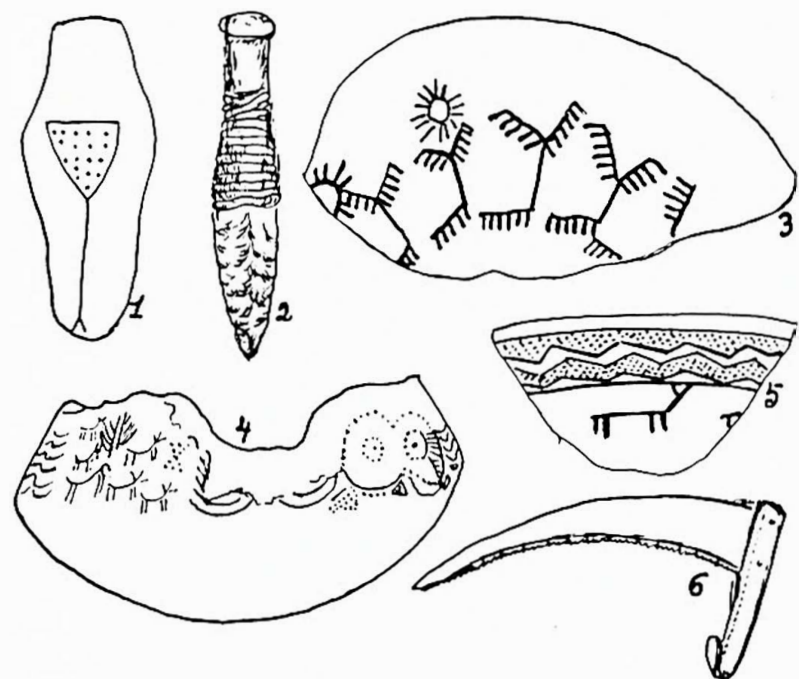


Fig. 23 — Figura feminina de Almirazaque (Siret) (1), punhal encabado de Monte Abrahão (Schmidt) (2), fragmentos de vasos com veados estilizados: Las Carolinas (Obermaier) (3), Los Millares (Siret) (4), Palmela (Marques da Costa) (5), folcinha de fragmentes de sílex encastados em madeira (Bonsor) (6).

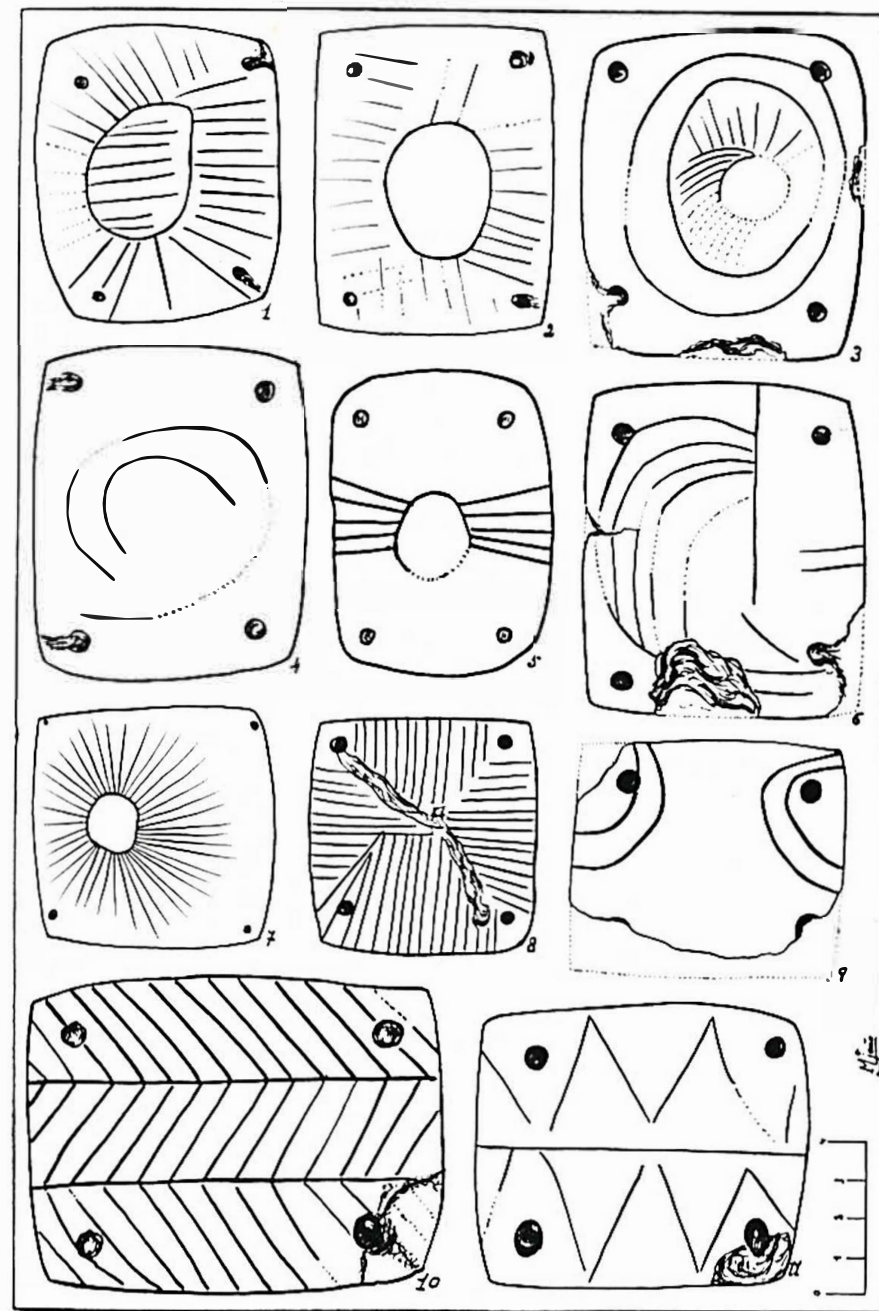


Fig. 24 — Placas de barro ornamentadas.

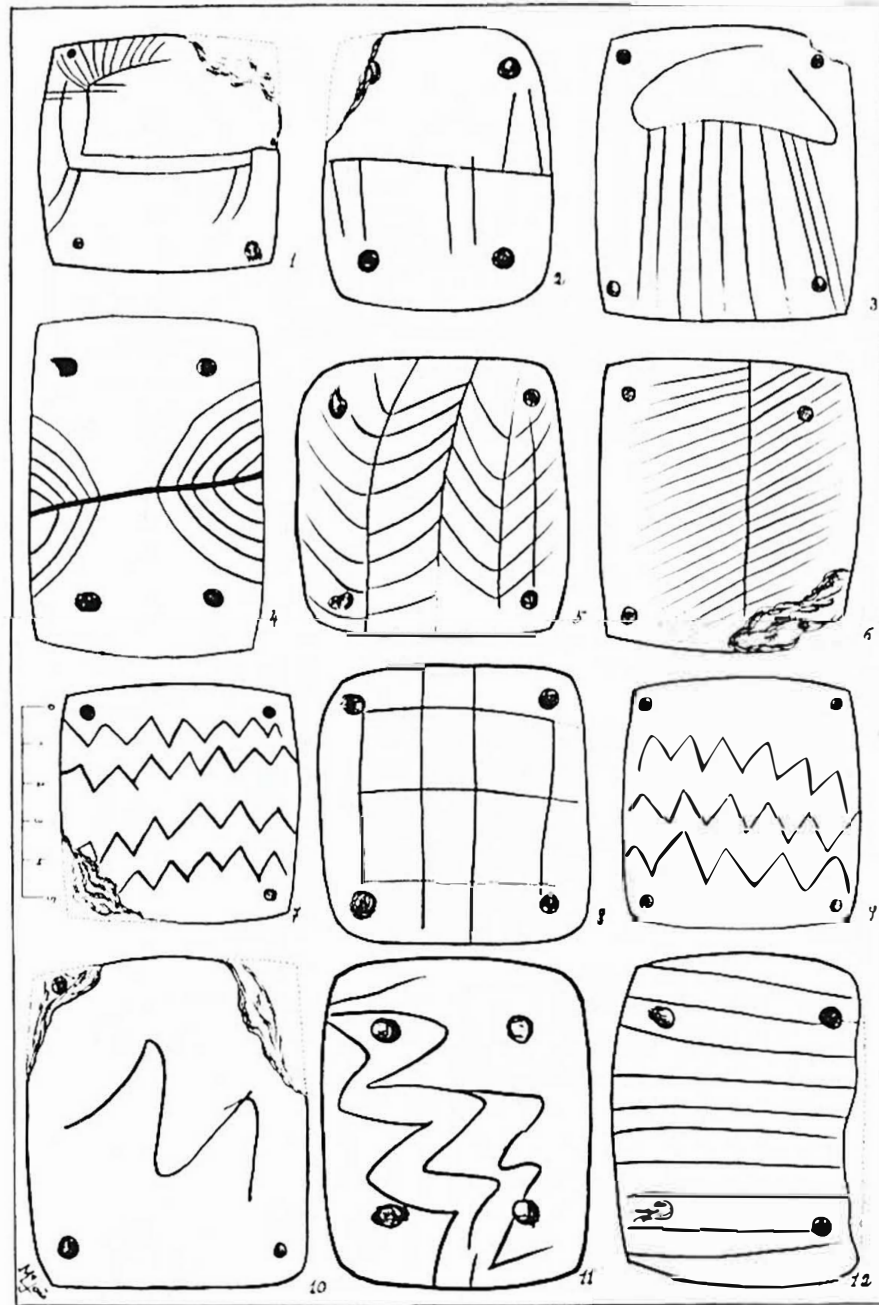


Fig. 25 — Placas de barro ornamentadas.

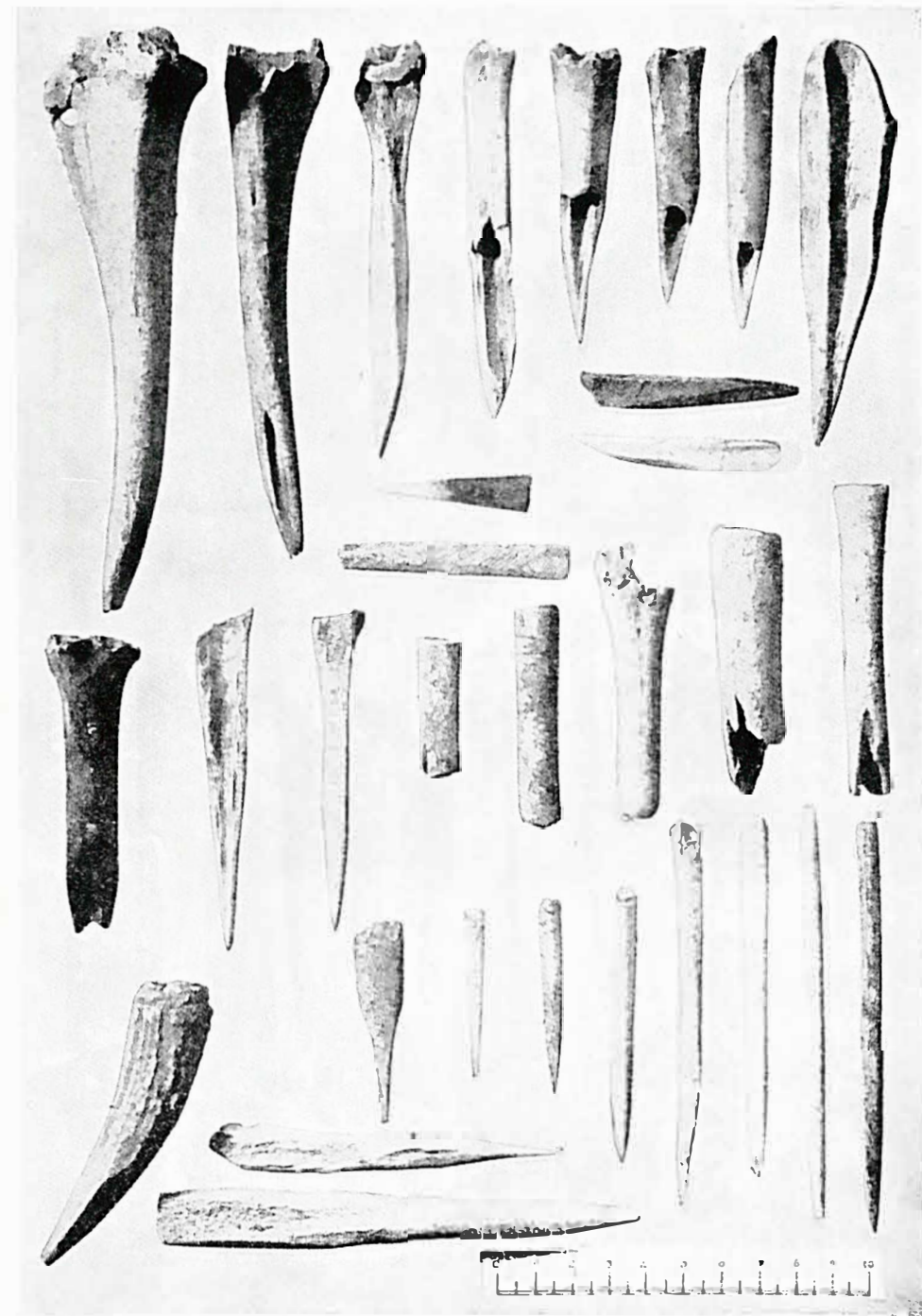


Fig. 26 — Punhais, punções, «estojos», e setas ou dardos de osso.
Note-se o orifício de suspensão do primeiro punhal.

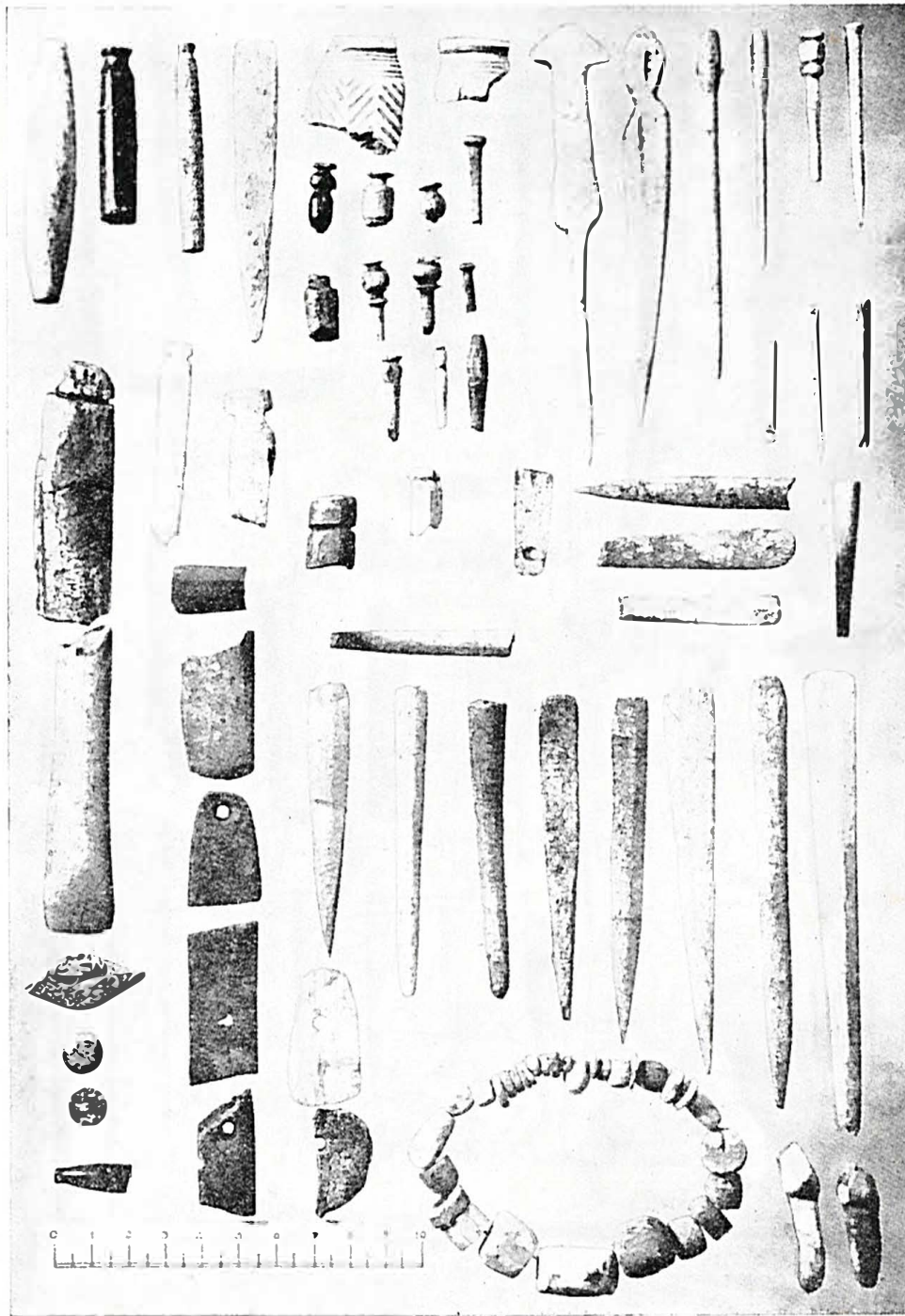


Fig. 27 — Ídolos, alfinetes, agulhas e espátulas de osso. Na parte inferior da gravura: botões, pingentes, cntas de colar e dentes com sulcos de suspensão

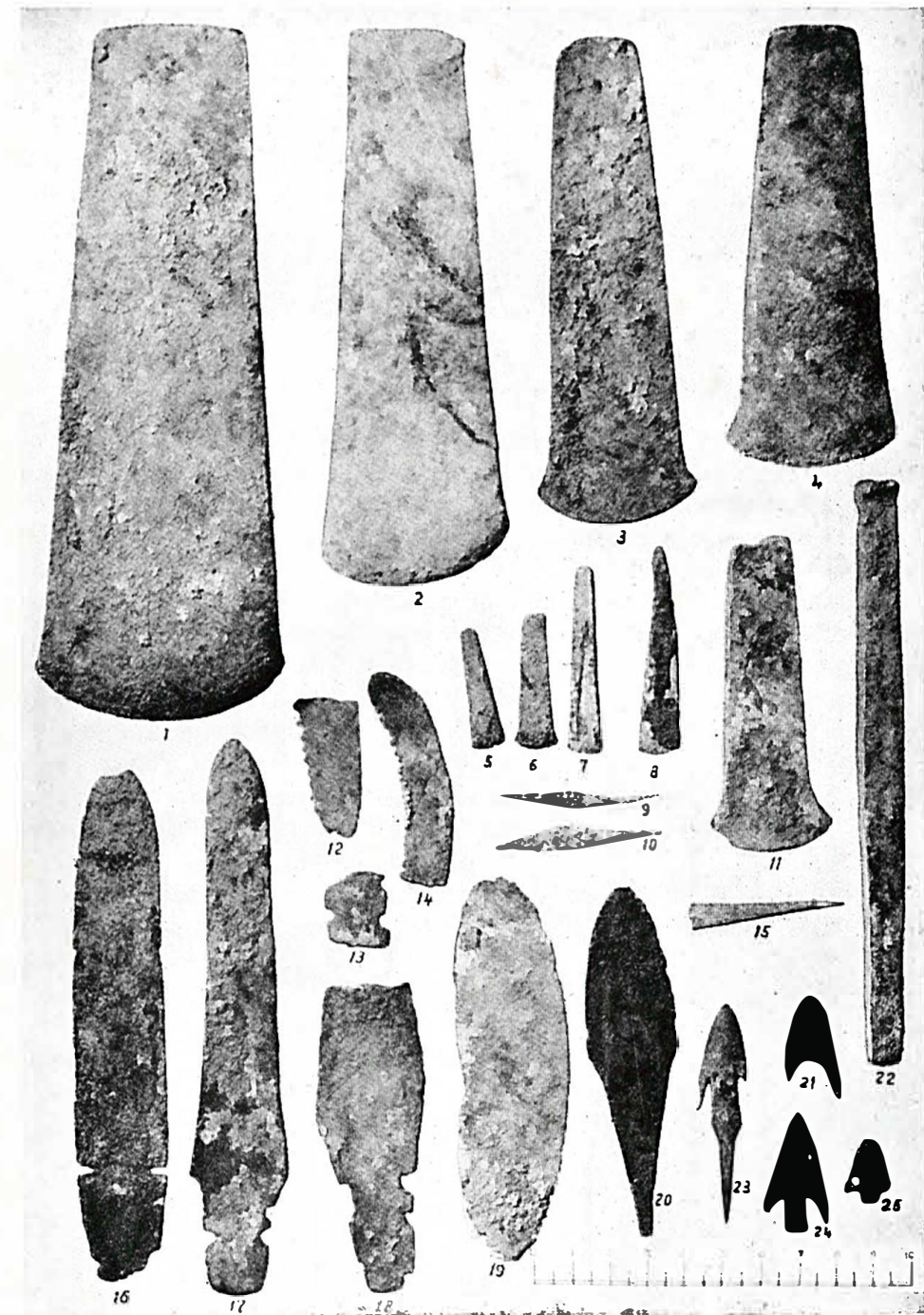


Fig. 28 — Machados, escopros (ao centro), adagas, serrotes, folhas de lança e flechas de cobre e bronze.

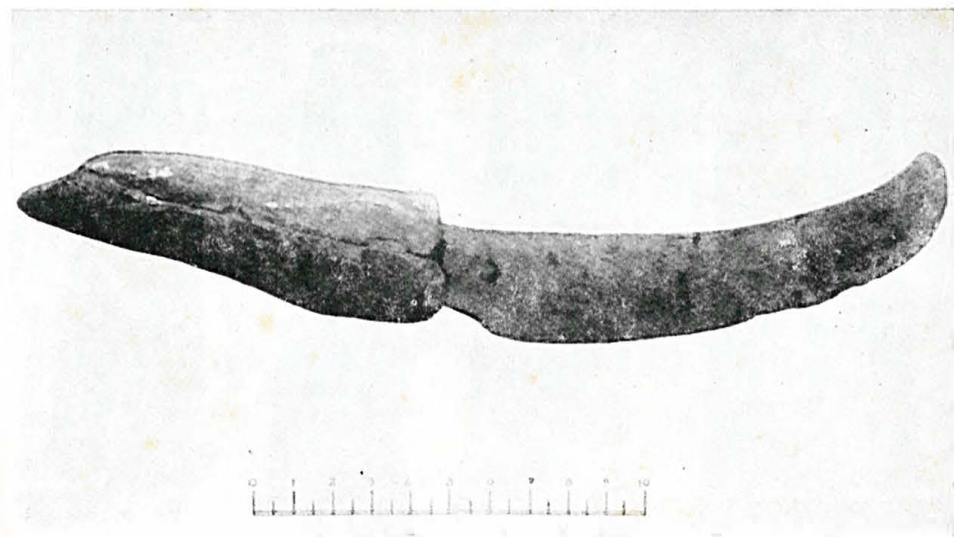


Fig. 29 — Faca ou punhal encabado, de cobre.



Fig. 30 — Punções, estiletos, sovelas, brincos, pregos-cavilhas, e fio proveniente duma espiral. A maior parte dos instrumentos é de cobre.

A PÓVOA ENEOLÍTICA DE VILA NOVA DE S. PEDRO (*)

NOTAS SOBRE A 3.ª, 4.ª E 5.ª CAMPANHAS DE ESCAVAÇÕES — 1939, 1940 E 1941

I — O «CASTELO» E A REGIÃO

AO terminarmos a primeira nota publicada há pouco mais de dois anos sobre o castro ou póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro, exprimíamos a esperança de que os altos poderes do Estado nos auxiliassem de futuro a prosseguir as escavações, encetadas oficialmente no verão de 1937. Não foi baldada essa nossa esperança. Já depois da publicação desse trabalho, levámos a efeito três novas campanhas: uma em 1939, outra em 1940, e a última, no ano findo de 1941, sendo as duas primeiras subsidiadas pelo Instituto para a Alta Cultura, e a de 1941 pela mesma entidade e pela Direcção dos Monumentos Nacionais. Foram três campanhas frutuosas, e embora falte ainda bastante por escavar, podemos desde já afirmar que os resultados obtidos confirmam plenamente as hipóteses que tínhamos formulado anteriormente. É o que veremos nesta segunda nota-resumo dos trabalhos efectuados.

O morro em que se encontra o castro de Vila Nova de S. Pedro, está situado em plena região, digamos assim, «eneolítica» e do «Bronze» (Fig. 1). Com efeito, se de lá espraíamos a vista para o Norte, lobrigamos a Serra de Aire, que nos recorda as grutas da nascente do Almonda, recentemente descobertas, numa das quais se recolheu, além doutro espólio valiosíssimo, cerâmica tipicamente argárica. Não longe da Serra, já do concelho de Torres Novas, é a gruta dos Carrascos (Monsanto), cujo recheio rico, sobretudo de placas de xisto, se guarda

(*) Trabalho publicado na revista *Brotéria*, vol. XXXIV, fasc. 6, Junho de 1942.

no Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. Do mesmo concelho são as ossadas humanas do Casal do Marchão (Casével), descobertas com vários objectos eneolíticos, entre os quais sobressai uma bellissima lâmina de sílex. De perto de Casével é também a formosa adaga do período do Bronze, proveniente da Quinta da Romeira, e actualmente exposta no Museu Municipal de Torres Novas (1), como o é a esplêndida alabarda de sílex que vemos no Museu da Comissão dos Serviços Geológicos, e que foi trazida de Montiraz, já do concelho de Santarém. O mais belo exemplar de crânio pre-histórico trepanado (2) provém da Lapa da Galinha, situada na Quinta do Rabaçal, próximo a Alcanena, igualmente do concelho de Torres Novas, e cujo opulento cspólio se conserva, ainda inédito, no Museu Etnológico.

Do lugar das Lapas (Torres Novas) são as lâminas de sílex, vasilhos de barro, alfinetes ósseos de cabeça torneada, etc., que foram casualmente encontrados com várias ossadas nos caboucos dum edificio levantado há pouco. Estão igualmente por publicar, parte no Museu Etnológico e parte no Museu de Torres Novas.

Seguindo para noroeste, embora mais distante, a região de Alcobaga traz-nos à memória as explorações de Vieira Natividade nas numerosas grutas dos arredores, um dos primeiros trabalhos de conjunto publicados na Península sobre o neo-eneolítico, e que é ainda hoje de grande utilidade (3).

Olhando na mesma direcção, avistamos, mas muito mais perto de nós, os montes sobranceiros a Rio Maior, onde o Prof. Dr. Manuel Heleno identificou e continua ainda a explorar uma das grutas mais interessantes para o estudo da pre-história portuguesa, e nomeadamente do eneolítico — a gruta de Nossa Senhora da Luz.

Para oeste fica Óbidos, em cujo concelho descobriu o Dr. Félix Alves Pereira, em 1911, a magnífica estação do Outeiro da Assenta, e que mais tarde tão proficientemente descreveu no «Archeólogo Por-

(1) E. Jalhay, *A Adaga da Quinta da Romeira*, em «Brotéria», vol. XIX, 1934.

(2) J. Leite de Vasconcelos, *Medicina dos Lusitanos*. Lisboa, 1925, p. 12.

(3) M. Vieira Natividade, *Grutas de Alcobaga*, em «Portugália», tomo I, p. 433-477.

tuguês» (4). É ela uma das que maiores semelhanças apresentam com a de Vila Nova de S. Pedro, com a diferença de que continua a ser habitada até à dominação romana, quando na de Vila Nova não há vestígio algum de povos posteriores ao período do Bronze.

O castro do Outeiro de S. Mamede, do mesmo concelho, e o de Pragança, já mais para o sul e dentro do concelho do Cadaval, são também de tipo semelhante, e vão, como o do Outeiro da Assenta, até à invasão romana.

Continuando a espriar a vista para sudoeste, como que divisamos ao longe, para lá da serra de Montejunto, que se levanta a dominar toda esta região habitada pelo homem eneolítico, os arredores de Torres Vedras com os *tholoi* do Barro e da Serra das Mutelas, as sepulturas do Furadoiro, as Grutas da Cova da Moura e da Ermejeira, etc. Mais a sudoeste, adivinhamos onde se encontram os castros de Ota e da Pedra de Oiro, explorados cuidadosamente pelo benemérito investigador Hipólito Cabaço, de Alenquer, em cuja casa se guardam as magníficas colecções de objectos neles recolhidos. Localizamos depois a gruta dos Refugidos, cujas ossadas neo-eneolíticas foram tão belamente estudadas pelo Dr. Alfredo Athayde, professor na Universidade do Porto (5) e a sepultura da Quinta do Vale das Lages com micrólitos trapezoidais, machados de pedra polida, ossadas, etc. (6).

A Este, do outro lado do Tejo, estende-se a região de Muge, Almeirim, Alpiarça... que recorda outras culturas e outras idades. Pormenor interessante: parece que o nosso grande rio é quase o extremo limite oriental dessa civilização tão rica, conhecida entre nós pela denominação de cultura de Palmela, ou do vaso campaniforme,

(4) F. Alves Pereira, *Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos)*, em «O Archeólogo Português», vol. XIX, p. 135 e vol. XX, p. 107. Depois da exploração levada a cabo por este distintíssimo arqueólogo, realizou-se outra pelo Dr. Luiz Chaves, de que este nos dá noticia no vol. XX do «Archeólogo», p. 258, sob o titulo de *Segunda exploração Arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos)*.

(5) Dr. Alfredo Athayde, *Ossadas pre-históricas da Gruta dos Refugidos*, em «Homenagem a Martins Sarmiento», Guimarães, 1933, p. 31.

(6) A. A. Mendes Corrêa, *A sepultura neolítica do Vale das Lages e os eólitos de Ota*, Barcelona, 1925.

e que povoou assim tão extensamente, já lá vão quatro a cinco mil anos, a região extremenha de hoje.

A campanha de escavações de 1939 durou de 7 de Agosto a 3 de Setembro. Durante ela continuou a explorar-se a parte sudoeste do castro, abrindo-se para isso trincheiras paralelas desde o primeiro muro exterior até mais ou menos ao morro central, numa extensão de 22 m de comprimento por 14 de largura, em média. Do lado direito a Este, pôde também prolongar-se a zona de escavação quase até à trincheira aberta em 1936 pelo Sr. Hipólito Cabaço, ou seja, uns 16 metros de comprimento por uns 15 de largura, pouco mais ou menos. O facto mais saliente das escavações desse ano foi o achado, a Oeste, duma grande vasilha, colocada sob uma camada de barro amassado, que dava o aspecto de verdadeira argamassa.

Esta argamassa prolonga-se através do «Castelo» até mostrar vestígios do lado oposto. No seu interior encontram-se por vezes restos de fauna e fragmentos muito grosseiros de cerâmica, geralmente sem ornato algum. Até nisto se assemelha o nosso castro ao do Fort Harrouard, onde o Abbé Philippe, seu competentíssimo explorador, encontrou precisamente a mesma camada de cal já bastante calcinada, formando um bloco compacto e separando níveis diferentes (7).

Em 1940 (26 de Agosto a 7 de Setembro), depois de aprofundado mais o local onde se encontrara, no ano anterior, a grande vasilha de barro, voltámos a nossa atenção para a parte do noroeste, ainda por explorar, e com tão boa sorte que lográmos descobrir, numa extensão de 13,5 m por 16 m, um sector curiosíssimo da antiga povoação. Logo de início começaram a aparecer certos empedramentos ou lagedos de forma irregular, mas bem nítidos, dando a impressão de pequenos arruamentos (Fig. 3).

Pouco depois descobriam-se na extremidade das primeiras trincheiras, olhando para Oeste, três concavidades abertas artificialmente no terreno, semelhando silos, mas de tamanho diverso. O maior mede 1,40 m de diâmetro por 0,75 m de altura; os outros 1,10 m × 0,45 m e 0,75 m × 0,30 m respectivamente (Figs. 5 e 6). Continham todos três,

(7) Abbé J. Philippe, *Le Fort Harrouard*, em «L'Anthropologie», tomo XLVI, Paris 1936, p. 295.

ossos de animais, cinzas, conchas e fragmentos de cerâmica. No Fort Harrouard identificaram-se também bastantes destes silos, mais ou menos das mesmas dimensões e com idêntico conteúdo. Pergunta o Abbé Philippe se não serão simplesmente fornos de oleiros, em vista de ter verificado, nas paredes de alguns, certo endurecimento provocado pelo fogo (8).

Passados dias depois deste achado, descobria-se novo silo, um pouco mais para o Sul, e a 1,70 m de distância da elevação central do «Castelo». Apareceram também, nesta parte escavada, restos prováveis de edificações, mas diferentes dos fundos de cabana (Figs. 4 e 7). Uma dessas casas, chamemos-lhe assim, tem 5 m de comprimento por 2,5 m de largura; e a que se segue 4,5 m por 2,5 m. Este pormenor, além de outros, estabelece um grande paralelismo entre o nosso «castelo» e a povoação de Mas de Menente (Alcoy, Alicante), Espanha, datada por Pericot do período imediatamente anterior à cultura de El Argar. Com efeito, as casas nela desenterradas em número de oito, são rectangulares ou ligeiramente trapezoidais, e sensivelmente das mesmas dimensões das nossas de Vila Nova de S. Pedro (9).

Aos fundos de cabana chamam os nossos trabalhadores «cinzeiros», pois sempre os reconhecem por um depósito de cinzas pardacentas, junto ao qual se encontram duas ou três pedras a pino, tudo rodeado por vezes por um círculo de pedras toscas (10). Temo-los todos ou quase todos localizados. Na parte que nesse ano de 1940 pusemos a descoberto, foram identificados uns seis, sendo o maior deles um que se encontrava junto à colina central não escavada e que encerrava os fragmentos dum grande vaso campaniforme.

A última campanha foi a de 1941, desde 1 de Agosto a 2 de Setembro. Nela retomámos ao princípio, a parte ainda não explorada

(8) Idem, *ibid.*, p. 274.

(9) Luís Pericot y Fernando Ponsell, *El poblado de Mas de Menente (Alcoy)*, em «Archivo de Prehistoria Levantina», vol. I, p. 102 e grav. 2 da Estampa I.

(10) G. Peisson chama a atenção para esta forma arredondada de fundos de cabana, originária, diz ele, do Mediterrâneo. No norte da Europa predominam, mesmo nesta época, as casas rectangulares. C. G. Peisson, *Les civilisations néolithiques et énéolithiques de la France*, in «Revue Anthropologique», vol. XXXVIII, Paris, 1928, p. 378.

a Oeste, desde a linha ou trincheira atingida o ano precedente, até ao local, onde há dois anos se recolhera o vaso grande.

Pusemos a descoberto deste lado uma das mais interessantes zonas do castro, com panos de muro e restos de edificações, semelhantes aos que víamos o ano anterior. Nela deparámos, na tarde de 9 de Agosto, com um verdadeiro depósito de limonite e malaquite, minério de que extraíam o cobre, como já noutro trabalho deixámos acentuado ⁽¹¹⁾.

Esse minério aparece, segundo informações colhidas posteriormente nos arredores de Óbidos, e é natural que em vista disso de lá fosse trazido.

Voltámos a identificar bastantes «cinzeiros» ou lareiras, à maneira que a escavação ia tornejando a parte do castro que olha para o Sul. Não admira, pois esta era mais defendida dos ventos do Norte, e de facto foi a mais habitada, a julgar pela abundância e riqueza do espólio retirado até hoje.

A 22 de Agosto passámos para o lado Este, donde se descortina ao longe a cidade de Santarém. Aqui os fundos de cabana multiplicam-se, havendo-os mesmo sobrepostos uns aos outros. Num deles, junto às pedras colocadas verticalmente jazia ainda, embora fragmentado, um vaso redondo com ossos calcinados, e, debaixo deste, pedaços dos que nós chamamos «fogareiros», espécie de suporte de barro grosseiríssimo, furados de lado a lado, e muito requeimados pelo fogo, fazendo talvez o ofício de trempes. Toda esta vertente do «Castelo» se encontra atulhada de pedras, o que dificulta extremamente a exploração. É aqui que prosseguiremos as nossas pesquisas na próxima campanha (Figs. 11 e 12).

Em torno do recinto já escavado aparece, sobretudo dos lados Oeste e Sudoeste um muro de pedra, como que a limitar a parte de terreno propriamente habitada. O Sr. Prof. Mendes Corrêa, na sua primeira visita ao local, em 1937, emitiu a hipótese da existência de outra muralha exterior, possivelmente paralela à primeira. Tivemos, já em 1940, a boa sorte de a descobrir, mas só em 1941 é que podemos identificar mais os seus vestígios. Alinha-se ela a Oeste do castro,

⁽¹¹⁾ Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, *A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro*, em «Brotéria», 1939, p. 33 da separata.

numa extensão de 72 metros, à distância de uns 26 do primeiro muro levantado junto às habitações.

A sua largura chega a atingir 1,40 m (Fig. 10). Era portanto um verdadeiro muro de defesa. Do lado oposto, a Este, separado uns 60 m, da zona já escavada, descobriram-se restos de outro muro, na extensão de uns 40 m. Será ele continuação do que se levanta a ocidente? Talvez, mas até hoje não nos foi possível encontrar qualquer união entre os dois, tanto ao Norte como ao Sul do castro. É que nem sempre fechavam completamente, limitando-se apenas aos lados mais vulneráveis de recinto habitado.

Um das palavras ainda, antes da descrição do espólio, acerca da ocupação do «castelo». Como já presumíramos, em 1939, existem elementos, na póvoa de Vila Nova de S. Pedro, que a fazem situar numa fase bastante avançada do Bronze, possivelmente até alcançar a cultura argárica. Nas escavações de 1941 recolhemos um punhal de cobre com três orifícios na base, que muito se assemelha aos encontrados por Estácio da Veiga, no Algarve, em sepultura de cista ⁽¹²⁾.

É portanto uma confirmação dessa nossa hipótese. Por outro lado, embora não estejamos diante duma estratigrafia rigorosa, verificamos muito frequentemente, sobretudo nas escavações de 1941, que os objectos de cobre e a cerâmica decorada se encontravam quase sempre nas primeiras camadas, predominando nas últimas os machados de pedra polida e a cerâmica grosseira sem ornatos. Estes dados e os que apontámos no nosso primeiro trabalho levaram-nos a supor que a ocupação do castelo durou bastante tempo, e viveram nele populações sucessivas desde o eneolítico pleno, pelo menos, até ao Bronze avançado. Deve ter havido depois uma infiltração de gentes de Alcalar (2.ª fase da cultura de Los Millares), e, mais tarde ainda, mas em menor proporção, outras da cultura de El Argar. E isto é tanto mais verosímil, quanto ainda recentemente se encontraram vestígios certos desta última cultura na gruta ainda não inteiramente explorada da nascente do Almonda (Torres Novas), mais distante das

⁽¹²⁾ Sebastião Filipe Martins Estácio da Veiga, *Antiquidades Monumentais do Algarve*, vol. IV, Estampas XI, XII e XIII.

estações argáricas do sul do país que o nosso castro de Vila Nova de S. Pedro.

II — MATERIAL RECOLHIDO

1.º — INSTRUMENTOS DE USO COMUM

Pode-se dizer, de uma maneira geral, que nos utensílios de uso comum se mantém o mesmo tipo de objectos descritos na publicação de 1939, apenas com uma ou outra variante, e ao passá-los em revista, não deixaremos de fazer referência à matéria prima utilizada para o seu fabrico: pedra, osso e metal.

a) — *Mós*: No geral, graníticas, encontram-se bastante partidas. Alguns exemplares intactos, são-no apenas da parte superior, digamos assim, móvel, pois da inferior ou base, quase só aparecem fragmentos.

b) — *Discos*: Continua a mesma série destes objectos de variadas dimensões, a maioria dos quais de calcáreo, com uma das faces plana e a outra ligeiramente cónica ou abaulada. Seriam talvez usados como tampas ou opérculos de vasos.

c) — *Amoladouras*: O seu número é inferior ao das campanhas de 1937-1938. Algumas representam sinais bem evidentes do uso prolongado e sulcos profundos.

d) — *Percutores*: A mesma abundância das campanhas anteriores, predominando o tipo esférico, de calcáreo, como bolas de bilhar, de variadas dimensões ou ligeiramente achatadas nos dois polos. Há-os também de xisto anfibólico, circulares, não tendo de espessura mais de 0,015 m (Fig. 19, n.º 28), ou prismáticos, dando a impressão de machados cujo gume desapareceu e que depois se utilizaram como percutores (Fig. 19, n.º 24).

e) — *Machados*: São de dimensões variadíssimas, desde o minúsculo (Fig. 19, n.ºs 18, 25 e 26) até ao de grande formato. A maioria é de secção rectangular, sendo muito raros os redondos ou mesmo elípticos. Um destes últimos apresenta um ligeiro entalhe transversal, certamente utilizado para melhor fixação da haste que lhe serviria de cabo.

Característica curiosa: entre centenas de exemplares de secção prismática recolhidos até hoje, não encontrámos nenhum de fabrico

esmerado e polimento muito perfeito, como acontece aparecer noutras estações. Os habitantes do «castelo», tão peritos no trabalho do sílex, não apresentavam o mesmo cuidado no acabamento dos machados de fibrolite ou xisto anfibólico.

Do lado destes instrumentos de pedra, já vimos, no relato das primeiras escavações, que havia bastantes de cobre, alguns de dimensões avantajadas. Pode-se dizer que o seu número diminuiu um pouco nas últimas campanhas (Fig. 23, n.º 1).

Há porém uma série de objectos metálicos do tipo destes machados achatados, de pequeníssimas dimensões, que certamente seriam usados em trabalhos mais delicados (Fig. 33, n.ºs 15-17), a não ser que se incluam todos, o que não nos parece nada razoável, num grupo de amuletos. É que havendo profusão de utensilagem de cobre variada e pequenina, é de presumir que aqueles também fossem objectos úteis.

f) — *Enxós*: Não são em número elevado e a sua percentagem entre os machados é diminuta, não atingindo por exemplo a de Cascais⁽¹³⁾ ou Porto Covo⁽¹⁴⁾ o que nos leva a pensar que não seriam muito abundantes os trabalhos de madeira a executar com elas.

g) — *Goivas*: Estes instrumentos que Cartailhac diz serem característicos da nossa arqueologia⁽¹⁵⁾, continuam a notar-se pela sua escassez, prova evidente de que pouca aplicação se lhes dava. Recolhemos até hoje três exemplares, coisa que, se não estamos em erro, ainda não se igualou em qualquer das nossas estações até hoje publicadas (Fig. 19, n.ºs 21-23). A juntar à relação de estações onde apareceram, referida noutro trabalho⁽¹⁶⁾, podemos adicionar Vila Pouca de Aguiar.

h) — *Escopros*: Vieira Natividade, ao estudar as grutas de Alcobaga não simpatiza com a designação: *formões, cinzeis*, etc., e prefere

(13) Afonso do Paço, *As grutas do Paço Velho ou de Cascais*, em «Comunicações da Comissão dos Serviços Geológicos», vol. XXII, Lisboa, 1942.

(14) Afonso do Paço e Maxime Vaultier, *A Gruta de Porto Covo*. Comunicação ao «Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências», Porto, 1942.

(15) E. Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris, 1886, p. 175.

(16) Afonso do Paço, *As Grutas do Poço Velho ou de Cascais*. Veja-se ainda «O Archeólogo Português», vol. XVIII, p. 130 e vol. XIX, p. 85-86.

chamar a tudo *machados* ⁽¹⁷⁾. Teria razão este abalizado arqueólogo, mas entre a utensilagem de «Castelo» encontramos grande profusão de pequeninos objectos de fibrolite, mais ou menos de secção quadrangular, com cerca de 0,015 m de lado e à roda de 0,07 m de comprimento, uma das extremidades em cunha como os machados e a outra lisa (Fig. 19, n.º 20). Tais instrumentos não seriam para utilizar como machados, mas antes, a nosso ver, como *escopros*. É que entre os objectos metálicos desta estação, também se encontram alguns destes utensílios, diferindo apenas dos líticos em serem mais compridos e terem de lado à roda de 0,01 m, aguçados em cunha num dos extremos, ligeiramente amolgados no outro por se lhe ter batido com percutor (Fig. 23, n.º 14) idênticos a outros de Barro, Rotura, Pragança, Outeiro de S. Mamede, Sabugal (Vila Nova e Aldeia do Bispo), etc. ⁽¹⁸⁾.

i) — *Almofarizes*: Como recipientes líticos não devemos esquecer os almofarizes, de que já referimos dois exemplares, tendo a registar mais outros dois, dos quais um de pequenas dimensões e paredes delgadas (Fig. 22, n.º 7), além de um esmagador de forma tronco-cónica e com indícios de uso bastante prolongado.

j) — *Facas*: Deixando os objectos de calcáreo, granito, fibrolite, anfíbolite, etc., passemos a estudar os de sílex e entre estes começemos pelas faquitas.

A abundância destas é enorme, predominando contudo as de pequenas dimensões de que devemos possuir até hoje à roda de dois milhares de exemplares.

Em tamanha profusão, é natural que a matéria prima, melhor diremos as qualidades de sílex, sejam bastante diferentes. Entre estas de pequenas dimensões, há muitas dezenas de quartzo hialino ou cristal de rocha.

As maiores (Fig. 19, n.º 7), de algumas das quais há fragmentos avantajados, são em número muito menor.

l) — *Raspadores*: Certas faquitas são retocadas num ou nos dois extremos, e, assim, transformadas em magníficos raspadores (Fig. 19,

⁽¹⁷⁾ Vieira Natlvidade, *Grutas de Alcobaça*, p. 461.

⁽¹⁸⁾ Veja-se a Fig. 28 do relato das primeiras campanhas.

n.ºs 12-14). Alguns destes instrumentos são talhados num simples pedaço de sílex (Fig. 18, n.ºs 39-41).

m) — *Furadores*: Ainda outros fragmentos de lâminas, foram retocados em bico numa das extremidades e assim adaptados a furadores (Fig. 18, n.º 52-58). Os objectos deste tipo não são de muito grande abundância. A estação do eneolítico português, até hoje conhecida, que contém maior número de instrumentos deste tipo é a do Estoril ⁽¹⁹⁾.

Também, de osso se encontra um elevado número de artefactos com uma das extremidades aguçada, e que bem podem receber o nome de *furadores*.

n) — *Núcleos*: Não como utensílios, mas como pequenos blocos donde se extraíram faquitas, não devemos esquecer uma boa porção de núcleos de sílex, quartzo hialino ou cristal de rocha (Fig. 18, n.ºs 50, 51, 59).

o) — *Serras*: Algumas lâminas foram providas, de um dos lados, de uma série de dentes mais ou menos profundos e assim transformados em serrinhas (Fig. 18, n.ºs 42-47). Claro que ao lado destes fragmentos de *serras*, semelhantes às encontradas por Bonsor em Acebuchal ⁽²⁰⁾, há outras no género das de Palmela, Cascais, etc., constituídas por objectos de sílex, de forma mais ou menos rectangular, ou de crescente, primorosamente trabalhadas, de que seria admirável para cortar, no dizer de Cartailhac ⁽²¹⁾, o bordo ligeiramente rugoso (Fig. 19, n.ºs 15-16). Um destes exemplares recolhido em Vila Nova de S. Pedro, apresenta uma espécie de cauda ou espigão (Fig. 18, n.º 49), que devia servir para prender a qualquer cabo tendo certamente um processo de fixação diferente do das palafitas referido por Goury ⁽²²⁾.

⁽¹⁹⁾ F. Alves Pereira, *Antiquitas — V-VIII — Estação prehistórica do Estoril*, em «O Archeólogo Português», vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 210-221. Afonso do Paço e Maxime Vaultier, *Estação eneolítica do Estoril*. Comunicação ao «Congresso Luso-Espanhol para o progresso das Ciências», Porto, 1942.

⁽²⁰⁾ G. Bonsor, *Les colonies agricoles pré-romaines de la vallée du Bétis*, em «Revue Archéologique», tomo XXXV, Paris, 1899, p. 134.

⁽²¹⁾ E. Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, Paris, 1886, p. 129.

⁽²²⁾ G. Goury, *L'Homme des cités lacustres*, vol. I, Paris, 1932, p. 281.

Ao lado destas serrinhas de sílex, que em nada diferem, de uma maneira geral, dos tipos das duas primeiras campanhas, excepto a que apresenta o espigão, continuam a aparecer alguns fragmentos metálicos, com ou sem curvatura e com o dentado de um *scrrote*.

p) — *Foices*: O Prof. Henri Breuil é de opinião que se devem chamar foices aos objectos que na primeira publicação incluímos no grupo das *lanças* ou *punhais*, baseados nos estudos de Schmidt⁽²³⁾ e O'Riordain⁽²⁴⁾. Funda-se aquele ilustre pre-historiador no facto de apresentarem uma pátina acentuadamente lustrosa, resultante do uso prolongado da ceifa.

Trata-se de uma opinião muito respeitável que nos apraz deixar aqui consignada.

Alguns exemplares das últimas campanhas vão representados na Fig. 19.

q) — *Sovelas*: São estes utensílios constituídos por algumas dezenas de estiletos metálicos de dimensões variadas (Fig. 23, n.º 22). É natural que também se possam apelidar sovelas alguns punções ou furadores de osso.

r) — *Espátulas*: Continuam a aparecer destes objectos de osso, constituídos por uma lâmina mais ou menos espessa e de largura variável. Deviam ser na maioria objectos para usos delicados, pois a sua fragilidade não lhes permitiria grandes esforços.

s) — *Alisadores*: A outro grupo de objectos de osso cabe com mais ou menos propriedade a designação de *alisadores*. Mais espessos e mais largos que as espátulas e portanto aptos a receber um maior esforço, deviam ter uma aplicação diferente daquelas. Neste grupo de objectos ou ainda num de cinzéis, talvez se possam incluir uns dois em forma de cunha (Fig. 20, n.ºs 2-3), de uma configuração que não nos lembra ter visto entre o espólio de qualquer outra estação, podendo talvez comparar-se ao objecto n.º 145 (Estampa XVIII) das grutas de Alcobaça, apresentando porém este a particularidade de ter a ponta curva, ao passo que nos de Vila Nova é recta. Vieira Natividade

(23) Hubert Schmidt, *Estudios acerca de los principios de la edad de los metales en España*, em «Memória n.º 8 da C. I. P. P.», Madrid, 1915.

(24) S. P. O'Riordain, *The Halberd in Bronze Age Europa*, Oxford, 1937.

classifica este instrumento de *polidor* (25), o que não está em desacordo com um seu similar do delta do Nilo (Merinde), representado por V. Gordon Childe (26).

2.º — VESTIDO E ADORNO

Agrupemos debaixo desta designação um conjunto de instrumentos mais delicados que se supõe tivessem aplicação no vestuário, adorno corporal, pintura e tatuagem.

a) — *Alfinetes*: São estes objectos constituídos por uma série de utensílios de osso ou metálicos que se presume servissem para pregar partes do vestuário, enfeites de cabelo, etc.

Os chamados alfinetes de osso desta póvoa eneolítica são bastante diferentes dos seus similares das grutas de Alcobaça, Cascais, Alapraia e tantos outros, constituídos por uma haste e uma cabeça cónica ou cilíndrica, com ou sem ornamentos.

As hastes dos alfinetes do «castelo», mais delgadas e mais curtas, terminam em bico e as cabeças, constituindo com aquelas um todo, são de uma grande multiplicidade de formas. Já no trabalho anterior (27) se apresentou uma série delas, que hoje se completa com outro grupo não menos interessante (Fig. 20, n.ºs 22-35).

Apenas são comparáveis às de Pragança, povoado que não lhe ficava muito distante (Fig. 1).

A sua semelhança com as do Egipto é flagrante e mais uma vez podemos notar nesta localidade influência do Vale do Nilo (28).

b) — *Agulhas*: De osso e bastante rudimentares apresentam uma base muito larga onde se abriu um orifício. Não poderiam servir para fins delicados. Recolheram-se até hoje quatro exemplares (Fig. 20, n.ºs 10-13). Isto demonstra-nos que os trabalhos que com elas se executavam não deviam ser nem muitos, nem muito perfeitos. O vestuário do homem do eneolítico parece que ainda era bastante rudimentar

(25) *Grutas de Alcobaça*, p. 469.

(26) *L'Orient préhistorique*. Trad. de J. Lévy, Paris, 1935, p. 65-66.

(27) Figura 27.

(28) V. Gordon Childe, *L'Orient préhistorique*, p. 65.

tornando-se mais complicado só na idade do bronze. No Museu Etnológico há várias agulhas expostas sem indicação de proveniência ⁽²⁰⁾.

c) — *Botões*: Já apresentámos alguns provenientes das primeiras campanhas. Nas últimas escavações apareceu deles um maior número, todos de osso. Uns são circulares, outros oblongos, com um orifício na parte posterior em duplo V (Fig. 20, n.ºs 21-48).

A forma de tartaruga, que se nota nalguns exemplares oblongos, é por alguns autores considerada de influência egípcia, como adiante se verá.

d) — *Contas e Berloques*: São em número avultado, e com eles já se constituíram dois colares (Fig. 21). As substâncias utilizadas no fabrico das contas são o osso, calaite, barro, conchas perfuradas, etc. Como berloques, além de alguns de substâncias xistosas, utilizaram-se vários dentes de carneiros providos de um orifício de suspensão.

Uma das contas de barro é de enormes dimensões (Fig. 24, n.º 15).

c) — *Estilctes para tatuagem*: Poderemos incluir neste grupo de objectos, uma boa porção de instrumentos metálicos, de ponta muito delgada, quase como agulhas (Fig. 23, n.ºs 18, 19), e que, sabido como é desempenhar a tatuagem nestes tempos um papel preponderante no embelezamento corporal, deviam certamente ter tal aplicação.

f) — *Substâncias utilizadas na pintura corporal*: São vários os fragmentos de corantes amarelos ou vermelhos, mas principalmente destes últimos, que contêm indícios de prolongada fricção e que certamente teriam sido usados na pintura corporal. Déchelette ⁽²⁰⁾ e Goury ⁽²¹⁾ referem muitos factos comprovativos deste uso.

Adiante veremos que um vasito contém interiormente uma coloração rubra. Igual facto se nota noutra recipiente da gruta de Cascais ⁽²²⁾ e em dois de Pragança.

⁽²⁰⁾ De estações em estudo.

⁽²⁰⁾ J. Déchelette, *Manuel d'archéologie préhistorique, celtique et galloromaine*, vol. I, Paris, 1928, p. 563 ss.

⁽²¹⁾ G. Goury, *L'Homme des cités lacustres*, vol. II, Paris, 1932, p. 654 ss.

⁽²²⁾ Afonso do Paço, *As grutas do Poço Velho ou de Cascais*.

Este grupo de artefactos é constituído por instrumentos de pedra, de osso e de metal, que o homem utilizaria na caça ou na luta contra os seus semelhantes.

a) — *Setas*: Entre as armas líticas citemos, em primeiro lugar, as pontas de seta, de sílex na quase totalidade, a não ser um ou outro exemplar de quartzo, cristal de rocha, ágata, etc.

Os tipos predominantes são os mesmos das campanhas já descritas: base recta, base côncava e mitraeforme (Fig. 18, n.ºs 1-38). Todavia devemos chamar a atenção para alguns exemplares, muito raros de base redonda ou biconvexa, formas estas que Aberg reputa mais antigas (n.ºs 1-7) ⁽²³⁾. Em contraposição também se encontraram algumas com uma das asinhas em bico e a outra truncada, ou abertura basal muito profunda, exemplares semelhantes a vários de Alcalar, Aljezur, Nora ou Marcela ⁽²⁴⁾ e no género das que Siret recolheu nas sepulturas n.ºs 16 e 40 de Los Millares (n.ºs 34-36) ⁽²⁵⁾.

Deve andar à roda de dois milhares o número de setas recolhidas, até hoje, das quais bastantes estão partidas.

Ao lado destas setas líticas há certos instrumentos de osso que bem podem emparelhar ao lado delas, como no primeiro trabalho se observou.

Já publicámos também alguns exemplares metálicos na Fig. 28 do relato de 1939.

Depois disso outros apareceram, mas muito raros.

A sua semelhança com os de Pragança também é flagrante.

b) — *Punções*: Assim se podem classificar alguns objectos de osso, mais ou menos compridos, de ponta aguçada de um lado, terminando numa espécie de cabeça do outro. É provável que alguns fossem utilizados como armas, razão por que os incluímos aqui.

⁽²³⁾ Nils Aberg, *La civilisation énéolithique dans la péninsule Ibérique*, Halle, 1921, p. 51.

⁽²⁴⁾ Estácio da Velga, *Antiguidades Mon. do Algarve*, vol. I, Lisboa, 1886, p. 192-193, 224-225, 252-253, 262-263.

⁽²⁵⁾ *L'Espagne préhistorique*, em «Revue des Questions Scientifiques», Bruxelles, 1893, p. 47.

c) — *Punhais*: Se os punções não podem oferecer dúvidas quanto à sua utilização como armas, presumimos que o mesmo não deva suceder com os *punhais*, alguns dos quais, talhados num cúbito de bovídeo, apresentam uma espécie de cabo, que com grande facilidade se adapta à mão, podendo o homem manejá-lo com destreza e segurança, quer na defesa, quer no ataque (Fig. 20, n.º 1).

Já nos referimos no primeiro trabalho a idênticos instrumentos de Alcalar e do Fort-Harrouard. Vieira Natividade descreveu um exemplar do Cabeço da Ministra que não tem a prensibilidade dos de Vila Nova (36). Na gruta de Achakar há exemplares idênticos aos que nós encontramos no «Castelo» (37), assim como na palafita de Chevroux (38), etc.

Alguns autores também denominam punhais vários objectos de sílex no género de um de Monte Abraão que Schmidt imaginou encabado, e que são um pouco mais estreitos que as adagas.

Talvez não deixasse de ficar bem nesta designação certa utensilagem metálica de que nos restam curtas lâminas.

d) — *Lanças e Adagas*: Já acima referimos que o Prof. Henri Breuil apelida *foicinhas* os objectos de sílex que até aqui eram considerados simplesmente *lanças*, *adagas*, ou *alabardas*, classificação que adoptámos no primeiro relato deste povoado, baseados nos estudos de Siret, Schmidt, O'Riordain, etc.

Continuam a aparecer bastantes exemplares destes instrumentos (fig. 19, n.º 1-9), alguns dos quais seriam muito largos, a julgar por fragmentos que se recolheram (n.ºs 6). Seria necessária tamanha largura para a simples operação de cortar vegetais? Pode ser que tivessem igualmente outra aplicação.

Destas lanças ou adagas há um exemplar infelizmente partido (Fig. 18, n.º 48), muito curioso por apresentar uma particularidade bastante rara: conter um entalhe junto da base, que serviria para auxiliar a fixação à haste ou cabo a que esta ia ligado.

(36) *Grutas de Alcobaça*, p. 469.

(37) Henry Koehler, *La grotte d'Achakar au cap Espartel*. Bordeaux, 1931, Plan. I e II.

(38) Goury, *L'Homme des cités lacustres*, II, p. 425.

Procurando entre as suas similares de outras estações, notamos, é certo, vários exemplares com um entalhe mais ou menos pronunciado, mas pelo menos, que nós saibamos, em nenhum desta época, atinge tamanha perfeição.

Começando pelo povoado que mais se lhe assemelha, Pragança, pareceu-nos que um fragmento lítico que existe no Museu Etnológico, não é mais que a base de um destes objectos, com entalhes incipientes. Este castro além de uma escavação completa, merecia bem que lhe dedicassem um estudo aprofundado, comparando-o com Vila Nova de S. Pedro, mesmo com o Fort-Harrouard, por conter como este várias civilizações sobrepostas.

Ainda com entalhe bastante reduzido lhe podemos comparar o exemplar do Monte Abraão existente no Museu da Comissão dos Serviços Geológicos (39), no dizer de O'Riordain o mais interessante de uma lista que apresenta (40).

Fora do país encontramos-lhe paralelo na vizinha Espanha, num exemplar de Garrovillas, província de Cáceres, reproduzido por O'Riordain e L. Pericot (41), bem como no de Los Millares referido por L. Siret (42). Não devemos esquecer que este último autor ainda alude a uma outra proveniente de Gádor (43). Transpondo os Pirineus também lhe podemos encontrar paralelismos com a do dolmen de Vinnac (Aveyron), Roufach (Alto-Reno) e Oermingen (Baixo-Reno) (44).

(39) Carlos Ribeiro, *Estudos prehistóricos em Portugal*, II, Lisboa, 1880, p. 29 e 30.

— H. Schmidt, *Estudios acerca de los principios de la edad de los metales en España...*, p. 40.

— N. Aberg, *La civilisation énéolithique...*, p. 95.

(40) S. P. O'Riordain, *The Halberd in Bronze Age Europa...*, p. 247-249.

(41) Luis Pericot, *Historia de España*, vol. I, Barcelona, 1934, p. 113.

(42) L. Siret, *L'Espagne Préhistorique*.

(43) L. Siret, *Questions de chronologie et d'ethnographie ibériques*, Paris, 1913, p. 372.

(44) Goury, *L'Homme des cités lacustres*, I, p. 331-332. J. Déchelette classifica o exemplar do dolmen de Vinnac como ponta de flecha. Cfr. *Manuel d'Archéologie*, I, p. 496.

Se estas lanças ou alabardas de sílex são importantes, não o são menos as metálicas, de que se recolheram nas últimas campanhas alguns exemplares dignos de referências especiais.

As do tipo Palmela, como chama Aberg às que se assemelham a uma folha vegetal, foram mais abundantes ultimamente, e alguns exemplares vão representados na Fig. 23, n.ºs 9, 10, 12, 13, idênticas a várias de S. Martinho de Sintra, Chibanes, Barro, Serra das Mutelas, Pragança, etc. Uma de Porto Covo é de dimensões um pouco mais reduzidas.

Vêm depois os tipos alongados, portanto de maiores dimensões, de que também se recolheram novos exemplares (Fig. 23, n.ºs 2-7), das quais duas apresentavam uma nervura central. Quanto à forma de fixação podemos observar três processos diferentes: numa, entalhes junto da base, bem semelhantes ao exemplar de sílex atrás referido; noutras uma espécie de espigão, e finalmente numa terceira três orifícios para outras tantas cavilhas ou rebites (Fig. n.º 6), o que lhe dá um tipo marcadamente alcalarense e até talvez argárico. Prova, juntamente com argumentos antes apontados, que Vila Nova de S. Pedro chegou a alcançar um Bronze já bastante avançado (45).

4.º — CERAMICA

Poderemos, para o estudo desta, adoptar uma divisão de trabalho e assim considerar:

- a) — Cerâmica de uso doméstico;
- b) — Cerâmica industrial.

(45) Não temos dúvidas de que a Póvoa de Vila Nova de S. Pedro tenha perdurado até possivelmente à cultura de El Argar. Já o dissemos no nosso primeiro trabalho, e tornamos a repeti-lo agora. Mas ser-nos-á lícito afirmar, só por causa disso, que no seu núcleo principal corresponde a um Bronze I muito avançado, como escreve o ilustrado professor matritense e nosso particular amigo Júlio Martínez Santa-Olalla? O resultado das escavações efectuadas até hoje deixam antes suspellar que a habitação do «castelo» começou já no eneolítico e até talvez ainda antes. Nalguns sítios temos deparado com uma certa estratigrafia, que nas suas camadas inferiores só nos dá fauna, cerâmica grossieiríssima e machados de pedra. Cfr. Júlio Martínez Santa Olalla, *Sobre el neolítico antiguo en España*, em «Atlantis», Madrid, 1941, p. 103.

a) — *Cerâmica de uso doméstico*: Compreenderá este tipo uma série indefinida de vasilhas, da maioria das quais não restam senão pequenos fragmentos.

As suas dimensões seriam, porém, variadíssimas, e de início fazamos referência aos vasitos minúsculos (Fig. 25, n.ºs 11-16), dos quais encontramos diversos exemplares nas últimas campanhas, muito semelhantes aos de Cascais, Alapraia, Outeiro de S. Mamede, Idanha, Pragança, Folha das Barradas, bem como da gruta de Achakar no Norte de África (46), Vélez Blanco em Espanha (47), etc. Um destes (Fig. 25, n.º 13), é de dimensões tão reduzidas, pois mede 0,019 m de altura 0,022 m de largura e 0,011 m de profundidade, que só lhe encontramos semelhança num do Castelo de Pragança, existente no Museu Etnológico.

Apresenta interiormente uma coloração avermelhada, o que nos leva a supor que tivesse sido utilizado como recipiente de artigos de beleza.

Da cerâmica de tipo médio, ou mesmo da de grandes dimensões, há toneladas de pequenos fragmentos, uns do género tigela, outros baixos, em forma de taça, e mesmo de campaniformes.

Também são múltiplas as decorações e de algumas já tratámos no primeiro trabalho sobre este castro. Porém, dentre as que são novidade nas últimas escavações apenas destacaremos a ornamentação com unhas (Fig. 24, n.ºs 5-7), e as pequenas protuberâncias mamilares (Fig. 24, n.ºs 1-4).

O embelezamento com unhas não é muito vulgar, e entre outros podemos encontrar-lhe semelhança nalguns da Cova de Joan d'Os (Tarareu) (48) e do Fort-Harrouard, povoado francês que com Vila Nova de S. Pedro tem inúmeros pontos de contacto (49). É certo

(46) P.º Henry Koehler, *La Céramique de la grotte d'Achakar (Maroc) et ses rapports avec celle des civilisations de la péninsule ibérique*, em «Revue Anthropologique», vol. 41, Paris, 1941, p. 162.

Idem, *La Grotte d'Achakar au cap Espartel*, p. 27.

(47) Frederico de Motos, *La edad neolítica en Vélez Blanco*, em «Memória n.º 19 da C. I. P. P.». Madrid, 1918, p. 25-26.

(48) P. Bosch-Gimpera, *Etnologia de la península ibérica*. Barcelona, 1932, p. 74.

(49) J. Philippe, *Le Fort-Harrouard*, p. 256.

que neste último, tal ornamentação não se manifesta somente nas camadas neolíticas, mas ainda nas do bronze, e então mais lhe podemos estabelecer paralelo com a do cemitério polaco de Laski onde semelhante processo decorativo foi igualmente notado ⁽⁵⁹⁾.

Quanto à cerâmica com protuberâncias, já no primeiro trabalho sobre estas escavações fizemos referência a um fragmento com pequenos mamilos obtidos empurrando o barro ainda verde de dentro para fora ⁽⁶¹⁾. Deste vaso achou-se ultimamente um pedaço bastante avantajado (fig. 24, n.º 8). Noutros recipientes também se encontrou este mesmo tipo de ornamentação mamilar, de maiores dimensões, disposto em uma ou mais filas, obtidas pela colocação de protuberâncias, na parte exterior do barro ainda fresco, ou puxando este (Fig. 24, n.ºs 1-4). Um fragmento de bordo de vaso existente no Museu Etnológico, vindo do Outeiro de S. Mamede, emparelha admiravelmente com o exemplar da Fig. 24, n.º 1.

Este tipo de decoração encontra-se em algumas das nossas estações eneolíticas, como Cascais ⁽⁶²⁾, Pragança, Careneque; em Espanha, na Cova Fonda de Salamó ⁽⁶³⁾ e Los Millares ⁽⁶⁴⁾; além Pirinéus no Fort-Harrouard ⁽⁶⁵⁾, em Auvernier, Muldolsheim ⁽⁶⁶⁾ e outras que seria longo enumerar, não devendo ter outra utilidade como diz J. Philippe, senão a de ornamentar, pois como meio de prensão para nada serviria, posto que Goury afirme que na cerâmica das palafitas as protube-

⁽⁵⁹⁾ Michel Gwirko-Godycki e Aleksandra Karpinska, *Ornamentation des poteries funéraires du cimetière de Laski*, em «XV^e Congrès Int. Anth. Arch. Pré-historiques». Coimbra-Porto, 1930, p. 435.

⁽⁶¹⁾ Figura 17, n.º 21.

⁽⁶²⁾ Afonso do Paço, *As Grutas do Poço Velho ou de Cascais*.

⁽⁶³⁾ P. Bosch-Gimpera, *Etnologia...*, p. 160.

⁽⁶⁴⁾ L. Siret, *L'Espagne préhistorique*, em «Revue des Questions Scientifiques», Bruxelles, 1893.

— P. Bosch-Gimpera, *Relations préhistoriques entre l'Irlande et l'ouest de la péninsule Ibérique*, em «Préhistoire», fasc. II, tomo II, Paris, 1933.

— L. Pericot, *Historia de España*, vol. I. Barcelona, 1934, p. 152 e 172.

⁽⁶⁵⁾ A. Philippe, *Le Fort-Harrouard*, p. 255.

⁽⁶⁶⁾ J. Goury, *L'Homme des cités lacustres*, II, p. 367-368.

râncias estejam perfuradas e com vestígios de passagem de cordel para suspensão ⁽⁶⁷⁾.

Os fragmentos de vaso campaniforme são abundantes e um deles (Fig. 24, n.º 9), contém zonas paralelas com pontilhados oblíquos, de inclinação alternada, exemplar que se pode comparar por exemplo com um de Alapraia ⁽⁶⁸⁾, outro da Galiza ⁽⁶⁹⁾ e mesmo com um terceiro da Bretanha ⁽⁷⁰⁾.

É ainda ligno de registo o campaniforme da Fig. 25, n.º 10, notável pelas suas pequenas dimensões e simplicidade de ornamentação, constituída por duas zonas de triângulos ⁽⁷¹⁾.

Sobre um vaso de tamanho não vulgar falaremos mais adiante.

Para não alongar demasiado este trabalho diremos que são menos frequentes os fragmentos de queijeiras, colheres ⁽⁷²⁾, etc.

b) — *Cerâmica industrial*: Entre a cerâmica que podemos com mais ou menos segurança classificar como tendo uma aplicação industrial, citaremos os cossoiros ou fusaiolas, os carrinhos para dobar e os cadinhos.

Os primeiros, que alguém considerou botões ⁽⁷³⁾, são em número razoável (Fig. 24, n.ºs 17-20), tendo dois deles umas pequenas covinhas

⁽⁶⁷⁾ Idem, *ibid.*, p. 368.

⁽⁶⁸⁾ Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, *A Gruta II da necrópole de Alapraia*, em «Academia Portuguesa de História. Anals», Vol. IV, Lisboa, 1941.

⁽⁶⁹⁾ Luis Pericot, *Los vasos campaniformes de la colección La Iglesia*, em «Boletín de la Real Academia Gallega». La Coruña, 1927.

⁽⁷⁰⁾ Alberto del Castillo Yurrita, *La cultura del vaso campaniforme*. Barcelona, 1928, Lam. CIII.

⁽⁷¹⁾ Goury diz que o vaso campaniforme não comporta ornamentação em triângulo, o que este exemplar de Vila Nova de S. Pedro vem contradizer (*L'Homme des cités lacustres*, vol. II, p. 339. nota).

⁽⁷²⁾ Não serão antes lâmpadas de barro estes objectos que têm sido classificados como colheres? As que se encontraram na povoação eneolítica de Cantarranas, arredores de Madrid, foram tidas como tais pelo seu descobridor. Cfr. José Perez de Barradas, *Excavaciones en el poblado eneolítico de Cantarranas (Ciudad Universitaria de Madrid)*, em «Anuario de Prehistoria Madrileña», vol. II-III, 1931-1932, p. 73 e Estampa XXVIII do mesmo trabalho.

⁽⁷³⁾ J. G. Marañón, *Una interpretación acerca de las fusaiolas*, em «Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología», fas. VIII-IX, Valladolid, 1935, p. 436.

à roda do orifício central (n.ºs 19-20). Schliemann recolheu em Hissarlik milhares de objectos deste tipo ⁽⁶¹⁾ e Pragança é a estação portuguesa que até hoje nos deve ter revelado mais exemplares.

São mais raros os presumíveis carrinhos para dobar, de que encontrámos apenas um exemplar (Fig. 23, n.º 21). Em museus portugueses não há muitos destes objectos. O da Comissão dos Serviços Geológicos apenas conta um, proveniente da gruta do Almonda ⁽⁶²⁾. J. Leite de Vasconcelos no seu volume de «Campolide a Melrose» fala noutro existente no Museu Etnológico proveniente «de uma anta da Beira-Baixa» ⁽⁶³⁾, e ainda no exemplar que recolhera Vergílio Correia nas escavações do «Castelo» de Pavia, e que certamente é o mesmo que este professor publica no trabalho «El neolitico de Pavia» ⁽⁶⁷⁾. Posteriormente Leite de Vasconcelos referiu a entrada de mais outro no Museu de Belém, proveniente de Tolosa (Alentejo) ⁽⁶⁸⁾.

Ainda no citado trabalho «De Campolide a Melrose» se alude a idênticos carrinhos, posto que doutras idades, que se encontram no Museu Britânico, e no de Bolonha ⁽⁶⁹⁾. Déchelette no «Manuel d'Archéologie» também se refere a bobines para enrolar fio ⁽⁷⁰⁾. L. Siret diz ter recolhido outra em El Argar ⁽⁷¹⁾.

As placas de barro também seriam por alguns autores colocadas entre a cerâmica industrial, pois as consideram pesos de tear, mas tal hipótese, como já dissemos, está longe de ser unânimemente adoptada.

A abundância destas continua a ser grande e nos motivos de decoração repetem-se desenhos zoomorfos (Fig. 25, n.º 1-2), solares (n.ºs 4-5-3) tendo mesmo duas delas aspectos antropomorfos (n.ºs 8-9)

⁽⁶¹⁾ Henry Schliemann, «Mycènes», Paris, 1879.

⁽⁶²⁾ A. de Melo Negueira, Maxime Vaultier e Georges Zbyszewski, *Primeiras pesquisas na gruta do Almonda*, em «Brotéria», vol. XXVII, Lisboa, 1941.

⁽⁶³⁾ Lisboa, 1915, p. 27.

⁽⁶⁷⁾ «Memória n.º 27 da C. I. P. P.». Madrid, 1921, p. 23, Fig. 18 e p. 24.

⁽⁶⁸⁾ «O Archeólogo Português», vol. XXV, p. 120.

⁽⁶⁹⁾ P. 27.

⁽⁷⁰⁾ Vol. I, p. 558.

⁽⁷¹⁾ *Les premiers âges du métal dans le Sud-Est de l'Espagne*. Atlas, Anvers, 1887. Est. XXIV, n.º 76.

um dos quais apresenta certos vislumbres de semelhança com pinturas rupestres da vizinha Espanha ⁽⁷²⁾.

Outra contém uma esquematização triangular, talvez de uma cabana (n.º 7) ⁽⁷³⁾.

Ainda dentro da cerâmica utilizada para fins industriais, ocupam lugar de importância os cadinhos bastante fragmentados é certo, mas contendo ainda alguns restos de metal nos bordos. Aparecem com relativa abundância.

III — A VIDA NO «CASTELO»

Evidentemente nada sabemos ao certo da vida que levavam os habitantes do «castelo». Mas do que eles nos deixaram nas suas mais que modestas vivendas, podemos ao menos fazer uma ideia de como se alimentavam e em que trabalhavam, chegando talvez mesmo a vislumbrar algumas das suas práticas religiosas.

Em todas as campanhas de escavações temos deparado com fauna abundante, abandonada em quase toda a extensão da póvoa. Predomina nela o veado, o boi (algum mesmo de grande estatura, na opinião do Prof. Henry Breuil), o javali, o cavalo, a cabra. A carne portanto entrava em grande parte na sua alimentação.

A par disto, também temos encontrado todos os anos grande quantidade de sementes torradas — bolota e uma «fava muito pequena, que condiz com a descrita por Heer sob o nome de *Celtica nana*, encontrada na Suíça e na Itália, onde era cultivada na época do bronze» ⁽⁷⁴⁾. Algumas vezes estavam estas sementes como que amontoadas no fundo dos cinzeiros — argumento que nos leva a crer que a população foi abandonada quase súbitamente ou não pôde resistir à violência de algum terramoto. Já não é a primeira vez que sementes parecidas, têm sido encontradas em estações da mesma época. Achou-as

⁽⁷²⁾ Abbé Henri Breuil, *Peintures rupestres schématiques de la péninsule ibérique*, 4 vol., Lagny, 1933-1935.

⁽⁷³⁾ Ainda sobre desenhos de placas deste povoado veja-se Afonso do Paço, *Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro*, Comunicação ao «I Congresso do Mundo Português», Porto, 1940.

⁽⁷⁴⁾ Agradecemos ao Ex.º Sr. Eng. Agrón. A. R. Pinto da Silva, do Instituto Superior de Agronomia, o ter-se prestado amavelmente a classificar-nos estas sementes.

por exemplo o Sr. Hipólito Cabaço, no castro da Pedra d'Oiro (Alenquer), e o falecido investigador José de Pinho, em Pepim (Amarante) ⁽⁷³⁾.

Não faltavam também, na variedade da sua comida, os mariscos, que iriam buscar, sabe Deus com que dificuldade, às praias de S. Martinho, Foz do Arelho, Peniche ou Santa Cruz. As espécies recolhidas são comuns: *Patella*, *Tapes*, *Cardium*, *Pectunculus*, etc.

Mais interessantes ainda são de certo as conclusões a que chegámos acerca da actividade daquelas populações que ocuparam durante séculos o «castelo». Sabemos com certeza que se davam à agricultura. Além das sementes que recolhemos, temos também a demonstrá-lo a extraordinária abundância de foieiras de sílex, que ainda hoje conservam a pátina lustrosa proveniente da ceifa dos vegetais.

Não são menos evidentes as suas actividades metalúrgicas. Já nas primeiras campanhas nos prendia a atenção a quantidade relativamente grande que encontrávamos de mineral limonítico com incrustações de malaquite. Mas foi na de 1941, como já apontámos, que deparámos com o mais notável depósito deste minério, todo amontoado propositadamente em determinado local (vide Fig. 2 e respectiva explicação). Nada menos de treze quilos e meio pudemos então retirar e conservamos ainda separadamente. À volta jaziam dispersos, aqui e ali, fragmentos de cadinhos ou fundidores de barro, com o pormenor interessante de terem, muitos deles, ainda juntos, pequenos troços de metal derretido.

Se os habitantes de Vila Nova de S. Pedro conheciam já o trabalho do metal, não deixavam de se dedicar, e muito, à elaboração de artefactos de sílex. Quase estamos tentados a chamar a esta povoação uma oficina de instrumentos de sílex. Provam-no não só a extrema

⁽⁷³⁾ José de Pinho, *Sur des graines trouvées dans la station néolithique de Pepim*. Amarante. «Actes du XV^e Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique, Portugal, 1930», p. 356. Também na Lapa da Rotura encontrou Marques da Costa sementes carbonizadas parecidas com o trigo actual (cfr. «O Archeologo Portuguez», vol. VIII, p. 271), e Vieira Natividade fala também em «trigo carbonizado» da gruta das Redondas (*Grutas de Alcobaca*, «Portugalia», I, p. 456). No Outeiro da Assenta apareceram «grãos carbonizados ou escurecidos, que pareciam de trigo e se acumulavam de preferência ao lado de alguns fragmentos de cerâmica» (F. Alves Pereira, *Estação Arqueologica do Outeiro da Assenta (Óbidos)*, em «O Archeologo Portuguez», vol. XIX, p. 142).

abundância destes instrumentos — milhares de flechas e faquinhas por exemplo —, mas igualmente as inúmeras lascas disseminadas por todo o terreno, bem como as centenas de instrumentos ainda incompletos. Falando da estação de Almizaraque o falecido arqueólogo L. Siret, afirma que ela foi simplesmente uma oficina de metalurgista, ou antes, de químicos analistas de minerais ⁽⁷⁴⁾. É o que podemos aplicar à estação de Vila Nova de S. Pedro, não só no que respeita ao tratamento do mineral, mas também, e principalmente, no que se refere à preparação dos instrumentos líticos. É uma verdadeira oficina de sílices talhados.

O achado de cossoiros de barro fazem-nos pensar na possibilidade do conhecimento de tecelagem ou coisa semelhante, pois tais objectos, serão provavelmente pesos de tear. Por outro lado não ignoravam o uso ou aplicação da agulha. Ficamos sabendo assim que sabiam tecer e coser, o que faz supor o uso de vestes de pano.

Eram populações que vinham à procura de metais, e por isso na sua maior parte constituídas por comerciantes. O movimento de povos desde o eneolítico até ao Bronze deve-se sobretudo ao descobrimento das minas de cobre e à luta pela sua posse ⁽⁷⁵⁾.

Não admira, pois, que essas populações fossem formadas por elementos heterogéneos, e se mostrassem já influenciadas por civilizações de longínquas terras.

As de Vila Nova de S. Pedro, como aliás quase todas as que se agrupam sob a denominação de cultura do vaso campaniforme, possuem certamente mais dum elemento que as coloca em relações certas com o Oriente. Os punhais encurvados e de espigão, como o encontrado na campanha de 1937, e já por nós publicado, são, sem dúvida, de origem egípcia ⁽⁷⁶⁾. As contas de colar discoides e tendo apenas alguns milímetros de diâmetro, aparecem abundantemente no

⁽⁷⁴⁾ Louis Siret, *Caractères industriels du néo et l'énéolithique dans le Sud de la Péninsule Ibérique*, em «Actes du XV^e Congrès International d'Anthrop. et d'Arch. Préhistorique», p. 341.

⁽⁷⁵⁾ P. Bosch Gimpera, *Relaciones prehistóricas de Irlanda con el Occidente de la Península Ibérica*, em «Miscelânea científica e literária dedicada ao Doutor J. Leite de Vasconcelos». Coimbra, 1934, p. 44.

⁽⁷⁶⁾ J. de Morgan, *op. cit.*, p. 129.

Egipto, por volta do ano 3000 antes de J. C. O mesmo se diga dos alfinetes ósseos de cabeça torneada que em todas as campanhas temos descoberto. São comuns na cultura predinástica egípcia, denominada badariense, como comuns são as pontas de seta de base côncava e pontas laterais prolongadas ⁽⁷⁹⁾. Outro argumento a provar estas relações com o Egipto são os chifrezinhos de barro, que temos recolhido às dezenas. É bem sabido que no Egipto e em geral no Oriente o boi ou o toiro era objecto de culto religioso, e que muitas vezes o simbolizavam apenas pelos chifres.

São também de influência oriental os botões em forma de tartaruga (Fig. 20) e a minúscula figura de suíno (Fig. 26) encontrada na última campanha. Mas é sobretudo na estatueta de osso descrita mais adiante que se deixam ver claramente as relações com o Oriente.

E seriam os sucessivos habitantes do «castelo» dotados de sentimentos religiosos? Não será difícil responder afirmativamente. A colocação de um vaso de invulgares dimensões à entrada da póvoa, se não indica qualquer aplicação utilitária, poderia manifestar alguma prática ritual ou de significado religioso. Foi encontrado, como vimos, na campanha de 1939 e mede uns 58 centímetros de diâmetro na boca, por 38 de altura. Estava todo resguardado por pedras a 1,30 m de profundidade, junto a restos de um bovídeo, e, embora partido, apresentava o aspecto de se encontrar inteiro, por não se terem deslocado os diversos fragmentos (Fig. 13, 14 e 15). Foi depois pacientemente e totalmente reconstruído pelo Sr. Hipólito Cabaço ⁽⁸⁰⁾, e encontra-se hoje juntamente com o resto do espólio no Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Já deixámos apontado o que pensámos acerca dos chifrezinhos de barro, que encerram certamente um significado religioso ⁽⁸¹⁾. Idêntico significado atribuem alguns autores aos «botões» de osso em forma de tartaruga que temos colhido em quase todas as campanhas. Encon-

⁽⁷⁹⁾ V. Gordon Childe, *L'Orient préhistorique*, Paris, p. 62, Fig. 14.

⁽⁸⁰⁾ Afonso do Paço, *Uma vasilha de barro de grandes dimensões do Castelo de Vila Nova de S. Pedro*, Comunicação ao «Congresso Luso-Espanhol de Clência», Porto, 1942.

⁽⁸¹⁾ J. de Morgan, *op. cit.*, p. 269 e J. Déchelette, *Manuel d'Archéologie préhistorique, celtique et gallo-romaine*, II, Paris, 1910, p. 470.

trou-os Siret em Los Millares, descobriu-os Hélène em várias grutas eneolíticas do Mediterrâneo ocidental, região de Narbona, em que esqueletos e crânios humanos aparecem de mistura com fragmentos de concha daquele anfíbio ⁽⁸²⁾. Entre nós, tínhamo-los já, por exemplo, da Casa da Moura (Cesareda), das escavações ali realizadas por Nery Delgado ⁽⁸³⁾.

Continuam a aparecer fragmentos de «ídolos» cilíndricos de calcáreo, e mais alguns de osso com a indicação perfeita da tatuagem do rosto (Fig. 20, n.º ...). Introduzimo-los nesta secção de objectos religiosos, no sentido lato da palavra, uma vez que são tidos pela maioria dos autores como «duplicados» do morto nas sepulturas, ou objecto que tem o condão de fixar em si o falecido, para deixar em paz os vivos. No mesmo grupo enfileiram as placas gravadas de xisto, de que retirámos alguns exemplares bastante deteriorados (Fig. 22).

Mas o mais notável objecto encontrado até hoje, a que podemos sem sombra de dúvida, atribuir uma função ou sentido religioso, é a estatueta de osso, reproduzida na Fig. 17. Foi encontrada na última trincheira aberta a Ocidente, na campanha de 1941. Mede 51 milímetros de comprimento e está esculpida numa só peça óssea. A configuração do crânio é claramente braquicéfala e, pormenor curioso, deixa ver certos caracteres neandertaloides. Apesar da sua pequenez, tem o nariz, olhos, boca e até uma certa calvície, muito bem accentuada. Cruza os braços diante do peito à maneira das múmias egípcias. As pernas estão bem indicadas, embora se não mostrem separadas. Faltam-lhe os pés. Não é clara a indicação do sexo, mas pelo aspecto geral parece representar um indivíduo do sexo masculino. Da parte posterior deduz-se que não está vestido, e é notável o contorno dos ombros e a proporcionada exactidão de formas que apresenta.

O Professor Breuil, ao vê-la, lembrou-se logo das estatuetas orientais, de Susa e da Caldeia. De facto, o seu paralelismo é flagrante,

⁽⁸²⁾ Philippe Hélène, *Le totémisme de la tortue dans les ossuaires énéolithiques de la Chape (arrondissement de Narbonne, Aude)*, em «Revue Anthropologique», vol. XXXVI, Paris, p. 165.

⁽⁸³⁾ J. F. N. Delgado, *Notícia acerca das grutas de Cesareda*. Lisboa, 1867 e Emile Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, Paris 1886, p. 101 e 102 (Fig. 112).

e não estamos longe da verdade se lhe atribuirmos uma origem oriental, e mesmo mais concretamente, egípcia ⁽⁶⁴⁾. Não seria também descabido, se a comparássemos com as figurinhas premicénicas de Amorgos (Grécia), mais ou menos sincrónicas da nossa de Vila Nova de S. Pedro ⁽⁶⁵⁾.

Outra figurinha nos foi dado pôr a descoberto na campanha de 1941, embora em local inteiramente oposto ao que nos dera a primeira. Do lado oriental, apareceu o fragmento que vai estampado na Fig. 16, em tamanho natural. É de barro, e representa certamente um indivíduo do sexo feminino, pois os seios estão bem salientes. Veste uma espécie de capuz, tem os olhos bem marcados, e a tatuagem facial lembra a da cabeça da deusa do Vale de S. Martinho ⁽⁶⁶⁾ e a dos já conhecidos ídolos-cilíndricos.

É para lamentar que tivéssemos encontrado apenas a parte superior, pois faltam-lhe o ventre e os membros inferiores. Os braços igualmente partidos na extremidade, saem bem abertos e separados do tronco, pormenor raro em figuras do mesmo género ⁽⁶⁷⁾. Nenhuma das encontradas no Fort-Harrouard pelo Abbé Philippe possui esta particularidade ⁽⁶⁸⁾. É evidente que com tal figurinha se quis representar qualquer divindade, a não ser que a suponhamos destinada a funções ou práticas funerárias, como era de uso, por exemplo, no Egipto ⁽⁶⁹⁾.

Ao terminarmos a exposição sucinta das últimas campanhas de exploração, resta-nos patentear o nosso reconhecimento a S. Ex.^a o

⁽⁶⁴⁾ J. de Morgan, *op. cit.*, p. 120 e 222.

⁽⁶⁵⁾ J. Déchelette, *op. cit.*, p. 45.

⁽⁶⁶⁾ Maximiano Apollnário, *Necrópole neolítica do Vale de S. Martinho*, em «O Archeologo Portuguez», II, Lisboa, 1896, p. 210. Esta cabeça só mais tarde foi publicada pelo Prof. Vergillo Correia no seu trabalho *Ídolos prehistóricos tatuados de Portugal*. Cfr. a magnífica monografia do mesmo Autor, saída a lume na colecção das «Memorias de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas», de Madrid, sob o título de *El Neolítico de Pavia*, p. 92 e 93.

⁽⁶⁷⁾ Afonso do Paço, *Figurinha de barro de Pedra de Ouro*, Lisboa, 1941. J. Déchelette, *op. cit.*, I, p. 602 e 603, refere-se a uma, encontrada perto do lago do Bourget, em França, e que tem igualmente os braços salientes. É sensivelmente da mesma época que a nossa.

⁽⁶⁸⁾ Abbé Philippe, *op. cit.*, p. 608.

⁽⁶⁹⁾ V. Gordon Childe, *op. cit.*, p. 77 e Estampas VII e VIII.

Ministro da Educação Nacional e a S. Ex.^a o Ministro das Obras Públicas e Comunicações, que, pelo Instituto para a Alta Cultura e pela Direcção dos Monumentos Nacionais, nos têm facilitado os subsídios financeiros indispensáveis para a prossecução dos nossos trabalhos ⁽⁷⁰⁾.

⁽⁷⁰⁾ Como prova do interesse que nos melos científicos despertou a nossa primeira nota sobre Vila Nova de S. Pedro, permitimo-nos transcrever para aqui algumas das apreciações recebidas e que, se para nós representam uma das melhores recompensas aos nossos esforços, serão também para as entidades oficiais que nos auxiliaram, o mais significativo aplauso à sua inteligente e valiosa cooperação.

— Dr. H. N. Savory (National Museum of Wales — Cardiff) — «C'est avec le plus vif plaisir que j'ai reçu le tirage à part de la publication de Vila Nova de S. Pedro; j'en suis sûr qu'elle a saisi tout de suite la position de la meilleure publication d'habitations chalcolithiques parue jusqu'à présent dans le Portugal, et je rends hommage aux services ainsi rendus par M. l'Abbé Jalhay et vous-même aux recherches préhistoriques. C'est très important d'avoir des renseignements précis sur des fonds de cabanes plus ou moins ronds habités même pendant l'époque chalcolithique; les cornes de boeuf en argile et le canif de cuivre avec des rapports siciliens et, enfin, égyptiens sent d'un extrême intérêt pour l'étude des origines de la culture chalcolithique dans l'Ouest.

J'espère que grâce au succès de vos fouilles, l'Instituto para a Alta Cultura prodiguera ses aides pour vous permettre de faire d'autres fouilles dans l'Estremadura.....».

— Prof. Jean Bouyssonie (Brive-Corrèze) — «Un bon merci de votre magnifique travail sur l'oppidum de Vila Nova de S. Pedro, que j'ai lu et que je conserve avec un intérêt tout particulier.....».

— Dr. Julio Martinez Santa-Olalla — (Prof. da Universidade — Comisario General de Excavaciones Arqueológicas — Madrid). — «El trabajo de ustedes en «Brotéria» me ha interesado extraordinariamente pues arroja insospechada luz sobre multitud de problemas étnicos y cronológicos de nuestra prehistoria. Espero con verdadera curiosidad las conclusiones de ustedes tanto cronológicas como culturales y étnicas, pues en mi opinion sus excavaciones vienen a confirmar puntos de vista expuestos por mí hace algunos años y que ahora voy a reiterar de forma más completa. Lo que sí evidencian sus hallazgos de Vila Nova de S. Pedro es que el viejo sistema que Bosch estableció resulta ya inservible; los hechos son mucho menos complicados en sus líneas generales pero tambien lo son extraordinariamente más difíciles en los problemas de detalle; y precisamente en distinguir lo que es problema general y lo que es detalle, estriba la dificultad, pues hasta la fecha en muchos casos y cosas, hemos estado tomando el rábano por las hojas. La causa de esta falta de claridad la llevábamos todos un poco dentro, por cierto carácter

Não podemos também deixar de nos referir particularmente e com muito reconhecimento ao interesse, zelo e dedicação com que nos tem acompanhado e estimulado o ilustre Director dos Manumentos Nacionais, architecto Baltazar de Castro, quer nos trabalhos de campo, quer na sua publicação.

localista, paleta en fin de cuentas, que nos obligava a creer nuestros propios descubrimientos como algo clásico, fundamental y primario, cuando en rigor ocurre exactamente lo contrario. Y terminarán ustedes pronto su publicación? Les repito que la aguardo con excepcional interés, al mismo tiempo les felicito sinceramente por el éxito en sus excavaciones y por el cuidado puesto en su publicación».

—Dr. L. Pericot — Prof. da Universidade — Barcelona — «Recebi su trabajo sobre Vila Nova de S. Pedro. Les felicito, pues es un poblado interesantísimo, muy avanzado. Hay algunos objectos que pueden compararse a otros de nuestro eneolítico.

Muchas veces he pensado en la utilidad de las piezas de barro con cuatro agujeros; evidentemente debían colgarse, pero no he podido descubrir su objeto a menos que fueran sencillamente pesos de telar».

—Conde de la Vega del Sella — (Nueva-Astúrias) — «...Y le quedo muy agradecido a su trabajo «Póvoa Eneolítica de Vila Nova de S. Pedro» que me ha gustado mucho»...

—Manuel Fernandes Costas — Tuy — «Hace mucho tiempo que no recibo ningun trabajo de esta naturaleza, pues bien sabe Ud. el colapso que durante la Guerra experimentó toda actividad arqueológica en España, por eso saboreé con más deleite el trabajo de Uds.»...

—Angel del Castillo — (La Coruña) — «He recibido oportunamente el interesantísimo trabajo que en unión del P. Jalhay, mi querido amigo, han publicado sobre esa curiosísima «Póvoa Eneolítica de Vila Nova de S. Pedro», atención que mucho agradezco.

Lo he leído y estudiado con todo detenimiento, felicitándoles efusivamente por el éxito obtenido y por lo interesantísimo del trabajo, perfectamente ordenado e metodizado»...

—Dr. A. A. Mendes Corrêa — (Prof. da Universidade — Porto) — «Vivas felicitaciones e muitos agradecimentos pelo estudo magnifico sobre Vila Nova de S. Pedro»...

—Dr. J. R. dos Santos Júnior — (Prof. da Universidade — Porto) — «Recebi a sua «Póvoa Eneolítica de Vila Nova de S. Pedro» que muito agradeço e que vou ler com o maior interesse e proveito»...

—Dr. Manuel Heleno — (Prof. da Universidade — Lisboa) — «Agradeço a V... o valioso trabalho «A Póvoa Eneolítica de Vila Nova de S. Pedro», bem assim a nota sobre a origem das lúnulas, a que a seu tempo responderei»...

—Major Mário Cardozo — (Presidente da Sociedade Martins Sarmento — Gul-

Sentimo-nos satisfeitos por contribuímos deste modo, embora bem modestamente, para o conhecimento e estudo duma das mais antigas civilizações que se estabeleceram na nossa terra ^(¹).

marães) — «Recebi o seu magnifico trabalho sobre a estação de Vila Nova de S. Pedro, feito em colaboração com o nosso comum amigo Sr. P. Jalhay. É um estudo magnifico e importantissimo, resultante de escavações felizes que honram quem tão proficientemente as soube executar, de um modo rigorosamente científico. O vosso trabalho agora publicado ficará sendo uma obra modelar na bibliografia arqueológica portuguesa»...

—Alberto Vieira Braga — Guimarães — «Agradeço-lhe muito a gentileza do oferecimento de «A Póvoa Eneolítica de Vila Nova de S. Pedro», trabalho valiosissimo que eu já tinha tido a satisfação de ler na «Brotéria». Escusado é dizer que os meus amigos trabalham com o maior conhecimento dos assuntos arqueológicos e sempre dentro dos mais elevados escrupulos. Muito terão que lhes agradecer os estudiosos pelos serviços de revclação apresentados neste opúsculo de merecimento e valia»...

^(¹) As zincogravuras das Figuras 1, 2, 13 e 16 assentam em desenhos do Sr. José Luís de Castro e Sola; as das Figuras 22 e 25 em desenhos da Sr.^a Dr.^a D. Maria João Lopes do Paço; a Figura 2 em fotografia, obtida amavelmente pelo Tenente de Aeronáutica, Sr. M. Norton Brandão, da Base Aérea de Ota, e as Figuras 17, 18, 19, 20, 21, 23 e 24 em fotografias preparadas pela Casa Kodak, Lda., de Lisboa. Para todos estes nossos valiosos cooperadores vai o nosso bem sincero reconhecimento. As Figuras 14 e 15 reproduzem fotografias de A. do Paço e as numeradas desde 3 até 12, de E. Jalhay.

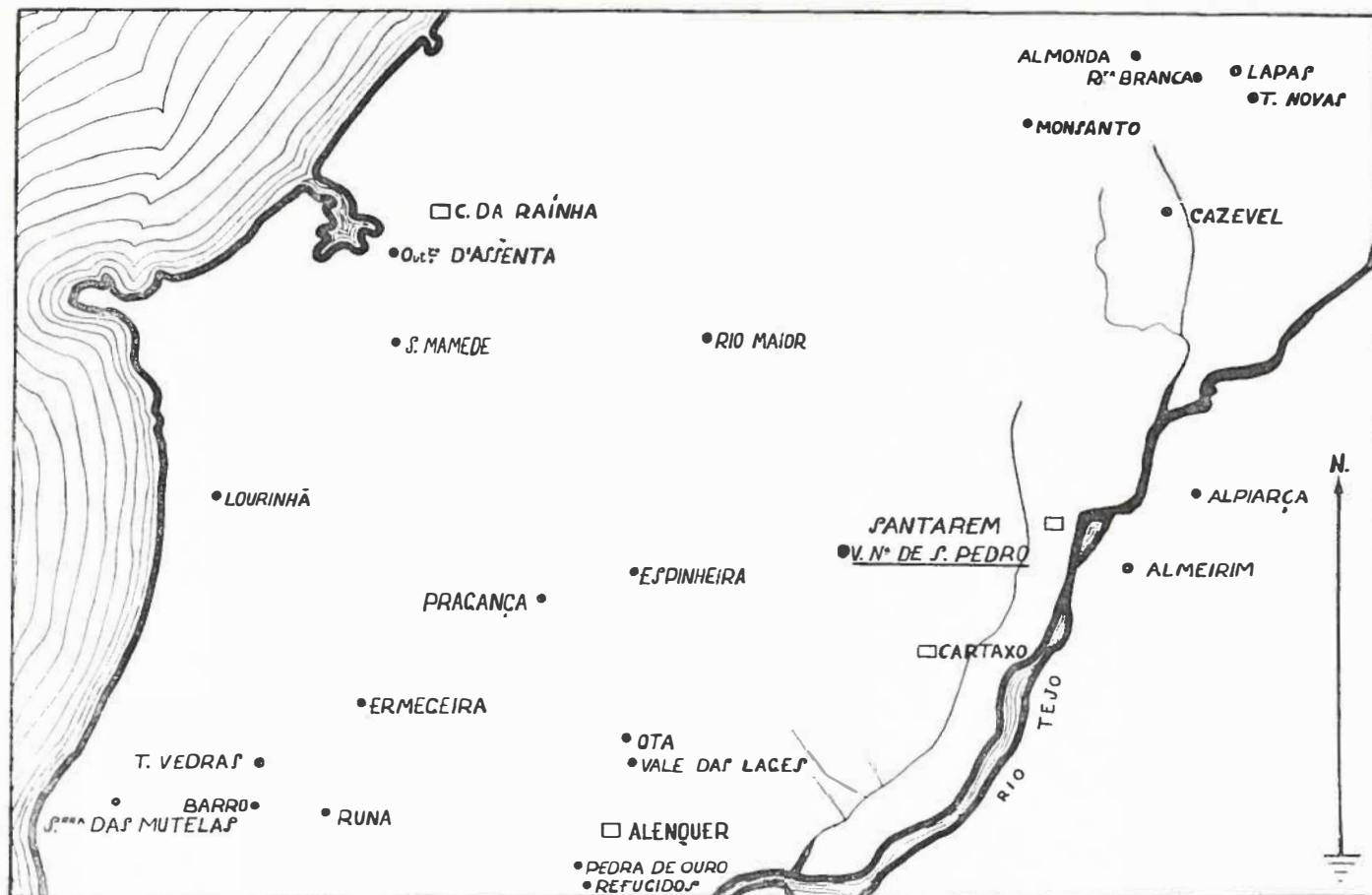


Fig. 1 — Mapa parcial da região onde se encontra Vila Nova de S. Pedro, com a indicação das suas principais estações eneolíticas.

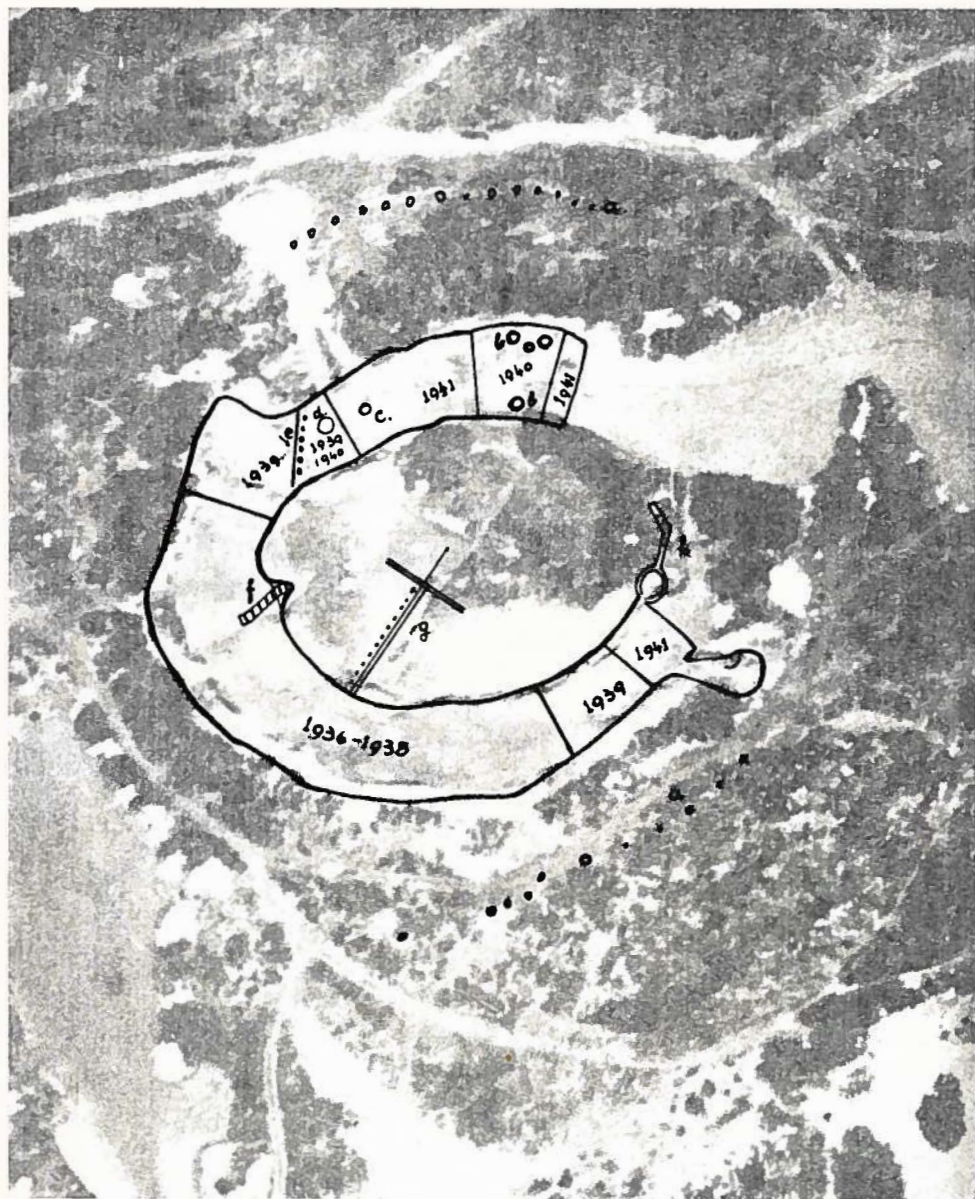


Fig. 2 — Vista geral do castro de Vila Nova de S. Pedro (fotografia aérea).
a — muros; *b* — silos; *c* — depósito de mineral; *d* — local onde se encontrou
o vaso grande de barro; *e* — muro ao sul do mesmo local; *f* — muro encontrado
em 1938; *g*, *h* — trincheiras abertas em 1936 pelo Sr. Hipólito Cabaço.



Fig. 3 — Campanha de 1940. Vista geral da parte escavada (lado ocidental).

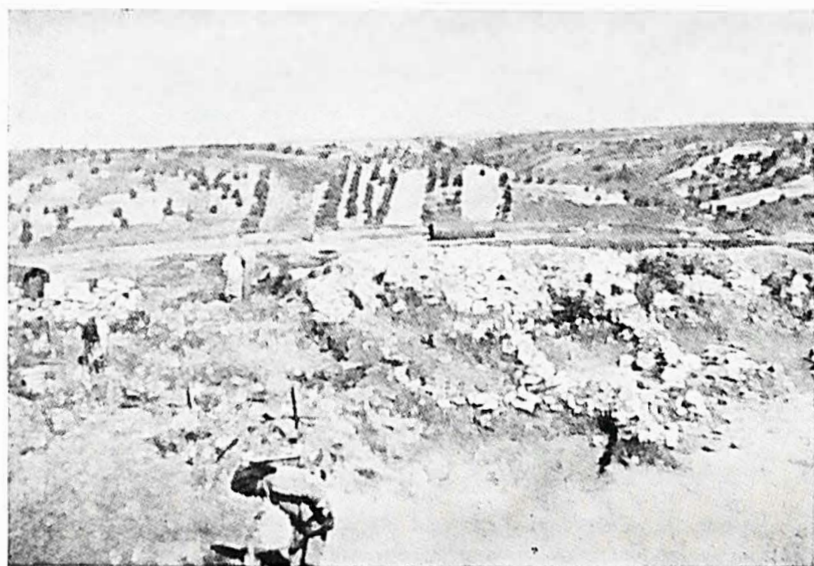


Fig. 4 — Casas rectangulares postas a descoberto em 1940.



Fig. 5 — Silos (?) abertos artificialmente no terreno.



Fig. 6 — O silo de maior diâmetro, logo após a sua primeira escavação.

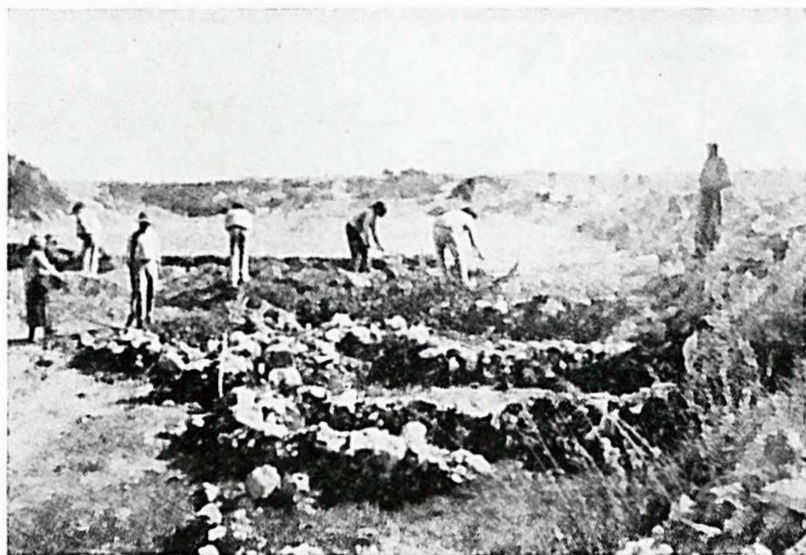


Fig. 7 — Campanha de 1941. No primeiro plano, as casas rectangulares descobertas em 1940.



Fig. 8 — Escavações de 1941, a sudoeste do «castelo». Ao fundo, no último plano, avista-se a serra de Montejunto.

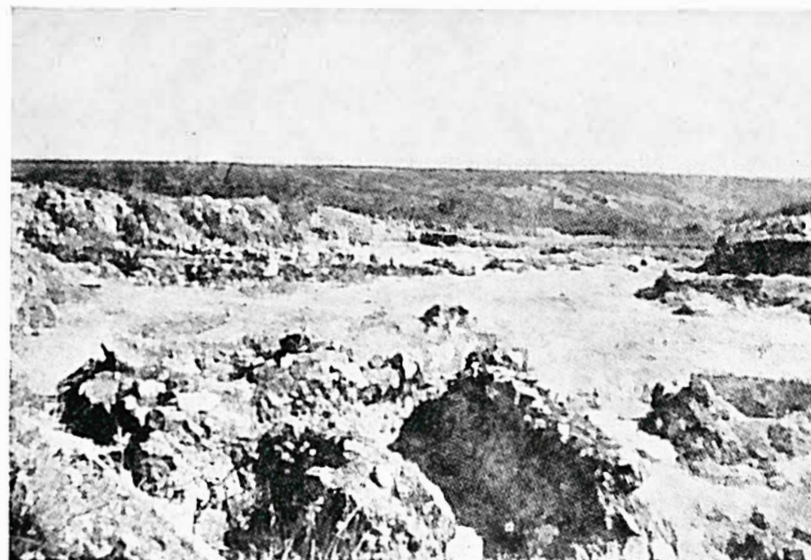


Fig. 9 — Aspecto geral da parte escavada em 1941, do lado ocidental. Vêem-se à frente restos de edificações.



Fig. 10 — Muralha exterior, a poente do castro, constituída pelas pedras grossas que se vêem no centro da fotografia.



Fig. 11 — Campanha de 1941, lado oriental do «castelo».

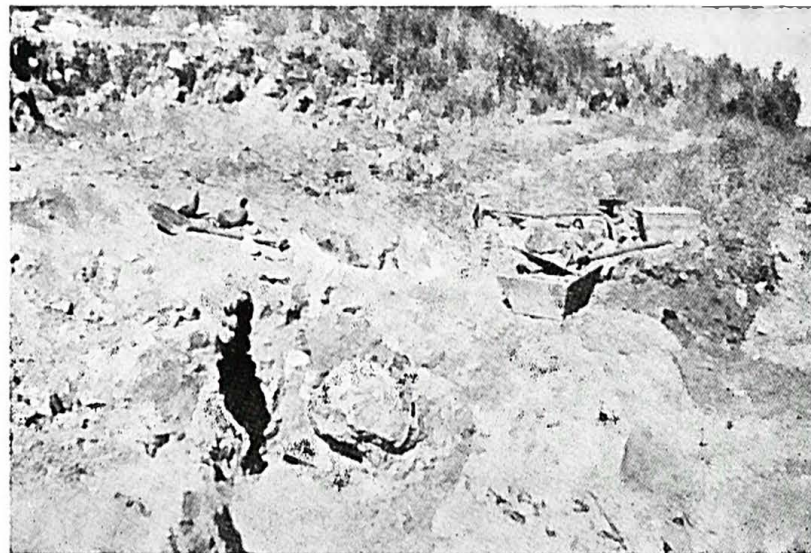


Fig. 12 — «Cinzeiro» ou fundo de cabana (lado oriental).

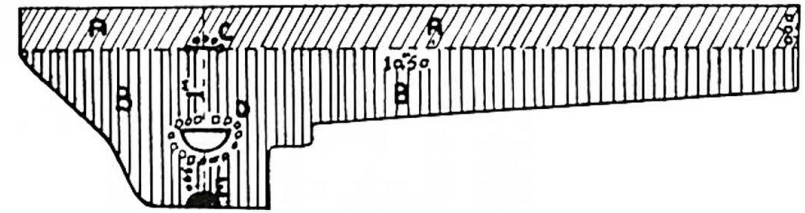


Fig. 13 — Corte esquemático do terreno, onde em 1939 se encontrou a vasilha grande de barro. A — camada arqueológica (setas, cerâmica decorada, etc.). B — argamassa. C — fundo de cabana. D — vaso resguardado por pedras. E — restos de bovideo.



Fig. 14 — A grande vasilha de barro. no momento de ser descoberta.

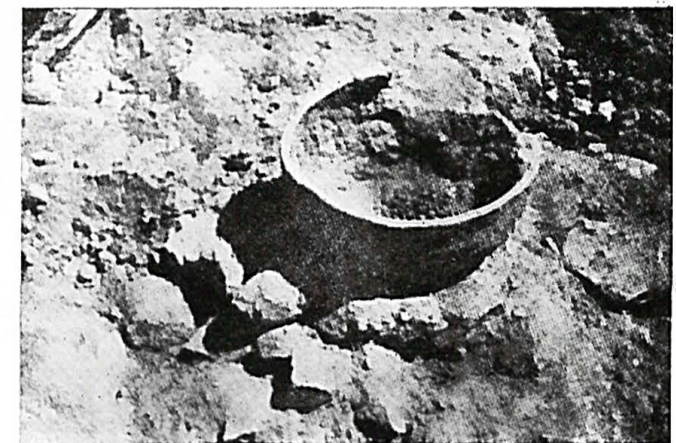


Fig. 15 — A mesma vasilha, já descoberta, mas ainda assente sobre um fundo de pedras sobrepostas.

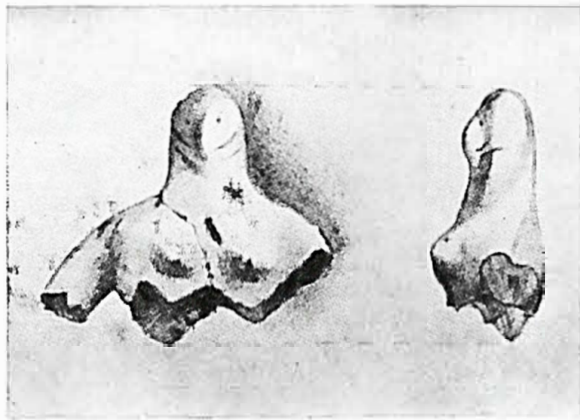


Fig. 16 — Figurinhas femininas de barro com tatuagem facial (escavações de 1941).

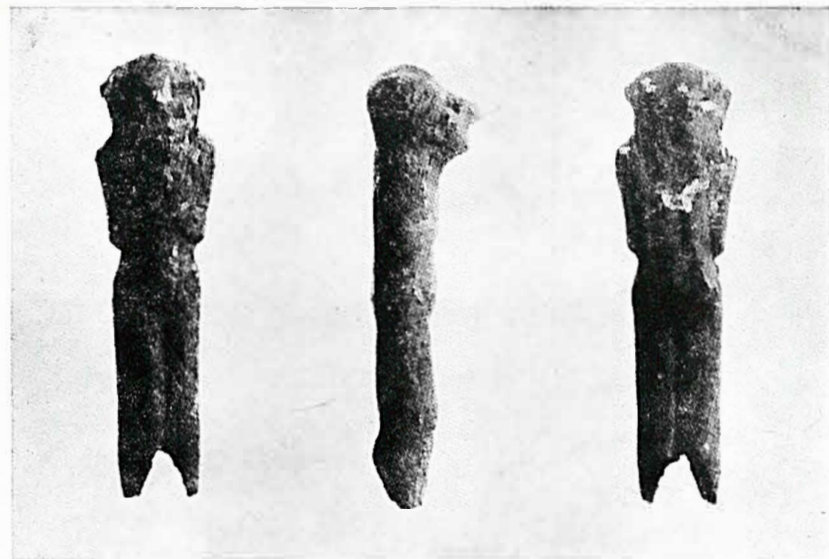


Fig. 17 — Estatueta de osso, encontrada nas escavações de 1941, vista de frente, perfil e costas.

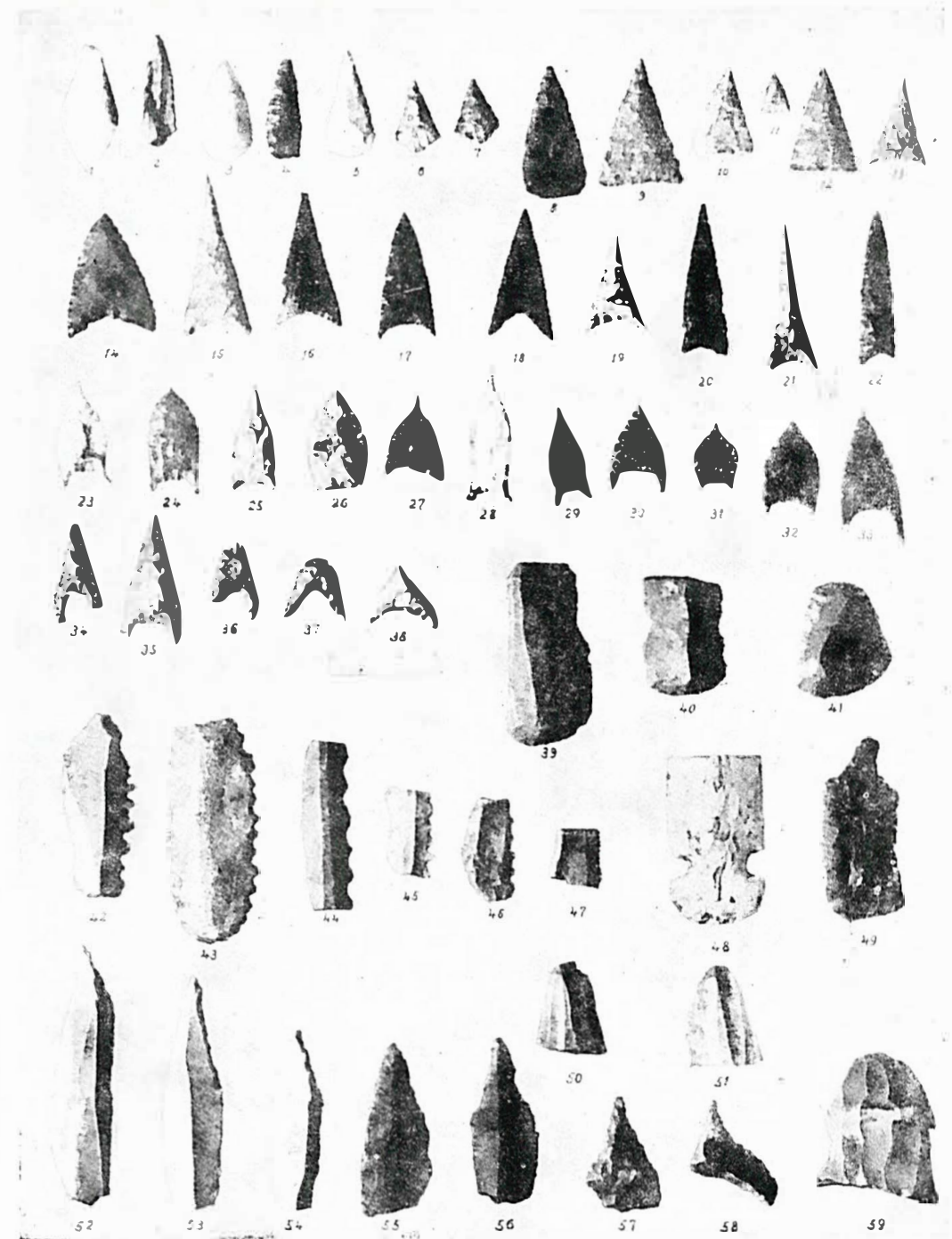


Fig. 18 — Pontas de seta de sílex e quartzite (1-38), raspadores (39-41), serras ou foicinhas (42-47), fragmento de adaga (48), furadores (52-58), e núcleos de sílex (50, 51, 59).

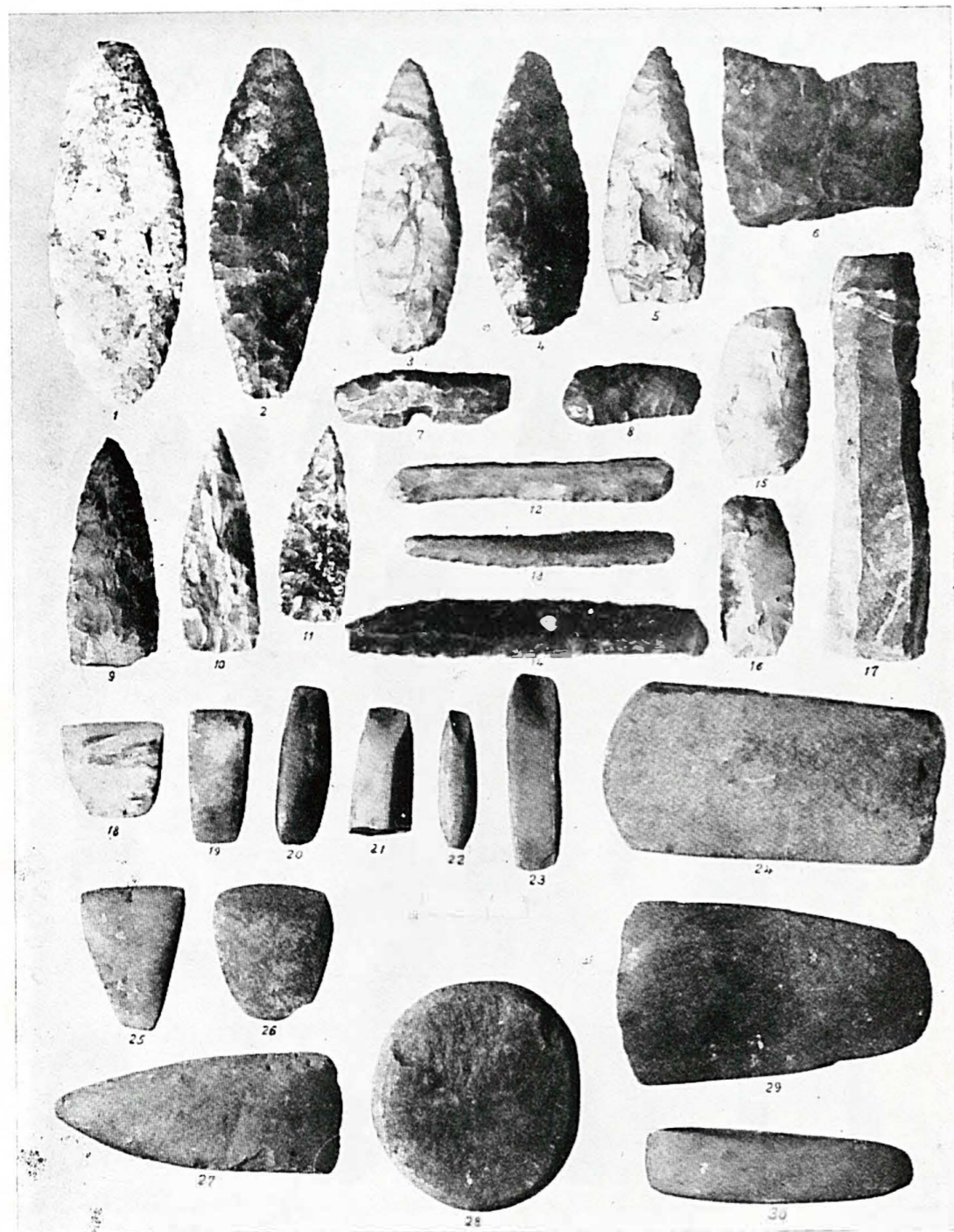


Fig. 19—Lanças, foices, raspadores, lâminas ou facas de sílex, golvas, percutores e machados de pedra polida.

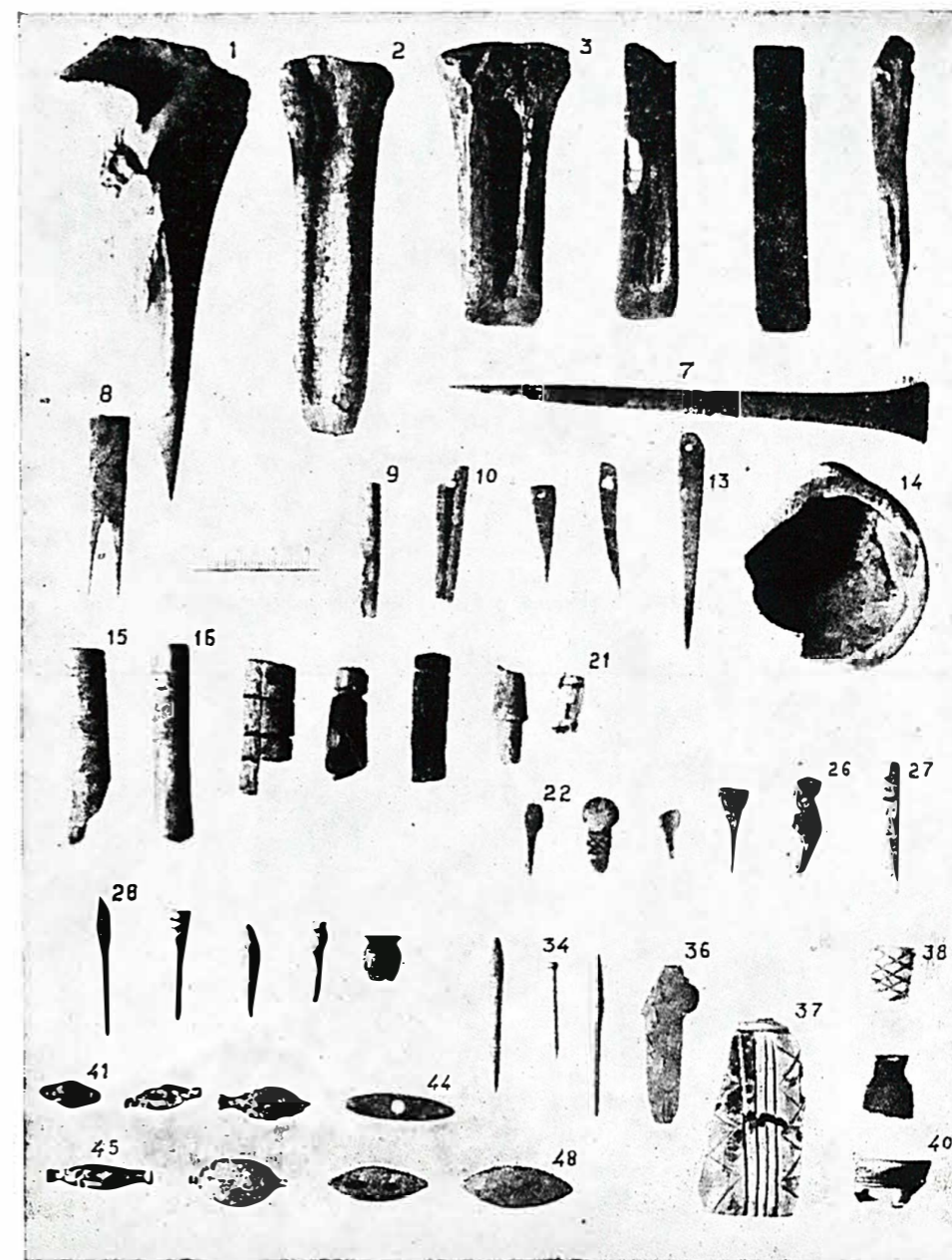


Fig. 20—Punhal, alisadores, espátulas, furadores, agulhas, ídolos, botões, alfinetes e fragmentos de pequenos recipientes de osso. N.º 14: valva ou concha alisada. N.º 27: figura antropomórfica

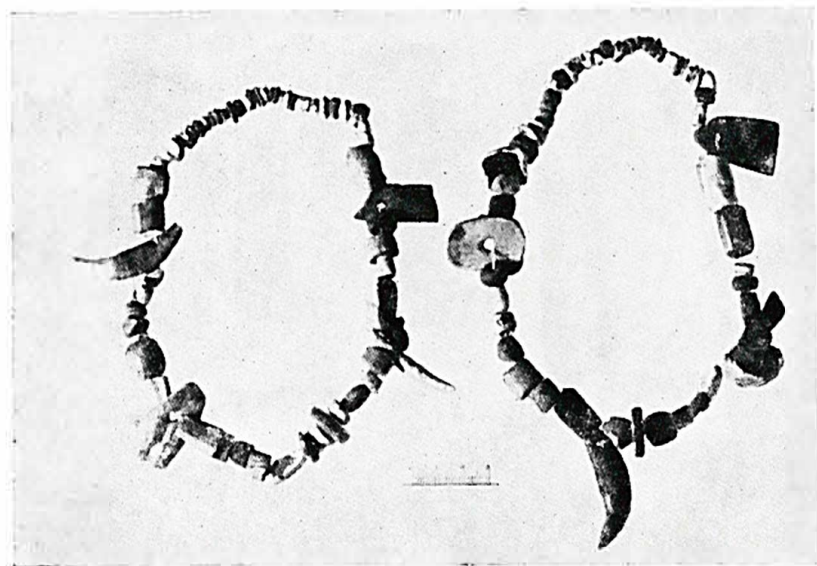


Fig. 21 — Contas, berloques, conchas e dentes perfurados.

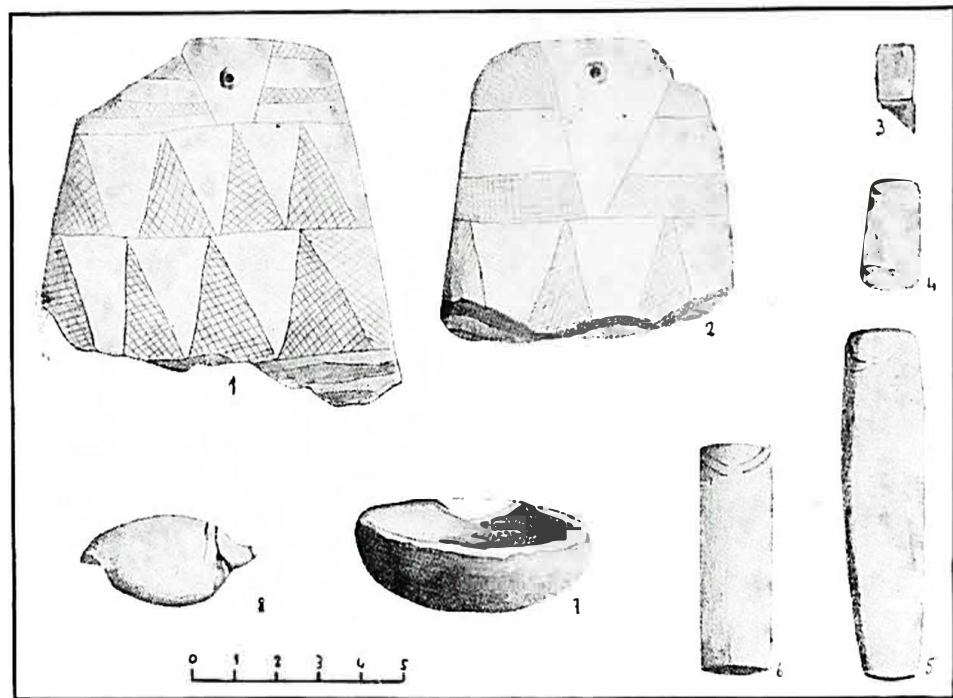


Fig. 22 — Fragmentos de placas de xisto (1-2), ídolos cilíndricos tatuados (3-6), gral de calcáreo (7) e figura zoomórfica (suino?) de barro (8).

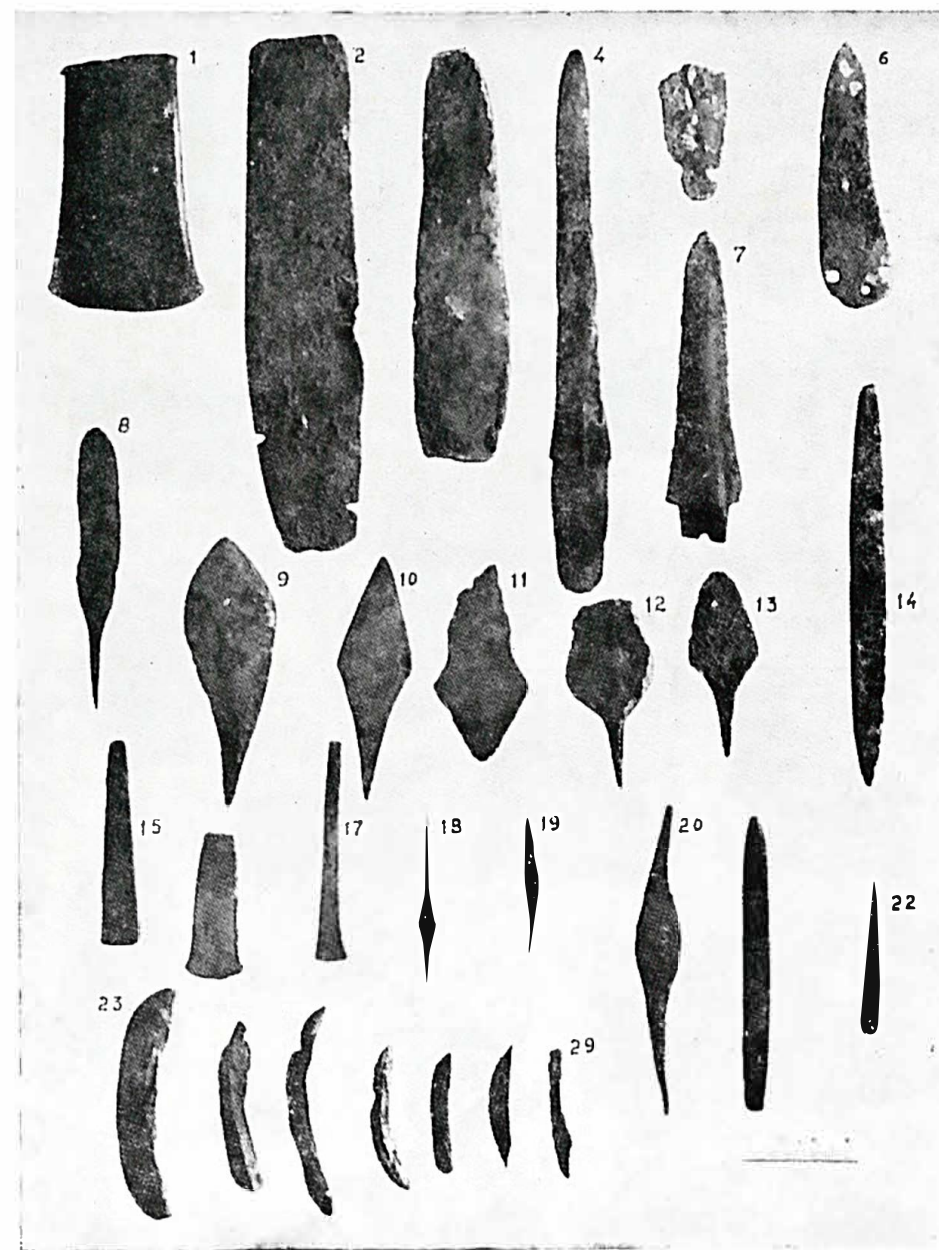


Fig. 23 — Fragmento de machado, lanças, adagas, flechas, escopros, estiletos e lâminas recurvadas de cobre.

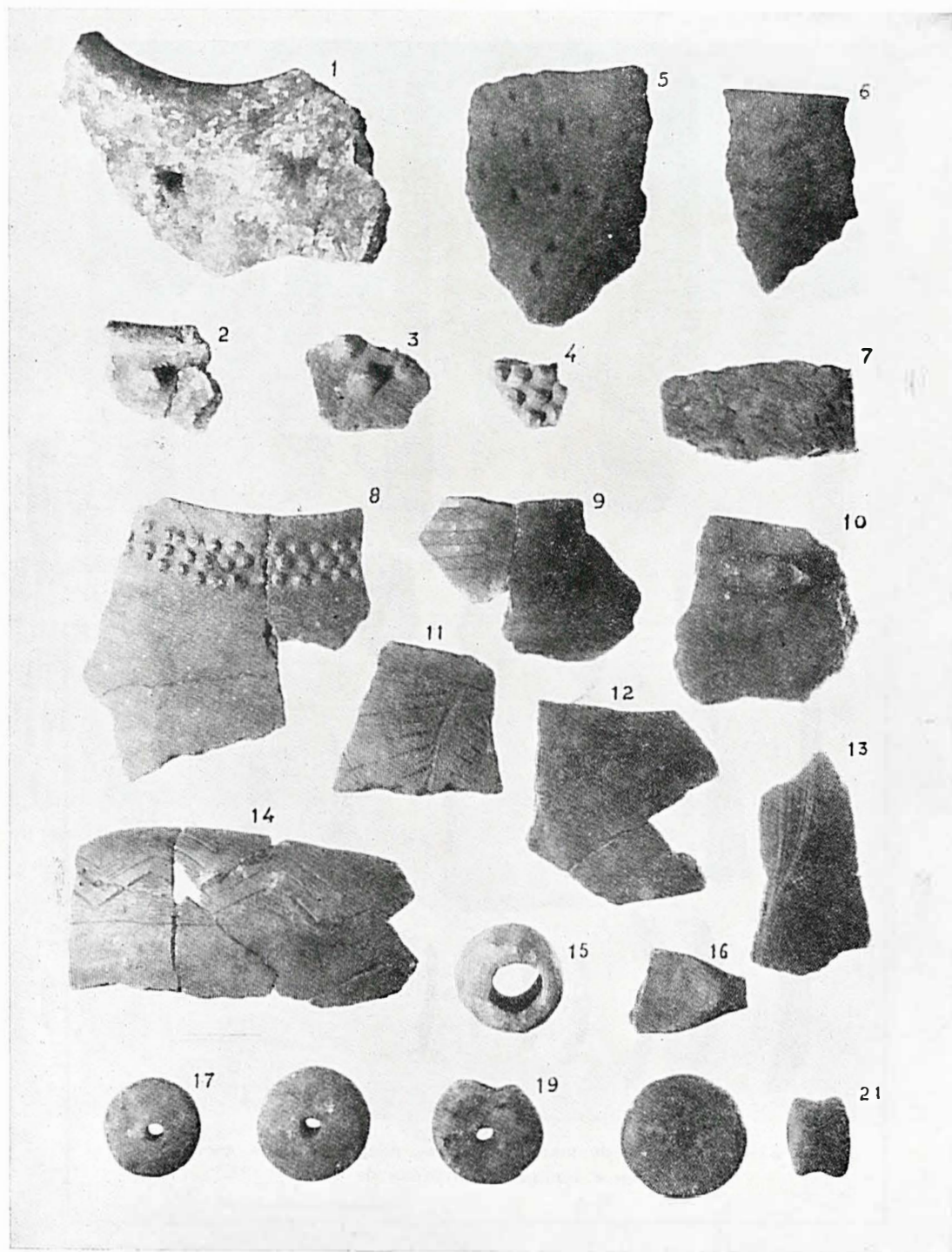


Fig. 24 — Cerâmica decorada com unhas e protuberâncias mamilares, fragmentos de cerâmica campaniforme, colher (lâmpada?), cossolros e carrinho de dobar.

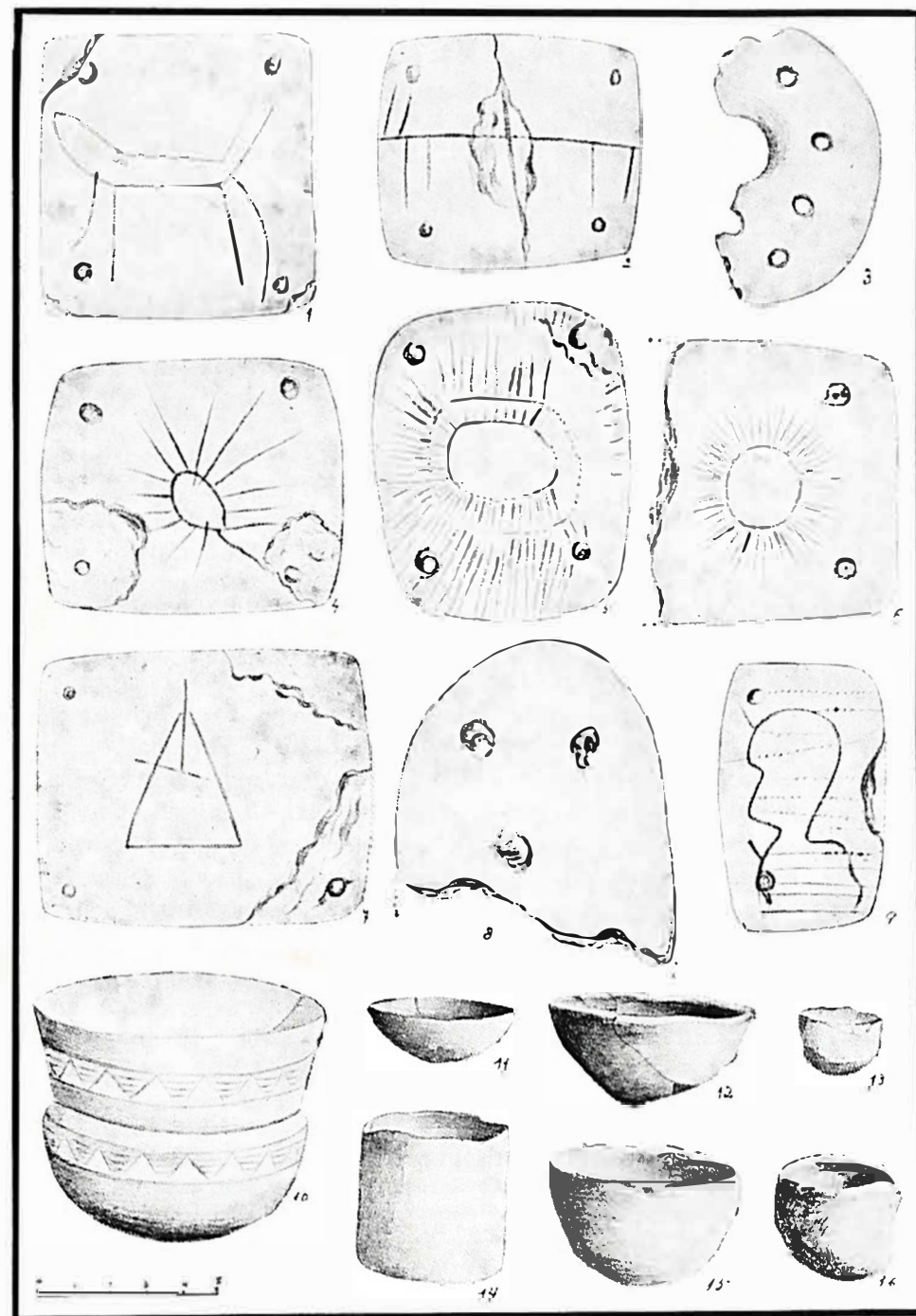


Fig. 25 — Placas de barro com figuras zoomórficas (1-2), soliformes (4-5-6) e antropomórficas (8-9). Vasos de pequenas dimensões (10-16).

A PÓVOA ENEOLÍTICA DE VILA NOVA DE S. PEDRO (*)

I — ESCAVAÇÕES DE 1942

1.º — DURAÇÃO, SUBSÍDIOS, VISITANTES

A escavação de 1942, número seis da série realizada no povoado pré-histórico de Vila Nova de S. Pedro, pela Associação dos Arqueólogos Portugueses (1), foi, como as anteriores, subsidiada pelo Instituto para a Alta Cultura (Ministério da Educação Nacional) e Direcção dos Monumentos Nacionais (Ministério das Obras Públicas e Comunicações). Para os dois Ex.^{mos} Ministros, titulares daquelas pastas, para o Secretário Geral do Instituto para a Alta Cultura, Ex.^{mo} Sr. Dr. Medeiros de Gouveia e para o Director dos Monumentos Nacionais, Ex.^{mo} Sr. Architecto Baltazar de Castro, deixamos aqui consignados os nossos maiores agradecimentos.

Teve início em 3 de Agosto (Fig. 3), e findou a 31 do mesmo mês. Durou, portanto, um período de quatro semanas, das quais só 23 dias foram de trabalho útil no campo, pois guardou-se o domingo, descanso semanal, bem como o 15 de Agosto, festa da Assunção de Nossa Senhora, muito da veneração das gentes destas imediações.

Visitantes ilustres deram-nos a honra de subir até ao local das escavações. Seja-nos lícito referir em primeiro lugar, S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Vatarba, D. João da Silva Campos Neves, no dia 16 de Agosto, por ocasião da primeira visita pastoral que recebeu Vila Nova de S. Pedro. Acompanhavam-no o Ex.^{mo} Sr. Joaquim Boavida, Presidente da Câmara Municipal de Azambuja, e os Rev.^{os} P.^e Luís dos Santos, Prior do Cartaxo e Dr. Figueiredo, do Seminário dos Olivais.

(*) Trabalho publicado na revista *Brotéria*, vol. XXXVII, fasc. 1, Julho de 1943.

(1) Em 1936 realizou o Sr. Hipólito Cabaço, descobridor da estação, alguns trabalhos, encontrando-se em Alenquer o espólio recolhido.

Começou também a despontar no Cartaxo, depois de artigos publicados na imprensa de Lisboa (2), um maior interesse pelos trabalhos que vimos realizando, sendo raro o dia em que excursionistas daquela vila não viessem ao «Castelo», seguindo com muita atenção todas as nossas explorações. Surgiu mesmo a louvável ideia da criação de um Museu Regional naquela Vila, onde teria representação condigna o povoado que estamos escavando.

Cabe também aqui dizer, que estando Vila Nova de S. Pedro situada na província do Ribatejo, nos propusemos instalar no Museu de Santarém — capital da província e cidade que, segundo a lenda, teria no seu início sido fundada pelos habitantes do «Castelo» (3), muitos séculos antes de o ter sido por Abidis, filho dos amores ilícitos de Ulisses e da formosa Calipso (4) — um mostruário de objectos pré-históricos, provenientes das nossas escavações, ideia que até hoje ainda não teve seguimento.

2.º — TERRENO ESCAVADO

Na fotografia aérea e respectivo transparente, que acompanhava o relato da 3.ª, 4.ª e 5.ª campanhas, publicado o ano passado (5), ficava a nordeste do morro do «Castelo», uma parte por escavar. Foi sobre ela que incidiu o trabalho de 1942, tendo-se feito a ligação entre os dois extremos do círculo, sem contudo se conseguir a sua exploração total (Fig. 1). Também realizámos uma sondagem na muralha que envolve o recinto central (Fig. 1, H), como adiante diremos.

Parecia-nos, ao terminar a campanha de 1941, que este local seria falho de espólio, mas fazendo-se uma escavação metódica, seguida, não podíamos deixá-lo para trás, só pelo motivo de se nos afigurar estéril.

(2) «Diário de Lisboa», de 9 de Agosto de 1942, «Novidades», de 22 de Agosto de 1942 e «O Século», de 30 de Agosto de 1942.

(3) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, *A povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro*, em «Brotéria», vol. XVIII e XIX. Lisboa, 1939.

(4) Eugénio de Lemos, *Santarém, lenda e história*, Santarém, 1940.

(5) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, *A povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro*, em «Brotéria», Vol. XXXIV, Lisboa, 1942.

Revelou-se, porém, o contrário. Como veremos, além do espólio vulgar, patenteou-nos mesmo algumas novidades, dignas do maior interesse.

* * *

Os fundos de cabana, mais raros que na parte sul, demonstram-nos que a população era menos densa por estes lados, certamente por ser o local um tanto desabrigado.

Levando a escavação, como de costume, até ao terreno que não fora revolvido pelo homem, não limitando portanto as nossas pesquisas à camada arqueológica rica de espólio, verificámos que principalmente no ponto I (Fig. 1), e suas imediações, as irregularidades do terreno e fundos de cabana estavam aplanadas com uma greda muito consistente, amarelo-avermelhada, que aqui e além enchia pequenas covas, etc. (Fig. 6). Tratava-se de uma substância onde o alvião dificilmente penetrava, tal a sua dureza, e que, devido à humidade, era ligeiramente pegajosa. Continha de permeio pequenas pedras e alguns fragmentos de ossos de animais e de cerâmica muito primitiva o que nos leva a crer que este trabalho datava dos primeiros tempos do «castro».

Ainda nesta parte da escavação, alguns «cinzeiros» ou fundos de cabana, pareciam ter à roda, aqui e além, pedras dispostas à guisa de assento (Fig. 7 e 8).

As próximas campanhas, que estão bem longe de terminar, incidirão sobre a parte do circuito que falta fechar (Fig. 1, I), exploração dos contornos da parte escavada (Fig. 1, L), reconhecimento dos restos de muralhas descobertas em 1940 a Norte e Sul do «castro» (6), sem falar do morro central (Fig. 1, I-G), cuja escavação por exiguidade de verba e falta de vagonetas para carrear materiais, apenas nos foi dado iniciar.

3.º — MORRO CENTRAL

Referindo-se aos povos imigrantes que, portadores da civilização neolítica, vieram estabelecer-se na península, diz Martin Almagro:

(6) Fig. 2-A, do relato de escavações publicado em 1942.

viviam «como colonizadores em terra estranha, sobre cabeços fortificados com fossos e muros de pedra», acrescentando que estes «povoados

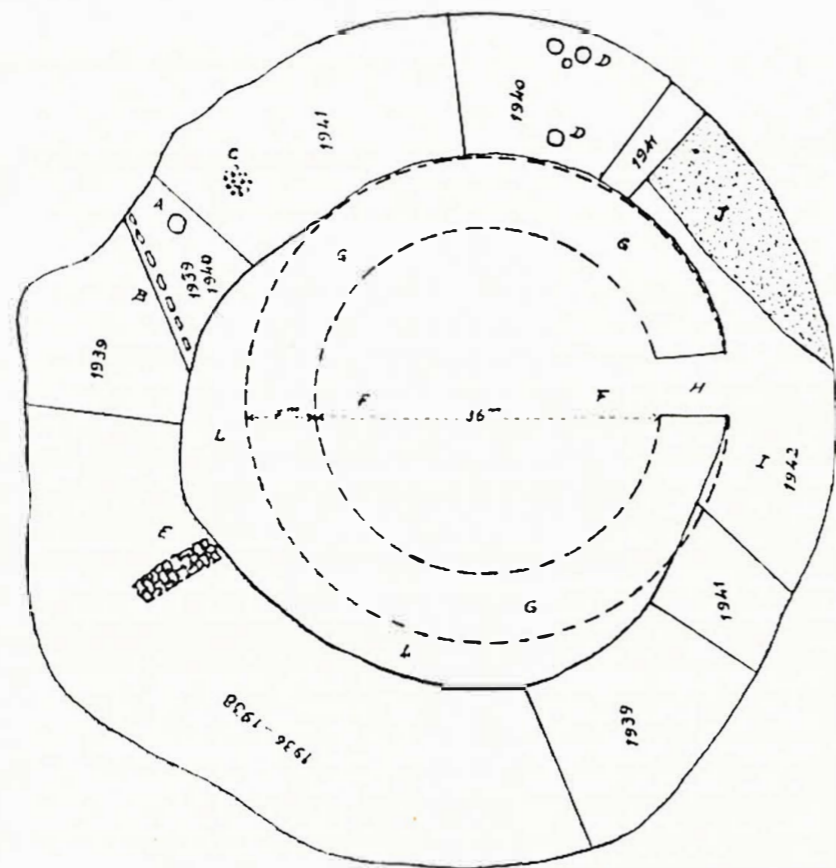


Fig. 1 — Planta do castro de Vila Nova de S. Pedro. A, local onde apareceu a grande vasilha de barro (Fig. 8); B, muro de pedra a sul do local onde estava a vasilha anterior; C, depósito de minério de cobre; D, silos; E, restos de uma muralha; F, parte central do morro; G, muralha de pedra e barro amassado que circunda a parte central do morro; H, sondagem feita na muralha em 1942; I, local onde os fundos de cabana e terrenos vizinhos estavam aplanados com greda; J, parte do terreno que ficou por escavar em 1942; L, terreno que ficou por escavar nas campanhas anteriores.

colocados em sítios proeminentes», denunciavam «o seu estado de guerra e alarme permanente» (').

Por diversas vezes, em relatos anteriores, nos temos referido a um morro central proeminente à volta do qual se alinhavam as cabanas do povoado a cuja escavação estamos procedendo, a um pano de muralhas que limitaria exteriormente esta parte habitada e ainda aos restos de uma outra, um pouco mais afastada, posta a descoberto quando se procedeu ao corte de uma camada de vegetação que a encobria.

Que existirá dentro daquele reduto? Não o sabemos, e como acima se observou, só poderemos tentar desvendar o mistério, quando

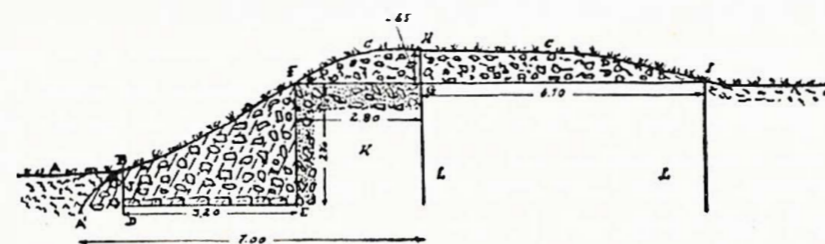


Fig. 2 — Reconhecimento executado em 1942 no morro central. A, terra arqueológica e arável; A', B, D, parte do talude coberto pela terra arável; B, D, F, talude que foi escavado; C, pedras e saibro proveniente de desmoronamentos; E, F, G (espaço K), muro formando um todo com talude anterior, mas que não foi escavado; F, G, I, linha até onde se executou a escavação e sobre a qual se encontram restos de desmoronamentos.

nos for concedido um subsídio mais avultado, e postas à nossa disposição vagonetas para auxiliar a grande remoção de terras, pedras e saibro, operação a que não nos foi possível, por enquanto, dar início, mas apenas sondar, por carência de fundos necessários.

A Fig. 1, mostra-nos a parte já escavada, os projectos para este ano e as dimensões aproximadas do morro: uns 36 metros na parte interna, e 7 metros de muralha e respectivo talude, o que nos dá, em números redondos, para toda esta obra de arte, que tem o aspecto circular, um diâmetro aproximado de 50 metros.

(') Martín Almagro, *Introducción a la Arqueología*, Barcelona, 1941, p. 211.

A Fig. 2, mostra-nos a ligeira sondagem, realizada o ano passado, no ponto H da Fig 1.

Emerge da terra arqueológica (Fig. 2, A), uma espessa muralha, E, F, G, provida de talude, A', E, F, que em parte se esconde naquela terra, A', B, D.

A escavação levada a cabo revelou-nos que o talude atingia no ponto F, uma altura de cerca de 2,70 m, sendo o espaço A', B, F, E, preenchido por uma dura argamassa que o alvião não destrói com facilidade, contendo de permeio abundantíssimas pedras das mais variadas dimensões, dispostas não em forma de parede, mas a esmo. Mede na parte inferior 4,20 m, dos quais um metro debaixo da terra vegetal, A' D.

Na base deste talude, a começar no ponto D, notámos umas pedras horizontais como que formando calçada, bem visíveis na Fig. 10, à esquerda dos pés das raparigas ocupadas na remoção de terras. O espaço entre elas era preenchido por uma greda amarelo-avermelhada igual àquela a que acima nos referimos, existente no fundo de algumas cabanas e suas imediações. Um pouco acima, em J, havia num pequeno espaço uma camada de cinzas e alguns ossos, cobertos pelo barro do talude.

A elevação de terreno continua em F, G, H, mais uns 0,65 m, agora já não constituída pela argamassa consistente e compacta, mas pelo mesmo barro e pedras soltas, indício de um muro desmoronado. Em F, G, encontramos de novo a camada compacta, horizontal, que se prolonga numa extensão de 2,80 m, em ligação com o talude anterior. As mesmas pedras e barro desmoronado continuam para o lado do interior, deles se encontrando indícios de G até I, numa extensão aproximada de 6,10 m. De I em diante continua a terra arqueológica, com alguns fragmentos de barro, sendo o mais notável o da Fig. 16, b, provido de dois mamilos, um ao lado do outro, em forma de asa.

Não sabemos o que está para além de E, F, G, I, espaços K e L. A verba de que dispúnhamos não nos permitiu continuar as sondagens.

Parece-nos contudo que sobre F, G, devia assentar uma espessa muralha, de altura regular, pois se fosse muito baixa, não atingiria o seu desmoronamento, como atingiu, uma extensão de 6,10 m, de G a I.

Este recinto amuralhado, nalguns pontos, por motivo dos trabalhos agrícolas, encontra-se bastante demolido pela charrua.

Eis o que podemos dizer, com mais ou menos segurança, na presente ocasião, abstendo-nos de tecer fantasias sobre aquilo que não conhecemos. É natural que, para o lado de dentro da muralha F, G, haja um novo talude. O nosso reconhecimento de 1942, consistiu num corte em que apenas se escavaram os espaços A', E, F e terreno C, acima da horizontal F, I. O espaço K ou muralha, tem a mesma constituição que o talude. No desenho da Fig. 2, apresenta-se um tanto diferente, apenas para demonstrar que não foi escavado (*).

II — ESPÓLIO RECOLHIDO

Não deixa de ser deveras interessante o material recolhido nesta campanha, que a princípio, como dissemos, se nos afigurava um pouco estéril.

No fundo, não é grande a diferença do dos anos anteriores, a não ser num ou noutro objecto. Para evitar repetições escusadas, limitaremos a descrição ao que se apresenta como novidade, dando do restante uma simples enumeração.

1.º — OBJECTOS DE USO COMUM

a) — *Mós, discos, amoladeiras, percutores, enxós, escopros e machados.* — São mais ou menos idênticos aos dos anos anteriores (Fig. 13, o a t). Seja-nos porém permitido fazer sobre os últimos algumas considerações.

(*) Ao crivar no lado Norte as terras provenientes duma trincheira aberta junto ao morro central, apareceu uma moeda antiga portuguesa. Foi obsequiosamente classificada pelo insigne numismata, Sr. Eng. Raul da Costa Couvreur, como sendo «um dinheiro de D. Sancho II, do tipo n.º 3 de Aragão».

Já em anos passados se havia colhido, não muito longe do mesmo local, um virote de ferro. Não nos causam estranheza estes achados. Todos aqueles arredores foram palmilhados nos primeiros séculos da Monarquia, pois à casa da «Torre de Penalva», ainda hoje em ruínas e que deu o nome ao lugar adjacente, a pouco mais de um quilómetro do «Castelo», vêm-se já referências em documentos medievais.

São raríssimos os machados de tipo redondo (Fig. 20, *h*), no meio de algumas centenas de exemplares espalmados ou de secção quadrangular. Para o primeiro tipo — que segundo Menghin é o expoente de uma cultura, que teria florescido em tempos antigos na Índia, em Tell Jedeideh na Síria dentro do quinto milénio antes da nossa era, no milénio seguinte no Baixo e Alto Egipto, culturas Merindense e Tasense, e entrando na península ibérica entre os anos 3600 e 3000 a. de Cristo (*) — não nos foi possível estabelecer uma camada estratigráfica diferente daquela em que aparecem os rectangulares. Os dois tipos andam misturados e os primeiros serão certamente sobrevivências de civilizações mais antigas.

Machados de cobre apenas se recolheu um de minúsculas dimensões (Fig. 15, *t*).

Esta parte do «Castelo» é a mais escassa em objectos de metal. Todavia também nela se encontraram fragmentos de cadinhos e jorra. Ora a abundância desta e de cadinhos, em todo o povoado, os depósitos de «mineral limonítico com incrustações de malaquite», a que nos referimos o ano passado, além da riqueza de instrumentos assinalada nos anos anteriores, leva-nos a considerar Vila Nova de S. Pedro como um dos mais importantes, senão o mais importante centro metalúrgico da nossa pre-história.

Ainda neste grupo de objectos, apareceu um bastante curioso, talhado numa pedra de amolar, de forma hemisférica, com uma face plana e perfeitamente lisa, que mede de diâmetro 0,095 m e de altura 0,045 m. A parte redonda é bem trabalhada e não se pode presumir qual tivesse sido a sua utilização (Fig. 20, *j*).

b) — Facas, raspadores, furadores, núcleos, serras e foices. — Dos objectos líticos deste grupo, talhados em sílex, recolheu-se apreciável quantidade, não apresentando os cinco últimos variedades dignas de particular menção, limitando-nos por isso a dar deles algumas fotografias (Fig. 13 e 14).

(*) Oswald Menghin, *Egipto y la península hispánica*, in «Corona de Estudios», vol. I, Madrid, 1941, p. 167 ss.; Julio Martínez Santa-Olalla, *Esquema paleontológico de la península hispánica*, *ibid.*, p. 141 ss.

Não acontece porém o mesmo quanto a facas (Fig. 13). A abundância registada nos anos anteriores mantém-se, sendo contudo de apreciáveis dimensões algumas desta campanha. Sobreleva porém todas a da Fig. 13, *a*, a maior encontrada até hoje, com 0,275 m de comprimento. Partida em três fragmentos, foram alguns deles recolhidos em lugares diferentes, mas todos os elementos se podem justapor, até reconstituir o objecto, sem nada lhe faltar. É uma das mais belas peças deste tipo existentes em Portugal. De osso também apareceram alguns furadores, sendo digno de menção especial, pelas suas dimensões o da Fig. 15, *c*. Trata-se de um instrumento completo, infelizmente partido e apenas com uma pequena falha.

c) — Sovelas, alfinetes, espátulas, alisadores e punções. — Este grupo de utensílios, de osso ou metálicos, poucas novidades apresenta. Nota-se neste sector do «castro» a escassez dos de metal, como acima se disse. Escassez, note-se, em relação à abundância verificada em escavações anteriores.

As cabeças de alfinete continuam a apresentar formas caprichosas para a época, e delas se dão alguns exemplos na Fig. 15, *n, p, q*.

É particularmente curioso pela sua forma o objecto da Fig. 15, *d*. Trata-se de um punção de osso, de bico relativamente curto e bastante aguçado podendo muito bem ter sido aplicado na decoração da cerâmica, cu qualquer outra. Não lhe conhecemos par nas nossas colecções pré-históricas. Ainda entre os instrumentos de osso seja-nos lícito salientar os dois cabos de instrumentos na Fig. 15, *i e j*, dos quais este último ainda contém dentro dum fragmento de metal, restos do objecto que nele estava encabado.

A Fig. 15, *u*, é um fragmento de xisto anfibólico, com um profundo sulco na face superior e outro na inferior. De que se trata? De uma forma para fundição? Podia muito bem servir para sobre ela se lançar o metal candente destinado ao fabrico de sovelas ou agulhas de cobre.

É curioso observar que, tendo-se encontrado por todo o «castelo», tão abundantes elementos indicativos de uma importante indústria metalúrgica, que tudo leva a crer não estaria afectada a um único operário mas a vários, escasseiem por completo os moldes de fundição. A não

ser o fragmento referido, nada encontrámos que pudesse ter semelhante finalidade.

Sobre a vinda para a península de povos neolíticos conhecedores da metalurgia e locais onde primeiro se estabeleceram, chamamos a atenção do leitor para a obra do Professor Martin Almagro, Director do Museu Arqueológico de Barcelona (10).

2.º — VESTIDO E ADORNO

São semelhantes aos dos outros anos, os objectos recolhidos, cuja classificação julgamos caber dentro desta epígrafe: algumas agulhas metálicas, botões de osso, contas de calaite ou outras, berloques de xisto. Uma concha perfurada também poderia ter sido utilizada como elemento de colar (Fig. 15, m).

Os corantes não deixaram de aparecer por serem já, certamente, elementos imprescindíveis da elegância de então.

Tais restos de civilizações, bem como outros, são necessários elementos para um dia se conhecerem melhor os roteiros destes povos na nossa península.

3.º — ARMAS

Neste grupo de instrumentos há uns que abundam particularmente, são as setas.

No fundo, os tipos predominantes são os mesmos: base recta e base côncava, mitraeformes, ponta esguia como certas de Los Millares. Todavia uma particularidade se notou nesta campanha: abundância de exemplares com as arestas laterais em serrilha mais ou menos profunda (Fig. 14, c a f), outras de base larga, vértice curto e profundo entalhe da base (Fig. 14, g a h), aproximando-se de certos exemplares do antigo Egipto, como adiante se dirá (11).

(10) *Introducción a la Arqueología*, p. 203 ss.

(11) V. Gordon Childe, *L'Orient préhistorique*, Paris, 1935, p. 62; Oswald Menghin, *El origen del pueblo del antiguo Egipto*, em «Ampúrias», vol. IV, Barcelona, 1942, Lam. VI.

Entre os punhais de osso é particularmente curioso o da Fig. 15, a, dotado de uma base bastante larga, parte contundente muito reduzida e boa preensibilidade.

As lanças, punhais ou alabardas de sílex (Fig. 13, b a f), bem como as de cobre não apresentam novidade digna de registo.

4.º — CERÂMICA

Entre as gravuras que ilustram o presente trabalho, avultam as da Fig. 17 e 18. A primeira é de um vaso campaniforme recolhido na campanha de 1941 e de que só agora damos notícia, por ter sido reconstituído ultimamente no Museu da Comissão dos Serviços Geológicos. As suas dimensões são maiores do que as de qualquer outro do seu tipo que conhecemos do nosso país: largura de boca 0,185 m e altura 0,145 m. Na base é provido de uma covinha que lhe dá maior estabilidade quando assente.

A espessura de paredes é bastante pequena e o barro em que foi trabalhado, de má qualidade, de modo que os desenhos estão muito gastos, e não se podem ligar com facilidade os diferentes fragmentos recolhidos.

É ornamentado exteriormente por zonas de pontilhados, separadas por outras sem desenho. As linhas de pontilhados que preenchem as faixas trabalhadas estão alternadamente inclinadas, numa para a direita e na outra para a esquerda.

É comparável aos exemplares da gruta II de Alapraia (12), de Pontes de Garcia Rodrigues (Galiza) (13) e de Penmarc'h (Bretanha) (14).

Não é exemplar único, nesta estação, de vasos campaniformes com este tipo de ornamentação. Já no primeiro relato de escavações

(12) Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, *A gruta II da necrópole de Alapraia*, in «Anais da Academia Portuguesa da História», vol. IV, Lisboa, 1941.

(13) Luis Pericot, *Los vasos campaniformes de la colección La Iglesia*, in «Boletín de la Real Academia Gallega», La Coruña, 1927.

(14) Alberto del Castillo Yurrita, *La cultura del vaso campaniforme*, Barcelona, 1928, Lam. CIII.

demos exemplos de decoração semelhante (15) e no segundo a fotografia de um fragmento de outros de menores dimensões (16).

A vasilha da Fig. 17, *b*, é uma espécie de campaniforme com a base esférica, e provida ao centro de uma cavidade. As paredes laterais são de pequena altura e no bojo há uma faixa com um desenho simples.

O da Fig. 17, *c*, é particularmente curioso. Trata-se de um recipiente de pequeníssima altura — 0,015 — dotado inferiormente de quatro minúsculos pés e no bordo lateral de uma espécie de língua ou pega. Mede de diâmetro 0,15 m. Também não conhecemos igual nas colecções dos nossos museus.

Na Fig. 22, n.º 4, do primeiro relato de escavações deste povoado demos a fotografia de um vaso oblongo, provido interiormente e em toda a sua extensão de uma cavidade que ainda continha qualquer substância branca, compacta, mas de matéria finíssima. Na escavação do ano passado recolhemos um fragmento da parte inferior de outro recipiente deste tipo, mas dotado de um orifício. Também recolhemos um pedaço de um tubo de barro, bastante espesso, com indícios de acção de fogo (Fig. 20, *i*). Elemento de uma forja?

Um bordo continha duas pegas ou mamilos colocados um ao lado do outro (Fig. 16, *b*).

As placas de barro pouca novidade apresentam, razão por que damos delas um reduzido número de desenhos.

Algumas são de grandes dimensões como a da Fig. 20, *a*, havendo-as contudo ainda maiores. Em *c* dá-se a conhecer uma outra com desenho alfabético, muito semelhante a um constante do relato de 1939 (17). De *b* apenas encontramos par na que foi publicada em estudo apresentado ao Congresso do Mundo Português (Fig. 3, n.º 3) (18). E particularmente curiosa a da Fig. 20, *c*. Contém apenas dois orifícios, que apresentam dum lado e do outro grande desgaste na parte superior, indício bem evidente de que estava pendurada. Félix Alves Pereira

(15) «Brotéria», vol. XXVIII e XXIX, Fig. 18.

(16) «Brotéria», vol. XXIV, Fig. 24, n.º 9.

(17) «Brotéria», vol. XXVIII e XXIX, Fig. 25, n.º 10.

(18) Afonso do Paço, *Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro*. «Congresso do Mundo Português», I vol., p. 243, Fig. 3, n.º 3.

fizera idêntica observação num exemplar proveniente do Outeiro de Assenta (19).

Outras são muito espessas, como a da Fig. 20, *g*, dotada de um desenho bastante rudimentar.

5.º — INSTRUMENTOS RELIGIOSOS (?) OU FUNERARIOS

Neste capítulo alguma coisa inédita se encontrou, como veremos.

Aumenta o número dos *cilindros* de calcário, e desta vez há mais exemplares providos de desenhos que se presume simbolizem a tatuagem facial (Fig. 19, *a, b, c, d*). Um porém deixa aparecer dois olhitos, e o desenho vulgar, constituindo três sulcos em vez de dois, tem um prolongamento no sentido contrário como mostra a Fig. 19, *d*, um pouco no género do conhecido exemplar de Moncarapacho (20).

Muitos encontram-se partidos e os seus elementos, jaziam dispersos em pontos distantes.

De *placas de xisto* nenhuma recolhemos intacta, mas somente fragmentos e alguns bem pequenos. A quem desejar conhecer um pouco do que se tem dito e escrito acerca destes tão discutidos objectos, ousamos chamar a atenção para o que escrevemos ao estudar a gruta II de Alapraia (21).

Um dos fragmentos encontrados o ano passado em Vila Nova de S. Pedro, é particularmente interessante por conter de um e do outro lado do orifício existente na parte superior, dois pequenos círculos, bastante imperfeitos, preenchidos com reticulados, indicando certamente as pálpebras (Fig. 19, *e*).

São raras as placas que têm a representação dos órgãos visuais, semelhantes à nossa de Vila Nova de S. Pedro. Nos dois exemplares que recolhemos na gruta II de Alapraia há também figuração de olhos:

(19) F. Alves Pereira, *Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos)*, em «O Archeólogo Português», vol. XX, p. 125.

(20) Virgílio Correia, *El neolítico de Pavia*, C. J. P. P., Madrid, 1921, p. 92.

(21) «Anals da Academia Portuguesa da História», vol. IV, Lisboa, 1941 — Afonso do Paço, *As grutas do Poço Velho ou de Cascais*, em «Com. dos Serv. Geológicos de Portugal», tomo XXII, Lisboa, 1942.

numa por duas pequenas cavidades e na outra pelas arcadas supra-ciliares providas de pestanas (22).

Se percorrermos os trabalhos que contêm colecções mais ou menos completas de tais objectivos, como os de Estácio da Veiga (23), José Leite de Vasconcelos (24), Siret (25), Frankovski (26), Virgílio Correia (27), Nils Aberg (28) ou do Prof. H. Breuil (29), notamos que só raríssimos exemplares se assemelham ao fragmento por nós recolhido. Apenas uma placa da colecção Rotondo (proveniente de Espanha), duas de Alcanena, um fragmento da anta n.º 6 da herdade de Brissos (30) e um de Barbacena e pouco mais, do que há publicado, se lhe podem assemelhar.

Esta figuração dos olhos em placas já deu origem a uma classificação das mesmas, da autoria do ilustre professor da Universidade de Coimbra, Dr. Virgílio Correia (31).

Outro achado não menos curioso, primeiro completo desta estação e raro na nossa arqueologia é o da Fig. 19, t. Trata-se de um objecto de calcário, em forma de pinha ou fruto, provido de um minúsculo pé e sem desenhos.

O primeiro exemplar deste tipo recolhido, que nós sabemos, em estações pré-históricas portuguesas, foi o que Maximiano Apolinário encontrou em S. Martinho de Sintra. Ao descrevê-lo, faz-lhe realçar o «contorno geral de uma pinha, tendo a superfície sulcada de traços que se cruzam em losangos mais ou menos regulares», bem como

(22) «Anals», vol. IV, Fig. 14.

(23) *Antiquidades monumentaes do Algarve*, vol. II, p. 430 ss.

(24) *Religiões da Lusitânia*, vol. I, p. 155 ss.

(25) *Questions de chronologie et d'ethnographie ibériques*, tomo I, Paris, 1913, p. 287 ss.

(26) *Estelas discoideas de la península ibérica*, C. I. P. P., Madrid, 1920, p. 23 ss.

(27) *El neolítico de Pavia...*, p. 30, 42, 48 ss., 75 ss. *Os ídolos placas*, em «Terra Portuguesa», vol. III, Lisboa, 1917, p. 34-35.

(28) *La civilisation énéolithique dans la péninsule ibérique*. Halle, 1921, p. 35 ss.

(29) *Les peintures rupestres schématiques de la péninsule ibérique*, vol. IV, p. 130.

(30) Este exemplar é o que mais se aproxima do fragmento recolhido em Vila Nova de S. Pedro.

(31) *El neolítico de Pavia...*, p. 79-80.

o torneado regular que lhe dá o «aspecto de singular acabamento» (32). Estávamos no ano de 1896.

Em 1915, J. Leite de Vasconcelos, dá-nos noticia de outro objecto idêntico desta estação, desprovido de desenhos, com um grande pé e aspecto de «uma pinha ou uma flor» (33).

Em 1921, Virgílio Correia refere-se a «pedras calcárias, globulares, providas de um pé, que há nas estações de Barro, Serra das Mutelas, Vale de S. Martinho e Monte Abrahão», relacionando-as com ídolos de Hissarlick e com certas figuras de pedra existentes no Museu de Florença (34).

Aberg nada adianta (35) e Manuel Heleno ao descrever um exemplar que recolhera em Carenque, diz apenas que se trata de um objecto «com aparência de fruto» (36).

Foi L. Siret quem alvitrou acerca deles a hipótese de representarem a flor da palmeira, tida como sagrada nas antigas religiões orientais (37).

Objecto do mesmo género deve ser o fragmento representado na Fig. 19, g.

III — CONSIDERAÇÕES FINAIS

1.º — AGRICULTURA E CAÇA

Já apontámos anteriormente que a população de Vila Nova de S. Pedro, se dava plenamente à agricultura. Demonstra-o a abundância de foices de sílex, principalmente de forma lanceolada, e também a relativa profusão de sementes incarbonizadas que encontramos em

(32) Maximiano Apolinário, *Necrópole neolítica do Vale de S. Martinho*, em «O Arqueólogo Português», vol. II, p. 210.

(33) J. Leite de Vasconcelos, *História do Museu Etnológico Português*, Lisboa, 1915, p. 356-357.

(34) *El neolítico de Pavia...*, p. 95.

(35) *La civilisation énéolithique...*, p. 102.

(36) Manuel Heleno, *Grutas artificiais do Casal de Vila Chã (Carenque)*, Lisboa, 1933, p. 16.

(37) L. Siret, *Questions...*, p. 281-282.

vários fundos de cabana. De facto todos os AA. são concordes em afirmar que esta cultura é marcadamente agrícola, representando tal elemento uma das suas maiores riquezas.

Voltámos este ano a solicitar do Ex.^{mo} Sr. Eng. Agrón. António R. Pinto da Silva o favor de nos determinar as espécies colhidas na campanha de 1942. S. Ex.^a prestou-nos pronta e obsequiosamente a satisfazer o nosso pedido com a seguinte

NOTA ACERCA DAS SEMENTES INCARBONIZADAS RECOLHIDAS
NA PÓVOA ENEOLÍTICA DE VILA NOVA DE S. PEDRO

No espólio agora observado encontraram-se, como nos anos anteriores além de fragmentos de madeiras incarbonizadas, favas (*Vicia Faba* Lin.), bolotas (*Quercus* sp.) e, muito mais raramente, uns corpos esférico-deprimidos, que lembram pela sua configuração pequenos bolbos.

Favas — As favas que têm sido recolhidas nesta póvoa eneolítica são bastante pequenas, muito menores do que as das variedades actuais, pois medem apenas $7.2 \times 4.9 \times 4.8$ mm (em média de 10 medições). São de contorno elíptico, frequentemente aclavado-troncadas do lado do hillo, ligeiríssimamente reniformes e de secção subelcular. O índice de espessura (espessura : : comprimento) é 0.66.

A depressão hllar é mais ou menos accentuada da extremidade para o dorso (às vezes muito, por corrupção?). O hillo é oblongo, mede cerca de 4 mm de comprimento, e o micrópodo, situado no terço superior da face ventral, é muitas vezes substituído por um orifício por corrupção da radícula.

A separação dos cotilédones é em geral muito fácil e nítida.

Nalguns raríssimos casos estas sementes apresentam a superfície perforada em orifícios circulares como acontece actualmente nas das Leguminosas parasitadas por insectos do género *Bruchus*.

Segundo Muratova (22) e outros autores as favas começam a aparecer nos espólios do Neolítico e do Bronze na Região Mediterrânica e outras adjacentes, enquanto no resto da Europa ocorrem só na Idade do Ferro e na Rússia apenas durante os séculos VI, VII e VIII.

Refere este autor que as sementes encontradas nas escavações são em geral pequenas (4.4 a 4.8 mm de comprimento), ocorrendo no Mediterrâneo oriental as de menores dimensões e contorno mais arredondado enquanto as que têm sido encontradas na parte ocidental, como em Espanha, são mais compridas, deprimidas e estreitas.

(22) Muratova, V. S., *Common Beans (Vicia Faba L.)*, Suppl. 50.º Bul. Appl. Bot. Gen. Pl. Breed, 1931.

Com efeito, Feinbrun (23) que ainda recentemente estudou as favas dos espólios de Beth-Shean, na Palestina, atribuídos ao início da Idade do Bronze ou ao «Bronze Primitivo I», descreve-as como sementes muito pequenas, com 5.5 a $5.75 \times 4.6 \times 4.3$ mm e índice de espessura entre 0.7 e 0.8.

As favas de Vila Nova de S. Pedro, de maiores dimensões e índice de espessura menor, e portanto de uma forma mais evoluída na opinião de Muratova, confirmam as características apontadas por este autor para as sementes ocidentais.

Interessante é notar que tanto o caso presente como o estudado por Feinbrun constituem estações extremas da área que permitem importante correcção dos seus limites.

Bolotas — Não é possível indicar a que espécie de *Quercus* pertencem as bolotas encontradas neste espólio. Os exemplares são em geral constituídos apenas pelos cotilédones, soldados ou livres, fusiformes, por vezes encurvados, medindo 21 a 29×9 a 13 mm.

Sacavém, Junho de 1943.

Estação Agronómica Nacional.

A. R. PINTO DA SILVA
Eng. Agrón.

Os habitantes de Vila Nova de S. Pedro eram também grandemente caçadores. Os despojos faunísticos que temos recolhido até hoje formam montões enormes, que, na sua maior parte, deixamos junto ao perímetro escavado, por impossibilidade de transporte.

O eminente Professor Abbé Breuil prontificou-se igualmente com a maior gentileza a classificar a fauna mamífera. É a seguinte:

Bos (bui). Relativamente abundante. Há exemplares de grande estatura.

Capra (cabra).

Equus (cavalo). Abundante.

Asinus (burro). Raro.

Canis (cão). Raro.

Cervus (veado). Muito abundante.

Sus scrofa (javali). Muito abundante.

Lupus (lobo). Raro.

Ursus (urso). Há restos de urso grande e de outro de menor tamanho.

Hystrix (porco espinho).

Lynx (lince).

Meles taxus (texugo).

(23) Feinbrun, N., *New data on some cultivated plants and weeds of the Early Bronze age in Palestine*, em «Palest. Journ. Bot. J Series», vol. I, n.º 2, 1938.

Vê-se pois que a comida mais procurada era a de veado, boi, javali e possivelmente cavalo. É interessante também verificar que existiam então o urso, lobo e linco, além do veado, que hoje desapareceram da região.

2. — INFLUÊNCIAS AFRO-ORIENTAIS

As influências africanas nas civilizações pre-históricas europeias vêm já do paleolítico, e nomeadamente do paleolítico superior. Dos descobrimentos e estudos levados a cabo nos últimos anos parece deduzir-se que o Aurinhacense tem a sua origem na Ásia Ocidental, vindo de lá por dois roteiros diferentes para a nossa península: um ao norte, através da Ásia Menor (estações de Adi Yaman) segue pelo Mediterrâneo setentrional para a Roménia, Polónia, Europa Central, França e Espanha; outro ao sul introduz-se pela Síria e Palestina (Antelias, Mugharet-el-Wad) até chegar sincrónicamente ao norte africano, e passar daqui depois para a península hispânica. Parece também provado que muitas estações levantinas e meridionais da península, tidas até hoje como capsenses, não serão mais do que epi-aurinhacenses, no dizer de Obermaier, derivadas do aurinhacense africano (nível oranense).

Por outro lado a magnífica indústria solutrense da gruta de Parpalló (Gandia, Espanha), revelada tão claramente nas escavações do Prof. Luis Pericot, oferece paralelismos evidentes com as culturas de «facies» também solutrense das estações de Ain Takielt (Casablanca) e outras. Reforça também esta comparação a circunstância de a arte rupestre do levante espanhol que Pericot fundamentalmente supõe aurinhaco-solutrense, continuada depois pelo magdalenense, oferecer múltiplas semelhanças com pinturas africanas. Não afirmam também outra coisa os desenhos geométricos de certas placas da mesma gruta de Parpalló, que não só se relacionam com os da gruta de La Pileta do Sul da Espanha e os da gruta de Romanelli na Itália, mais igualmente com outras do capsense africano. E não deveremos ir também buscar ao Sahará as origens das pontas de seta com asinhas e pedúnculo do solutrense final de Parpalló?

Pericot não duvida em atribuir ao solutrense uma origem africana, explicando-a por uma derivação sbaiko-ateriense. Admite mesmo a possibilidade de Parpalló ser a porta por onde passou essa cultura, vinda de África, para além dos Pirinéus (40).

A cultura capsense, certamente posterior (41) veio igualmente de África. Aí está a atestá-lo, pelo menos, o nosso *Homo Afcr tajanus* dos concheiros de Muge, associados como quer Obermaier (42) a uma cultura capsense na sua forma pura.

Mas é no neo-eneolítico que essas relações se acentuam mais claramente. As montanhas de Tunísia e da Argélia, últimos redutos africanos, digamos assim, da cultura capsense, vêm desenvolver-se à sua sombra uma fase notável do neolítico chamado das cavernas, em que abundam ainda os micrólitos geométricos da cultura anterior, mas que nos apresenta já uma cerâmica de decoração incisa, e até mesmo de decoração cardial (obtida com valva de *cardium*). São eles que

(40) Cfr. a esplêndida monografia do erudito professor barcelonense sobre a gruta de Parpalló, publicada recentemente (1942), pelo «Consejo Superior de Investigación Científica», e a que deu o título de «La Cueva de Parpalló (Gandia)». As hipóteses do A. parecem ter certa confirmação nos descobrimentos realizados em Portugal pelo Professor Dr. Manuel Heleno, sobretudo em Rio Maior. Com efeito, nesta localidade, logrou o Ilustrado Director do Museu Etnológico identificar *in situ* uma abundante e nítida indústria solutrense, todavia inédita. Desaparece assim desta forma a solução de continuidade que existia entre o solutrense africano e o de além-Pirinéus e norte de Espanha.

(41) R. Vaufray, *Notes sur le Capsien*, em «L'Anthropologie», vol. 43, p. 457, Paris, 1933.

(42) Hugo Obermaier, *Das Capsien-Problem im westlichen Mittelmeergebiet*, em «Germania», vol. 18, p. 165, Berlim, 1934. Idem, *Estudios prehistóricos en la provincia de Granada*, em «Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos», vol. I, Madrid, 1934 (p. 20 da separata). Em trabalhos já posteriores o Prof. Dr. Eckard Mencke, de Marburg, opõe-se por vários motivos a filiar no capsense a indústria de Muge, optando por lhe dar uma denominação própria — Estrato de Muge —, apelado numa conversa que, em 1934, teve com um de nós na Comissão dos Serviços Geológicos de Lisboa. Vid. Eckard Mencke, *Zur Typologie der Silexgeräte der Kjökkenmüddinger von Muge, Portugal*, em «Forschungen und Fortschritte», Berlim, 1935. Em todo o caso ficam de pé os elementos raciais ou antropológicos de Muge, que denotam um «africanismo» bem pronunciado.

se enlaçam à cultura central das grutas da Península ibérica, na classificação de Bosch Gimpera.

O neolítico saharenses destaca-se do das grutas pela forma dos seus instrumentos de sílex, principalmente das pontas de seta, e pela cerâmica de ordinário sem ornamentação. Estende a sua influência desde os contrafortes meridionais do Atlas até Marrocos, dum lado, e por outro até à Líbia e Egipto. Esta expansão e roteiros subsequentes da cultura neo-eneolítica saharenses devem-se sobretudo às diferentes variações de clima, originadas pelo fim das glaciações no epipaleolítico e protoneolítico europeus.

Um período glaciário europeu trazia paralelamente um período de grande pluviosidade ou humidade no Sahará, com uma riqueza e variedade incomparável de fauna. Ao aproximar-se qualquer período interglaciário, cessava a humidade no Sahará e conseqüentemente empobreciam as espécies faunísticas que eram a base da alimentação dos seus povoadores. Durante o *clima optimum* do asturiense e do protoneolítico europeu dava-se o grande dessecamento daquelas extensas planícies, obrigando os seus habitantes a procurar noutras terras, melhores condições de vida. Estes factos explicam admiravelmente as características persistentes da cultura neo-eneolítica saharenses. E as suas manifestações são tão vincadas, que as vamos encontrar influenciando as de Fayum e Badari, preexistentes, e a cultura predinástica da Núbia e do Egipto superior.

Hoje já não podemos pôr em dúvida que a cultura denominada de Almeria seja uma extensão da que Bosch Gimpera chama com razão sahariano-camita. Montelius, Wilke, Siret, Obermaier, e mais moderadamente o próprio Bosch que defendera antes hipótese diferente, Pericot, Childe, Schaff, Savory e sobretudo Menghin dão-se as mãos para explicar com tal origem muitos factos que de outro modo não encontravam solução⁽¹³⁾. Note-se contudo que apenas expomos a

(13) O laborioso e ilustrado Comissário Geral das Escavações Arqueológicas em Espanha, Prof. Dr. Júlio Martínez Santa Olalla, numa publicação recente (*Esquema paleontológico de la Península Hispánica*, em «Corona de Estudios que la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria dedica a sus Mártires», Madrid, 1941), nega a origem africana do Aurinhacense, do Schutrense, e rejeita *in limine* a cultura capsense, que classifica de «pura invención». Achamos mais

hipótese de influências orientais e africanas, sem pretendermos determinar agora os seus roteiros⁽¹⁴⁾.

E essa influência vemos-la nitidamente em Vila Nova de S. Pedro. Já o dissemos no relato de campanhas anteriores, e a de 1942 não fez mais do que confirmá-lo. Focaremos somente alguns elementos.

Pontas de flecha. — É flagrante a semelhança de várias setas de culturas egípcias com algumas de Vila Nova de S. Pedro. Este facto chamara-nos já a atenção ao visitarmos há anos o *Musée de Saint Germain*, onde se conservam colecções de J. de Morgan e outros. Há sobretudo certos tipos de base sub-triangular com pequenas pontas laterais e outros de base côncava com as pontas prolongadas e alguma tanto recurvadas, que tanto podem proceder do Egipto como de Vila Nova de S. Pedro (Fig. 14, *g, h*)⁽¹⁵⁾.

Foices dentadas e lanceoladas. — Depois da descoberta de Flinders Petrie, sabemos já que certas lâminas serrilhadas, ordinariamente só dum lado, não são elementos de serra, mas sim de foice⁽¹⁶⁾. Temo-los em Vila Nova também este ano (Fig. 14, *p, q, r*). Entre as lanceoladas figuram alguns exemplares, parecidíssimos com outros orientais (Fig. 13, *b, e*)⁽¹⁷⁾.

Contas de colar. — Vieram mais algumas aumentar o número das que já possuímos (Fig. 15, *r*). É sabido que as pequeninas em forma

prudente a posição de Pericot em *La Cueva del Parpalló*, quando trata dos rotelros do paleolítico superior. Santa Olalla contudo admite para o seu «neolítico recente espanhol» (3500 a 2000 a. C.) «uma influência progressiva do Oriente Mediterrâneo e do Egipto através do Norte de Africa, assim como do resto do dito mar, por via marítima» (*ibid.*, p. 151).

(14) Sobre o neolítico africano e suas três «facies» principais, não se deixe de consultar o recente e luminoso trabalho de R. Delcroix e R. Vaufray, *Le Toubien de Guinée Française*, em «L'Anthropologie», tomo 49, p. 265-312, Paris, 1939. Ali salientam os AA. o parentesco de várias estações africanas com algumas do sul da Península, principalmente de El Garcel (Almeria), precisamente na época que nos interessa, e que diz respeito ao primeiro povoamento de Vila Nova de S. Pedro.

(15) Oswald Menghin, *El origen del pueblo del antiguo Egipto*, em «Ampurias», vol. IV, Lámina VI, Barcelona, 1942; Maurice Reygasse, *Programme de Recherches Sahariennes*, Fig. 5 e 6, Alger, 1930; Jacques de Morgan, *L'Humanité préhistorique*, Fig. 28, Paris, 1921, etc.

(16) J. de Morgan, *op. cit.*, p. 181.

(17) Gordon Childe, *L'Orient préhistorique*, Paris, 1935, p. 110.

de disco aparecem no Egipto à volta do ano 3000 antes de Cristo, por conseguinte antes do povoamento de Vila Nova de S. Pedro.

Alisadores e alfinetes ósseos. — Semelhança, para não dizer identidade, temo-la entre certos instrumentos achatados, à maneira de espátulas e que conviemos em denominar alisadores, colhidos por nós em Vila Nova, e os que publica Childe, provenientes de Merimde, nas margens do Nilo (48).

Notamos igualmente grande afinidade entre certos alfinetes ósseos de cabeça torneada como os que reproduzimos na Fig. 15 e os que abundam na cultura badariense.

Figuras zoomórficas e estatuetas ou ídolos. — Nas sepulturas de *Diospolis parva*, escavadas por F. Petrie, e em outras estações estudadas pelo conhecido egiptólogo Capart, aparecem umas minúsculas figuras zoomórficas de pedra ou barro, e certos vasos igualmente com configuração de pequenos quadrúpedes. Não se sabe ao certo que significado teriam tais objectos, que já datam dos tempos predinásticos. O mesmo se aplica a certas estatuetas femininas na sua maior parte, que nos tempos mais arcaicos das civilizações egípcias eram depositadas nas sepulturas junto aos cadáveres. Duplicados do morto? Ídolos protectores da última jazida? Simples amuletos?

Vila Nova de S. Pedro responde também com excelentes paralelos a estes objectos orientais, na campanha de 1942. Encontrámos mais um fragmento de figurinha feminina de barro, uma cabeça minúscula dum cão ou carneiro, e dois ídolos — chamemos-lhes assim — em forma de flor de palmeira semelhantes a outros de S. Martinho de Sintra e de Carenque (49) (Fig. 19), como atrás deixamos apontado.

Todos estes factos em conjunto parecem dizer alguma coisa. E se a eles juntarmos certas semelhanças tanto na forma como na ornamentação de determinados vasos, poderemos talvez, sem grande receio, ir buscar para lá do Mediterrâneo a origem da cultura do vaso campaniforme, embora lhe concedamos personalidade própria, digamos assim, ao tomar raízes e ao expandir-se em terras peninsulares. Mas fica pelo menos esclarecido que as alterações de clima por um lado, e a procura intensiva de metais por outro, orientaram para a nossa

(*) Gordon Childe, *op. cit.*, p. 65.

península, durante o eneolítico e o bronze, movimentos de população que, a julgar pelos vestígios culturais que nos deixaram, pertenceriam ao bloco sahariano-camita. A póvoa de Vila Nova de S. Pedro, oferece para isso uma prova incontestável.

3. — NOVOS DADOS PARA A CRONOLOGIA

Nos nossos trabalhos anteriores referimo-nos à possibilidade de a ocupação do castro de Vila Nova de S. Pedro se prolongar até a um Bronze avançado, talvez contemporâneo da nossa cultura algarvia de Alcalar ou mesmo da espanhola de El Argar. Apareceu porém um novo elemento na campanha de 1942 que não só vem reforçar este ponto de vista, mas até a dar margem a avançarmos um pouco mais ainda a dita ocupação. Trata-se da cerâmica denominada «de asas com apêndice de botão». Não são muitos os exemplares, em todo o caso são já alguns, o que é suficiente para salientarmos o facto.

Esta cerâmica tem sido estudada principalmente por arqueólogos italianos e mais recentemente pelos espanhóis (50), e oferece a particularidade de apresentar sobre a asa um prolongamento ou apêndice, que umas vezes é rectangular, outras, cilíndrico, em forma de botão.

Em Vila Nova de S. Pedro recolhemos apenas exemplares desta última forma (Fig. 16, *h-m*). Maluquer de Motes, baseado na circunstância de ela aparecer na Espanha mais na zona megalítica ocidental da Catalunha, supõe-na dum Bronze avançado, a coincidir já com os começos do primeiro período do Ferro, ou seja, de Hallstatt. Este facto leva-o concomitantemente a avançar também a idade ou época dos grandes monumentos megalíticos do interior da Catalunha.

Uma das características observadas é o de esta cerâmica coincidir rarissimamente com o vaso campaniforme, e de, pelo contrário, se encontrar quase sempre associada a elementos tardios da cultura pirenaica, principalmente objectos de bronze.

(49) Manuel Heleno, *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*, Lisboa, 1933, p. 17.

(50) J. Maluquer de Motes, *La cerámica con asas de apêndice de botón y el final de la cultura megalítica del nordeste de la península*, em «Ampurias», vol. IV, Barcelona, 1942, p. 171.

Até agora foi identificada no Norte da Itália, na Catalunha e no Sul da França. O seu aparecimento em Vila Nova de S. Pedro tem por isso foros de extraordinário, pois estende muito para ocidente a sua zona de expansão. Ora esta circunstância não virá impedir, ao menos em parte, que se lhe atribua uma cronologia tão avançada? Em Vila Nova de S. Pedro não temos, por enquanto, outros argumentos que obriguem a prolongar, para cá da cultura de El Argar, a sua ocupação, iniciada, como sabemos, no eneolítico. A abundância de cerâmica campaniforme é tal, que, em nossa opinião, não se poderá explicar apenas por persistência tardia, como quer Martinez Santa Olalla ⁽¹⁾.

Em todo o caso, embora não admitamos para a cerâmica de asas de botão, uma cronologia tão adiantada como lhe atribue Maluquer de Motes, temos que concordar que o seu aparecimento em Vila Nova de S. Pedro virá rejuvenescer algum tanto a data calculada para a sua ocupação ⁽²⁾.

(1) Júlio Martinez Santa Olalla, *Sobre el neolítico antiguo en España*, em «Atlantis», tomo XVI, Madrid, 1941, p. 103.

(2) Os desenhos das Figuras 1, 2, 19 e 20 devem-se à Ex.^{ma} Sr.^a Dr.^a D. Maria João Lopes do Paço, e aos Srs. Luís de Castro e Sola e Victor Correia, a quem testemunhamos o nosso reconhecimento. As fotografias das gravuras 13-17 são da conhecida Casa Kodak, de Lisboa, a da Fig. 18 do Sr. Eduardo Portugal, as das Figuras 6 e 9 de A. do Paço e as das Figuras 3-5, 7, 8, 10-12 de E. Jalhay.



Fig. 3 — Início das escavações em 1942 (lado nordeste do castro).



Fig. 4 — No fim da primeira semana de trabalhos.

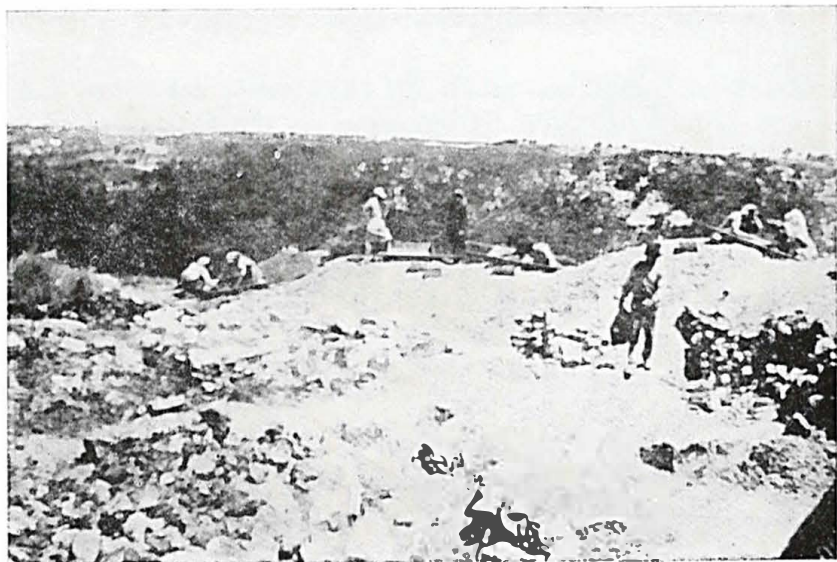


Fig. 5 — A campanha de escavações, no começo a 2.^a semana de trabalhos.



Fig. 6 — Fundo de cabana com pavimento de greda.



Fig. 7 — Fundos de cabana com lages dispostas à volta.



Fig. 8 — Fundos de cabana com lages dispostas à volta.



Fig. 9 — Sondagem feita na muralha tosca que circunda o morro central.



Fig. 10 — Fase adiantada do mesmo trabalho. Vêem-se em baixo pedras de grande tamanho dispostas horizontalmente, servindo de base.

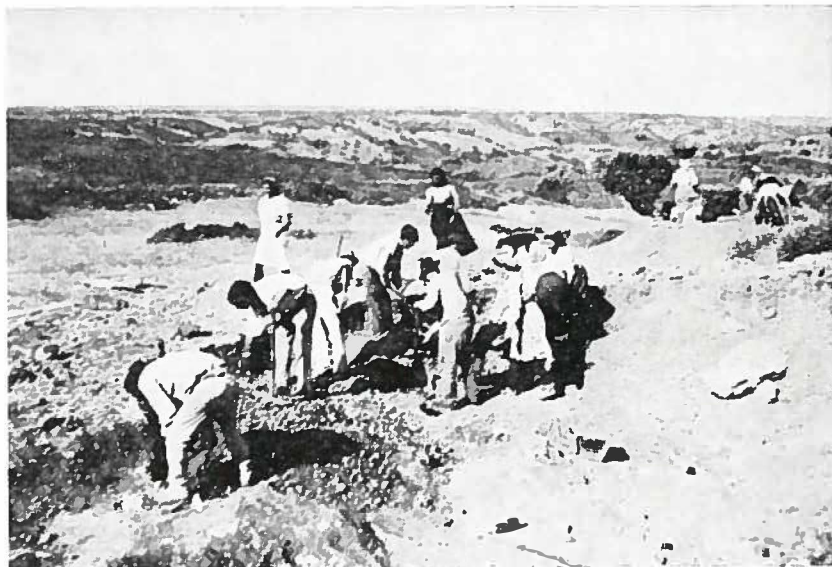


Fig. 11 — Fase final dos trabalhos, ao contornar-se o lado norte do castro.



Fig. 12 — Fotografia tirada no último dia dos trabalhos.

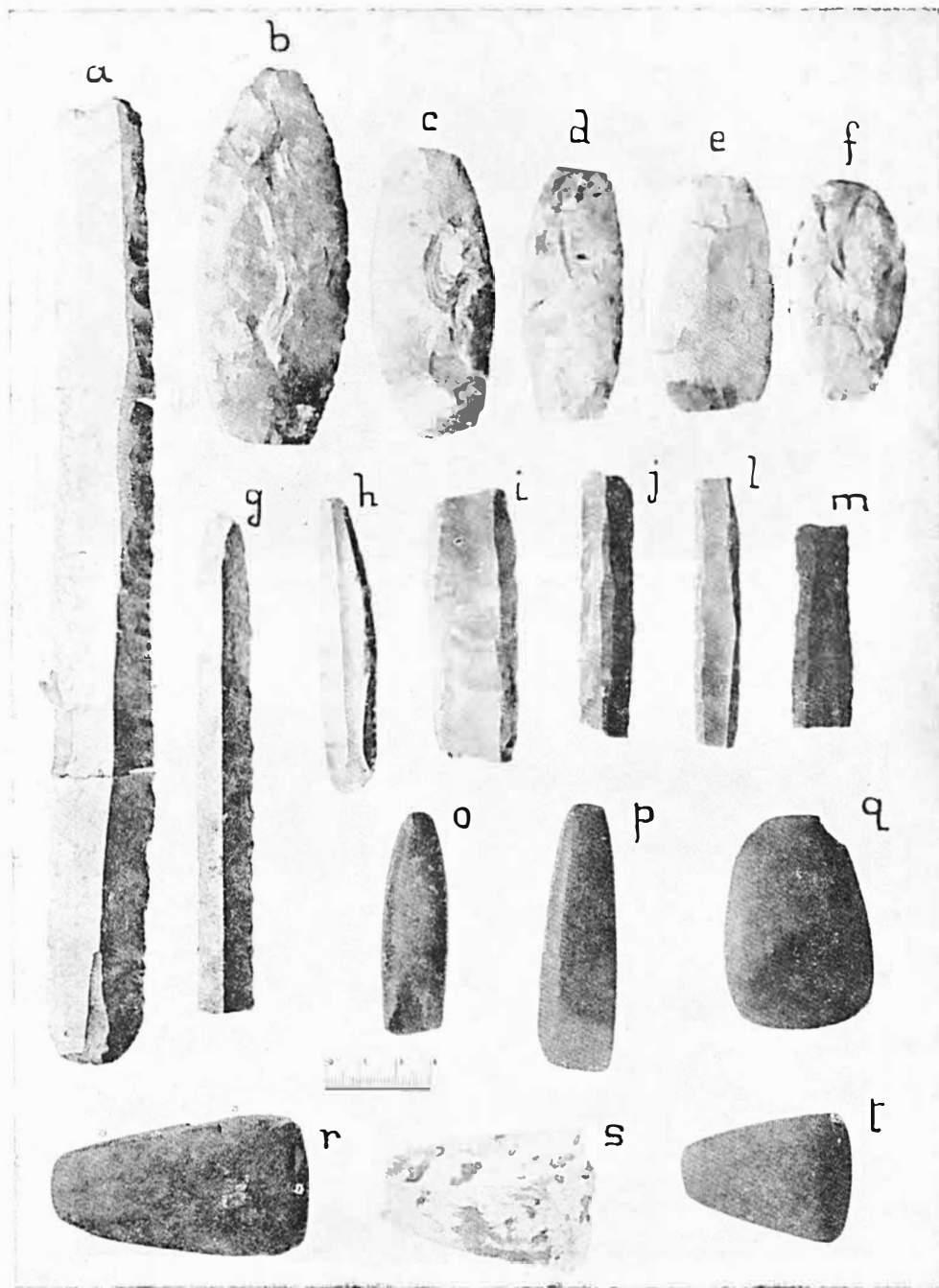


Fig. 13 — Indústria lítica: facas (a, g, m); lanças, foices (b-f); goivas e machados (c-t).

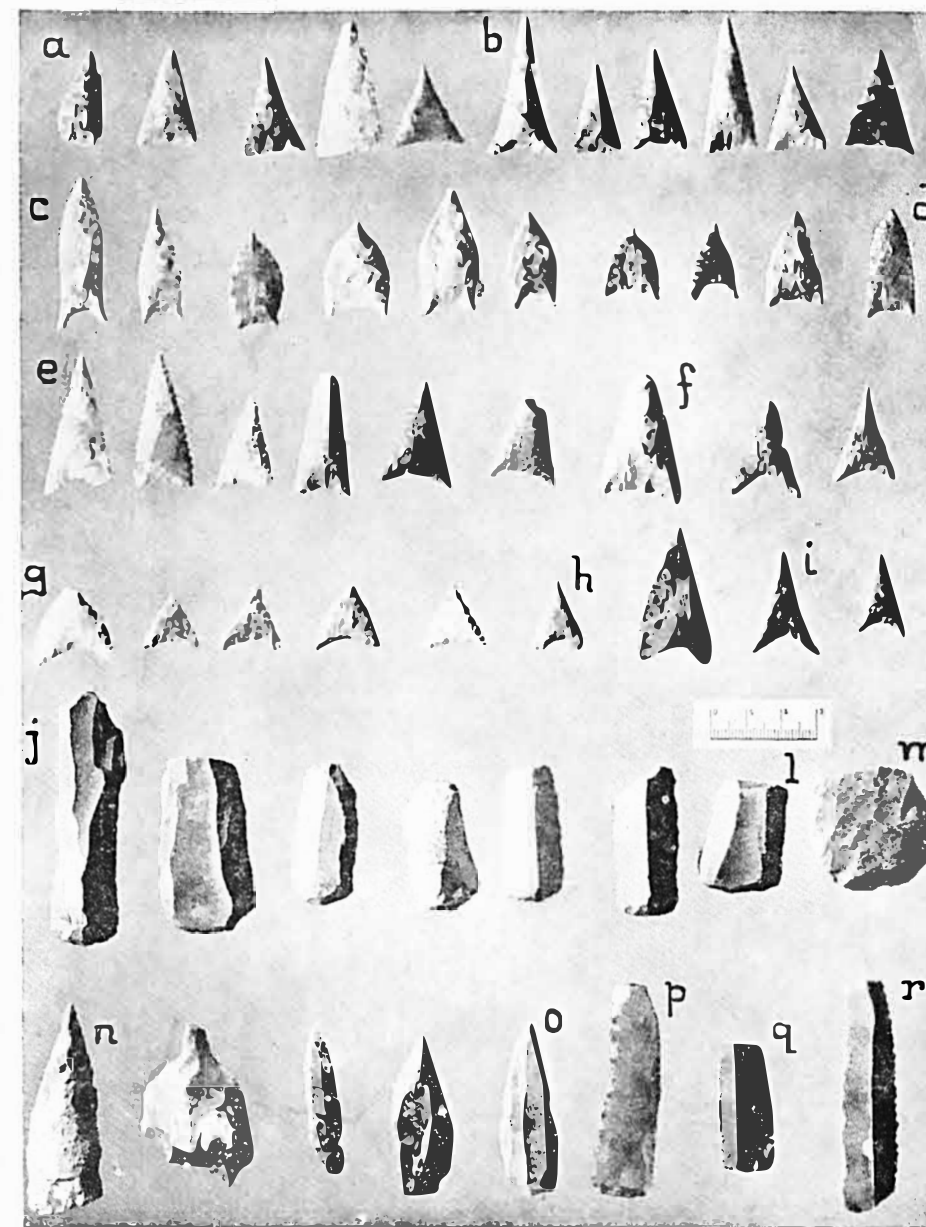


Fig. 14 — Indústria lítica: setas (a-i); raspadores (j-m); furadores (n-o); serras ou foices (?) (p-r) de sílex.

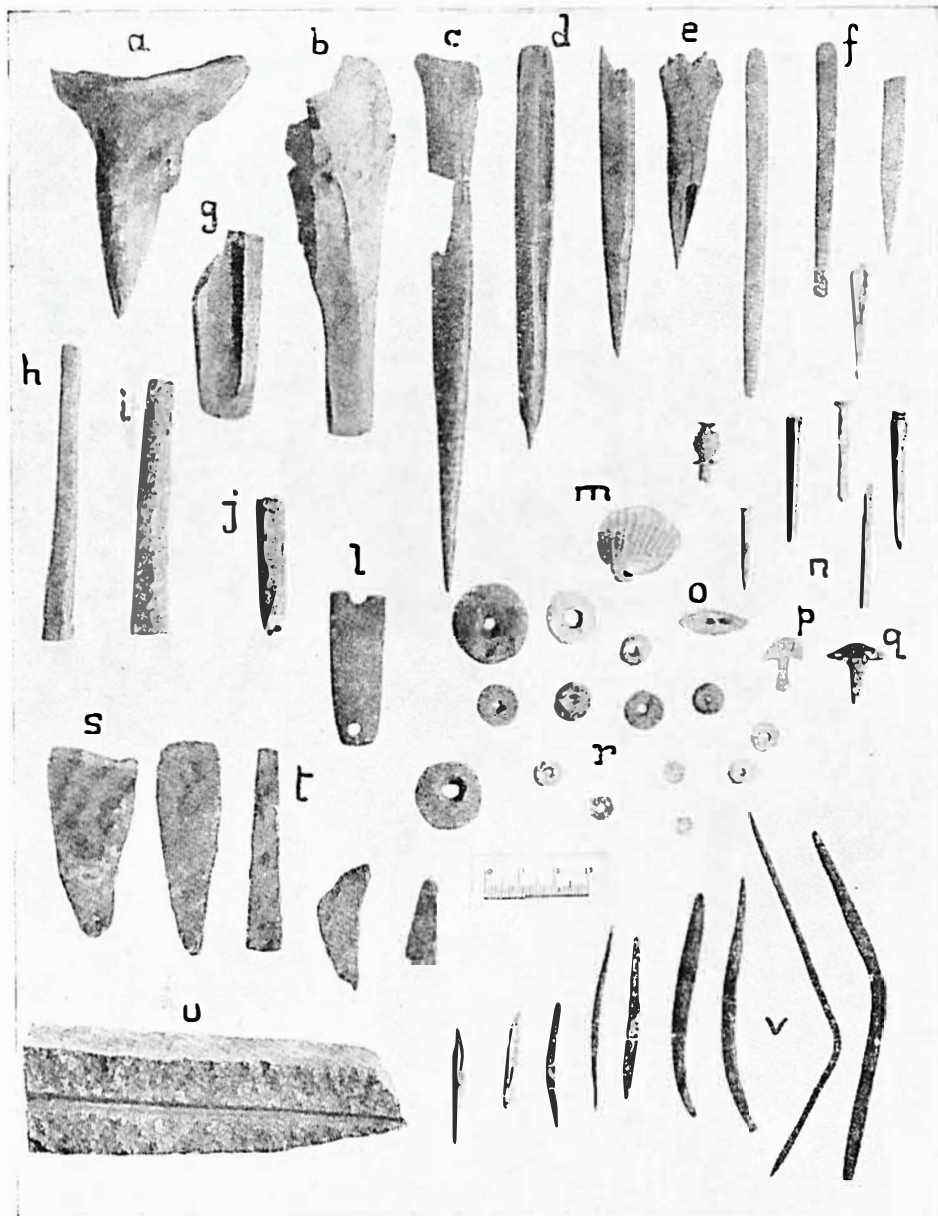


Fig. 15 — Indústria óssea e metálica: punções, furadores, alisadores (b, f, g); cabeças de alfinete, botão, idolozinhos (p-q); escopres, cntas de colar e valvas perfuradas (m-r); fragmento de forma (u) para agulhas ou punções de bronze.

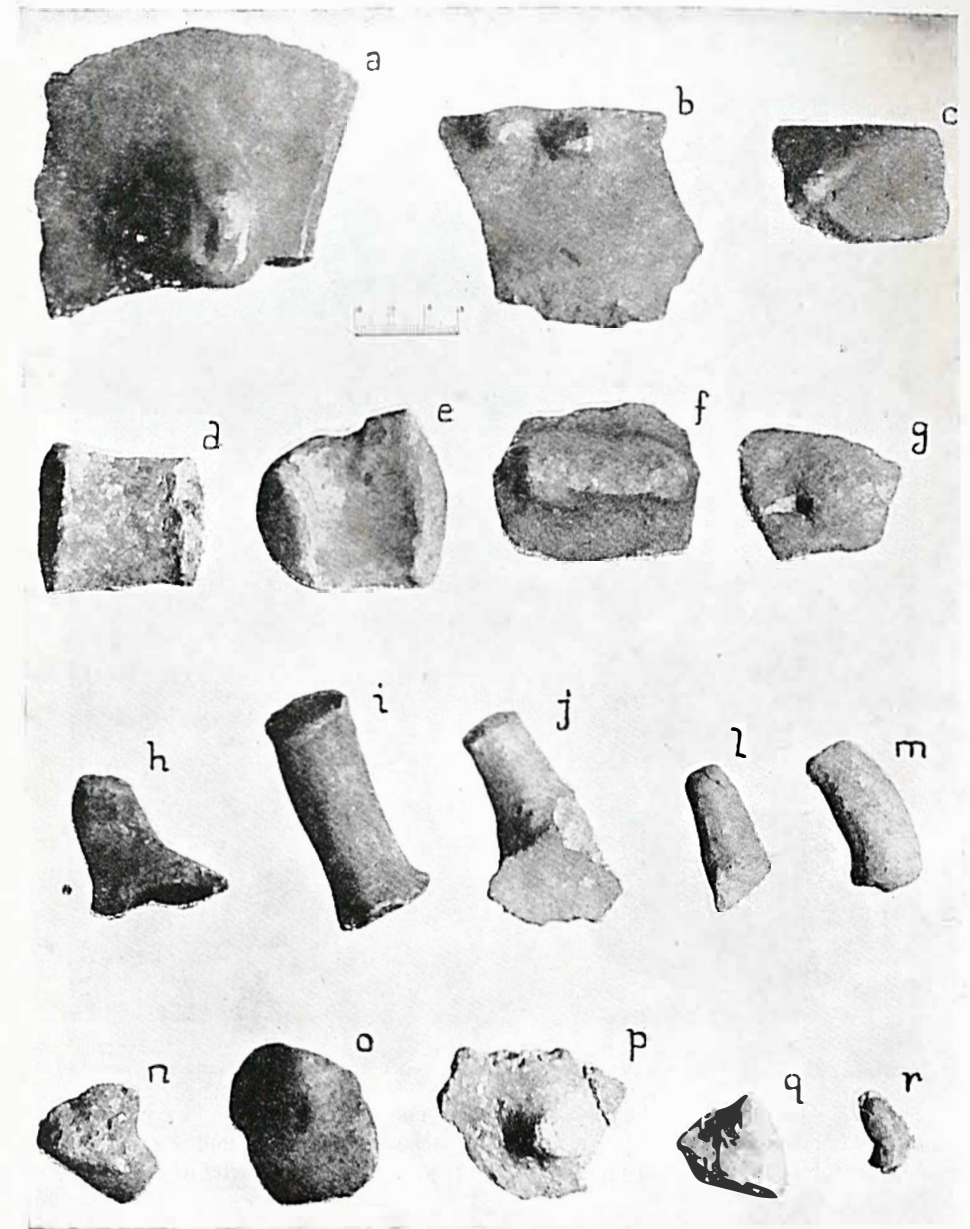


Fig. 16 — Bordos de vasos com um mamilo (a, c, f, g, o, p, q), e com dois mamilos (b); asas com apêndice em forma de botão (h-m).

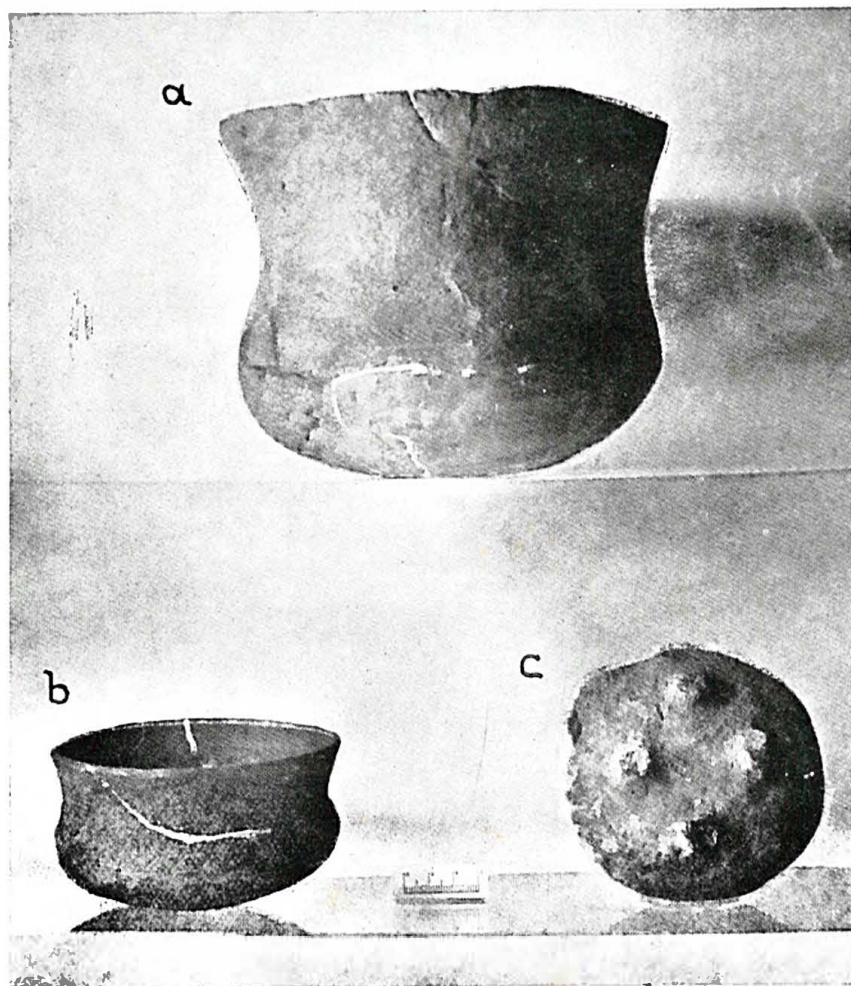


Fig. 17 — Grande vaso campaniforme (a), encontrado durante a campanha de 1941, com outro vaso (b) e recipiente achatado (c), recolhidos em 1942. A fotografia deste último mostra os quatro pés da parte inferior.

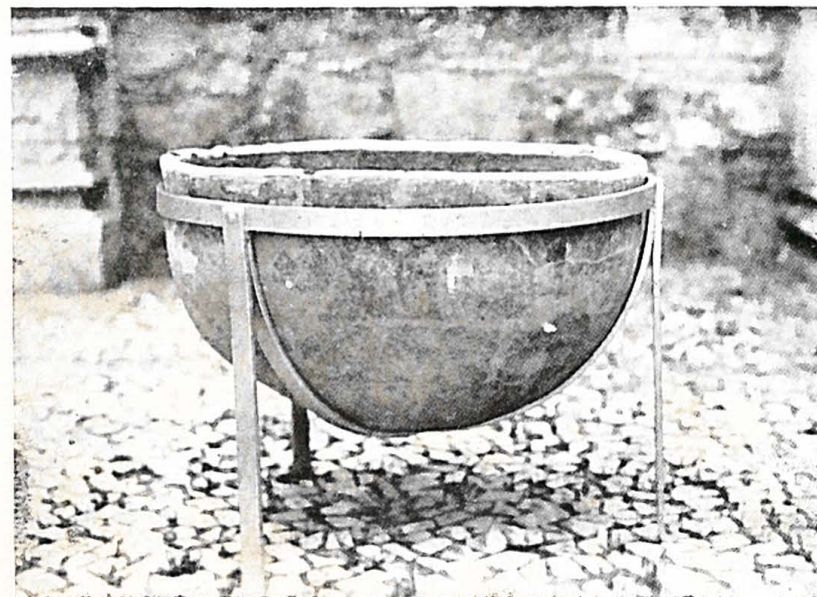


Fig. 18 — O vaso de grandes dimensões, retirado em 1939, e hoje reconstituído no Museu do Carmo. Largura da boca, 58 centímetros; altura, 38 centímetros.

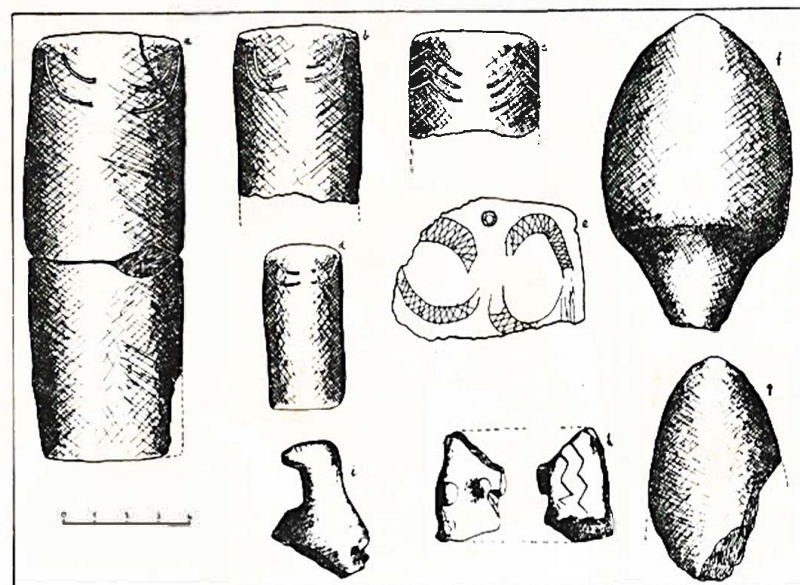


Fig. 19 — «Idolos» cilíndricos com tatuagem facial (a-d), fragmento de placa de xisto com a indicação dos órgãos visuais (e); «pinhas» de calcário (flores de palmeira?) (f-g); figurinha zoomórfica de barro (i); fragmento de estatueta também de barro mostrando os seios e no verso possivelmente os cabelos (h).

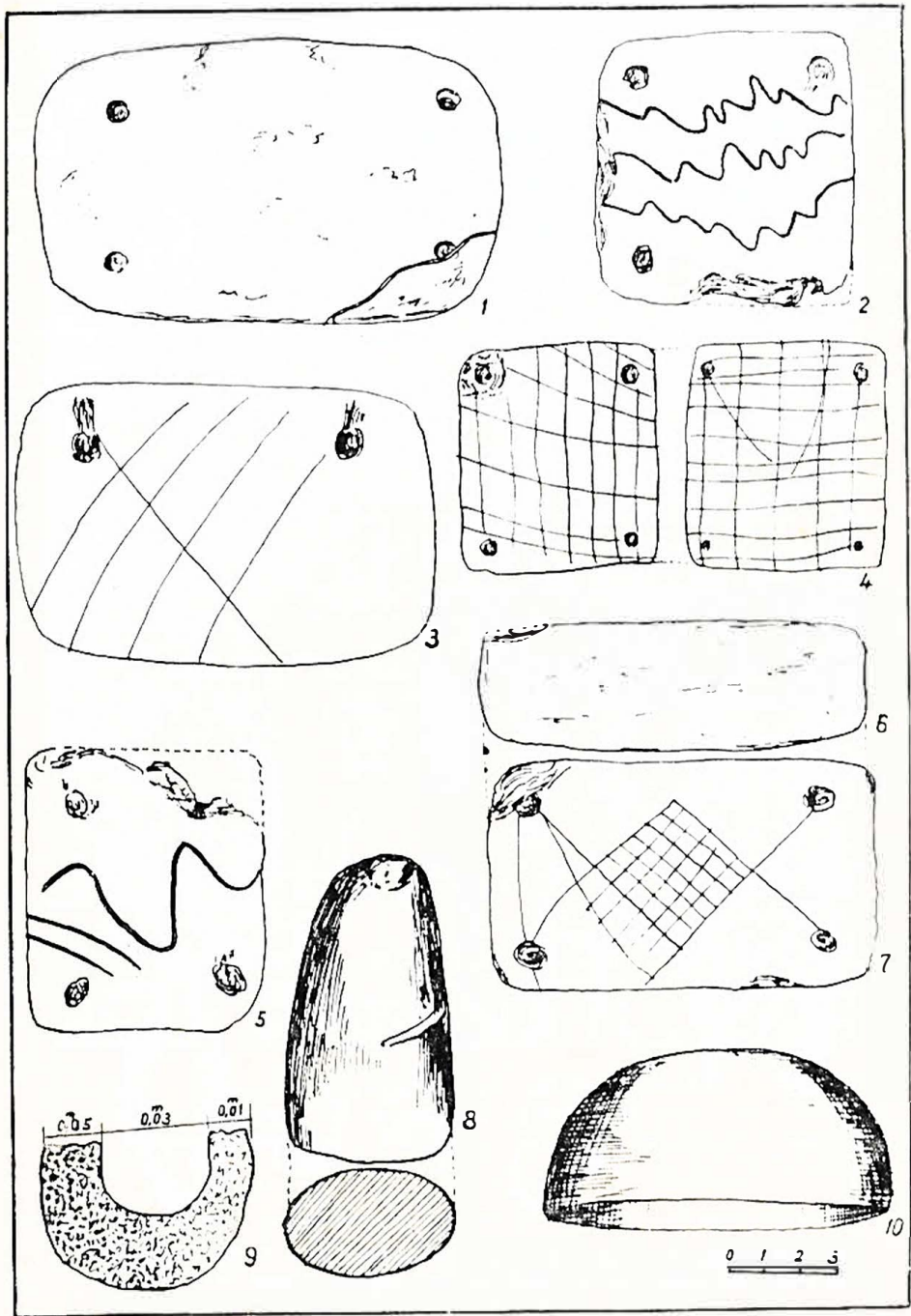


Fig. 20 — Placas de barro (a-g); machado de tipo redondo (h); tubo de barro (i); objecto semi-esférico de pedra (j).